



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
MUSEU AMAZÔNICO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

***DATSINA DAMRO: UM ESTUDO DO CASAMENTO ENTRE OS  
XAVANTE DE MARÃIWATSÉDÉ***

MARCOS DE MIRANDA RAMIRES

MANAUS

2015



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

MUSEU AMAZÔNICO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

***DATSINA DAMRO: UM ESTUDO DO CASAMENTO ENTRE OS***

**XAVANTE DE MARÃIWATSÉDÉ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Orientador: Prof. Dr. Odair Giralдин

Coorientador: Prof. LD. Marcio Ferreira da Silva

MARCOS DE MIRANDA RAMIRES

MANAUS

2015

### Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

R173d      Ramires, Marcos de Miranda  
Datsina damro: um estudo do casamento entre os xavante de  
marãiwatsédé / Marcos de Miranda Ramires. 2015  
196 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Odair Giralдин  
Coorientador: Marcio Ferreira da Silva  
Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade  
Federal do Amazonas.

1. Xavante. 2. Etnologia. 3. Parentesco. 4. Métodos  
computacionais. I. Giralдин, Odair II. Universidade Federal do  
Amazonas III. Título

MARCOS DE MIRANDA RAMIRES

*DATSINA DAMRO: UM ESTUDO DO CASAMENTO ENTRE OS XAVANTE DE*  
**MARÃIWATSÉDÉ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação  
em Antropologia Social da Universidade Federal do  
Amazonas, como requisito parcial para a obtenção do  
título de Mestre em Antropologia Social.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Odair Giralдин, Presidente

Universidade Federal do Tocantins

---

Prof. Dr. João Dal Poz Neto, Membro

Universidade Federal de Juiz de Fora

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Carla dos Santos Bruno, Membro

Universidade Federal do Amazonas

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Deise Lucy Oliveira Montardo, Suplente

Universidade Federal do Amazonas

---

Prof. Dr. Frantomé Bezerra Pacheco, Suplente

Universidade Federal do Amazonas

*Para Carol*

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço aos Xavante de Marãiwatsédé por me acolherem e me ensinarem generosamente sobre *A'uwẽ Höïmanadzé* (cultura xavante).

À minha esposa, Carolina Delgado de Carvalho, por tudo. Difícil imaginar que teria chegado ao fim desta empreitada sem sua compreensão, apoio e carinho.

Ao Prof. Odair Giralдин, pela orientação sincera e paciente, que me fez perceber a importância de outros aspectos da vida social xavante para a compreensão do parentesco.

Ao Prof. Marcio Silva que, desde 2010 vem, generosamente, me estimulando e me apoiando a estudar o complicado parentesco xavante.

Ao Prof. João Dal Poz Neto e ao Prof. Carlos Machado Dias, Júnior pelas sugestões na qualificação.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS), da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), na pessoa de seu coordenador, Prof. Dr. Sidney Antonio da Silva.

À Franceane Batista Corrêa, secretária do PPGAS, pela disposição, competência e agilidade com que socorre alunos um pouco relapsos como o que escreve essas linhas.

Aos amigos e colegas de turma, Ju, Adan, Adailton, Auriédia, Xuxu, Yawi, Eliaquim, Alvatir, Audirene, Olga, Dimas, May, Deyse, Mário e Nicolas pela convivência. Valeu galera!

Ao Núcleo de Estudos da Amazônia Indígena (NEAI), na pessoa do Prof. Gilton Mendes dos Santos, pelas enriquecedoras discussões e debates.

À Operação Amazônia Nativa (OPAN) pela oportunidade de conhecer os Xavante e pelo apoio durante a pesquisa de campo.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa de estudos concedida e ao PPGAS/UFAM e pelo apoio à pesquisa de campo.

## RESUMO

O presente trabalho centra sua atenção na aliança de casamento entre os Xavante residentes na Terra Indígena Marãiwatsédé, localizada no leste mato-grossense, distante cerca de 1.200 km de Cuiabá. Esse coletivo fala uma língua Jê e habita uma área de transição entre os biomas do Cerrado e Amazônia. Busco aqui aplicar um método que, partindo de pressupostos da teoria do parentesco de Lévi-Strauss, articulado a noções elementares da teoria dos grafos, realiza uma varredura exaustiva da rede empírica de aliança. O método também postula que categorias, normas e práticas, planos analíticos tradicionalmente usados nos estudos de parentesco, sejam tomados como níveis de repercussão do termo subordinante do parentesco, a troca.

**Palavras-chave:** Xavante; Etnologia; Parentesco; Métodos computacionais.

## ABSTRACT

This paper focuses its attention on the marriage alliance among the Xavante people living in Indigenous Land Marãiwatsédé, located in eastern Mato Grosso, far about 1,200 km from Cuiabá. This collective speaks a Jê language and inhabits a transition area between the Cerrado and Amazon biomes. I seek here to apply a method which, based on the assumptions of the Lévi-Strauss's kinship theory, articulated with the basic notions of graph theory, performs a thorough scan of empirical network alliance. This method also postulates which categories, rules and practices, analytical plans traditionally used in kinship studies, are taken as impact levels of tying kinship term, the exchange.

**Keywords:** Xavante; Ethnology; Kinship; Computational methods.

## LISTA DE DIAGRAMAS

|                                                                                                  |     |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| DIAGRAMA 1 - CLASSIFICAÇÃO SOCIAL XAVANTE SEGUNDO MAYBURY-LEWIS .....                            | 61  |
| DIAGRAMA 2 - TERMINOLOGIA DE PARENTESCO XAVANTE SEGUNDO MAYBURY-LEWIS .....                      | 66  |
| DIAGRAMA 3 - TERMINOLOGIA DE PARENTESCO XAVANTE SEGUNDO MAYBURY-LEWIS (EGO MASCULINO).....       | 69  |
| DIAGRAMA 4 - TERMINOLOGIA DE PARENTESCO XAVANTE SEGUNDO MAYBURY-LEWIS (EGO FEMININO) .....       | 73  |
| DIAGRAMA 5 - TERMINOLOGIA DE PARENTESCO XAVANTE SEGUNDO GIACCARIA & HEIDE (EGO MASCULINO).....   | 88  |
| DIAGRAMA 6 - TERMINOLOGIA DE PARENTESCO XAVANTE SEGUNDO GIACCARIA & HEIDE (EGO FEMININO) .....   | 92  |
| DIAGRAMA 7 - TERMINOLOGIA DE PARENTESCO XAVANTE REGISTRADA EM MARÃIWATSÉDÉ (EGO MASCULINO).....  | 104 |
| DIAGRAMA 8 - TERMINOLOGIA DE PARENTESCO REGISTRADA EM MARÃIWATSÉDÉ (EGO FEMININO) .....          | 107 |
| DIAGRAMA 9 - CASAMENTO ENTRE FMB E FZ.....                                                       | 111 |
| DIAGRAMA 10 - CASAMENTO COM MBD .....                                                            | 112 |
| Diagrama 11 - CASAMENTO COM ZHZ REAL.....                                                        | 113 |
| Diagrama 12 - CASAMENTO COM FW.....                                                              | 115 |
| DIAGRAMA 13 - CASAMENTO COM BWZ .....                                                            | 115 |
| DIAGRAMA 14 - TERMOS PARA AFINS E SISTEMA DE METADES EXOGÂMICAS EM MAYBURY-LEWIS .....           | 123 |
| DIAGRAMA 15 - ANEL COMPOSTO POR 2 SEQUÊNCIAS AFINAIS (A2) E 2 SEQUÊNCIAS CONSANGUÍNEAS (C2)..... | 143 |
| DIAGRAMA 16 - ANEL A2C2.....                                                                     | 150 |
| DIAGRAMA 17 - EXEMPLOS DE ANÉIS QUE DÃO FORMA AOS ACONTECIMENTOS MATRIMONIAIS .....              | 167 |
| DIAGRAMA 18 - EXEMPLOS DE ANÉIS A1C1 .....                                                       | 172 |
| DIAGRAMA 19 - CASAMENTOS ENTRE PARENTES PARALELOS.....                                           | 174 |
| DIAGRAMA 20 - MODELO DE ALIANÇA XAVANTE SEGUNDO GIACCARIA & HEIDE (1972).....                    | 176 |
| DIAGRAMA 21 - REDOBRAMENTOS DE ALIANÇAS .....                                                    | 185 |

## LISTA DE FIGURAS

|                                                                                                 |     |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| FIGURA 1 - TERMINOLOGIA PARA EGO FEMININO SEGUNDO MAYBURY-LEWIS .....                           | 77  |
| FIGURA 2 - TERMOS DE PARENTESCO DE GIACCARIA & HEIDE .....                                      | 86  |
| FIGURA 3 - CASAMENTO PREFERENCIAL SEGUNDO GIACCARIA & HEIDE .....                               | 100 |
| FIGURA 4 - TRANSFORMAÇÃO DA GENEALOGIA DE RIVERS EM UM GRAFO DE ORE .....                       | 141 |
| FIGURA 5 - REPRESENTAÇÃO DE UM IMPLEXO .....                                                    | 145 |
| FIGURA 6 - GRAFO DE RIVERS .....                                                                | 146 |
| FIGURA 7 - COMPONENTES E PONTOS DE ARTICULAÇÃO DE UM GRAFO .....                                | 147 |
| FIGURA 8 - PARTIÇÕES AGNÁTICAS (A) E UTERINAS (U) DO GRAFO DE ORE .....                         | 147 |
| FIGURA 9 - CICLOS ISÔMEROS .....                                                                | 149 |
| FIGURA 10 - CICLOS ANISÔMEROS .....                                                             | 149 |
| FIGURA 11 - ORDENS DE SEQUÊNCIAS E NÚMEROS DE CONEXÕES GENEALÓGICAS PRIMÁRIAS (CNX) .....       | 151 |
| FIGURA 12 - EXEMPLO DE POSIÇÃO DE PARENTESCO NA CLASSIFICAÇÃO DE SEQUÊNCIAS CONSANGUÍNEAS ..... | 152 |
| FIGURA 13 - VASO DE RUBIN .....                                                                 | 153 |
| FIGURA 14 - REPRESENTAÇÃO DA REDE GENEALÓGICA XAVANTE .....                                     | 154 |
| FIGURA 15 - REENCADEAMENTO DE ALIANÇA .....                                                     | 158 |
| FIGURA 16 - TABELA DE INDIVÍDUOS DA REDE XAVANTE (IND) .....                                    | 164 |
| FIGURA 17 - TABELA DE CASAMENTOS DA REDE XAVANTE (CAS) .....                                    | 164 |
| FIGURA 18 - ESTRUTURAS DE CASAMENTO BILATERAL .....                                             | 177 |

## **LISTA DE MAPAS**

|                                                                      |           |
|----------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>MAPA 1 - LOCALIZAÇÃO ATUAL DAS TERRAS INDÍGENAS XAVANTE .....</b> | <b>26</b> |
| <b>MAPA 2 - LOCALIZAÇÃO DOS XAVANTE OCIDENTAIS E ORIENTAIS .....</b> | <b>41</b> |

## LISTA DE TABELAS

|                                                                                                 |     |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| TABELA 1: SITUAÇÃO ATUAL DAS TERRAS INDÍGENAS XAVANTE .....                                     | 27  |
| TABELA 2 - CONFIGURAÇÃO DAS CLASSES DE IDADE EM MARÃIWATSÉDÉ .....                              | 44  |
| TABELA 3 - TERMOS PARA GERAÇÕES DISTAIS SEGUNDO MAYBURY-LEWIS .....                             | 70  |
| TABELA 4 - TERMOS PARA GERAÇÕES MEDIAIS SEGUNDO MAYBURY-LEWIS (EGO MASCULINO)...                | 70  |
| TABELA 5 - TERMOS PARA GERAÇÕES MEDIAIS SEGUNDO MAYBURY-LEWIS (EGO FEMININO) .....              | 74  |
| TABELA 6 - CONJUNTOS RECÍPROCOS XAVANTE PARA WANIWIMHÃ .....                                    | 80  |
| TABELA 7 - CONJUNTOS RECÍPROCOS XAVANTE PARA WATSIRÉ'WA.....                                    | 81  |
| TABELA 8 - SUPERCLASSES EXISTENTES NA TERMINOLOGIA REGISTRADA POR MAYBURY-LEWIS ..              | 82  |
| TABELA 9 - TERMOS PARA GERAÇÕES DISTAIS SEGUNDO GIACCARIA & HEIDE .....                         | 89  |
| TABELA 10 - TERMOS PARA GERAÇÕES MEDIAIS SEGUNDO GIACCARIA & HEIDE (EGO MASCULINO)<br>.....     | 89  |
| TABELA 11 - TERMOS PARA GERAÇÕES MEDIAIS SEGUNDO GIACCARIA & HEIDE (EGO FEMININO)               | 93  |
| TABELA 12 - CONJUNTOS RECÍPROCOS XAVANTE PARA AFINS SEGUNDO GIACCARIA & HEIDE .....             | 97  |
| TABELA 13 - CONJUNTOS RECÍPROCOS XAVANTE PARA CONSANGUÍNEOS SEGUNDO GIACCARIA &<br>HEIDE.....   | 98  |
| TABELA 14 - SUPERCLASSES EXISTENTES NA TERMINOLOGIA REGISTRADA POR GIACCARIA & HEIDE<br>.....   | 99  |
| TABELA 15 - TERMOS PARA GERAÇÕES DISTAIS REGISTRADOS EM MARÃIWATSÉDÉ .....                      | 105 |
| TABELA 16 - TERMOS PARA GERAÇÕES MEDIAIS REGISTRADOS EM MARÃIWATSÉDÉ (EGO<br>MASCULINO).....    | 105 |
| TABELA 17 - TERMOS PARA GERAÇÕES MEDIAIS REGISTRADOS EM MARÃIWATSÉDÉ (EGO<br>FEMININO) .....    | 108 |
| TABELA 18 - CONJUNTOS RECÍPROCOS XAVANTE PARA CONSANGUÍNEOS REGISTRADOS EM<br>MARÃIWATSÉDÉ..... | 116 |
| TABELA 19 - CONJUNTOS RECÍPROCOS XAVANTE PARA AFINS REGISTRADOS EM MARÃIWATSÉDÉ<br>.....        | 117 |
| Tabela 20 - SUPERCLASSES EXISTENTES NA TERMINOLOGIA REGISTRADA EM MARÃIWATSÉDÉ ..               | 117 |
| TABELA 21 - BALANÇO COMPARATIVO DOS TERMOS PARA AFINS .....                                     | 119 |
| TABELA 22 - BALANÇO COMPARATIVO DOS TERMOS PARA CONSANGUÍNEOS DE G0 .....                       | 125 |
| TABELA 23 - BALANÇO COMPARATIVO DOS TERMOS PARA CONSANGUÍNEOS DE G±1 .....                      | 126 |
| TABELA 24 - BALANÇO COMPARATIVO DOS TERMOS PARA G±2.....                                        | 129 |
| TABELA 25 - RESULTADO DO PARTICIONAMENTO DA REDE XAVANTE .....                                  | 166 |
| TABELA 26 - ENLACES CONSANGUÍNEOS.....                                                          | 169 |
| TABELA 27 - REDOBRAMENTOS DE ALIANÇA NA REDE XAVANTE .....                                      | 183 |

## SISTEMA DE NOTAÇÃO



HOMEM



MULHER



EGO



CASAMENTO



FILIAÇÃO



GERMANICIDADE

Ego designa a posição a partir da qual se traçam as relações e Alter o indivíduo que se classifica. Os símbolos acima são usados exclusivamente em diagramas, no restante das situações uso a seguinte notação: “pai” **F**, “mãe” **M**, “irmão” **B**, “irmã” **Z**, “filho” **S**, “filha” **D**, “marido” **H**, “esposa” **W**, “filhos de ambos os sexos” **Ch**, “mais velho” **e**, “mais novo” **y**, “Ego masculino” ♂, “Ego feminino” ♀, “mesma geração que Ego” **G0**, “uma geração acima da de Ego” **G+1**, “uma geração abaixo da de Ego” **G-1**, “duas gerações acima da de Ego” **G+2**, “duas gerações abaixo da de Ego” **G-2**. Para me referir às posições afastadas, ou que a representação é mais complexa, uso compostos destes símbolos básicos, que se leem da direita para a esquerda, como nos exemplos a seguir: ♂FBS significa “filho do irmão do pai de um homem”, ou seja, “primo paralelo patrilateral de um Ego masculino”; ♀MZS quer dizer “filho da irmã da mãe de uma mulher”, o que podemos sintetizar como “primo paralelo matrilateral de Ego feminino”. “Gerações mediais” corresponde a **G0** mais as gerações adjacentes, **G±1**, e “gerações distais” indica as gerações alternas, **G±2**.

# SUMÁRIO

|                                                                                |            |
|--------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>                                                        | <b>14</b>  |
| <b>CAPÍTULO1 – OS XAVANTE.....</b>                                             | <b>25</b>  |
| 1.1 – UMA HISTÓRIA XAVANTE .....                                               | 29         |
| 1.1.1 – HISTÓRIA DOS XAVANTE DE MARÃIWATSÉDÉ .....                             | 34         |
| 1.2 – ORGANIZAÇÃO SOCIAL .....                                                 | 39         |
| 1.2.1 – METADES EXOGÂMICAS .....                                               | 40         |
| 1.2.2 – METADES ETÁRIAS.....                                                   | 42         |
| 1.2.3 – PARENTESCO.....                                                        | 44         |
| <b>CAPÍTULO 2 – TERMOS E ATITUDES A’UWĚ .....</b>                              | <b>54</b>  |
| 2.1 – TERMINOLOGIA DE PARENTESCO XAVANTE SEGUNDO MAYBURY-LEWIS .....           | 59         |
| 2.1.1 – ANÁLISE DA TERMINOLOGIA REGISTRADA POR MAYBURY-LEWIS.....              | 67         |
| 2.2 – TERMINOLOGIA DE PARENTESCO XAVANTE SEGUNDO GIACCARIA & HEIDE.....        | 84         |
| 2.2.1 – ANÁLISE DA TERMINOLOGIA REGISTRADA POR GIACCARIA & HEIDE .....         | 84         |
| 2.3 – TERMINOLOGIA DE PARENTESCO REGISTRADA EM MARÃIWATSÉDÉ.....               | 101        |
| 2.3.1 – ANÁLISE DA TERMINOLOGIA REGISTRADA EM MARÃIWATSÉDÉ .....               | 103        |
| 2.4 – QUADRO COMPARATIVO GERAL.....                                            | 118        |
| <b>CAPÍTULO 3 – PRÁTICAS MATRIMONIAIS ENTRE OS A’UWĚ DE MARÃIWATSÉDÉ .....</b> | <b>134</b> |
| 3.1 – INFORMATIZANDO O MÉTODO DE RIVERS .....                                  | 140        |
| 3.2 – ALIANÇA DE CASAMENTO ENTRE OS XAVANTE DE MARÃIWATSÉDÉ.....               | 152        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>                                              | <b>188</b> |
| <b>BIBLIOGRAFIA.....</b>                                                       | <b>190</b> |

## INTRODUÇÃO

Em xavante<sup>1</sup>, *datsina damro* significa casamento. É por esse fenômeno que estou interessado neste trabalho, logo, esta dissertação tem como objetivo maior descrever, de forma preliminar, a aliança de casamento entre os Xavante de Marãiwatsédé, residentes na Terra Indígena de mesmo nome<sup>2</sup>. Para tanto, dividi este objetivo geral em dois específicos que correspondem aos capítulos dois e três. No segundo capítulo, “*Termos e atitudes a’uwẽ*”, comparo meus registros etnográficos da terminologia de parentesco<sup>3</sup> xavante e das atitudes correlatas com os registros presentes nos clássicos “*A Sociedade Xavante*”, de Maybury-Lewis ([1967] 1984), e “*Xavante: povo autêntico*”, de Giaccaria & Heide (1972), com o objetivo específico de verificar a existência de um sistema comum. No terceiro e último capítulo tento relacionar este sistema com as práticas matrimoniais efetivamente verificadas na rede genealógica xavante por meio da Máquina do Parentesco (MaqPar), aplicativo que “busca articular pressupostos muito conhecidos da teoria do parentesco inaugurada por Lévi-Strauss [...] a noções elementares da teoria dos grafos, tomando-a como método de análise de redes sociais” (DAL POZ & SILVA, 2008: 63). Na divisão analítica dos dados, esse capítulo apresenta uma descrição das relações existentes entre os planos *categorial*, *atitudinal* e *prático* do parentesco.

---

<sup>1</sup>O etnônimo “Xavante” é exterior ao povo que aqui me ocupo e que se coletiviza com *A’uwẽ Uptabi*, termo que pode ser traduzido como “gente de verdade” ou “povo verdadeiro”. No presente texto, usarei tanto xavante como *a’uwẽ* para me referir a eles, pois adotaram o primeiro termo para tratar com os não-*a’uwẽ* (outros índios e *waradzu* [não-índios]). Sobre a escrita do etnônimo, adoto a convenção da Associação Brasileira de Antropologia, de 1953, na qual consta que a grafia dos nomes de povos indígenas, usados como substantivos ou adjetivos, não devem ter flexão de gênero ou de número (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, [1953] 1976). Para as palavras em língua nativa, utilizo a grafia formulada pelos missionários salesianos (LACHNITT, 2003; 2004), que é de uso corrente em Marãiwatsédé.

<sup>2</sup>A Terra Indígena Marãiwatsédé está situada no nordeste de Mato Grosso, distante 1.200 km de Cuiabá, aproximadamente. Estende-se pelos municípios de São Félix do Araguaia, Bom Jesus do Araguaia e Alto da Boa Vista. Até 2013, lá residiam 1.000 pessoas, aproximadamente. Passo a abreviar Terra Indígena (TI).

<sup>3</sup>Alterno o uso de *terminologia de parentesco* com *sistema de denominações*, *vocabulário de parentesco* e *nomenclatura de parentesco*.

O primeiro capítulo, “*Os Xavante*”, é uma breve introdução aos *A’uwẽ*, onde apresento alguns elementos de organização social, localização geográfica, etc. importantes para os argumentos que apresento no decorrer da dissertação. Em resumo, este trabalho consiste em retomar os dados relativos ao parentesco xavante existentes nas etnografias que abordaram esse tema, direta e indiretamente (MAYBURY-LEWIS, [1967] 1984; GIACCARIA & HEIDE, 1972; LOPES DA SILVA, 1986; VIANNA, 2001; FALLEIROS, 2012), descrevendo-os e comparando-os entre si e aos meus dados de campo para discuti-los à luz de contribuições teóricas e metodológicas recentes.

Estou preocupado aqui em como os Xavante codificam o parentesco e em como este código imprime certa curvatura na rede genealógica *a’uwẽ*, algo distinto da ideia de “construção do parentesco”, que tem a ver com os conceitos de “casa”, “gênero”, “pessoa” e substância. Sei da importância dessa abordagem do parentesco, pois privilegia o *vivido* pelas pessoas em seu cotidiano. Meu projeto inicial, apresentado no processo de seleção para o mestrado, também contemplava esta abordagem, mas tive que adequar meu roteiro de pesquisa aos prazos do mestrado. Nesta seara de estudos, Janet Carsten (2004) propôs, fazendo eco a Schneider (1984), uma reflexão crítica sobre o parentesco, de como ele foi e tem sido tratado pela antropologia; segundo a autora, o parentesco estaria preso à dicotomia Natureza/Cultura e, por isso, precisaria ser reavaliado nos dias de hoje. Carsten parte de três casos exemplares<sup>4</sup> para propor

---

<sup>4</sup> O primeiro é o caso de Diane Blood, inglesa que em meados da década de 1990 deu início a uma grande discussão nos jornais da Grã Bretanha por ter extraído, sem autorização escrita, o esperma de seu marido antes que o mesmo falecesse. Embora tenha justificado sua ação dizendo que tinha como objetivo perpetuar a família e a memória do esposo, ela se viu confrontada com percepções das leis inglesas sobre concepção. O segundo caso trata do Estado de Israel e de sua relação com tecnologias reprodutivas, mais especificamente da proibição no *Halakha* (conjunto de leis da religião judaica) quanto à masturbação. Até aí nada que chamasse a atenção não fosse o fato de Israel ser um dos países com mais clínicas de fertilidade humana *per capita* do mundo e do Estado bancar as fertilizações *in vitro* para cidadãos israelenses (CARSTEN, 2004: 3-4). O terceiro caso a servir de exemplo se refere à Anna, uma escocesa que foi adotada quando criança e que, mesmo já tendo sua família estabelecida, buscava sua mãe biológica.

que, por meio do conceito de *relacionalidade*<sup>5</sup>, as relações pessoais no âmbito privado, da família, com a sociedade e com o estado-nação podem ser pensadas em termos de casa, gênero, pessoa e substância, aspectos em relação aos quais diferentes formas de construir o parentesco por diferentes coletivos devem ser comparados. Como já disse, deixo essa possibilidade de lado, pois, estou trabalhando com o *pensado*, como a coisa é formulada, não com o *vivido*; a genealogia xavante é analisada para ver a aplicação da regra ou a sua inadequação, pois estou preocupado com as regras e seus reflexos na prática<sup>6</sup>.

Antes de partir para o primeiro capítulo, faço uma breve caracterização do contexto etnográfico em que desenvolvi minha pesquisa, de minha experiência junto aos Xavante de Marãiwatsédé, refletindo sobre a mesma, no intento de explicitar os processos de negociação da minha inserção e permanência na rede de relações daqueles índios, inicialmente não como pesquisador, mas como indigenista ligado a uma instituição determinada e inserido num projeto de intervenção indigenista determinado, em um complicado contexto político e ambiental.

Cheguei a TI Marãiwatsédé acompanhado de minha esposa, Carolina Delgado de Carvalho, em janeiro de 2009, após uma rápida passagem pela sede da Operação Amazônia Nativa (OPAN)<sup>7</sup>, em Cuiabá. Éramos os mais novos contratados para atuarmos como indigenistas no “Projeto de fortalecimento da segurança alimentar e apoio ao banco genético da agricultura *a’uwẽ*”<sup>8</sup>. A tradição institucional dizia que os indigenistas mais antigos deveriam receber os

---

<sup>5</sup> Segundo a autora, trata-se das diferentes maneiras de “como as pessoas criam similaridade ou diferença entre si próprio e com os outros” (CARSTEN, 2004: 82) em suas “casas através do compartilhamento íntimo de espaço, comida e criação que se dá dentro do espaço doméstico” (Ibid.: 35), por exemplo.

<sup>6</sup> Agradeço ao Prof. João Dal Poz pelos comentários no exame de qualificação que embasam largamente esse parágrafo. O trabalho de Carsten (2004) também me foi sugerido nesta ocasião.

<sup>7</sup> Instituição indigenista que atua desde 1969, junto aos povos indígenas das regiões Centro-Oeste e Norte do Brasil e da qual sou membro.

<sup>8</sup> A ideia do referido projeto nasceu de uma demanda colocada em 2007, dentro da Articulação Xingu Araguaia (AXA), fórum de discussão, troca de experiências e construção de agendas conjuntas, formado por instituições que atuam na região das bacias dos rios Xingu e Araguaia. São elas: OPAN, Associação de Educação e Assistência Social Nossa Senhora de Assunção (ANSA), Comissão Pastoral da Terra (CPT), Associação Terra Viva (ATV), Instituto Socioambiental (ISA) e Fórum Matogrossense de Meio Ambiente e Desenvolvimento (Formad). A AXA acreditava que era fundamental a realização de algum tipo de trabalho naquela que era (e infelizmente

neófitos e levá-los ao campo, apresentando-os à comunidade e repassando orientações sobre o trabalho. Como o único indigenista contratado pelo projeto tinha urgência em retornar para sua casa por motivos pessoais, fomos acompanhados em área por uns 12 dias apenas, período tido como insuficiente pela instituição, que não apresentou solução para a questão.

Quando chegamos à Marãiwatsédé, fazia pouco mais de quatro anos que aqueles xavante habitavam efetivamente o território para eles homologado em 1998. Para entender essa aparente contradição, ou seja, uma TI homologada sem índios em seu interior, é necessário recuar um pouco no tempo.

Desde que foram retirados de seu território, em 1966<sup>9</sup>, parte dos Xavante de Marãiwatsédé se organizou para retornar a sua terra e, nessa caminhada, contaram com o apoio de diversas agências, tanto governamentais quanto não-governamentais. Com o apoio da Fundação Nacional do Índio (Funai)<sup>10</sup> conseguiram negociar, junto aos *a'uwẽ* ali residentes, a construção de uma aldeia na TI Pimentel Barbosa, estrategicamente a mais próxima das TI's xavante do antigo território de Marãiwatsédé<sup>11</sup>. Essa aldeia foi fundada em 1984 e recebeu o nome de Água Branca<sup>12</sup>. Ali os interessados em retornar à Marãiwatsédé se concentraram em torno do cacique Damião Paridzané.

Em fevereiro de 1992, a Funai iniciou os trabalhos de identificação do que viria a ser a TI Marãiwatsédé, então situada dentro dos limites da fazenda Liquifarm Agropecuária Suiá-Missú S/A, que estava sob controle da Agip do Brasil S/A, filial da corporação italiana Agip Petroli (holding da estatal Ente Nazionali Idrocarburi – ENI). Com a ajuda de uma rede de organizações

---

continua sendo) uma das TI's mais desmatadas da Amazônia Legal. As instituições que ancoraram o projeto foram a OPAN e a ANSA; esta última organização foi fundada em 1974, por Dom Pedro Casaldáliga, e atua junto à população menos favorecida na região da Prelazia de São Félix do Araguaia, localizada no nordeste de Mato Grosso. Em agosto de 2008, as atividades do projeto, que tinha um forte viés socioambiental, foram iniciadas.

<sup>9</sup> No capítulo 1 retomo o processo de retirada dos índios de seu território tradicional.

<sup>10</sup> Órgão indigenista oficial.

<sup>11</sup> Cf. mapa 1, p. 26.

<sup>12</sup> Hoje se chama Belém.

não governamentais e articulada ao processo de identificação iniciado pela Funai, os *A'uwẽ* de Marãiwatsédé conseguiram cobrar publicamente a devolução de suas terras de representantes da Agip Petrolí durante a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, conhecida como Eco 92, realizada em junho (RAMIRES, 2010).

Embora os representantes da matriz italiana tenham se comprometido a abrir mão dos direitos sobre a fazenda, caso ficasse comprovada a presença indígena ali, empregados da Agip do Brasil S/A se articularam com políticos locais e estimularam a invasão da área no mesmo mês da Eco 92. Desde então, o território passou a ser sistematicamente invadido e desmatado, não obstante a Funai tenha solicitado a extrusão dos invasores desde o início do processo à Justiça Federal. Em novembro de 2003, o *warã*<sup>13</sup> da aldeia Água Branca decidiu que não esperariam mais a decisão da Justiça e que voltariam para seu antigo território de qualquer jeito. Naquele mesmo mês, cerca de 280 *a'uwẽ*<sup>14</sup> dirigiram-se em caminhões e caminhonetes para a área demarcada. Todavia, foram recebidos de forma hostil pelos invasores, apoiados pelo prefeito de Alto Boa Vista à época e outros políticos da região, que impediram a passagem do comboio xavante pela ponte sobre o rio que delimita a TI ao sul, na BR-158.

Os Xavante de Marãiwatsédé permaneceram acampados na beira da estrada durante nove meses quando, em 10 de agosto de 2004, amparados por uma sentença proferida pela Ministra Relatora Hellen Gracie, do Supremo Tribunal Federal (STF), foram autorizados a entrar em sua terra. O local escolhido foi a fazenda Carú, por estar mais preservada, segundo os índios. Em uma operação cuidadosamente planejada, os guerreiros xavante chegaram ainda de madrugada na dita fazenda e pegaram os ocupantes da sede desprevenidos, o que

---

<sup>13</sup>Centro político e ritual da aldeia onde se reúnem os *ĩprédu* (homens maduros). Todos os dias, no alvorecer e no crepúsculo, os *ĩprédu* se reúnem ali, onde discutem questões de toda a ordem: desde amenidades até assuntos importantes para a vida comunitária, como a programação de rituais ou temas relacionados a política. No capítulo 1 explico melhor o *sistema de categorias de idade*, que engloba a categoria *ĩprédu*.

<sup>14</sup>Homens, mulheres, crianças, idosos e idosas.

impossibilitou qualquer reação. No mesmo dia, fizeram o traslado das famílias que se encontravam nas margens da BR-158 para a localidade onde hoje fica a aldeia Marãiwatsédé.

Quando cheguei à aldeia em tela, em janeiro de 2009, a população somava 642 pessoas, distribuídas em 74 casas, em forma de arco, como reza a tradição *a'uwẽ*. A área a que estavam confinados naquele momento, após terem anexado outras fazendas ao perímetro da Fazenda Caru, num processo de expulsão de invasores que foi freado pela Justiça Federal, não somava 5.000 ha dos pouco mais de 167.000 ha demarcados. O restante permanecia ocupado e o desmatamento não cessava. Em 2010, quase 70% da área total de Marãiwatsédé encontrava-se desmatada (RAMIRES, 2010) e as ameaças por parte dos invasores eram constantes.

Foi por esse motivo que, embora a TI estivesse homologada desde 1998, fazia apenas quatro anos que os Xavante de Marãiwatsédé residiam ali. Foi nesse tenso e complicado contexto que iniciamos, eu e minha esposa, nosso trabalho indigenista junto aos *A'uwẽ* de Marãiwatsédé, numa aldeia que não tinha nem água encanada nem luz elétrica. Além disso, as estradas entre a aldeia e as cidades por onde mais circularíamos<sup>15</sup> não eram pavimentadas e passavam a maior parte do ano em péssimo estado de conservação. Mas, como veríamos, esses eram os menores obstáculos ao nosso trabalho. A orientação que tínhamos era para, sempre respeitando os costumes xavante, executarmos as atividades previstas no projeto que, em sua maioria, estavam relacionadas à produção de alimentos, dado o alto índice de desmatamento (eles estavam numa fazenda), a baixa produtividade do solo e os altíssimos índices de subnutrição e desnutrição infantil. Para tentar entender o que seriam os “costumes” xavante, contávamos com algumas etnografias clássicas sobre os *A'uwẽ*<sup>16</sup> e uma dica dada pelos indigenistas mais experientes, que se mostrou fundamental posteriormente, inclusive para a

---

<sup>15</sup>Nossa casa de apoio fora da aldeia ficava em São Félix do Araguaia, cerca de 150 km de Marãiwatsédé. Como sempre tínhamos afazeres que só poderiam ser realizados por meio de telefone ou internet, íamos muito à Bom Jesus do Araguaia, por estar localizada a 55 km da aldeia.

<sup>16</sup>Em ordem cronológica temos Maybury-Lewis (1984 [1967]), Giaccaria & Heide (1972) e Lopes da Silva (1986).

ampliação do escopo do projeto inicial: *seguir o programa dos índios*. Importante dizer que sou historiador de formação e, até aquele momento, nunca tinha passado mais que um dia numa aldeia, além de ter conhecido, até então, apenas indígenas bilíngues<sup>17</sup>.

Nos primeiros contatos com os Xavantede de Marãiwatsédé percebemos, Carolina e eu, que não seria muito fácil nos relacionarmos com eles. Cumprimentávamos as pessoas que víamos durante as nossas caminhadas pela aldeia, mas sem resposta, praticamente não existíamos. Os poucos que falavam conosco pareciam nos testar a todo o momento, além de tentarem nos impor uma relação, segundo meu entendimento na época, basicamente utilitarista. Em Marãiwatsédé, poucas mulheres conseguiam comunicar-se em português, assim como os anciões. As crianças conheciam algumas palavras soltas. Muitos dos homens conseguiam se comunicar tranquilamente em português, o que não quer dizer que eu conseguia falar com eles. Eu participava do *warã* todos os dias, tentando estabelecer alguma relação, encontrar alguma brecha para ultrapassar o limbo em que me encontrava. Todavia, não me deixavam falar e tampouco traduziam o que estava sendo discutido. Muitos sequer respondiam meus pedidos nesse sentido. Essa atitude era repetida em quase todas as situações: ao pedir para jogar futebol em um dos campos da aldeia ou cartas na cobertura da escola, a resposta era invariavelmente *mare di* (não), dada sem sequer olhar em meus olhos. Nunca me convidavam para entrar em suas casas e, com relação às mulheres, minha esposa não tinha avançado muito além de mim na tentativa de entrar no programa dos Xavante.

Essa situação extremamente desconfortável perdurou até maio de 2009, quando participamos (Carolina, eu e mais cinco xavante) da audiência do Zoneamento Socioeconômico

---

<sup>17</sup>Fiz minha graduação na Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), localizada em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, entre os anos 2005 e 2007. Lá tive o privilégio de ter como professor e orientador o saudoso Antonio Brand, que coordenava um programa que tem como objetivo a permanência de acadêmicos indígenas na universidade. Por conta desse projeto, tive dois colegas terena na minha turma, um kadiwéu e mais um terena em outras turmas, no mesmo curso. Além da convivência em sala de aula, eu também passava uma boa parte do dia com meus colegas índios no Núcleo de Pesquisa das Populações Indígenas (NEPPI), na mesma universidade, onde realizávamos pesquisas de iniciação científica.

Ecológico de Mato Grosso (ZSEE-MT)<sup>18</sup>, que ocorreu nos dias 14 e 15 de maio daquele ano, em Vila Rica, última cidade na divisa do Mato Grosso com o Pará. Lá, eles colocaram publicamente as propostas formuladas pela comunidade a partir do que se estava discutindo no ZSEE-MT, respondendo às tentativas de alguns políticos de Mato Grosso de anular a demarcação de Marãiwatsédé, pois fizemos oficinas sobre esse tema na aldeia, momento em que discutimos o zoneamento com os índios. Além disso, uma carta, na qual os índios protestavam contra a permanência dos intrusos em sua área e denunciavam o desmatamento sistemático da mesma por parte desses invasores, foi lida na plenária daquele evento em que o palanque se encontrava apinhado de políticos do Estado, inclusive alguns dos responsáveis diretos pela invasão de Marãiwatsédé, bem como o Governador. No dia seguinte ao nosso retorno, percebemos uma mudança radical no tratamento a nós dispensado por parte dos índios. As pessoas nos cumprimentavam e nos chamavam pelo nome, não utilizavam mais o termo genérico *waradzu*. Não demorou muito para sermos adotados cada um por uma família e, a partir daí, passarmos a ser referidos e tratados quase que exclusivamente por termos de parentesco. Deste fato, tirei uma conclusão: o *programa dos índios* era a questão da terra, não outra coisa. A partir daí, incluímos em nossas atividades ações voltadas para a retomada do território, fato que aumentou sobremaneira o volume de trabalho.

A nossa adoção não foi feita da noite para o dia e merece ser descrita, pois foi um dos fatores que determinaram a escolha do tema de minha pesquisa. Eu fui o primeiro a ser adotado. Meu pai adotivo é Francisco Tsipé, cabeça de uma linha<sup>19</sup> forte que informou sua decisão formalmente no *warã* e me deu o nome de seu avô, Tseretomodzatsé. A partir desse

---

<sup>18</sup> O ZSEE – MT foi pensado como um instrumento para a racionalização da ocupação de espaços territoriais que serviria de subsídio para a elaboração e execução de planos regionais em busca do desenvolvimento sustentável. Esse instrumento foi elaborado durante mais de uma década com a ajuda de técnicos de várias áreas e apresentado à sociedade por meio de audiências públicas, durante as quais os participantes tinham o direito de propor novas diretrizes e alterar as existentes no documento inicial, proposto pelo ZSEE-MT. Após as audiências, o documento final foi alterado pelo Governo do Estado de Mato Grosso e se tornou inviável.

<sup>19</sup> Optei por substituir “linhagem” por “linha agnática de descendência” ou simplesmente “linha”. Adiante volto a este ponto e justifico minha escolha.

momento, todas as vezes que me dirigi a outra pessoa que não fosse por meio do termo de parentesco adequado fui prontamente corrigido. A adoção de minha esposa, que ficaríamos sabendo depois, preocupava mais os *A'uwẽ* do que a gente. Talvez porque, não obstante existissem outros não índios que passavam longas temporadas na aldeia<sup>20</sup>, éramos o único casal *waradzu* convivendo com eles ali, cotidianamente. Todos os outros, quando casados, permaneciam sem seus respectivos cônjuges naquele contexto. Fiquei sabendo depois que se decidiu no *warã* que Carolina deveria ser adotada também e que Zeferino Tsimrinhu, de metade oposta à de Francisco Tsipé, seria seu pai. Zeferino é um ancião que compõem uma linha forte, a do cacique, de quem é primo paralelo, e é tido como um homem “duro” pelos duros Xavante. Ele resistiu um bom tempo à adoção de Carolina, acredito que por não gostar de não-índios. Mas, num certo dia do mês de agosto de 2009, alguns meses depois da decisão do *warã*, Zeferino passou a chamá-la de *tsoimbá*<sup>21</sup> e a mim de *ĩtsa'õmo*<sup>22</sup>. Nós, reciprocamente, começamos a utilizar os termos correspondentes. Assim, estávamos nós dois conectados, mesmo que ficcionalmente, à rede de parentesco Xavante.

Tínhamos, então, parentes na aldeia. A partir desse momento, as fissuras na blindagem xavante foram sendo gradativamente ampliadas: eu podia falar no *warã* e, muitas vezes, era convidado a dar minha opinião sobre algumas notícias de repercussão nacional e local; passei a ser convidado para jogar futebol e participar do *Uiwede*<sup>23</sup>, bem como de rituais masculinos secretos; de uma hora para outra, boa parte das pessoas que conseguiam se comunicar em português passaram a me ensinar a língua xavante a qualquer momento, sem que eu solicitasse.

---

<sup>20</sup>No posto de saúde da aldeia trabalhavam uma enfermeira, quatro técnicas de enfermagem e dois motoristas. Todos eram contratados pela Organização Nossa Tribo (ONT), que recebia recursos da Fundação Nacional de Saúde (FUNASA), por meio de convenio, para prestar atendimento à saúde dentro da aldeia. O regime de trabalho deles previa, em um mês, uma estadia de 20 dias em área e 10 fora.

<sup>21</sup>Mulher casada sem filhos.

<sup>22</sup>Genro, DH.

<sup>23</sup>Consiste numa corrida de 5 km, aproximadamente, onde as duas metades cerimoniais e esportivas, que serão descritas adiante, competem passando uma pesada tora de buriti de ombro em ombro entre os companheiros de metade. Vence a metade que conseguir levar a tora primeiro ao *warã*.

Percebendo que os Xavante de Marãiwatsédé davam muita importância para as relações de parentesco, pois dificilmente se dirigem uns aos outros de outra forma que não por meio destes termos<sup>24</sup>, e com o objetivo de *seguir o programa dos índios*, decidi me deixar ser *afetado* (FAVRET-SAADA, [1990] 2005) por este aspecto da cultura *a'uwẽ*<sup>25</sup>. Como já manejava a terminologia minimamente bem, adotei as *atitudes* correspondentes a cada termo, tanto para consanguíneos como com afins; passado algum tempo, já conhecia as genealogias da aldeia e usava esse conhecimento para manejar corretamente os termos, fosse para me referir a alguém ou para tratar diretamente. O impressionante nisso tudo, é que obtive retorno positivo de boa parte de meus interlocutores. Não estou querendo dizer com isso que, aos olhos dos Xavante, eu era um deles, ou que me via dessa forma, mas que experimentei estar numa posição determinada, numa rede de relações de consanguinidade e de afinidade, ou seja, me deixei ser afetado pelas *sensações, percepções e pensamentos* relativos ao parentesco *a'uwẽ*. Nesse sentido, foi necessária uma negociação constante, pois me deixei ir nessa experiência até onde meu bolso e minha capacidade de aplacar as demandas de meus parentes afins me permitiam ir<sup>26</sup>. Durante os rituais dos quais participei, minha posição também era determinada pelas relações de parentesco.

Trabalhei como indigenista em Marãiwatsédé até março de 2011, quando pedi desligamento do projeto. Todavia, mantenho contato com meus parentes adotivos e amigos xavante até hoje, seja por telefone, seja por email ou por facebook, além de visitá-los uma vez

---

<sup>24</sup> Se junta a este fato outros: os grupos políticos ali existentes se assentam largamente sobre relações de parentesco; as relações econômicas dentro de cada unidade sociológica e entre estas devem seguir as linhas do parentesco; nos rituais que participei e que observei estas relações também se fazem presentes, ora sendo deliberadamente “apagadas”, ora reforçadas. O parentesco, enfim, não obstante tenha como função primeira a geração de possibilidades e impossibilidade matrimoniais (LÉVI-STRAUSS, [1965] 1969), é “*multifuncional*” nos Xavante.

<sup>25</sup> Importante dizer que, nessa época, não fazia a menor ideia de quem seria Favret-Saada. Minha opção por viver “como os índios”, não somente “com os índios”, está relacionada à tradição institucional da OPAN.

<sup>26</sup> Como veremos adiante, nos Xavante a relações entre “afins de mesmo sexo e geração” e entre “afins de gerações distintas” é assimétrica. Desta forma, entre os homens bens e serviços seguem de cunhado/genro para o cunhado/sogro.

por ano, pelo menos. Em meados de 2012, estive poucos dias em Marãiwatsédé, para acertar alguns detalhes da viagem que 13 índios iriam fazer com destino ao Rio de Janeiro, para participarem de uma campanha encetada pela OPAN durante a “Rio+20” pela desintrusão de seu território. A campanha foi um sucesso e, no início de 2013, o processo de retirada dos invasores da TI foi finalizado. Nesse mesmo ano visitei mais uma vez Marãiwatsédé, em julho, agora como pesquisador, fato que não alterou em nada minha relação com eles. Permaneci 12 dias na aldeia durante aquela viagem, que foi minha primeira experiência como pesquisador. Nesse período chequei alguns dados relativos à relação entre o sistema de metades e o sistema de parentesco. Entre julho e agosto de 2014 fiz minha última viagem aos Xavante daquela aldeia, quando permaneci cerca de 10 dias em área. Meu objetivo era tirar algumas dúvidas ainda sobre a terminologia<sup>27</sup> e inserir alguns dados ausentes na genealogia, todavia, vi-me, sem querer, no meio de uma crise nas relações entre os Xavante e a equipe indigenista que começara a atuar ali há pouco tempo e que me hospedava. Em resumo, consegui dispensar uns cinco dias para os assuntos acadêmicos.

Os poucos dias que consegui aproveitar para a pesquisa de campo durante o mestrado não afetaram a qualidade do trabalho porque, desde 2009, já acumulava dados etnográficos em meus cadernos de campo e, desde 2010, contei com a generosa e inestimável ajuda do Prof. Marcio Ferreira da Silva, que me orientou no aperfeiçoamento do banco de dados genealógicos que serve de base para a análise das práticas matrimoniais xavante. Vamos ao primeiro capítulo.

---

<sup>27</sup> Estas dúvidas devem-se à instabilidade de alguns termos que será tratada no capítulo 2.

## CAPÍTULO1 – OS XAVANTE

Do ponto de vista estritamente linguístico, os Xavante são classificados como falantes de uma língua pertencente à família Jê. Essa família abrange o grupo linguístico Akwén e é subsumida pelo tronco Macro-Jê. Em sua revisão sobre a bibliografia relacionada à organização social dos Jê do Brasil Central, Gordon (1996: IX-X, nota 2, [grifos do autor]) coloca que existe uma outra forma de classificar esses povos, não mais a partir de critérios exclusivamente linguísticos, mas também geográficos e culturais. Essa classificação possibilita o agrupamento dos Jê em três subgrupos. São eles os

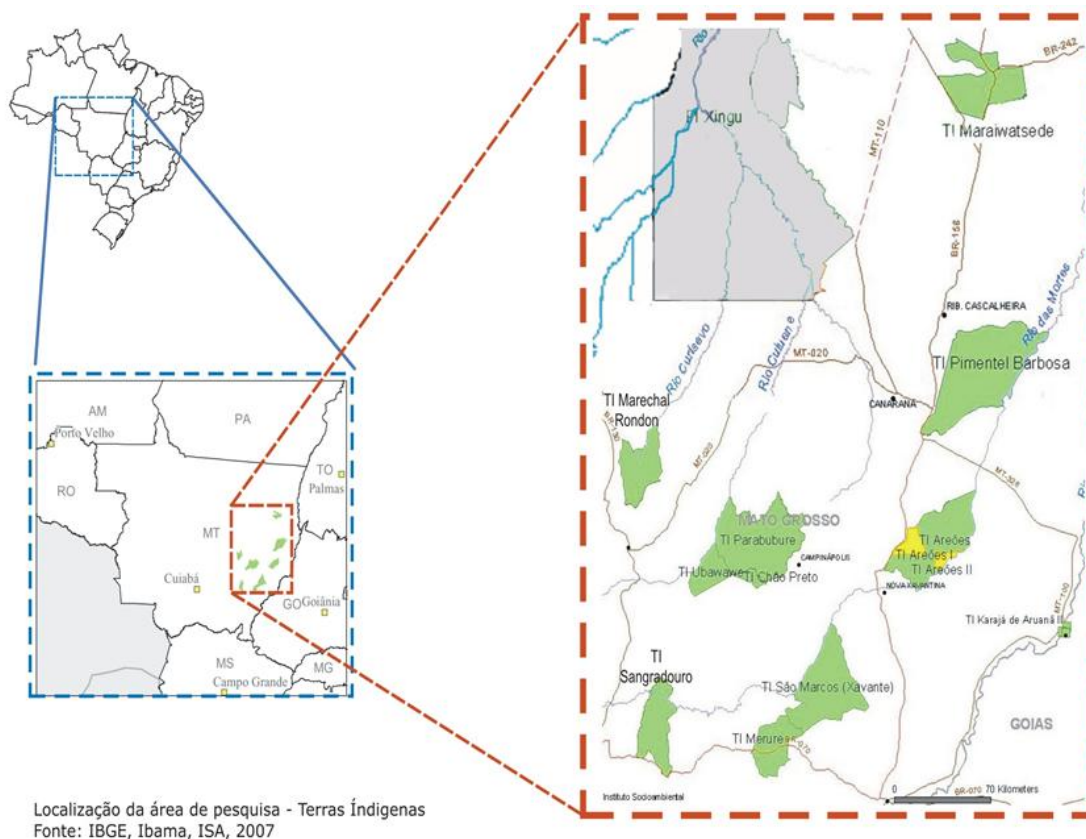
***Jê Setentrionais** [que] ocupam uma larga faixa que se estende desde o nordeste brasileiro (sul do Maranhão) e sudeste do Pará, através de Tocantins e Goiás, até o limite norte do Parque Indígena do Xingu. De norte para sul, temos os grupos Timbira Orientais (Canela-Ramkokamekra, Apaniekra, Gaviões – Parakateyê e Pukobiyê –, Krikatí e Krahô); Apinayé (que são normalmente classificados como Timbira Ocidentais, mas que se aproximam linguisticamente dos Kayapó); Kayapó Setentrionais ou Mebengokre (Xikrin e Gorotire); Suyá e Krenakôre ou Panará (estes últimos dois grupos foram deslocados para o Parque Indígena do Xingu. Os Panará são ainda considerados como descendentes dos Kayapó Meridionais). Os **Jê Centrais** dividem-se nos povos Xavante [...]; Xerente (habitando o estado do Tocantins, altura do médio rio Tocantins); e Xakriabá (que habita o nordeste do estado de Minas Gerais). Os **Jê Meridionais** dividem-se nos povos Kaingang e Xokleng que espalham-se em pequenas e fragmentadas áreas indígenas nos estados da região sul. (GORDON, 1996: IX-X, nota 2, [grifos do autor]).*

Os A'uwẽ habitam o nordeste do Estado de Mato Grosso, em uma região de ecótono que abrange parte da “zona central do cerrado brasileiro em uma complexa eco-zona que combina cerrado e mata de galeria”, marcada por duas estações bem definidas: a época da seca, de maio a setembro, e a época das chuvas, que abrange os meses de outubro a abril (GRAHAM, 2012). A população xavante perfazia, em 2013, 17.388 indivíduos<sup>28</sup> “distribuídos em aproximadamente 178 aldeias” (SILVA, 2013: 42) dispersas, por sua vez, em 12 Terras Indígenas descontínuas, em sua maioria, que juntas somam 1.535.282 ha. (RICARDO & ROLLA, 2014). Na tabela 1, abaixo,

<sup>28</sup> Segundo dados encontrados no Sistema de Informação da Atenção à Saúde Indígena (SIASI), disponível em <http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/o-ministerio/principal/secretarias/secretaria-sesai/mais-sobre-sesai/9518-destaques>.

apresento dados sobre a situação das TI's, como localização, população, tamanho, situação jurídica, etc.

**MAPA 1 - LOCALIZAÇÃO ATUAL DAS TERRAS INDÍGENAS XAVANTE<sup>29</sup>**



<sup>29</sup> Retirado de Gomide (2011: 120).

TABELA 1: SITUAÇÃO ATUAL DAS TERRAS INDÍGENAS XAVANTE<sup>30</sup>

| TERRA INDÍGENA  | POPULAÇÃO     | FONTE                       | SITUAÇÃO JURÍDICA                                                                                                                                                                                                | EXTENSÃO OFICIAL (ha) | EXTENSÃO ISA <sup>31</sup> (ha) | MUNICÍPIO                                                          |
|-----------------|---------------|-----------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------|---------------------------------|--------------------------------------------------------------------|
| Areões          | 1.342         | FUNAI/Barra do Garças: 2002 | Homologada - Decreto s/n de 03/10/1996 homologa a demarcação; Reg. CRI do município e comarca de Água Boa (218.515 ha) em 18/10/96; Reg. SPU certidão nº 71 em 30/01/97.                                         | 218.515               | 178.660                         | Nova Nazaré                                                        |
| Areões I        | Não informado | -                           | Em identificação/Interditada - Portaria 1.004 de 10/10/1990 da FUNAI interdita para segurança e garantia da vida e bem estar dos índios a área que ficou fora da Portaria 1.102/72; Está em reestudo pela FUNAI. | Não informado         | 26.310                          | Nova Nazaré                                                        |
| Areões II       | Não informado | -                           | Em identificação/Interditada - Portaria 1.004 de 10/10/1990 da FUNAI interdita para segurança e garantia da vida e bem estar dos índios a área que ficou fora da Portaria 1.104/72; Está em reestudo pela FUNAI. | Não informado         | 16.062                          | Nova Nazaré                                                        |
| Chão Preto      | 56            | FUNAI: 2002                 | Homologada - Decreto s/n de 30/04/2001 homologa a demarcação; Reg. CRI de município Campinópolis, comarca de Nova Xavantina (12.740 ha) em 01/04/02; Reg. SPU certidão nº 4 de 22/05/02.                         | 12.740                | 12.680                          | Campinópolis                                                       |
| Marãiwatsédé    | 960           | FUNAI: Ribeirão Cascalheira | Homologada - Decreto s/n de 11/12/1998 homologa a demarcação; Reg. CRI: município de Alto Boa Vista, comarca de São Félix do Araguaia (39.866 ha) em 08/04/99; Reg. SPU certidão nº 83 de 08/09/99.              | 165.241               | 167.411                         | Alto Boa Vista;<br>Bom Jesus do Araguaia;<br>São Félix do Araguaia |
| Marechal Rondon | 551           | FUNAI/Barra do Garças:      | Homologada - Decreto s/n de 03/10/1996 homologa a demarcação; Reg. CRI do município de Paranatinga em 16/12/96; Reg. SPU certidão nº 72                                                                          | 98.500                | 99.879                          | Paranatinga                                                        |

<sup>30</sup> Esta tabela foi construída com base em dados existentes em Ricardo & Rolla (2014).

<sup>31</sup> Trata-se do resultado do cálculo elaborado pelo Laboratório de Geoprocessamento do Instituto Socioambiental (ISA) a partir dos dados dos limites das Terras Indígenas publicados no Diário Oficial da União. O objetivo é avaliar a exatidão dos cálculos oficiais, elaborados pela Funai.

|                                        |       |                             |                                                                                                                                                                                                                                                                                         |         |         |                                                                            |
|----------------------------------------|-------|-----------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------|---------|----------------------------------------------------------------------------|
|                                        |       | 2010                        | em 30/01/97.                                                                                                                                                                                                                                                                            |         |         |                                                                            |
| Parabubure                             | 3.819 | FUNAI/Barra do Garças: 2010 | Homologada - Decreto s/n de 03/10/1996 homologa a demarcação; Reg. CRI do município de Paranatinga em 16/12/96; Reg. SPU certidão nº 72 em 30/01/97.                                                                                                                                    | 224.447 | 226.011 | Campinópolis;<br><br>Nova Xavantina                                        |
| Pimentel Barbosa                       | 1.759 | FUNAI/Barra do Garças: 2010 | Homologada - Decreto 93.147 de 20/08/1986 homologa a demarcação; Reg. CRI: município de Água Boa em 05/05/94; município de Canarana em 05/05/94; Reg. SPU certidão nº 35 de 17/06/94.                                                                                                   | 328.966 | 329.411 | Água Boa;<br><br>Canarana;<br><br>Nova Nazaré;<br><br>Ribeirão Cascalheira |
| Sangradouro/Volta Grande <sup>32</sup> | 858   | FUNAI: 2004                 | Homologada - Decreto 249 de 29/10/1991 homologa a demarcação; Reg. CRI: município de General Carneiro (37.990 ha) em 31/08/93; município de Poxoréu(50.650 ha) em 21/09/93; município de Novo São Joaquim/Barra do Garças (11.640 ha) em 05/01/88; Reg. SPU certidão nº 72 em 19/09/96. | 100.280 | 102.468 | General Carneiro;<br><br>Novo São Joaquim;<br><br>Poxoréu                  |
| São Marcos                             | 2.848 | FUNAI/Barra do Garças: 2010 | Reservada - Decreto 76.215 de 05/09/1975 fixa os limites definitivos; Reg. CRI em 27/04/89; Reg. SPU certidão nº 31 em 10/06/94.                                                                                                                                                        | 188.478 | 174.865 | Barra do Garças                                                            |
| Ubawawe                                | 349   | FUNAI: 2002                 | Homologada - Decreto s/n de 30/08/2000 homologa a demarcação; Reg. CRI de Novo São Joaquim, comarca de Barra do Garças (52.234 ha) em 21/09/00; Reg. SPU certidão nº 1 em 08/03/01.                                                                                                     | 52.234  | 52.296  | Santo Antonio do Leste                                                     |
| Wedezé                                 | 100   | GT/FUNAI: 2011              | Em identificação.                                                                                                                                                                                                                                                                       | 145.881 | 145.465 | Cocalinho                                                                  |

<sup>32</sup> Essa Terra Indígena é ocupada atualmente por índios da etnia Xavante e Bororo.

## 1.1 – UMA HISTÓRIA XAVANTE

Há registros dos *A'uwẽ* já em 1751, no norte da então província de Goiás, entre as margens direita do rio Araguaia e esquerda do rio Tocantins<sup>33</sup>. Desde essa época, os diversos *grupos xavante*<sup>34</sup> se relacionaram com as frentes de ocupação não indígena, bem como com outros coletivos indígenas, de duas formas distintas: alguns mantinham uma relação pacífica, quando era possível; outros reagiam contra qualquer indício de presença tida como inimiga em seu território. Ambas as formas de relacionamento eram, possivelmente, dispensadas a outros grupos xavante. A partir da segunda década do século XVIII ocorre a invasão sistemática das terras por eles ocupadas por parte de não-índios. Esse avanço fez com que os *A'uwẽ* se deslocassem cada vez mais a oeste, chegando a atravessar o rio Araguaia e a ilha do Bananal entre 1820 e 1840, quando se chocaram com os Karajá<sup>35</sup>, antes de se instalarem no leste mato-grossense. Lá chegando, criaram

*Isõrepre a “aldeia-mãe”, a mais antiga, situada na região da serra do Roncador/rio das Mortes. Com base nos dados disponíveis e provisoriamente, é possível datá-la como tendo existido desde fins do século passado até, talvez, finais da década de 20 deste século, ocupando sucessivamente sítios próximos, na mesma região. De lá partiram, em vários momentos, facções dissidentes que, formando novas aldeias, cindindo-se por sua vez, migrando em direções diversas, voltando em certos casos a reagrupar-se parcial ou completamente, expulsando e recebendo novos membros, constituíram novas unidades políticas e territoriais, cujas relações com os não-índios não apresentam homogeneidade. (LOPES DA SILVA, 1992: 366-367).*

Esse processo de divisão e subdivisão das aldeias, reagrupamentos e estabelecimento de novas alianças resultou na pulverização de vários grupamentos *a'uwẽ* na margem esquerda do rio Araguaia, bem como em ambas as margens do rio das Mortes e além, como podemos

<sup>33</sup> Cf. mapa 2, p. 41, adiante.

<sup>34</sup> Em Marãiwatsédé, ouvi diversas vezes referencia aos grupos de Norõtsu'rá (cuja maioria atualmente divide a TI São Marcos com outros grupos), de Parabubu (predominante na TI Parabubure), de Aröbönipó (TI Pimentel Barbosa), etc.; acredito que este fato, somado a prática recorrente de meus anfitriões de se distinguirem espontaneamente dos demais coletivos, inclusive casando seus filhos preferencialmente com pessoas de mesmo grupo (o de Marãiwatsédé), me permitem definir provisoriamente tais coletivos como constituídos de descendentes de ancestrais comuns com uma forte tendência a engodamia. Tendência esta que acaba por propiciar a criação de aldeias formadas quase que exclusivamente por descendentes de grupos determinados. Lopes da Silva (1986: 31) já havia percebido essas diferenças entre os índios que realizou pesquisa.

<sup>35</sup> Relatos sobre esses conflitos existem na memória de ambos os grupos, para uma narrativa dos Xavante ver Rodrigues, (et al., 1992: 47-48).

observar no mapa 2<sup>36</sup> feito pelo antropólogo David Maybury-Lewis já no final da década de 1950. Ainda no mesmo mapa, percebe-se a localização de Marãiwatséde, no extremo norte do território ocupado pelos Xavante.

No que diz respeito ao povoamento não-indígena do Vale do Araguaia, remonta ao período imperial a tentativa estatal de criar povoamentos nas margens do rio. O objetivo era estabelecer uma via navegável alternativa ao rio Paraguai, até então e muito tempo depois, a única forma de se chegar à então província de Mato Grosso. Tal projeto, porém, esbarrava nos constantes ataques dos índios aos viajantes daqueles rios. Os poucos aglomerados não indígenas que se formaram naquelas paragens se devem antes a um movimento de migração espontânea que a ações advindas do Estado brasileiro neste sentido. Já no período republicano, mais especificamente na década de 1930,

*missionários salesianos estabelecem uma base, Santa Therezinha, de onde partiam para insistentemente tentar a atração e conversão dos Xavante [...] A essa insistência, os A'uwẽ reagiram: a 1º de novembro de 1934 os padres Pedro Saciloti e João Baptista Fuchs foram mortos pelos Xavante de Marãiwaseté [Marãiwatséde], na região do rio Suiá-Missu (Ibid.: 367).*

Anos mais tarde, em 1941, uma equipe do Serviço de Proteção aos Índios – SPI<sup>37</sup> comandada por Genésio Pimentel Barbosa tentou, sem sucesso, estabelecer contato pacífico com um grupo xavante. Essa frente de atração, como era chamada, foi trucidada pelos A'uwẽ sem chance de se defender devido à ordem de desarmamento de todos, dada pelo comandante daquela operação. Isso para evitar que algum integrante da ação, em um momento de nervosismo, alvejasse um índio e dificultasse ainda mais a “pacificação”<sup>38</sup> dos Xavante.

---

<sup>36</sup> Cf. p. 41, adiante.

<sup>37</sup> Órgão indigenista estatal extinto e substituído pela Fundação Nacional do Índio (Funai) em 1967.

<sup>38</sup> Concorde com Lopes da Silva (Op. cit.: 372) quando afirma que o “termo ‘pacificação’ [...] esconde a atuação dos Xavante no processo [de contato]; coloca-os como receptores passivos da ação da sociedade envolvente, tomada como não violenta. O termo oculta qualquer notícia de deliberações e definição, por parte dos Xavante, de estratégias de enfrentamento ou aceitação dos brancos ou tomada da decisão de rendição em função de avaliações cuidadosas das condições em que se encontravam”. Este termo, além disso, não agrada aos Xavante para quem, desde uma perspectiva a'uwẽ, foram eles que aceitaram o contato pacífico com o waradzu (não-xavante ou estrangeiro), e não o contrário. Esse entendimento já estava presente nos primeiros

Data de 6 de junho de 1946, o primeiro contato pacífico de uma equipe do SPI com um grupo xavante. Esse evento se deu na confluência do rio das Mortes com o rio Pindaíba. No

*local denominado São Domingos, um primeiro contato com os Xavante de Aröbönipó foi estabelecido [...] por frente de atração chefiada por Francisco Meireles, instalada no “Posto de Atração dos Xavante” desde 1944 [...] depois denominado “Posto Indígena de Atração Pimentel Barbosa”. (LOPES DA SILVA, 1992: 368).<sup>39</sup>*

Vale ressaltar que esse fato, tido à época como o fim dos conflitos entre os aguerridos A’uwẽ e as frentes de expansão nacional, não significou de forma alguma a “pacificação” dos Xavante como um todo, pois recorro que existiam vários grupamentos a’uwẽ espalhados na margem esquerda do rio Araguaia e em ambas as margens do rio das Mortes que se constituíam em unidades políticas autônomas e seguiam levando suas vidas sem influência de missionários ou agentes do SPI. Tal evento, na verdade, marcou o início de um processo de redução e sobreposição dos diversos grupos xavante dentro de áreas com limites fixos. Esse processo iniciou-se em 1946 e terminou com a retirada de seu território tradicional do último grupo resistente à redução, o de Marãiwatsédé.

As tentativas seguidas de “pacificar” os Xavante devem ser colocadas no quadro mais amplo de outro plano estatal de povoar a região Centro-Oeste do Brasil. Esse novo intento governamental ficou conhecido como “Marcha para o Oeste”<sup>40</sup>. Na década de 1950, embora já houvesse pequenos núcleos de povoamento formados por não-índios em território antes ocupados apenas pelos A’uwẽ, ocorreu um incremento populacional significativo no leste mato-grossense proporcionado pela abertura “das primeiras estradas pelo governo federal” (Ibid.:

---

contatos, como nos revela “o sertanista Francisco Meireles, (...), que ao se aproximar do Chefe Xavante, viu-se presenteado com um colar que foi por ele (Chefe Xavante) posto em seu pescoço com palavras cuja tradução literal seria a seguinte ‘Amanso-te branco!’” (CARDOSO DE OLIVEIRA *apud* DELGADO, 2008: 2).

<sup>39</sup> Foi com este grupo que David Maybury-Lewis fez boa parte de suas pesquisas. O referido Posto se transformou na TI Pimentel Barbosa. Cf. mapa 2, p. 41, para a localização deste e de outros grupos xavante antes de sua redução, e mapa 1, p. 26, para a localização atual das TI’s.

<sup>40</sup> Realizada durante o “Estado Novo” (1937-1945) pelo então ditador Getúlio Vargas, tinha por objetivo incentivar a colonização da região Centro-Oeste do Brasil. Essa política de estado desalojou diversos povos indígenas de seus territórios tradicionais.

369). Este afluxo de pessoas para aquela região teve impactos diretos nos vários grupos xavante que ali habitavam. Para Lopes da Silva (Op. cit.: 369), se,

*no caso do primeiro momento desse processo, 1946, os Xavante mostravam-se arredios e resistentes ao contato – a ponto de ser montada uma infra-estrutura complexa e destacadas várias equipes especialmente para vencê-los –, dez anos depois a situação se invertia: as pressões sobre seu território e suas aldeias havia aumentado tanto que, sentindo-se vencidos pelas consequências do contato indireto que os dizimava, não viram alternativa a não ser a procura deliberada do convívio pacífico com os brancos.*

Nos anos que se seguiram, os diversos grupos Xavante passaram por um violento processo de desterritorialização compulsória ocasionado pelo avanço das frentes de ocupação nacional que levavam consigo doenças para as quais aqueles índios não dispunham de defesa. Além disso, eram inevitáveis os confrontos e represálias contra os A'uwẽ, que reagiram o quanto puderam para manterem seus territórios. Somando-se a esses fatores que são os principais, mas não são os únicos, um traço do *ethos* xavante, a facciosidade<sup>41</sup>, fez com que esse coletivo indígena passasse por uma crise demográfica grave durante as décadas de 1950 e 1960. O caso de *Etéñitépá*, aldeia onde se encontravam os primeiros Xavante a aceitar o contato pacífico com a frente de atração do SPI, em 1946, talvez seja exemplar no sentido de evidenciar os fatores e o processo da referida diminuição populacional pela qual os A'uwẽ passaram. Os índios de *Etéñitépá*

*passaram por uma severa crise demográfica nas décadas que se seguiram ao contato com a sociedade nacional brasileira nos idos de 1946. A crise foi resultado de níveis mais elevados de mortalidade, em virtude tanto das epidemias de doenças infecciosas quanto da violência, além de uma queda da fecundidade. Combinados, tais fatores ameaçaram, durante a década de 60 [1960] a sobrevivência biológica do grupo. A partir da década de 70 [1970], decresceu a mortalidade e aumentou a fecundidade, e a população iniciou um período de rápido crescimento. (COIMBRA JR., et al, 2005: 74).*

Essas são, numa cápsula, as etapas do processo que levou os vários grupos locais xavante a procurarem abrigo dentro das missões e postos do SPI. Na década de 1960, boa parte de seu

---

<sup>41</sup> Para uma exposição detalhada sobre situações concretas de disputas faccionárias e seu desenrolar entre o grupo que viria a formar *Etéñitépá* consultar Maybury-Lewis ([1967] 1984: 220-275; 1990: 368-369). Algumas informações sobre processo semelhante em *Marãiwatsédé* podem ser encontrados em Maybury-Lewis ([1967] 1984: 255; 1990: 364-367).

antigo território já se encontrava, se não ocupado, pelo menos titulado em nome de colonos, empresas da região Sudeste e do Estado de Mato Grosso. Para os Xavante<sup>42</sup>,

*o final da década de 50 [1950] e toda a década de 60 [1960] significou principalmente um momento de absorção do impacto do contato. Foi o tempo da observação do mundo e dos modos que agora os envolviam [...] foi o período com a ação catequética cotidiana nas missões e com os bens industrializados, mas, acima de tudo, uma parada, um momento de busca da proteção junto às instituições governamentais e religiosas contra as pressões sistemáticas e crescentes que vinham sofrendo (LOPES DA SILVA, 1992: 372).*

Na década de 1960, quando o Brasil, depois de um curto período democrático, se encontrava novamente sob estado de exceção, os militares incentivaram investimentos de grandes empresas nacionais e multinacionais na região da Amazônia, que abrange também a parte norte do Estado de Mato Grosso. Essa empreitada foi realizada por meio da Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia – SUDAM. A

*consequência imediata dessa política econômica sobre a região habitada pelos Xavante foi a intensificação significativa da migração espontânea, resultando na instalação tanto de cooperativas de assentamentos de posseiros quanto de empresários. O salto demográfico é visível: Mato Grosso passou de 330.610 habitantes em 1960 para 612.887 em 1970 e 1.169.812 em 1980. (Ibid.: 374).*

Foi no bojo desse vigoroso avanço da frente de expansão nacional sobre o antigo território xavante que essas terras começaram a ser “intensamente procuradas e ocupadas por posseiros, latifundiários, empresas de colonização e agropecuárias, estradas, povoados e embriões de cidades que iriam florescer nas décadas subsequentes” (Ibid.: 372). A década de 1970 assistiu à superação, por parte dos A’uwẽ, da crise demográfica que havia se abatido sobre eles em anos anteriores, à sua “atuação decidida em favor da garantia das terras que então ocupavam e da recuperação de parcelas do território tradicional” (Ibid.: 375). Segundo essa mesma autora, os Xavante lançavam mão, para garantir e recuperar suas terras,

*desde o conflito aberto, localizado e direto com posseiros, fazendeiros e empresas instaladas em terras semeadas por antigos sítios de aldeias xavante e seus cemitérios até a pressão política e reivindicatória junto às autoridades em Brasília, passando*

---

<sup>42</sup> Com exceção do grupo de Marãiwatsédé, que foi o último a ser alcançado pelo processo de desterritorialização descrito anteriormente devido ao fato de se localizarem no extremo norte do território ocupado tradicionalmente por todos os grupos A’uwẽ (Cf. mapa 2, p. 41).

*pelo estabelecimento de alianças com indivíduos e com setores da sociedade civil organizados [...] em apoio aos direitos indígenas (Op. cit.: 375).*

Esse movimento protagonizado pelos Xavante não se deu sem a necessidade de transformações no sistema social *a'uwẽ* e nas relações destes com coletivos indígenas e não-indígenas. Passo a descrever, brevemente, como ocorreu a formação, ainda no início do século XX, do grupo xavante que ficaria conhecido posteriormente como de Marãiwatsédé. Também discorrerei rapidamente como se deu o processo de desterritorialização desse grupo, bem como o retorno a seu antigo território.

### **1.1.1 – HISTÓRIA DOS XAVANTE DE MARÃIWATSÉDÉ**

De *Isõrepré*, partiu para o norte, um grupo que fundou uma aldeia nas proximidades de um rio cuja mata ciliar era muito densa. A esse rio deram o nome de Marãiwatsédé, à aldeia chamaram *Bõ'u*<sup>43</sup>. De lá partiram outros grupamentos que formaram outras aldeias com o objetivo de vigiar seu território. Em seu apogeu, Marãiwatsédé era formada por várias aldeias que tinham em *Bõ'u* seu centro cerimonial. A área ocupada pelo grupo em tela tinha como fronteira norte o rio Tapirapé, a leste era limitado pelo rio Araguaia e a oeste pela bacia do Xingu (RODRIGUES *et. al.*, 1992: 2), ao sul, sua fronteira era o território ocupado por outros *A'uwẽ*, o grupo de São Domingos, com quem os Xavante de Marãiwatsédé não mantinham boas relações<sup>44</sup> (MAYBURY-LEWIS, [1967] 1984: 102).

Por volta do início do século XX ocorreu uma migração espontânea de não-índios para o leste de Mato Grosso. Eram pessoas vindas do sertão nordestino que, fugindo da seca, procuravam um pedaço de terra para sobreviverem. Eles chegaram à região e formaram pequenos aglomerados na margem esquerda do rio Araguaia. Fruto desse movimento foi o então povoado de São Félix do Araguaia, de onde partiam famílias para o “sertão”, ou seja, para

---

<sup>43</sup> Traduz-se por “pé de Urucum”.

<sup>44</sup> Cf. mapa 2, p. 41.

o interior do território até então ocupado apenas pelos Xavante. Não demorou muito para ocorrerem violentos conflitos entre os índios de Marãiwatsédé, antigos habitantes daquele território, e os chegantes que, nesse momento, não cessavam de afluir àquelas bandas. A essa migração espontânea sucederam-se outras estimuladas pelo Estado.

Em meados da década de 1950, quando todos os outros grupos Xavante já tinham aceitado o contato pacífico com a sociedade envolvente, o povo de Marãiwatsédé não hesitava em reagir a qualquer indício de invasão de seu território. Existiam, não obstante, moradores da região, pequenos posseiros em sua maioria, que mantinham boas relações com os Xavante, ocorrendo mesmo algumas visitas por parte desses últimos. Em comunicação pessoal, a senhora Valdeci Vasconcelos Costa, moradora da localidade do Lago de Pedra, município de São Félix do Araguaia, desde a década de 1940, informou-me que tratou de um índio Xavante doente por aproximadamente três meses. Disse que seu marido, o senhor Otaciano Vasconcelos Costa, já na década de 1960, encontrou um grupo de índios durante uma caçada nas proximidades do rio Xavantinho e estabeleceu contato pacífico com eles. Quando estes deram indícios de que queriam ir com ele para sua casa, Otaciano, por meio de gestos, acordou com o grupo que fossem no outro dia pela manhã, para que a sua esposa não se assustasse. Dona Valdeci disse que lá pelas 5 horas da manhã chegou um único índio com uma flecha na mão e o arco em outra, demonstrando que vinha em paz. Logo depois, vieram mais dois xavante. Um deles estava com muita febre e, ao final de uma semana, apenas um retornou para a aldeia, ficando o enfermo e seu acompanhante aos cuidados de dona Valdeci e de seu esposo. Depois de curado, o jovem índio ainda visitou o casal uma vez. Esse fragmento da história do sertão mato-grossense exemplifica a heterogeneidade das relações entre os Xavante de Marãiwatsédé e as frentes de ocupação não indígena.

Nessa época, todavia, esses Xavante já se encontravam fragilizados devido à contração de doenças estranhas ao seu organismo e, principalmente, à mortes ocasionadas por expedições punitivas organizadas pelos não-índios (RODRIGUES *et. al.*, 1992: 29-32). Relatos dessas expedições estão vivas tanto na memória dos índios como na dos imigrantes sertanejos remanescentes desse período.

Diversas aldeias deixaram de existir e havia divergências entre os índios, novamente, no que dizia respeito ao tipo de relação que deveriam manter com os não indígenas. De fins da década de 1950 até meados da década de 1960, ocorreu a invasão sistemática do território de Marãiwatsédé: a partir de 1958, diversas famílias de pequenos posseiros se dirigiram mais a oeste de São Félix do Araguaia; em 1961, começou a ser instalada a primeira propriedade escriturada da região com fartos benefícios fiscais da SUDAM, era a fazenda Agropecuária Suiá-Missú S/A. Essa fazenda, que chegou a perfazer um total de 695.843 ha, foi criada em pleno território de Marãiwatsédé e representou “o auge do processo de invasão do território indígena pelas frentes de expansão nacional” (RODRIGUES *et. al.*: 2), quando esses índios se encontravam em número muito reduzido. Importante dizer que a mão-de-obra *a’uwẽ* não foi poupada na instalação da fazenda. Quando a família Ometto, então “proprietária” da fazenda, não precisava mais dos índios, negociou junto à Força Aérea Brasileira – FAB, a Missão Salesiana e ao SPI a transferência dos Xavante de Marãiwatsédé para a Missão de São Marcos, a 400 km ao sul de onde estavam<sup>45</sup>, onde já se encontravam reduzidos outros grupos xavante, alguns dos quais inimigos históricos dos recém-chegados.

Foram transportados, por meio de aviões da FAB, 263 indivíduos. Chegando lá foram recepcionados por uma epidemia de sarampo que grassava entre os índios daquela missão. Morreram cerca de 80 *a’uwẽ* de Marãiwatsédé. Longe de sua casa e com sua organização

---

<sup>45</sup> Cf. mapa 2, p. 41.

política fragilizada ocorreu a fragmentação do grupo por várias TI's xavante. Os remanescentes de Marãiwatsédé “sempre reivindicaram o retorno à sua região, empreendendo viagens anuais [...] para visitar as aldeias e cemitérios antigos, além de recolher materiais nativos” (RODRIGUES *et. al.*, 1992: 2) que não encontravam nas outras TI's onde estavam abrigados. O cacique Damião Paridzané certa vez me disse que durante essas visitas, em várias oportunidades, convenceu o gerente da fazenda Suiá-Missú a emprestar-lhes um caminhão com a desculpa de facilitar a coleta de insumos vegetais próprios para a confecção de artefatos importantes para eles. Segundo o cacique, ainda aproveitavam a oportunidade para, estrategicamente, poderem circular livremente no interior de seu antigo território, com o auxílio do transporte gratuito, e localizarem os cemitérios antigos, já vislumbrando o processo de identificação e delimitação de sua área. Essa forma de pensar estrategicamente não é apanágio apenas dos A'uwẽ de Marãiwatsédé, mas, antes, constitui um traço do *ethos* xavante<sup>46</sup>. Menezes (*apud* Lopes da Silva, 1992: 375-376), neste sentido, constata que as sociedades como a A'uwẽ, entre as quais

*a prática política é vivida como um exercício contínuo de reflexão e que, sociologicamente, são mais bem equipadas para agir em estado de guerra, dispõem igualmente de mais recursos para enfrentar a dominação que sobre elas é exercida.*

No começo da década de 1980, teve início a reorganização sistemática dos remanescentes e das novas gerações de Marãiwatsédé com o objetivo claro de retornar à terra de origem. Em 1992, a antiga Suiá-Missú agora se chamava Liquifarm Agropecuária Suiá-Missú S/A e se encontrava sob o controle da Agip do Brasil S/A, filial da corporação italiana Agip Petroli (holding da estatal Ente Nazionali Idrocarburi – ENI). Naquele ano, em meio às várias discussões que marcaram a Conferência Mundial do Meio Ambiente (ECO 92), no Rio de Janeiro, representantes da empresa se comprometeram verbalmente a devolver uma parte da fazenda aos Xavante.

---

<sup>46</sup> Certa vez Apõwẽ, chefe do primeiro grupo A'uwẽ a aceitar o contato pacífico com os *waradzu*, enviou um grupo de oito crianças xavante para morar e estudar em Ribeirão Preto, cidade do interior de São Paulo, com a intenção de que eles aprendessem como funcionava a cultura do “branco” e, posteriormente, retornassem para sua comunidade, para ajudá-la na defesa de seus interesses. Este fato é documentado em um vídeo cujo nome é bem sugestivo: “Estratégia Xavante”.

O Grupo de Trabalho responsável pelos estudos de identificação da área em questão completou seus estudos em 9 de abril de 1992. No dia 11 de dezembro de 1998 foi homologada a Terra Indígena Marãiwatsédé, com 165.241 ha, estendendo-se pelos municípios de Alto Boa Vista, Bom Jesus do Araguaia e São Félix do Araguaia, todos situados no nordeste do Estado de Mato Grosso. Entre o final dos estudos e a homologação da Terra Indígena, porém, ocorreu a invasão do território identificado por pequenos posseiros estimulados por grileiros e fazendeiros, respaldados por políticos influentes da região, bem como por funcionários pertencentes aos altos estratos do poder público. Existem relatos de que anúncios foram feitos em várias regiões do estado de Mato Grosso e de Goiás objetivando recrutar indivíduos, normalmente pequenos agricultores desprovidos de terra, para ocupar a área identificada como indígena. Não é difícil imaginar o impacto que esse apelo teve em uma região historicamente marcada por graves conflitos fundiários provocados, sobretudo, pela concentração absurda de terras nas mãos de poucos<sup>47</sup>.

Em 2003, os anciões de Marãiwatsédé, cansados de esperar a desintrusão de sua Terra já homologada, manifestaram o desejo de voltar ao território de seus ancestrais antes de morrerem. No mesmo ano, 280 pessoas (crianças, jovens, adultos e velhos), ao tentarem ocupar a terra já oficializada, foram impedidos pelos invasores que bloquearam a BR 158, na altura do município de Bom Jesus do Araguaia, com a ajuda de políticos e fazendeiros da região.

Os Xavante ficaram acampados às margens da BR-158 durante nove meses, no período de novembro de 2003 a agosto de 2004. Nesse clima de tensão, devido à inexistência de saneamento, as condições de saúde do grupo eram precárias: 14 pessoas foram hospitalizadas em estado grave e três crianças faleceram em duas semanas. Em 10 de agosto de 2004, amparados por uma sentença proferida pela Ministra Relatora Hellen Gracie, do Supremo

---

<sup>47</sup> Para uma análise pormenorizada do processo de concentração fundiária e de seus impactos sobre a região ver o histórico documento de Dom Pedro Casaldáliga (1971).

Tribunal Federal – STF, os Xavante de Marãiwatsédé entraram na fazenda Carú, que se encontrava dentro dos limites de seu território. Ao chegarem, depararam-se com uma realidade bem diferente da que esperavam quando decidiram retornar para sua terra: a quase totalidade da fazenda estava ocupada por pasto. Não havia matas ou campos cerrados para a caça e a coleta, atividades fundamentais para a reprodução física e cultural xavante. Além disso, outro fato agravava ainda mais a situação de penúria, o solo se encontrava altamente degradado, proporcionando, assim, um baixíssimo índice de produtividade das roças, comprometendo ainda mais a soberania alimentar deste povo. Vale ressaltar que, desde 1992, Marãiwatsédé vinha sendo sistematicamente explorada por latifundiários e madeireiros, até a retirada dos ocupantes ilegais, concluída em 2013.

## 1.2 – ORGANIZAÇÃO SOCIAL

Característica comum entre os povos de língua Jê, a organização social xavante é marcada pela existência de diversos pares de metades e pela uxorilocalidade<sup>48</sup>. Um par de metades exogâmicas patrilineares denominadas *Öwawẽ* e *Po'redza'õno*<sup>49</sup> regulam o matrimônio em linhas gerais. Um outro par de metades etárias<sup>50</sup> chamada *Dautsu*, de caráter cerimonial/esportivo, perpassa as metades exôgamas, abrigando em seu interior indivíduos de ambas. As metades etárias possuem atribuições específicas e são compostas por quatro classes de idade cada que competem durante o *Uiwede*. Para pertencer a uma classe de idade, o indivíduo deve passar cinco anos com seu grupo, aproximadamente, no *Hö* (casa dos solteiros), antes de ser iniciado.

---

<sup>48</sup> Regra de residência que determina que, após o casamento, o casal deve morar junto aos parentes da esposa.

<sup>49</sup> Significam “rio grande” (ou “mar”) e “girino”, respectivamente. *Öwawẽ* também dá nome ao rio das Mortes, afluente do rio Araguaia que encontra seu destino cerca de 20 km a montante de São Félix do Araguaia.

<sup>50</sup> Maybury-Lewis ([1967] 1984: 153-219) usa a expressão “sistema de classes de idade” para referir-se a este par de metades. Alternaremos o uso destas duas expressões.

Passo a expor as principais características do sistema de metades exogâmicas para, em seguida, abordar o sistema de metades etárias e sua conexão com outro sistema, o de categorias de idade. Por fim faço uma breve reflexão sobre o sistema xavante dentro do contexto mais amplo dos estudos de parentesco, preparando as discussões do próximo capítulo.

### 1.2.1 – METADES EXOGÂMICAS

Com o objetivo de modelar dados divergentes sobre a organização social *a'uwẽ*, Maybury-Lewis (1984 [1967]: 120) recorreu à distinção analítica entre grupos xavante “Orientais” e “Ocidentais”. Os coletivos que se situassem a leste do então povoado de Nova Xavantina eram “orientais”, os que estavam a oeste da mesma cidade eram classificados como “ocidentais”, tal como se pode verificar no mapa 2, a seguir. Encontramos os critérios para esta oposição em aspectos tanto da organização social quanto linguísticos, como podemos verificar nas colocações de Maybury-Lewis quando afirma que o matrimônio entre os Xavante Orientais seria regulado pelos “três patriclãs exógamos [...] Poreya’ono, Ö Wawẽ e Topdató”, e que os Xavante Ocidentais agrupariam os dois últimos clãs (*Öwawẽ* e *Topdató*) em uma única metade, pois “ambos trocam mulheres com os Poredza’ono” (MAYBURY-LEWIS, [1967] 1984: 120). Giaccaria & Heide (1972: 103), discordando do etnólogo britânico, generalizam o modelo dos *A'uwẽ* “Ocidentais” para todos os Xavante. Meus dados de campo, todavia, indicam que em Marãiwatsédé não existe *Topdató* enquanto clã. Esta informação pode ser extrapolada para outros grupos, como afirmo a partir do que nos informa Falleiros (2012: 239-250) que fez sua pesquisa entre os Xavante de Sangradouro (classificados como orientais por Maybury-Lewis), de Tsi’rui’a (2012: 63-68) que, pelo fato de ser Xavante, teve acesso a um número grande de interlocutores de diversos grupos *a'uwẽ*, e de Coimbra (*et al.*: 15), que esteve justamente em Pimentel Barbosa, local onde Maybury-Lewis fez boa parte de sua pesquisa. Tsi’rui’aé enfático ao afirmar que *Topdató* é uma atribuição ritual, uma pintura facial, que só é utilizada durante o



sistema dual que apresenta uma oposição conceitual e social básica entre waniwimhã ('nós', 'os do nosso lado') e tsiré'wa ('eles', 'os que estão separados de nós')"; (3) pelo peso atribuído à esta oposição *waniwimhã/tsiré'wa*<sup>53</sup>, que repercutiria de forma determinante na "terminologia de parentesco expressa por Maybury-Lewis através de uma **matriz binária** construída segundo os critérios de geração, sexo e descendência"; e (2) pela existencia de um terceiro clã (Ibid.: 62-63 [grifos meus]). Como demonstrarei adiante, no próximo capítulo, meus dados apontam para a irredutibilidade do sistema de parentesco *a'uwẽ* a uma matriz binária, logo, a um sistema de metades matrimoniais; parece, antes, manter uma integração dinâmica com essas últimas. Nesse sentido, segundo pude entender em Marãiwatsédé, *waniwimhã/tsiré'wa* que, segundo Maybury-Lewis, estruturaria todo o modo de pensar xavante, é uma expressão nativa para a distinção mesma metade exogâmica/outra metade exogâmica. Desta forma, não percebi em Marãiwatsédé (RAMIRES, 2014), assim como Vianna (2001: 103) em Sangradouro,

*uma importância tão intensa das categorias egocentradas waniwimhã e watsire'wa quanto somos levados a inferir pela leitura de Maybury-Lewis. Tais categorias tampouco ordenariam de modo tão global a aplicação da terminologia de parentesco quanto supôs o autor. [grifos do autor].*

Diante do que foi exposto, optei por pressupor em minha análise a existência das metades *Öwawẽ* e *Po'redza'õno* apenas, visto que as diferenças linguísticas e entre as formas de organizar as metades etárias existentes entre alguns grupos *a'uwẽ* não interferem no sistema de parentesco e na dinâmica matrimonial, objetos deste exercício. Isto torna desnecessária a distinção entre Xavante Ocidentais e Orientais.

### 1.2.2 – METADES ETÁRIAS

Como dito acima, outro sistema de metades que referencia a ordenação da vida social xavante é o *Dautsu*, ou sistema de metades etárias, composto por oito classes de idade divididas

---

<sup>53</sup> Contração de *watsire'wa*, palavra usada por Maybury-Lewis.

equitativamente em duas metades<sup>54</sup>, que possuem atribuições rituais específicas e competem durante o *Uiwede*. São elas: *Anorowa* (esterco), *Tsadaro* (sol), *Ai'rere* (pequena palmeira), *Hötora* (espécie de peixe), *Tirowa* (carrapato), *Êtepá* (pedra comprida), *Abare'u* (pé de pequi) e *Nodzö'u* (pé de milho). As metades são formadas por classes alternadas; assim, toda a classe de idade adjacente a um Ego determinado pertence à metade oposta à sua, e toda a classe de idade alternada pertence a sua mesma metade.

Conectado ao sistema de classes de idade e ao sistema de parentesco, existe o sistema de categorias de idade, ou *Dahöpirã* em xavante, que, a partir de parâmetros relacionados ao desenvolvimento físico e social do indivíduo, também serve de método de classificação social. Como recurso expositivo, objetivando facilitar o entendimento do leitor, usei a idade aproximada de cada categoria de idade. Assim, os Xavante dispõem das seguintes categorias para classificar homens: *aiuté*, até 2 anos de idade; *watébrémi*, de 2 a 8 anos de idade; *ai'repudu*, de 8 a 12 anos; *hö'wa* ou *wapté*, morador da casa dos solteiros, entre 12 e 17 anos; *'ritéi'wá*, recém-iniciado; *ĩprédupté*, iniciados responsáveis pela formação dos iniciandos da classe de idade alternada inferior; e *ĩprédu*, homem maduro. As mulheres também estão inseridas no sistema de classes de idade e, conseqüentemente, no sistema de categorias de idade, mas elas não ficam reclusas no *Hö*. Os parâmetros mobilizados para a inserção das mulheres no sistema de categorias de idade são o desenvolvimento físico e a reprodução. Assim, temos: *aiuté*, até 2 anos de idade; *baõno*, de 2 a 9 anos de idade, cujos seios não começaram a se desenvolver ainda; *adzarudu*, de 9 a 12 anos que, embora não esteja casada, está apta para tal; *tsoimbá*, menina a partir de 12 anos que já passou pelo ritual de casamento, mas que não tem filhos; e *ĩprédu*, mulher casada com filhos. Para facilitar o entendimento da imbricada relação entre ambos os sistemas, apresento uma sistematização da configuração de cada

---

<sup>54</sup> Estas metades, diferentemente das exogâmicas, não têm nomes fixos. Em Marãiwatsédé, os Xavante se referiam a elas usando os nomes das últimas classes de idade iniciadas de cada metade.

sistema e da conexão de ambos verificada em *Marãiwatsédé* entre 2009 e 2012. Para se ter uma ideia do caráter dinâmico dos sistemas e de suas implicações mútuas, descrevo as transformações desencadeadas com o *Danhõnõ*<sup>55</sup> realizado em 2012, em *Marãiwatsédé*, representadas pela tabela 2, abaixo. Observa-se que com a iniciação dos *Nodzö'u*, em 2012, esses passaram à categoria *'ritéi'wá*; os *Ētepá*, responsáveis pela iniciação dos *Nodzö'u*, passaram à categoria *ĩprédu*; os *Abare'u*, que ocupavam a posição *'ritéi'wá*, foram promovidos à *ĩprédupté* e passaram a ser responsáveis pela iniciação dos *Anorowa*, novos habitantes do *Hö*. Os *Nodzö'u* iniciados há mais de 40 anos e ainda vivos viram sua classe de idade se renovar e passaram a ser classificados como *Nodzö'u brada*<sup>56</sup>.

| TABELA 2 - CONFIGURAÇÃO DAS CLASSES DE IDADE EM MARÃIWATSÉDÉ |         |                     |                         |           |
|--------------------------------------------------------------|---------|---------------------|-------------------------|-----------|
| CLASSES DE IDADE (2009)                                      |         | CATEGORIAS DE IDADE | CLASSES DE IDADE (2012) |           |
| "ABARE'U" <sup>57</sup>                                      | "ĒTEPÁ" |                     | "ABARE'U"               | "NODZÖ'U" |
| Anorowa                                                      |         | ĩprédu              |                         | Tsadaro   |
|                                                              | Tsadaro |                     | Ai'rere                 |           |
| Ai'rere                                                      | Hõtora  |                     |                         | Hõtora    |
|                                                              |         |                     | Tirowa                  |           |
| Tirowa                                                       | Ētepá   | ĩprédupté           |                         | Ētepá     |
|                                                              |         | 'Ritéi'wá           | Abare'u                 |           |
| Abare'u                                                      | Nodzö'u | Hö'wa (Wapté)       |                         | Nodzö'u   |
|                                                              |         |                     | Anorowa                 |           |

### 1.2.3 – PARENTESCO

Embora faça uma análise mais detida do sistema de parentesco xavante no próximo capítulo, é importante abordá-lo, mesmo que de forma introdutória, para situá-lo no contexto mais amplo dos estudos de parentesco, adiantando alguns pontos, como as contradições que emergem das etnografias consultadas. Passo a discorrer sobre o surgimento do parentesco enquanto objeto legítimo de pesquisa antropológica e sobre as disputas em torno de seu

<sup>55</sup> Ritual de iniciação do jovem xavante. Para uma descrição do ritual ver Silva (2013).

<sup>56</sup> Também chamados, em sua forma contraída, de *Nodzö'u'rada*, que os *a'uwẽ* traduzem como *Nodzö'u* "velho".

<sup>57</sup> Como os Xavante faziam, nomeei as metades com os nomes das últimas classes de idade iniciadas. Com a iniciação dos *Nodzö'u*, a metade "*Ētepá*" passou a ser chamada "*Nodzö'u*".

significado por diferentes autores e escolas, com foco nas discussões em torno das terminologias bífidas, bem como na distinção categoria/genealogia, que geraram debates nas décadas de 1960 e 1970 e, por conseguinte, marcaram a etnografia de maior fôlego sobre parentesco xavante até este momento, que se encontra no trabalho de David Maybury-Lewis ([1967] 1984).

Não obstante a década de 1860 tenha sido marcada pela publicação de importantes obras para a antropologia do parentesco<sup>58</sup>, seria na década seguinte que esta “definiria pela primeira vez uma órbita própria, livre do campo gravitacional da história, do direito e da filologia” com a publicação de *Systems of Consanguinity and Affinity of the Human Family*, em 1871 (SILVA, 2010a: 324). Neste livro, Lewis Henry Morgan define o parentesco como “a expressão formal” e “o reconhecimento social das relações naturais entre os indivíduos” (Ibid.: 324 [grifos no original]), e “elege a relação entre padrões [semânticos], depreendidos dos vocabulários, e correlatos matrimoniais” como tema privilegiado, quando faz sua “célebre distinção [...] entre sistemas *descritivos* e *classificatórios*” (Ibid.: 324-325, [grifos no original]). Esses últimos operariam com a oposição paralelos/cruzados e neutralizariam a distinção lineares/colaterais, ao passo que estariam associados ao casamento de grupos. Já os sistemas *descritivos*, que estariam associados à família monogâmica, fim da escala evolutiva segundo as ideias correntes no meio antropológico da época, mobilizariam os mesmos parâmetros de forma inversa, neutralizando a oposição entre paralelos/cruzados e operando com a distinção lineares/colaterais. Para simples efeito de exposição, podemos reduzir os sistemas classificatórios às seguintes fórmulas, levando em conta apenas os parentes de G+1:  $F=FB\neq MB$  e  $M=MZ\neq FZ$ . Nesses sistemas, Ego usaria um mesmo termo para F e FB, e um distinto para MB, enquanto classificariam M e MZ da mesma forma, e as distinguiriam de FZ. Nos sistemas descritivos, usando os mesmos parâmetros, as fórmulas seriam as seguintes:  $F\neq FB=MB$  e

---

<sup>58</sup> “O Direito Materno (1861), de Johann Jakob Bachofen, *Lei Antiga* (1861), de Henry Sumner Maine, e *Casamento Primitivo* (1865), de John Ferguson McLennan”. (SILVA, 2010a: 324).

M≠MZ=FZ. Aqui distingue-se F e M de seus irmãos. Convém ressaltar que os princípios usados por Morgan permitem comparar diversos sistemas de parentesco a partir das oposições e correlações de posições genealógicas que dariam forma aos sistemas classificatórios e descritivos<sup>59</sup>. Não demorou muito para que o modelo de Morgan sofresse críticas. Cinco anos após a publicação de sua obra, o escocês John Ferguson McLennan acusou Morgan de, dentre outras coisas, atribuir aos vocabulários “uma importância sociológica que eles não tinham, já que não passavam de fórmulas de boas-maneiras selvagens” (Ibid.: 326), uma espécie de sistemas de saudações.

No início do século seguinte, em um importante artigo para os estudos de parentesco, Kroeber ([1909] 1969), sem fazer qualquer menção a McLennan, critica os pressupostos de Morgan. Segundo ele, a distinção “entre sistemas de parentesco descritivos e sistemas classificatórios” carecia “de uma base de sustentação”, pois os “termos de parentesco refletem a Psicologia, não a Sociologia”, e seriam “determinados, antes de mais nada, pela língua” (Ibid.: 24-25)<sup>60</sup>.

Rivers ([1913] 1991: 84-85), ao pressupor a “intima conexão entre a terminologia das relações de parentesco e as instituições sociais”, apoiado em fortes argumentos sobre a relação entre terminologia e o “costume amplamente difundido, conhecido como matrimônio entre primos cruzados”, se alinhou a Morgan no debate sobre a relação entre terminologias de parentesco e instituições sociais.

---

<sup>59</sup> As afirmações de Morgan são fruto da análise de cento e trinta e nove sistemas de parentesco oriundos de diversas regiões do mundo. Estas terminologias foram inseridas em formulários, pensados pelo próprio Morgan, que contemplavam mais de duzentas posições genealógicas possíveis e que foram enviados a missionários e agentes coloniais por meio da Smithsonian Institution e do Serviço consular norte-americano. (Ibid.: 324). Com exceção de povos localizados nos Estados Unidos e no México, a quase totalidade dos povos americanos ficou de fora da grande síntese de Morgan. Volto a este tema adiante.

<sup>60</sup> Convém dizer que neste mesmo texto ele identificou, há mais de um século, “princípios ou categorias [...] subjacentes” aos diversos vocabulários de parentesco (Ibid.: 16-17). No próximo capítulo uso este artigo de Kroeber em minha descrição das terminologias de parentesco xavante.

No clássico texto sobre o *método genealógico*, como bem observou Silva (2010a: 329), Rivers ([1910] 1969: 28) indaga sobre os nomes dos “pais biológicos” de seu interlocutor, embaralhando “biologias nossas e nativas [...] em um *corpus* genealógico” (SILVA, 2010a: 329). Questão que seria corrigida pelo autor alguns anos mais tarde, quando opôs “nitidamente os conceitos de *parentesco* e *consanguinidade* [...] entendidos como fenômenos da cultura e natureza, respectivamente”, tal como percebido por Durkheim, em 1898, quando nos alertava que “uma genealogia, como objeto da ciência social, **de maneira nenhuma se reporta a fenômenos biológicos, mas essencialmente ao universo das representações**”, algo que “corresponde à presunção da relação de parentesco tal como é estabelecida pelo nativo, e isso é o que tem importância” (Ibid.: 330 [grifos meus]).

No final da década de 1920, a classificação dos sistemas de parentesco pensada por Morgan foi substituída no âmbito dos estudos antropológicos pela tipologia proposta por Lowie (1968: 42) que, acreditando esgotar as possibilidades lógicas de classificação dos parentes em G+1 por parte de um Ego determinado, propõe quatro grandes tipos de terminologias de parentesco<sup>61</sup>. São eles *Geracional* (F=FB=MB), *Fusão Bifurcada* (F=FB≠MB), *Colateralidade Bifurcada* (F≠FB≠MB) e *Linear* (F≠FB=MB). Com impacto considerável nos estudos de parentesco, George Peter Murdock publicou, em 1949, seu *Social Structure*. Nessa obra, diferentemente de Lowie, ele observou a forma que Ego classificava seus parentes em G0 para definir seis macrotipos de sistemas de parentesco. São eles *Havaiano* (B/Z=FBCh/MZCh=FZCh/MBCh), *Iroquês* (B/Z=FBCh/MZCh≠FZCh/MBCh), *Crow/Omaha* (B/Z=FBCh/MZCh≠FZCh≠MBCh), *Esquimó* (B/Z≠FBCh/MZCh=FZCh/MBCh) e *Sudanês* (B/Z≠FBCh/MZCh≠FZCh/MBCh). Iroquês, Crow (matrilinear) e Omaha (patrilinear) correspondem ao tipo “fusão bifurcada” de Lowie que, segundo Silva (2010b: 176), já assinalava “uma tripartição no interior” desses sistemas. Ainda

---

<sup>61</sup> Françoise Héritier (1997: 32 [grifos no original]) afirma que Lowie engana-se, pois, “ao propor esta classificação, ele não faz um inventário das *possibilidades lógicas*, mas apenas das que efectivamente são realizadas”. A possibilidade ausente seria MB=F≠FB.

sobre Murdock, “as diferentes combinações de cada padrão com diferentes regras de descendência” geravam

*os assim denominados “tipos primários de organização social”, todos rotulados com etnônimos, assim como fez com as terminologias, o que gerou alguma confusão com os rótulos. Por exemplo, o tipo primário de organização social “Dakota” é uma combinação de vocabulário “iroquês” e descendência “patrilinear”, o tipo “Iroquês” por seu turno, uma combinação de vocabulário “iroquês” e descendência “matrilinear” etc. Não contente com a hiperinflação de termos exóticos, os tipos primários de Murdock se desdobravam em uma grande quantidade de subtipos como “Sudanês-Normal”, “Neo-Havaiano”, “Bi-Fox”, “Avuncu-Nankanse” etc., que não conheço quem os saiba de cor. (Ibid.: 177).*

Antes de Murdock publicar seu livro, todavia, Radcliffe-Brown ([1941] 1969), tido como principal expoente do estrutural-funcionalismo britânico, refutando as teses da história conjectural, cara a Morgan e Rivers, propõe uma “análise sociológica ou estrutural”. A aplicação de seu método resultou na *teoria da descendência* que repousava sobre a tese de que as terminologias seriam “aplicações especiais do princípio geral de solidariedade e continuidade de linhagem” e do princípio de unidade do grupo de *siblings* (RADCLIFFE-BROWN, [1941] 1969: 86-87). Em 1949, Lévi-Strauss ([1967] 2008f), no bojo da *teoria da aliança* por ele proposta, relaciona a regra de casamento de primos cruzados à manifestação, no plano do parentesco, do princípio de reciprocidade, interpretando os sistemas terminológicos de “duas seções” *isogeracionais*<sup>62</sup>, cujas “terminologias prescrevem o casamento com um certo tipo de parente” (LÉVI-STRAUSS, [1967] 2008f: 19), como associados a uma estrutura elementar de aliança, a “troca simétrica”. Já na década de 1950, ainda na esteira da teoria da aliança, Louis Dumont (1953), partindo de seu estudo das terminologias dravidianas da Índia do Sul, descarta os princípios da *teoria da descendência* em favor da *regra positiva de casamento*, que operaria a partir da configuração de quatro princípios<sup>63</sup> comuns às estruturas do mesmo tipo que as dravidianas. De todas, a distinção mais importante no modelo proposto por Dumont é a que

<sup>62</sup> Este sistema estava inicialmente indiferenciado no tipo “fusão bifurcada” de Lowie (1968) e, posteriormente, foi distinguido dos sistemas de duas seções *intergeracionais* Crow e Omaha, e batizado de Iroquês por Murdock.

<sup>63</sup> São eles: distinção de geração; distinção de sexo; distinção de idade; e distinção entre consanguíneos e afins.

opõe diametralmente *consanguíneos* e *afins*, tomados como correlatos nativos do contraste entre parentes *paralelos* e *cruzados*. Sua análise mostra a irrelevância da presença de grupos de descendência unilinear para o funcionamento dos sistemas de duas seções com regra positiva de casamento, pois a aliança constitui-se num princípio de perpetuação tão eficaz quanto à descendência, porque se transmite a afinidade como se transmite a consanguinidade.

Trazendo a discussão para a porção subandina da América do Sul, as chamadas *terras baixas* do subcontinente (VIVEIROS DE CASTRO, 1995: 11), constatamos que essa região “sempre teve um lugar menor na reflexão sobre o parentesco. Ausentes da síntese fundadora de Morgan, as sociedades das terras baixas da América do Sul” (VIVEIROS DE CASTRO, 1993: 150) são incorporadas às tentativas de constituição de macrotipologias de Kirchoff, na década de 1930, e de Murdock,

*onde exemplificam, junto a inúmeras outras, os tipos básicos de terminologia [...]. Servindo para evocar os traços formais mais gerais dos vocabulários de parentesco, tais rótulos exóticos continuam empregados para a América tropical, onde mais atrapalham que esclarecem, pois, ou eles supõem correlatos institucionais inexistentes, ou se limitam a designar o que não são capazes de explicar, remetendo a uma álgebra semântica sociologicamente vazia. (Ibid.: 150).*

Só no fim da década de 1960 tem início o chamado “período moderno” da reflexão sobre o parentesco nas terras baixas da América do Sul, com os estudos sobre os Jê e Bororo do Brasil Central e os relacionados aos Caribe e demais povos da Guiana<sup>64</sup>. Um dos primeiros antropólogos a fazer trabalho de campo junto a um povo de língua Jê neste período foi Maybury-Lewis, que iniciou sua pesquisa entre os Xavante em 1958, depois de uma estadia entre os Xerente. A posição teórica adotada em seu trabalho refletia um antigo debate iniciado com Morgan e McLennan<sup>65</sup>. Maybury-Lewis ([1965] 1975; [1967] 1984) fazia eco as colocações

<sup>64</sup> Para uma reflexão detalhada dos estudos de parentesco realizados no Brasil e as matrizes teóricas que os embasaram desde antes do “período moderno” ver Laraia (1987).

<sup>65</sup> Que opunha os estudiosos que viam nas terminologias conexões com instituições sociais e nas posições genealógicas fenômenos não triviais (Morgan, Rivers, Lowie, etc...) aos que interpretavam os vocabulários de parentesco como simples regras de etiqueta (McLennan e Kroeber), ou algo parecido, com nenhuma ou pouca importância sociológica.

de Beattie ([1964] 1975: 156) sobre a impossibilidade de o parentesco “ser reduzido a um conjunto de enunciados sobre conexões genealógicas”. Desta forma, ao estudar o vocabulário de parentesco *a’uwẽ* o foco do antropólogo britânico recai exclusivamente sobre as “regras (ou princípios) que governam a terminologia” (MAYBURY-LEWIS, [1967] 1984: 279). Fazendo isso, nega qualquer importância da conexão entre terminologia e relações genealógicas para uma compreensão antropológica menos superficial do parentesco, não só dos *A’uwẽ*, mas dos Jê de modo geral. Desse prisma, a terminologia de parentesco não seria mais que um idioma a permear as relações sociais, perspectiva que influenciou um volume considerável de pesquisas sobre estes povos.

Os Jê do Brasil Central “fazem sua aparição na etnologia como exemplos sul-americanos de organizações dualistas (entendidas como sistemas de metades exogâmicas)” (GORDON, 1996: 199) a partir das três monografias de Nimuendaju sobre os Timbira, Xerente e Apinayé, escritas na primeira metade do século XX. Não obstante a importância dos estudos do etnólogo teuto-brasileiro, “é somente a partir da década de 60 que se consolida o que podemos chamar da ‘visão (ou interpretação) moderna’ das sociedades Jê” (Ibid: 52), com o surgimento do Harvard Central Brazil Project – HCBP, coordenado por Maybury-Lewis e Roberto Cardoso de Oliveira, entre os anos 1962 e 1967<sup>66</sup>. A meta desse projeto era realizar “um estudo comparativo das sociedades Jê, baseado em uma série de pesquisas individuais, cobrindo uma parte representativa dos grupos” (Ibid.: 53). Se o parentesco foi considerado relevante para as primeiras discussões sobre aqueles povos, o HCBP procede a uma “dissolução [...] ‘culturalista’ do domínio do parentesco entre os Jê e os Bororo [...] sua estrutura social foi recodificada a partir de princípios outros que a descendência ou a aliança de casamento” (VIVEIROS DE CASTRO, 1993: 155), consequentemente

---

<sup>66</sup> É importante sublinhar que, não obstante a década de 1960 seja tida como o início do período moderno da etnologia sul-americana, o antropólogo norte-americano Willian Crocker já se encontrava entre os Canela-Ramkokamekra, timbira orientais habitantes do Maranhão, desde meados da década de 1950.

*os regimes matrimoniais permaneceram indeterminados; a ênfase na especificidade dos princípios estruturais daquelas sociedades isolou-os na paisagem sul-americana, dificultando a comparação e a generalização; a redução analítica do parentesco não se acompanhou de uma reflexão propriamente sociológica. (Ibid.: 155).*

Antes mesmo do HBCP, Maybury-Lewis ([1967] 1984: 279) já propunha que as categorias de parentesco xavante expressavam a distinção radical que estabelecem entre *Waniwimhã/Watsire'wa*<sup>67</sup>, não entre *consanguíneos* e *afins*. Embora tenha adotado uma perspectiva frente ao material xavante muito próxima a de Maybury-Lewis, Lopes da Silva (1986: 25) identifica uma forte presença de modelos africanos em sua análise da organização social *a'uwẽ*. Essa percepção não é isolada, ou seja, não diz respeito apenas a etnografia em foco, pois a partir da segunda metade dos anos 1970 “os estudos de parentesco na Amazônia experimentam um *boom*” após o XLII Congresso de Americanistas que marcou o reconhecimento da “falência dos modelos clássicos [...] de descrição da estrutura social” e apontou a “necessidade de se forjar uma linguagem adequada à realidade etnográfica, reemergindo-se o parentesco em sistemas mais amplos de classificação e em concepções cosmológicas globais.” (VIVEIROS DE CASTRO, 1993: 155-158).

No bojo desse movimento, propondo a substituição dos “rótulos exóticos”<sup>68</sup> pelo termo *dravidiano* por remeter “à teoria de Louis Dumont, pondo em primeiro plano **a dimensão matrimonial** (a ‘regra positiva de casamento’) dos sistemas assim rotulados, e filia[r] os fatos sul-americanos aos paradigma interpretativo da matriz indiana”, Viveiros de Castro (Op. cit.: 151 [grifos meus]) observa que as semelhanças entre as duas regiões etnográficas não se resumem à “correlação global entre um paradigma terminológico e uma norma de casamento análogos”, pois, na verdade, apresentam “semelhanças tão notáveis que” o “problema passa a ser o de determinar as [...] propriedades específicas da paisagem ameríndia”. Partindo desse contexto e tomando um caminho alternativo ao de alguns “dravidianistas”, que procuravam “resguardar a

<sup>67</sup> Segundo o autor ([1967] 1984: 06), os Xavante concebem “a maior parte de suas atividades cruciais [...] em termos da dicotomia *waniwimhã* (nós)”, que estão do meu lado, que fazem parte da minha linhagem/facção, e “*watsire'wa* (eles)”, os que estão separados de mim, que não fazem parte da minha linhagem/facção.

<sup>68</sup> Como Dakota, Fusão bifurcada, etc.

dimensão estrutural pura da terminologia, em **sua natureza categorial e categórica**, em seu **dualismo diametral**, em sua expressividade histórica e formal da aliança simétrica”, Viveiros de Castro (Op. cit.: 164 [grifos meus]) coloca que a

*diferenciação terminológica e/ou normativa entre parentes ‘próximos’ ou ‘verdadeiros’ e parentes ‘distantes’ ou ‘classificatórios’ [...] introduz um **componente genealógico e/ou geográfico** que interfere estruturalmente na sintaxe binária do paradigma dravidiano. (Ibid.: 165 [grifos meus]).*

No próximo capítulo, veremos que, no presente caso, o componente genealógico inflete o vocabulário de parentesco. Antes, porém, convém apresentar algumas das ambigüidades que cercam do objeto a ser descrito e comparado no capítulo a seguir. Embora existam muitos estudos sobre os Xavante, os pesquisadores que dispensaram alguma atenção menos superficial ao seu sistema de parentesco<sup>69</sup> o fizeram por esse aspecto da vida *a’uwẽ* possibilitar um melhor entendimento de seus respectivos objetos de pesquisa, dado o espaço que o parentesco ocupa no sistema social xavante. Soma-se a esse fato a variedade de perspectivas teóricas que orientavam os estudiosos em suas atividades. Esses dois fatores, que possivelmente não são os únicos, nos ajudam a entender as origens das ambigüidades que emergem da comparação dos dados trazidos pela bibliografia etnológica sobre o sistema de parentesco xavante, desde os clássicos de Maybury-Lewis ([1967] 1984: 276-304), Giaccaria e Heide (1972: 101-106) e Lopes da Silva (1986), até os provenientes de pesquisas recentes, como a de Vianna (2001: 100-141), de Falleiros (2012: 87-259) e a minha (RAMIRES, 2014). Nesse sentido, Maybury-Lewis ([1967] 1984: 276), mesmo desqualificando o método utilizado para a classificação dos sistemas de parentesco em macro-tipologias, enquadrava a terminologia xavante no tipo “dakota”, não sem chamar a atenção para semelhanças com os sistemas dravidianos de Dumont (1953). Vianna (2001: 119) entrevia, com Giaccaria e Heide (1972: 105), “um perfil ‘havaiano’”; já Falleiros (2012: 149), reconhecendo que colheu “poucas evidências [...] sobre a terminologia de

---

<sup>69</sup> Como já foi dito, o trabalho de maior fôlego foi o de Maybury-Lewis (1984 [1967]), que dedicou um capítulo de sua monografia a este tema.

parentesco”, sugere “a intrusão de uma inflexão de feição (ou máscara) crow-omaha”. Eu mesmo (RAMIRES, 2014), com foco justamente no vocabulário de parentesco *a’uwẽ*, percebi que o sistema xavante pode ser classificado como de “fusão bifurcada isogeracional e sexualmente simétrica” (VIVEIROS DE CASTRO, 1996: 60), algo próximo dos sistemas amazônicos, de tipo dravidiano, mais ou menos como entrevisto por Maybury-Lewis (1984 [1967]: 279).

O que não varia nos estudos citados é o fato do sistema de parentesco em tela ser não-elementar. Sistemas desse tipo se caracterizam definir a orientação das alianças de forma negativa; no caso xavante, a regra incide sobre um grupo determinado: não se deve casar dentro da própria metade. No decorrer da dissertação esclareço melhor esses pontos.

## CAPÍTULO 2 – TERMOS E ATITUDES A’UWĚ

Os objetivos neste capítulo são dois: (a) descrever, sistematizar e comparar três diferentes registros etnográficos da terminologia de parentesco xavante; e (b) identificar possíveis preferências matrimoniais nos mesmos registros. Antes de passar para os vocabulários, faço uma breve explanação sobre a idéia de parentesco e outras categorias analíticas, bem como sobre o método usado.

Parentesco é tomado aqui como o conjunto particular de relações que unem os homens entre si mediante laços baseados na **consanguinidade** e na **afinidade** enquanto relações socialmente reconhecidas (HÉRITIER, 1997: 28 [grifos meus]). Pressuponho que esta distinção categorial entre *parentes interditados ao matrimônio* (consangüíneos) e *indivíduos casáveis* (afins) é “uma das dimensões constitutivas do **parentesco humano**” (VIVEIROS DE CASTRO, 2002: 406 [grifos meus]), “sistema arbitrário de representação” que só existe na consciência dos homens (LÉVI-STRAUSS, [1945] 2008a: 64) e que é instaurado pela proibição do incesto (LÉVI-STRAUSS, [1967] 2008f). Seu estudo recobre tradicionalmente os níveis analíticos *categorial*, *jural* e *comportamental* que podem variar independentemente e, por isso, precisam ser examinados e analisados independentemente, segundo Barnard & Good (1984: 9 et seq.). Com base nessa divisão analítica, Silva (2014: 2 [grifos no original]) propõe um método de abordagem unificado em que, após uma distribuição inicial dos dados etnográficos entre os três níveis analíticos, tal como sugerem Barnad & Good (Op. cit.), os memos sejam colocados num mesmo plano para serem examinados e analisados em suas relações mútuas. Retomo este ponto logo adiante, mas antes preciso definir o sentido de alguns conceitos.

Para Silva (2014: 2), o domínio *categorial* corresponde ao plano semântico, que “compreende formas de classificação, definidas em uma dada cultura, que fornecem o suporte conceitual pelo qual um coletivo organiza suas relações de parentesco”. Via de regra, o domínio

*categorial* se manifesta por meio das terminologias que, entre os povos ameríndios, são executadas em interação com outras formas de determinação do parentesco, como no caso dos grupos de língua *Kawahib*<sup>70</sup>, por exemplo, entre os quais “a classificação concêntrica do vocabulário dravidiano é executada em contraponto com a classificação diametral do *sistema de metades exogâmicas*” (SILVA, 2014: 2 [grifos meus]). O plano *normativo* está relacionado aos modelos conscientes nativos, responsáveis pela organização das ideias e valores que definem proscições, prescrições e tendências matrimoniais, “direitos e obrigações, padrões atitudinais, etc., que se manifestam em crenças, ideologias, costumes e instituições, de alguma forma, implicadas no parentesco” (Ibid.: 2). O plano das *práticas* “é aquele voltado ao modo como os atores de fato moldam continuamente suas redes de parentesco, que evoluem em estado de *turbulência permanente* (Ibid.: 2 [grifos no original]), objeto de análise da Máquina do Parentesco (MaqPar).

Sobre as dificuldades que cercam o uso do método, o Silva nos lembra (2014: 2-3) que “categorias, regras e práticas não reúnem fenômenos necessariamente congruentes, mas podem ser até mesmo contraditórios”. Para superar esse impasse, propõe o uso da noção lévi-straussiana de “integração dinâmica” que, inicialmente usada para definir o *sistema de atitudes*, emerge como uma forma de integrar e superar incongruências e/ou contradições (LÉVI-STRAUSS, [1945] 2008a: 51) entre fenômenos de ordens de realidades distintas. O conceito também remete à ideia de que “nenhum destes três planos deve ser tomado como determinante. No lugar disso, devemos entendê-los como níveis de repercussão do termo subordinante do parentesco, a *troca*, condição necessária e suficiente para a sua definição” (SILVA, 2014: 3), que decorre da *proibição do incesto*. Esta, por sua vez, se manifesta a partir de

*sistemas complicados de distinções terminológicas, de interdições, de prescrições ou de preferências [que] nada mais são do que processos destinados a repartir as*

---

<sup>70</sup> É um grupo da família linguística Tupi-Guarani que habita o vale do Rio Madeira. Cf. Peggion (1996).

*famílias por campos rivais ou aliados, entre os quais poderá e deverá desenrolar-se o grande jogo do casamento (LÉVI-STRAUSS, [1983] 1986: 92).*

A análise comparativa dos registros terminológicos e de seus correlatos ideológico-institucionais, tal como proposta neste capítulo, busca justamente lançar luz sobre a face positiva desta repartição das famílias em uma cultura específica, buscando apreendê-la a partir da descrição e sistematização de dados etnográficos pertinentes aos domínios *categorial* e *normativo*. A análise do plano *categorial* ocupa um espaço significativo aqui, mas isso não quer dizer que a dimensão *normativa* seja menos importante. Na verdade, o alto grau de homogeneidade das descrições existentes neste último plano analítico permite um tratamento simplificado do material.

As terminologias de parentesco são tomadas aqui como subordinadas a troca e, nesse sentido, seu propósito primeiro é gerar “possibilidades ou impossibilidades de matrimônios, quer diretamente entre pessoas que se tratam por certos termos, quer indiretamente entre as que se tratam por termos derivados, de acordo com regras determinadas, dos usados por seus ancestrais” (LÉVI-STRAUSS, [1965] 1969). Meu balanço tenta ser exaustivo ao comparar três versões do vocabulário de parentesco xavante: a do antropólogo britânico David Maybury-Lewis ([1967] 1984), a dos padres salesianos Giaccaria & Heide (1972), e a que sistematizei a partir de minha experiência entre os Xavante de Marãiwatsédé (RAMIRES, 2014). Os trabalhos de Lopes da Silva (1986), Vianna (2001), Lachnitt (2003), Tsi’ruí’a (2012) e Falleiros (2012) também foram usados neste exercício e contribuíram sobremaneira para a discussão, mas por não apresentarem termos de alguma forma sistematizada e/ou um vocabulário razoavelmente completo não foram analisados exaustivamente. Convém dizer que, devido à instabilidade verificada na classificação de alguns parentes, foi preciso distinguir entre os aspectos *denotativos* e *conotativos* dos termos. Desta forma, os primeiros indicariam “o elemento estável, não subjetivo e analisável fora do discurso, da significação de uma unidade lexical enquanto a

conotação é constituída por seus elementos subjetivos e variáveis segundo o contexto” (SILVA, 2009: 163 [grifos no original]).

Na difícil tarefa de cotejar dados etnográficos de origens diversas sem mutilá-los no processo de manipulação necessário para torná-los comparáveis, é fundamental contextualizá-los, apresentando os princípios teóricos adotados por cada pesquisador quando de sua produção. Inclinações de ordem epistemológica não são triviais se o objetivo é comparar etnografias dispersas no tempo e no espaço, pois são responsáveis por cortes no material empírico que podem deixar informações, tidas como importantes se observadas de outra perspectiva, de fora. Assim, antes de apresentar as terminologias de cada autor faço uma breve introdução a fim de trazer elementos que evidenciem as preferências teóricas de cada etnógrafo, quando foi possível, pois estou lidando com modelos sociológicos, não dados brutos. Queiramos “ou não, é o que fazemos todos quando nos envolvemos nesse tipo de discussão”, lembra-nos Lévi-Strauss ([1960] 2013: 89).

Seguindo essa linha, ao abordar o sistema de denominações, foi preciso tornar as terminologias contidas nas etnografias comparáveis, modelando-as a partir de uma mesma grade, verificando uma possível redução a fatores ou propriedades comuns. Para esse fim, recorri a Kroeber, antropólogo que identificou oito princípios semânticos subjacentes a diversos vocabulários de parentesco<sup>71</sup> em um texto já centenário (KROEBER, [1909] 1969: 16-17). Adaptado ao material em exame, seu método permitiu-me estabelecer “relações entre propriedades selecionadas, abstratas e simplificadas” (BOURDIEU *et al.*, [1968] 2007: 68) das

---

<sup>71</sup>Distinção: (1) entre mesma geração e geração diferente; (2) entre paralelos e colaterais; (3) de idade relativa numa mesma geração (sênior/junior); (4) de sexo de Alter; (5) de sexo de Ego; (6) do sexo do parente de ligação; (7) entre relações de consanguinidade e de afinidade; (8) da condição de vida (se vivo ou morto, se casado ou solteiro, se uma esposa ou se uma irmã, por exemplo) do parente de ligação. Como veremos adiante, alguns desses princípios não são mobilizados pelos vocabulários xavante, assim como outras distinções emergiram no interior de algumas das oposições dadas inicialmente quando confrontadas com a etnografia.

terminologias, procedimento fundamental para a descrição e sistematização das mesmas, etapas importantes na construção de modelos suscetíveis a uma comparação minimamente controlada.

As “lentes” usadas nesse processo foram fornecidas pela teoria da aliança, inaugurada por Lévi-Strauss ([1967] 2008f), mais especificamente por seus desdobramentos sul-americanos recentes (VIVEIROS DE CASTRO, 1996; DAL POZ & SILVA, 2008; SILVA 2012; 2014), que forneceram ferramentas que me permitiram isolar *as propriedades distintivas da aliança de suas manifestações genealógicas*. Parto do pressuposto evocado acima, de que um vocabulário de parentesco qualquer tem como função primeira regular o matrimônio, para postular que casar-se *como* um parente não significa casar-se *com* um parente, pois

a especificação genealógica do cônjuge como cruzado é um caso-limite de sua determinação categorial como ‘afim’; o casamento com um cognato cruzado é a redução ‘elementar’ de uma estrutura de repetição de alianças que não possui especificação genealógica *a priori* (VIVEIROS DE CASTRO, 1996: 35).

Adianto que o vocabulário de parentesco xavante apresenta qualidades que autorizam sua aproximação ao *dravidiano amazônico* ou *concêntrico* (VIVEIROS DE CASTRO, 1993; 1996). Nesse sentido, lembro que, diferentemente do que Dumont (1953; [1971] 1975) postulava para os sistemas dravidianos indianos, no dravidiano amazônico, a distinção terminológica consanguíneo/afim, de caráter diametral e de conteúdo categorial, não coincide com a distinção genealógica paralelo/cruzado nem com a distinção sociológica uterino/agnático (VIVEIROS DE CASTRO, 1996: 31).

Posto isso, e seguindo uma ordem cronológica, inicio a apresentação dos termos de parentesco que serão descritos e comparados neste capítulo pelos dados do primeiro antropólogo a realizar pesquisa de campo entre os Xavante, David Maybury-Lewis ([1984] 1967). Posteriormente, trago à baila o vocabulário presente em Giaccaria & Heide (1972) e, por fim, apresento meus dados de campo.

## 2.1 – TERMINOLOGIA DE PARENTESCO XAVANTE SEGUNDO MAYBURY-LEWIS

No prefácio à edição brasileira do clássico “*A Sociedade Xavante*”, onde busca esclarecer alguns pontos da primeira edição de seu livro, tidos como obscuros, Maybury-Lewis adverte para o fato da obra fazer “**parte de uma investigação comparativa sobre as sociedades indígenas do Brasil Central** [...] que, embora possa ser lido por si só e como uma monografia autocontida [...] foi **pensado como contribuição a um estudo comparativo muito mais amplo**” (MAYBURY-LEWIS, [1967] 1984: 3 [grifos meus]). Também assinala que o trabalho deve ser lido contra o pano de fundo de sua discussão com Lévi-Strauss<sup>72</sup> e que, embora seja um ensaio elaborado sob a forma de uma análise estrutural, afasta-se do uso convencional do método por enfatizar a relação entre teoria e prática social, ou seja, por não se prender exclusivamente a análise de categorias culturais, mas por buscar relacionar deliberadamente “categorias culturais a regras sociais e padrões de ação” (MAYBURY-LEWIS, [1967] 1984: 4-5), fazendo eco a já citada clássica divisão dos fenômenos do parentesco entre os planos *categorial*, *jural* e *comportamental* (BARNARD & GOOD, 1984: 13-14; SILVA, 2014: 1-3).

As categorias culturais fundamentais a que Maybury-Lewis ([1967] 1984: 05-06) se refere acima e que, segundo ele, permeiam todo o pensamento *a’uwẽ* são *waniwimhã*, “os do meu lado”, e *watsiré’wa*, “os do outro lado”. Para o autor, suas conotações precisas dependem, sobretudo, do contexto sociopolítico. Essas categorias configurariam, a partir de uma oposição complementar, “uma teoria da dialética social e do lugar do indivíduo nessa teoria” (MAYBURY-LEWIS, [1967] 1984: 08) donde derivariam, também, as categorias de parentesco *a’uwẽ*. Ao proceder desta forma, Maybury-Lewis coloca o parentesco como parte de um sistema classificatório mais amplo, negando seu *status* de instância totalizadora da sociedade primitiva, como propunha Radcliffe-Brown ([1950] 1982: 25), e descola seu estudo das relações

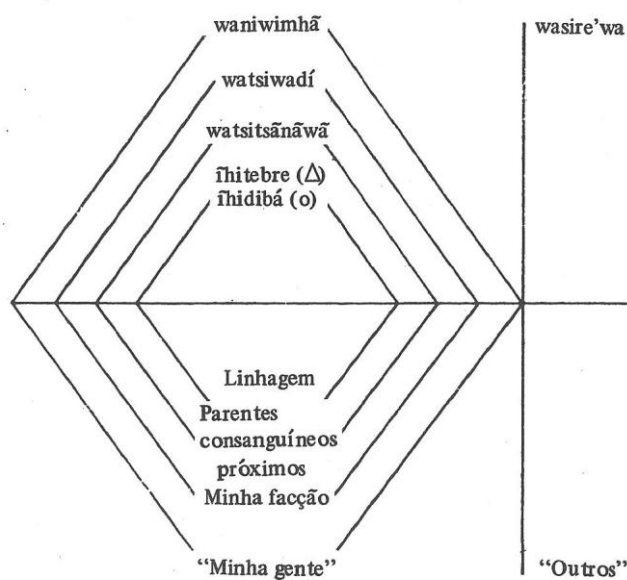
<sup>72</sup> Por questões colocadas em seus trabalhos sobre os povos indígenas do Brasil Central, especialmente os reunidos na seção “Organização social” de *Antropologia Estrutural* (LÉVI-STRAUSS, 2008b; 2008c; 2008e).

genealógicas, fazendo uma leitura do parentesco *a'uwẽ* que pode-se chamar de “categorista”. Nesse sentido, pondera que os elementos fundamentais do sistema de parentesco xavante seriam expressos nas relações “entre as esferas de existência pública e privada, entre fórum e o grupo doméstico, entre masculinidade e feminilidade enquanto conceitos teóricos” (MAYBURY-LEWIS, [1967] 1984: 08): o ambiente privado, o grupo doméstico e a feminilidade estariam associados, em algum nível, às *relações cognáticas*, de *parentesco*, de *filiação*; enquanto a esfera pública, o fórum e a masculinidade remeteriam quase que estritamente às *relações agnáticas*, *linhageiras*, de *descendência*.

No que tange aos padrões de ação, seria também a partir da oposição entre as categorias *waniwimhã* e *watsiré'wa* que “o pensamento Xavante, no que diz respeito à composição de grupos sociais”, se expressaria em termos de agrupamentos políticos temporários que Maybury-Lewis ([1967] 1984: 05) nomeou facções. Já se chamou a atenção para o peso que as relações sóciopolíticas têm no modelo descrito, algo não trivial notado por Coelho de Souza (2002: 481-482), que ressalta o viés “politicista” do livro. De fato, impossível ler “*A Sociedade Xavante*” e não se lembrar dos escritos de Evans-Pritchard (EVANS-PRITCHARD, [1940] 2011), devido à importância que a dimensão política e a descendência têm no sistema de parentesco *a'uwẽ*, tal qual apresentado por Maybury-Lewis. Assim, mesmo sem fazer referência direta, ele parte da distinção conceitual entre *filiação* e *descendência* (EVANS-PRITCHARD & FORTES, [1940] 1981: 33), cara à antropologia social britânica, e associa este último conceito levi-straussianamente (LÉVI-STRAUSS, [1956] 2008e) a um par de esquemas dualistas correlacionados. Desta forma, temos uma estrutura diametral expressa na oposição entre as categorias *waniwimhã* e *watsiré'wa*, relacionada à outra, igualmente dual, mas concêntrica, que dispõe indivíduos uns em relação aos outros de modo desigual segundo um gradiente de viés sociopolítico que tem como núcleo uma classe restrita de parentes na qual relações genealógicas agnáticas poderiam ser objetivamente traçadas para a composição de coletivos incorporados: a *linhagem*. Vejamos

como se dá esta coexistência entre duas estruturas duais, que operam lógicas distintas, segundo um esquema retirado diretamente de *A Sociedade Xavante*.

**DIAGRAMA 1 - CLASSIFICAÇÃO SOCIAL XAVANTE SEGUNDO MAYBURY-LEWIS<sup>73</sup>**



Fonte: Reproduzido de Maybury-Lewis (1984 [1967]: 226).

Como se pode observar no diagrama acima, a *linhagem* constitui o núcleo de um sistema concêntrico de quatro círculos, onde estariam dispostos todos os grupos classificados como *waniwimhã*, e para além dos quais se localizariam coletivos *watsire'wa*. Aos membros da *linhagem* se aplicariam os termos de parentesco *ĩhitebre* (B e FBS) e *ĩhidibá* (Z e FBD); este núcleo estaria envolvido pelo segundo círculo, composto por *parentes consanguíneos próximos*, que seriam classificados como *watsitsãñwã*; grupos do terceiro círculo, chamados de *watsiwadí*, corresponderiam ao que Maybury-Lewis ([1967] 1984: 225 [grifo meu]) chamou de *facção*, ou seja, um coletivo formado “por uma linhagem e seus correligionários, que podem ser outras linhagens do mesmo clã, indivíduos isolados, **ou mesmo linhagens de outro clã**”. No limite de *waniwimhã*, no quarto e último círculo, estariam localizados grupos categorizados

<sup>73</sup> Optei por apresentar cópias digitais dos originais neste caso e em outros que seguem para que o leitor possa checar as informações que embasam esta discussão. Também transcrevo os termos respeitando a grafia usada por cada autor.

genericamente como *minha gente*, além dali estariam os *watsire'wa*, categoria que engloba formalmente os Xavante “de outro clã”, de “outra metade” (Ibid.: 283).

Pode-se observar que, ao caracterizar a facção *a'uwẽ*, o autor agrupa sob a categoria *waniwimhã* coletivos classificados, segundo a divisão em metades, como *tsiré'wa*. Desta forma, seu modelo do esquema sociopolítico *a'uwẽ* descola a distinção *waniwimhã/tsiré'wa* do suporte genealógico quando usada além das fronteiras dos “parentes consanguíneos próximos”, fazendo com que sua aplicação na classificação social passe, nesses termos, a ser determinada pelo contexto sociopolítico que, por sua vez, é definido pela estrutura faccionária da comunidade (MAYBURY-LEWIS, [1967] 1984: 224 *et seq.*), ou seja, pela correlação de forças entre facções políticas dentro de uma aldeia. Vejamos como funcionaria esse esquema, tendo sempre em mente a estrutura representada pelo diagrama 1, acima. No contexto da *linhagem* (núcleo da estrutura concêntrica), um indivíduo qualquer classificará uma outra pessoa, que não seja do mesmo patriclã, como *tsiré'wa*. Essa relação é replicada no segundo círculo, onde estão situados os *parentes consanguíneos próximos*. É no contexto mais abrangente da *facção* que a inflexão do **sistema concêntrico sociopolítico na oposição diametral entre as categorias *waniwimhã/tsiré'wa*** se expressa, propiciando uma classificação menos matizada, dada a possibilidade deste grupo político ser composto por linhagens de outro clã<sup>74</sup>, transformando agrupamentos *tsiré'wa* em *waniwimhã*. Dessa *relatividade contextual* da aplicação das categorias *waniwimhã/tsiré'wa*, que delimitam as fronteiras dos grupos sociopolíticos, subjaz, acredito, uma tentativa de adequar a *relatividade estrutural* do “princípio de segmentação” africanista (EVANS-PRITCHARD, [1940] 2011: 155 *et seq.*) ao inconstante material xavante, num movimento de descolamento da análise das conexões genealógicas observáveis ou presumíveis

<sup>74</sup> Esta tendência de consanguinizar afins terminológica e/ou atitudinalmente a partir não só de alianças políticas, como neste caso, mas pela proximidade geográfica (co-residência, etc.) e/ou genealógica (como parece ser o caso xavante), é algo comum entre os povos indígenas sul-americanos. A este respeito ver Silva (1995, 2009), Pereira (1999) e Viveiros de Castro (1993; 1996), para citar apenas alguns exemplos.

entre os indivíduos<sup>75</sup>. Se grupos *tsiré'wa* podem ser terminologicamente assimilados a *waniwimhã* do ponto de vista da classificação sociopolítica, da perspectiva do parentesco *stricto sensu*, ou infra-linhageiro, núcleo do sistema concêntrico onde imperariam as relações cognáticas,

*a tendência é selecionar pessoas ou classes de pessoas a partir dos laços específicos de afinidade que tenham contraído com Ego ou sua linhagem e distingui-los terminologicamente do conjunto dos "Outros" [tsiré'wa]. As pessoas assim diferenciadas pertencem [...] a três classes: a) membros mais velhos da linhagem da mãe de Ego; b) pessoas que se casaram com membros da linhagem de Ego; c) membros do grupo doméstico da esposa de Ego." (MAYBURY-LEWIS, 1984 [1967]: 288).*

Essa diferenciação das relações de afinidade é semelhante à distinção que registrei em Marãiwatsédé e a que se pode inferir dos dados de Giaccaria & Heide, com a diferença de que nestes dois casos a classe de parentes "a", que Maybury-Lewis chama de "afins", é agrupada sob a categoria *consanguinidade*, enquanto as outras duas (classe "b" e "c") continuam situadas no campo da *afinidade*. Essa discrepância entre as etnografias se deve (é hipótese minha) ao fato de Giaccaria & Heide e eu considerarmos a terminologia em si mesma, não em relação a outros aspectos, como o sistema sociopolítico, por exemplo<sup>76</sup>. Desta forma, na classe "a" estão os *congñatos cruzados*<sup>77</sup>, classificados como consanguíneos. Sobre as classes "b" e "c" repousa efetivamente o signo da afinidade. Ambas correspondem, respectivamente, a *tomadores* e *doadores* de mulheres desde o ponto de vista androcêntrico adotado pelo autor e de uso corrente nessa seara de estudos. Minha opção por distribuir diversamente as classes de parentes que Maybury-Lewis agrupa sob a categoria da afinidade encontra respaldo em sua

<sup>75</sup> Se Evans-Pritchard ([1940] 2011: 106) deixa de lado unidades menores que as aldeias por estarem baseadas em relações de parentesco (leia-se cognáticas), Maybury-Lewis exclui de sua análise unidades menores que as linhagens por remeterem igualmente aos grupos domésticos, a periferia da aldeia, ou seja, a cognação. Não obstante esse fato, aqui e ali pululam argumentos lastreados por dados genealógicos e cognáticos; seja em seu gradiente de atitudes polarizado pelos parentes *classificatórios* e *reais* (MAYBURY-LEWIS, [1967] 1984: 287-294, 302) ou na discussão que faz sobre possibilidades e impossibilidades matrimoniais (MAYBURY-LEWIS, [1967] 1984: 291-293).

<sup>76</sup> Trata-se, de minha parte, de um procedimento inicial de estudo do sistema de parentesco, baseado em Dumont (1953: 35), que consiste em tomar as terminologias de parentesco em si mesmas nas análises. Giaccaria & Heide, como veremos, não tinham a ambição de inserir seus dados etnográficos em um modelo antropológico específico.

<sup>77</sup> São os parentes cruzados de 1º grau de um Ego qualquer (σZCh, MB, FZCh, etc.).

própria etnografia. Para o autor, membros do grupo doméstico da M de Ego, afins de sua linhagem, parecem ser os *watsiré'wa* mais próximos, pois tudo se passa como se os parentes matrilaterais reais de G+1 “ficassem isentos das desagradáveis conotações de afinidade”, porque são “eles os únicos *watsiré'wa* que se podem tratar como se fossem *waniwimhã*”, pois “não há um contraste agudo entre ‘pai’ [...] e o ‘irmão da mãe’ [...] embora a ideologia Xavante seja decididamente patrilinear”(MAYBURY-LEWIS, [1967] 1984: 293). Esta “consanguinização” de parentes *watsiré'wa* no campo das atitudes e das práticas ocorre não apenas em G+1, mas também em G0 e G-1, pois, embora existam matrimônios entre parentes cruzados próximos, nunca se tratou, “porém, de casamentos com a prima cruzada ou com a filha da irmã” (MAYBURY-LEWIS, [1967] 1984: 294). Esses fatos encontram correspondência em descrições feitas por mim (RAMIRES, 2014) e por Giaccaria & Heide (1972).

O que vem a seguir é fundamental para a compreensão de pontos de convergência e de afastamento entre a minha abordagem e a de Maybury-Lewis. Esse último ([1967] 1984: 276, *et seq.*) pressupõe que a descrição adequada de uma terminologia de parentesco deveria explicar as regras de acordo com as quais as categorias são ordenadas, indicando a necessidade de uma concentração maior nos princípios que governam a mesma que a ênfase em exemplos típicos, como as listas genealógicas (MAYBURY-LEWIS, 1967] 1984 [: 278-279). Procedendo dessa forma, aplica seus pressupostos ao material xavante e apresenta um conjunto de termos dispostos em um quadro confeccionado com base numa matriz binária formulada a partir da distinção entre *waniwimhã* e *watsiré'wa*, sinalizando para uma possível aproximação aos sistemas dravidianos de Dumont (1953), não sem alertar quanto a “diferenças notáveis, especialmente no que diz respeito ao lado ‘afim’” (MAYBURY-LEWIS, [1967] 1984: 279), sem deixar muito claro, no entanto, quais seriam essas diferenças. Nesse sentido, em páginas anteriores, Maybury-Lewis ([1967] 1984: 223) pondera que a distinção fundamental do pensamento xavante (*waniwimhã/watsiré'wa*) é análoga à oposição entre “parentes” e “afins” descrita por Dumont

para alguns povos da Índia do sul e que, *em certos casos*, pode ser uma tradução adequada<sup>78</sup>.

Esta indefinição se verifica também em outra passagem, quando pondera que

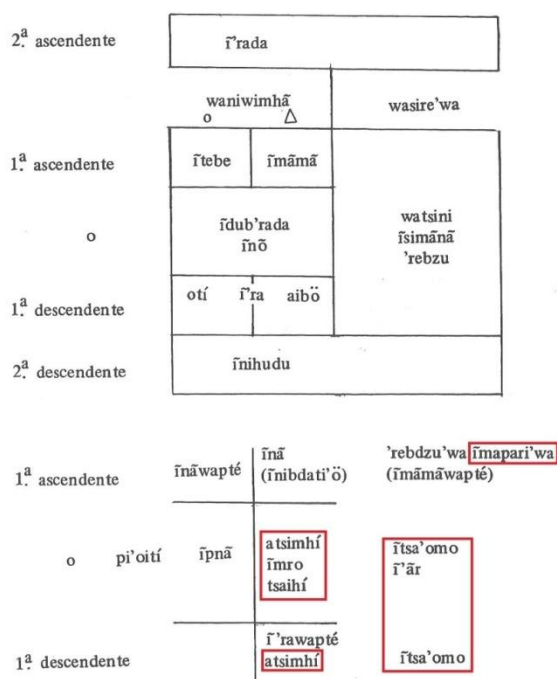
*os sistemas de duas seções expressam, por definição, uma oposição binária básica que permeia as sociedades em que se manifesta [...] Entre os Xavante, essa oposição se dá entre waniwimhã e watsiré'wa mas afirmar qual o conteúdo de cada um não é tarefa simples. É definido, em parte, pelo equilíbrio de forças entre as facções, em parte pelo sistema de metades (entre os Xavante Ocidentais), em parte por uma diferenciação entre parentes consanguíneos e afins [...] essa antítese constitui uma modalidade de código ou de fórmula que permeia a sociedade Xavante. A compreensão do mundo Xavante depende, em ampla medida, de uma compreensão desse código. (MAYBURY-LEWIS, [1967] 1984: 303-304).*

Como meu objetivo neste capítulo não é compreender o que seria o mundo *a'uwẽ*, mas descrever e comparar versões de seu vocabulário de parentesco tal qual emergem dos trabalhos ora abordados, buscando isolar suas constantes e relacioná-las, no próximo capítulo, ao funcionamento real do sistema de alianças xavante, passo a argumentar que subjaz às etnografias um esquema conceitual que, fundado na oposição categorial e concêntrica consanguíneo/afim (VIVEIROS DE CASTRO, 1996), se materializa num vocabulário de parentesco tripartido que reverbera no campo das atitudes de forma surpreendente.

---

<sup>78</sup> Acredito que essa não equivalência absoluta se deve a dois fatos: ao (a) já assinalado fato do universo *watsiré'wa* ser dividido entre afins e consanguíneos, corroborado pela etnografia de Maybury-Lewis, como podemos perceber no diagrama 2, abaixo, que traz termos específicos para afins; e pela (b) ambiguidade da M, pois ela mesma poderia ser classificada como afim por um Ego qualquer, no limite, caso essa equivalência fosse absoluta. Esse último ponto será discutido adiante.

## DIAGRAMA 2 - TERMINOLOGIA DE PARENTESCO XAVANTE SEGUNDO MAYBURY-LEWIS



Fonte: Reproduzido de Maybury-Lewis ([1967] 1984: 277).

O primeiro ponto a chamar a atenção no diagrama principal (onde constam gerações mediais e distais) é o método usado para a sistematização dos termos, pois a confecção do mesmo foi baseada em uma matriz binária, em detrimento da complexidade dos dados *a'uwẽ*. Maybury-Lewis ([1967] 1984: 280) é categórico ao afirmar que só “os termos que, de alguma forma, são definidos pela matriz aparecem dentro dela”, e que os termos que relaciona abaixo da matriz denotam subcategorias ou posições genealógicas únicas. O segundo ponto a ser notado, que advém do primeiro, diz respeito a não equivalência entre *watsiré'wa* e parentes afins no âmbito infra-linhageiro, domínio das relações cognáticas: os termos contornados em vermelho são específicos para afins, fato que indica um ternarismo paralelos/cruzados/afins que não é apresentado de forma explícita por Maybury-Lewis. Pelo fato de meu interesse não repousar, como já foi dito, sobre as relações sociopolíticas xavante e sua inflexão no sistema de denominações, mas no sistema de parentesco, tomo a oposição entre *waniwimhã* e *watsiré'wa*,

dado o princípio de patrilinearidade, como “mesma metade” e “outra metade”, respectivamente.

Antes de passar para a análise da terminologia propriamente dita, convém dizer onde Maybury-Lewis foi buscar seus dados. O antropólogo esteve em três aldeias diferentes e que congregavam distintos grupos *a'uwẽ*. As aldeias eram Simões Lopes, São Marcos e São Domingos<sup>79</sup>, e foram visitadas entre 1958 e 1964, ou seja, a cerca de meio século antes da minha primeira visita a uma aldeia xavante, realizada em 2009. Em Simões Lopes, o antropólogo britânico esteve em agosto de 1962, quando lá residiam 175 *a'uwẽ*, distribuídos em 16 casas. Quando visitou São Marcos, dois anos mais tarde, esta era a maior aldeia xavante, onde habitavam aproximadamente 350 pessoas, residentes em 32 casas. São Domingos contava com 220 pessoas e 17 casas, em 1958, e com 110 indivíduos e 10 casas, em 1962. Foi nessa última aldeia que Maybury-Lewis fez boa parte de sua pesquisa de campo. Embora não tenha visitado Marãiwatsédé, esse grupo se faz presente em seu texto, quando relata que até 1962 ainda não tinha contato com eles e estima a população em 150 pessoas. Além disso, aponta para a presença de pessoas vindas de lá em São Domingo, a quem chama de “refugiados”, provavelmente por terem procurado evitar as funestas consequências das disputas faccionais em seu território natal.

### **2.1.1 – ANÁLISE DA TERMINOLOGIA REGISTRADA POR MAYBURY-LEWIS**

Para a confecção de todos os diagramas e tabelas que seguem, bem como para a exposição dos dados, adotei os seguintes critérios. A divisão principal é entre Ego do sexo masculino e Ego do sexo feminino. Outra informação importante é que segui as distinções propostas por cada etnografia, quando existiram, na subdivisão dos dados. Nesse sentido, no caso da sistematização e descrição dos dados de Maybury-Lewis, os termos estão separados de

---

<sup>79</sup> Cf. mapa 2, p. 41, para a localização das aldeias à época em que a pesquisa foi realizada.

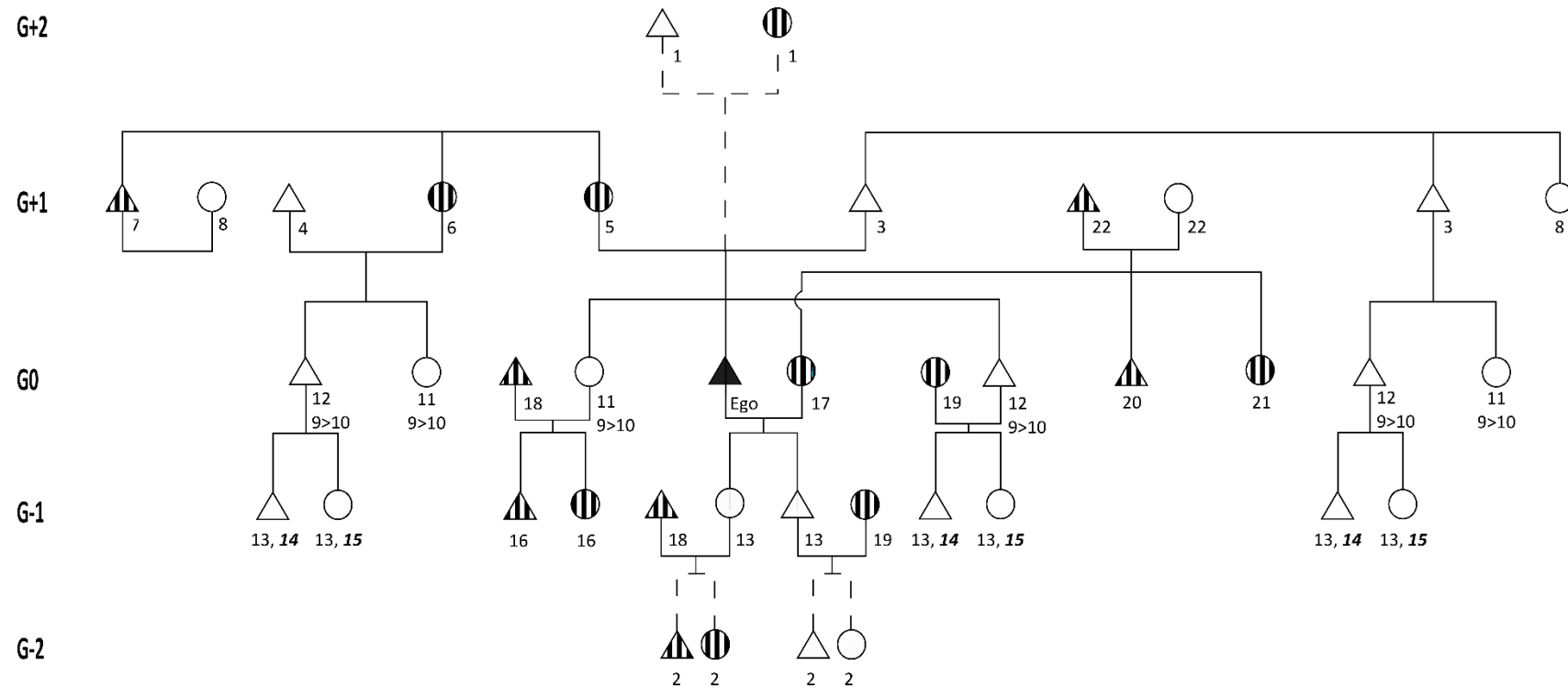
acordo com as categorias *waniwimhã* e *watsiré'wa*, no sentido acima definido. Também distingo *termos de referência* dos *termos vocativos*<sup>80</sup>, e termos para *gerações mediais* (G0 e G±1) dos termos para *gerações distais* (G±2). Essa última diferenciação ocorre devido à neutralização das distinções *waniwimhã/watsiré'wa*, no caso de Maybury-Lewis, e consanguíneo/afim, em Giaccaria & Heide (1972) e nos dados oriundos de Marãiwatsédé, a partir de G±2. Antes de apresentar os diagramas, convém fazer alguns comentários sobre sua configuração: (1) segui a notação tradicionalmente usada nos estudos de parentesco<sup>81</sup>; (2) com o objetivo de otimizar o espaço, usei linhas pontilhadas para indicar relações com parentes situados nas gerações distais, que podem partir teoricamente de qualquer indivíduo situado no diagrama em G+1 para outro qualquer em G+2; em G-1 e G-2 ocorre a mesma coisa; (3) para distinguir “irmãos mais novos” de “irmãos mais velhos” uso o sinal “>”; (4) os números de identificação relacionados a cada termo serão usados durante todo o exercício; (5) distingo “*termos de referência*” de “*termos vocativos*” grafando estes últimos em negrito e itálico, tanto nos diagramas quanto nas tabelas.

---

<sup>80</sup> Também conhecidos como *termos de tratamento*, são usados para *falar com um parente* determinado, enquanto os *termos de referência* são utilizados para *designar um parente de quem se fala* (AGASSIAN, *et al.*, [1975] 2003: 49).

<sup>81</sup> Onde triângulos representam homens e círculos mulheres, linhas verticais conectando indivíduos indicam relações de filiação, linhas horizontais por cima remetem a laços de germanicidade em comum e linhas horizontais por baixo representam casamentos. Cf. o quadro “Sistema de Notação” nos elementos pré-textuais desta dissertação.

**DIAGRAMA 3 - TERMINOLOGIA DE PARENTESCO XAVANTE SEGUNDO MAYBURY-LEWIS (EGO MASCULINO)**



**TERMOS DE REFERÊNCIA**

|                |                |                 |
|----------------|----------------|-----------------|
| 1 - Ī'rada     | 7 - Īmāmāwapté | 13 - Ī'ra       |
| 2 - Īnihúdu    | 8 - Ītebe      | 16 - Ī'rawapté  |
| 3 - Īmāmā      | 9 - Īdub'rada  | 17 - Ī'mro      |
| 4 - Inamté     | 10 - Īno       | 18 - Ītsa'omo   |
| 5 - Īnibdati'ö | 11 - Īhidibá   | 20 - Ī'ări      |
| 6 - Īnã        | 12 - Īhitebre  | 22 - Īmapari'wa |

**TERMOS VOCATIVOS**

**14 - Aibö**  
**15 - Otí**  
**19 - Atsimhí**  
**21 - Tsaihi**

□ Waniwimhã  
 ▨ Watsiré'wa

Começo a descrição do sentido dos termos extraídos de Maybury-Lewis ([1967] 1984) pelas gerações distais para, em seguida, tratar do conjunto de termos destinados a consanguíneos e afins, situados nas gerações mediais. Os números de identificação usados nos diagramas estão inseridos na primeira coluna, *registro*, que é seguida da coluna *termo*, onde consta o vocabulário de parentesco. As duas últimas colunas, *relações* e *sentido*, trazem algumas posições genealógicas cobertas por cada termo e uma tentativa de síntese do sentido dos mesmos, respectivamente. Adianto que procedi da mesma forma com os diagramas e as tabelas correspondentes a cada registro terminológico analisado.

| TABELA 3 - TERMOS PARA GERAÇÕES DISTAIS SEGUNDO MAYBURY-LEWIS |                     |                      |                                      |
|---------------------------------------------------------------|---------------------|----------------------|--------------------------------------|
| REGISTRO                                                      | TERMO               | RELAÇÕES             | SENTIDO                              |
| 1                                                             | ĩrada <sup>82</sup> | FF, MF, FM, MM, etc. | Qualquer parente de G+2 e seguintes. |
| 2                                                             | ĩnihúdu             | SCh, DCh, etc.       | Qualquer parente de G-2 e seguintes. |

Já foi dito que nesse conjunto de termos as oposições mesma metade/outra metade e consanguíneos/afins não operam, aí se distingue apenas a geração. Passo para a descrição das gerações mediais (tabela 4) e, na sequência, apresento o diagrama 4, com os termos para Ego feminino, que é sucedido pela descrição do vocabulário ali apresentado (tabela 5), com exceção dos termos para gerações distais que são os mesmos para Ego masculino.

| TABELA 4 - TERMOS PARA GERAÇÕES MEDIAIS SEGUNDO MAYBURY-LEWIS (EGO MASCULINO) |       |                           |                                              |
|-------------------------------------------------------------------------------|-------|---------------------------|----------------------------------------------|
| REGISTRO                                                                      | TERMO | POSIÇÕES                  | SENTIDO                                      |
| 3                                                                             | ĩmãmã | F, FB, FFBS, FFFBSS, etc. | Consanguíneos do sexomascuino, paralelos, de |

<sup>82</sup> Uso “ĩ”, prefixo pessoal da primeira pessoa do singular (LACHINITT, 2003: 96, 35), na transcrição dos termos de referência. Fiz essa opção por constarem desta forma nos originais.

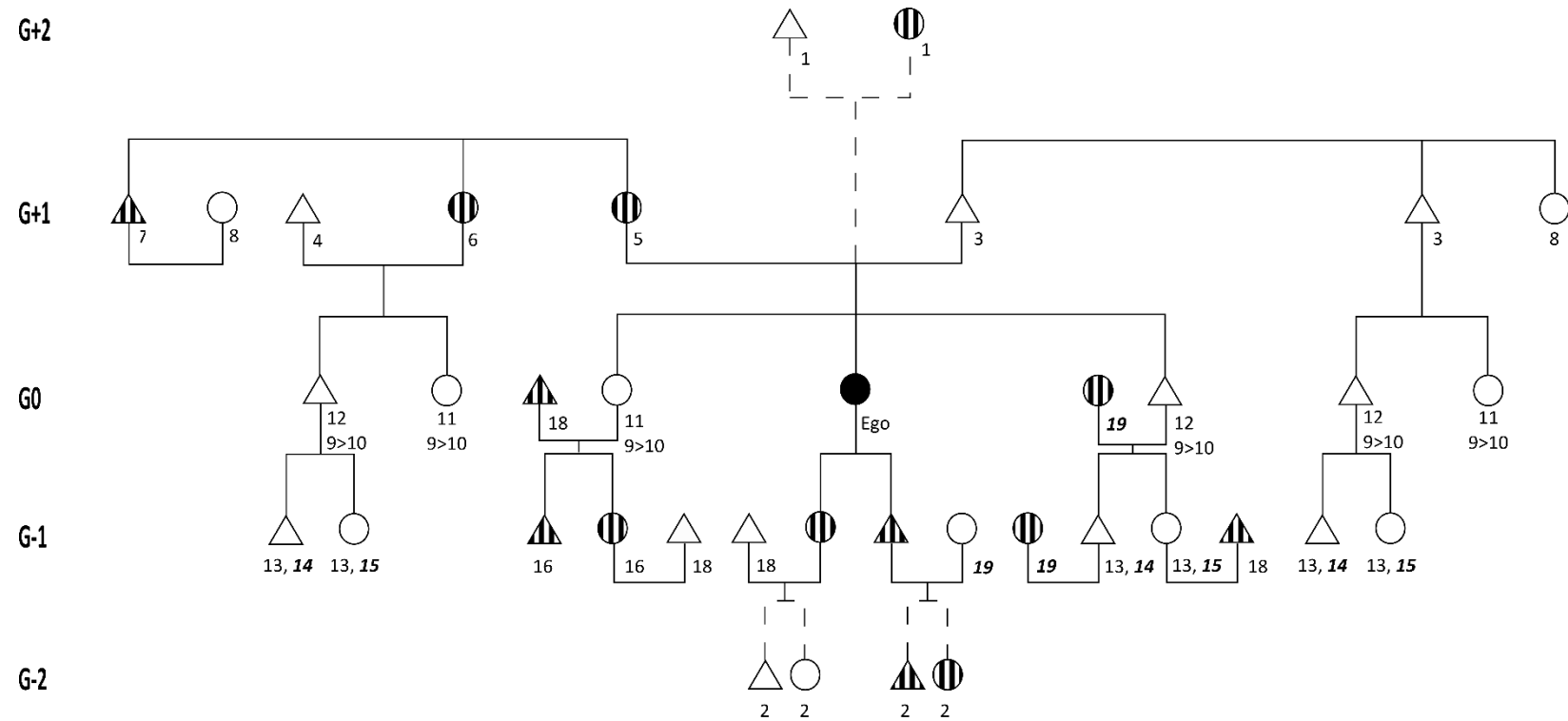
|    |             |                               |                                                                                   |
|----|-------------|-------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------|
|    |             |                               | G+1 e de mesma metade próximos <sup>83</sup> .                                    |
| 4  | Inanté      | MZH                           | Consanguíneos do sexomascuino, paralelos, de G+1, de mesma metade distantes.      |
| 5  | Ĩnibdati'ö  | M                             | Consanguíneos do sexo feminino, lineares, de G+1, de outra metade.                |
| 6  | Ĩnã         | MZ, MFBD, MFFBSD, etc.        | Consanguíneos do sexo feminino, de G+1, de outra metade, matrilineares.           |
| 7  | Ĩmãmãwapté  | MB                            | Consanguíneos do sexo masculino, cruzados, de G+1, de outra metade.               |
| 8  | Ĩtebe       | FZ, FFBD, FFFBSD, etc.        | Consanguíneos, do sexo feminino, cruzados, de G+1 e de mesma metade.              |
| 9  | Ĩdub'rada   | eB, eZ, eFBCh, eMZCh, etc.    | Consanguíneos, paralelos, de G0, de mesma metade e mais velhos.                   |
| 10 | Ĩno         | yB, yZ, yFBCh, yMZCh, etc.    | Consanguíneos, paralelos, de G0, de mesma metade e mais novos.                    |
| 11 | Ĩhidibá     | Z, FBD, MZD, etc              | Consanguíneos do sexo feminino, paralelos, de G0 e de mesma metade.               |
| 12 | Ĩhitebre    | B, FBS, MZS, etc.             | Consanguíneos do sexo masculino, paralelos, de G0 e de mesma metade.              |
| 13 | Ĩ'ra        | Ch, BCh, FBSCCh, MZSCCh, etc. | Consanguíneos, paralelos, de G-1 e de mesma metade.                               |
| 14 | <b>Aibö</b> | BS, FBSS, MZSS, etc.          | Consanguíneos do sexo masculino, paralelos, de G-1, de mesma metade patrilineais. |

<sup>83</sup> Fazem parte dos princípios acrescentados aos de Kroeber ([1909] 1969) a oposição *próximo/distante* que, como a distinção sociológica cognato/não-cognato, é de natureza concêntrico-contínua e contém uma referência genealógica não-trivial (VIVEIROS DE CASTRO, 1993: 166). Assim, o significado da oposição próximo/distante é relativo, segundo se oponha parentes agnáticos (mesma linha/outra linha) ou uterinos (cognato/não-cognato). Outros princípios de oposição acrescentados aos originais são a distinção entre *doadores* e *tomadores* e entre *mesma metade* e *outra metade*. No decorrer do texto apresento o conteúdo dessas categorias com base em exemplos etnográficos.

|    |                        |                           |                                                                                   |
|----|------------------------|---------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------|
| 15 | <b>Otí</b>             | BD, FBSD, MZSD, etc.      | Consanguíneos do sexo feminino, paralelos, de G-1, de mesma metade patrilaterais. |
| 16 | ĩrawapté <sup>84</sup> | Zch                       | Consanguíneos, cruzados, de G-1, de outra metade.                                 |
| 17 | ĩmro                   | W                         | Esposa.                                                                           |
| 18 | ĩtsa'omo               | ZH, FBDH, etc.            | Afins de mesmo sexo, de G0, de outra metade, tomadores de mulheres.               |
|    |                        | DH, BDH, ZDH, FBSDH, etc. | Afins de mesmo sexo, de G-1, de outra metade, tomadores de mulheres.              |
| 19 | <b>Atsimhí</b>         | BW, FBSW, etc.            | Afins de sexo oposto, de G0 e de outra metade.                                    |
|    |                        | SW, BSW, FBSSW, etc.      | Afins de sexo oposto, de G-1 e de outra metade.                                   |
| 20 | ĩãri                   | WB                        | Afins de mesmo sexo, de G0, de outra metade, doadores de mulheres.                |
| 21 | <b>Tsaihí</b>          | WZ                        | Afins de sexo oposto, de G0 e de outra metade.                                    |
| 22 | ĩmapari'wa             | WF, WM, etc.              | Afins de G+1.                                                                     |

<sup>84</sup> Maybury-Lewis afirma que se trata de ZCh quando pequenos, mas não mostra qual seria o termo adequado quando adultos, como pode-se observar na figura 1, p. 77, adiante. Convém dizer que esta distinção entre termos empregados para parentes de acordo com seu desenvolvimento físico e social, existente apenas para cruzados de G-1 em Maybury-Lewis, é uma característica do sistema *a'uwẽ* e opera na classificação de alguns parentes consanguíneos das gerações mediais. É aí que se faz sentir de modo mais intenso a inflexão dos *sistemas de classes de idade* e de *categorias de idade* na terminologia de parentesco. Pelos motivos já explicitados no começo deste capítulo, não abordarei esta convergência entre os sistemas aqui, me detendo apenas neste ponto em uma pequena discussão por sua importância para meu argumento sobre a instabilidade na classificação de uma classe específica de parentes, que está na raiz de boa parte das divergências lexicais encontradas nos vocabulários xavante presentes em diferentes etnografias.

**DIAGRAMA 4 - TERMINOLOGIA DE PARENTESCO XAVANTE SEGUNDO MAYBURY-LEWIS (EGO FEMININO)**



**TERMOS DE REFERÊNCIA**

|                |                |
|----------------|----------------|
| 1 - ĩ'rada     | 7 - ĩmāmāwapté |
| 2 - ĩnihúdu    | 8 - ĩtebe      |
| 3 - ĩmāmā      | 9 - ĩdub'rada  |
| 4 - ĩnamté     | 10 - ĩno       |
| 5 - ĩnibdati'ö | 11 - ĩhidibá   |
| 6 - ĩnã        | 12 - ĩhitebre  |

|                |
|----------------|
| 13 - ĩ'ra      |
| 16 - ĩ'rawapté |
| 18 - ĩtsa'omo  |

**TERMOS VOCATIVOS**

|                     |
|---------------------|
| <b>14 - Aibö</b>    |
| <b>15 - Otí</b>     |
| <b>19 - Atsimhí</b> |

|  |            |
|--|------------|
|  | Waniwimhã  |
|  | Watsiré'wa |

TABELA 5 - TERMOS PARA GERAÇÕES MEDIAIS SEGUNDO MAYBURY-LEWIS (EGO FEMININO)

| REGISTRO | TERMO       | POSIÇÕES                   | SENTIDO                                                                        |
|----------|-------------|----------------------------|--------------------------------------------------------------------------------|
| 3        | Ĩmãmã       | F, FB, FFBS, FFBSS, etc.   | Consanguíneos do sexo masculino, paralelos, de G+1 e de mesma metade próximos. |
| 4        | Inanté      | MZH                        | Consanguíneos do sexo masculino, de G+1 e de mesma metade distantes.           |
| 5        | Ĩnibdati'ö  | M                          | Consanguíneos do sexo feminino, lineares, de G+1, de outra metade.             |
| 6        | Ĩnã         | MZ, MFBD, MFBSD, etc.      | Consanguíneos do sexo feminino, de G+1, de outra metade matrilaterais.         |
| 7        | Ĩmãmãwapté  | MB                         | Consanguíneos do sexo masculino, de G+1, de outra metade.                      |
| 8        | Ĩtebe       | FZ, FFBD, FFBSD, etc.      | Consanguíneos do sexo feminino, cruzados, de G+1 e de mesma metade.            |
| 9        | Ĩdub'rada   | eB, eZ, eFBCh, eMZCh, etc. | Consanguíneos, paralelos, de G0, de mesma metade e mais velhos.                |
| 10       | Ĩno         | yB, yZ, yFBCh, yMZCh, etc. | Consanguíneos, paralelos, de G0, de mesma metade e mais novos.                 |
| 11       | Ĩhidibá     | Z, FBD, MZD, etc           | Consanguíneos do sexo feminino, paralelos, de G0 e de mesma metade.            |
| 12       | Ĩhitebre    | B, FBS, MZS, etc.          | Consanguíneos do sexo masculino, paralelos, de G0 e de mesma metade.           |
| 13       | Ĩ'ra        | BCh, FBSh, MZSch, etc.     | Consanguíneos, cruzados, de G-1 e de mesma metade.                             |
| 14       | <b>Aibö</b> | BS, FBSS, MZSS, etc.       | Consanguíneos do sexo masculino, cruzados, de G-1, de mesma metade.            |

|    |                |                           |                                                                          |
|----|----------------|---------------------------|--------------------------------------------------------------------------|
| 15 | <b>Otí</b>     | BD, FBSD, MZSD, etc.      | Consanguíneos do sexo feminino, cruzados, de G-1, de mesma metade.       |
| 16 | ĩrawapté       | Zch                       | Consanguíneos, paralelos, de G-1, de outra metade.                       |
| 18 | ĩtsa'omo       | ZH, FBDH, etc.            | Afins do sexo masculino, de G0, de outra metade, tomadores de mulheres.  |
|    |                | DH, BDH, ZDH, FBSDH, etc. | Afins do sexo masculino, de G-1, de mesma metade, tomadores de mulheres. |
| 19 | <b>Atsimhí</b> | BW, FBSW, etc.            | Afins de mesmo sexo, de G0, de outra metade tomadores de homens.         |
|    |                | BSW, FBSSW, etc.          | Afins do sexo feminino, de G-1, de outra metade tomadores de homens.     |

Os termos presentes nos diagramas e tabelas acima, e boa parte das informações relacionadas a cada um, foram extraídos do quadro “*Categorias de parentesco*” (MAYBURY-LEWIS, [1967] 1984: 277), apresentado no diagrama 2<sup>85</sup>, e do “*Apêndice 2*”, intitulado “*Terminologia de parentesco: termos usados pelas mulheres*” (Ibid.: 280-281), apresentado na figura 1, abaixo<sup>86</sup>. Convém dizer que encontrei dificuldades significativas para modelar esta versão do sistema de denominações *a’uwẽ* devido a vários motivos. Cito alguns: (1) a ausência de registro de termos para algumas posições importantes, principalmente para Ego do sexo feminino, como fica claro no confronto entre os diagramas 3 e 4; (2) a inexistência de referência aos primos cruzados; (3) a ausência de referência a algumas posições em G+1 e G0 para Ego feminino; e (4) a ênfase do autor em seu modelo dualista, que submete outros sistemas classificatórios, como o parentesco, por exemplo, à dinâmica da correlação entre a oposição

<sup>85</sup> Cf. p. 66, acima.

<sup>86</sup> Cf. p. 77.

diametral e categorial *waniwimhã/watsiré'wa* e a oposição concêntrica de caráter sociopolítico que tem como centro a linhagem e força motriz, o faccionalismo.

As opções teórico-metodológicas de Maybury-Lewis (Ibid.) determinaram o recorte, a escolha dos dados etnográficos e a análise dos mesmos; comigo não acontece diferente. Nesse sentido, meu objeto, neste capítulo, é distinto do de Maybury-Lewis, que se preocupava com uma compreensão global da “*Sociedade Xavante*”, que serviria de apoio para mirar outros coletivos centro-brasileiros (Idem, 1979). Para tanto, optou pela oposição já citada à exaustão, como fundamental para a compreensão da sociedade *a'uwẽ*. Como me debruço sobre uma dimensão determinada da vida social xavante, optei por postular a distinção entre consanguinidade e afinidade como central no universo do parentesco *a'uwẽ*<sup>87</sup>, não entre *waniwimhã* e *watsiré'wa*, como veremos a partir da próxima seção. Volto à análise dos dados de Maybury-Lewis.

Para compor o quadro apresentado nos diagramas e tabelas, esforcei-me para distinguir os significados denotativos e conotativos dos termos, garimpando fragmentos de informações sobre os mesmos em todo o livro, ao passo que buscava dirimir contradições, aclarar alguns pontos e apontar possíveis soluções para problemas persistentes. Como já disse, ao apresentar as *categorias de parentesco*<sup>88</sup>, Maybury-Lewis dispõe termos residuais a seu modelo, sem qualquer referência que não seja a geração e a já citada oposição que perpassa toda sua monografia, abaixo do diagrama de caixa, aparentemente inspirado em Dumont (1953). Assim, não obstante tenha feito a ressalva de que termos para afins “**em certos casos**, pode ser uma tradução adequada” para *watsiré'wa*, mistura ambos no mesmo diagrama, tomando-os como

---

<sup>87</sup> Viveiros de Castro (2002: 404) esboça “os contornos do que poderia vir a ser uma *teoria geral da socialidade amazônica*”, a partir do conceito ameríndio de parentesco, que se assenta sobre a distinção consanguinidade/afinidade. As idéias contidas nesse texto inspiraram o maior trabalho comparativo sobre o parentesco centro-brasileiro atualmente, a tese de Coelho de Souza (2002), que adianta muitos pontos discutidos nesta seção.

<sup>88</sup> Cf. diagrama 2, p. 66.

equivalentes. No “Apêndice 2”, apresentado abaixo (figura 1), a terminologia também é organizada segundo a oposição *waniwimhã/watsiré’wa*<sup>89</sup> e, embora seu título afirme conter apenas o vocabulário usado pelas mulheres<sup>90</sup>, apresenta termos para WF, WM (*ĩmãpari’wa*), WB (*ĩãri*), WZ (*tsaihi*) e W (*ĩmrõ*) (Idem, [1967] 1984: 281). Como o autor não faz qualquer menção a casamentos homossexuais na obra consultada, inferi que o apêndice também contém erros de diagramação.

**FIGURA 1 - TERMINOLOGIA PARA EGO FEMININO SEGUNDO MAYBURY-LEWIS**

| APÊNDICE 2                                                                                                                                 |                                                                                                                              |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| TERMINOLOGIA DE PARENTESCO                                                                                                                 |                                                                                                                              |
| Termos Usados pelas Mulheres                                                                                                               |                                                                                                                              |
| 1. <i>ĩrada</i> : Qualquer pessoa da geração dos avós de Ego ou ainda mais idosa.                                                          | 11. <i>ĩpnã</i> : Qualquer homem que pertença a uma linhagem aparentada à de Ego.                                            |
| 2. <i>ĩmihũdu</i> : Qualquer pessoa da 2ª geração descendente ou ainda mais jovem. <b>WANIWIMHã</b>                                        | 12. <i>pi’õiti</i> : Qualquer mulher que pertença a uma linhagem aparentada à de Ego.                                        |
| 3. <i>ĩtebe</i> : Qualquer mulher da 1ª geração ascendente que seja <i>waniwimhã</i> de Ego.                                               | <b>WATSIRE’WA</b>                                                                                                            |
| 4. <i>imãmã</i> : Qualquer homem da 1ª geração ascendente que seja <i>waniwimhã</i> de Ego.                                                | 13. <i>watsini</i> : Qualquer pessoa que seja <i>watsire’wa</i> de Ego.                                                      |
| 5. <i>ĩdub’rada</i> : Qualquer pessoa mais velha que Ego, mas que pertença à sua própria geração e que seja considerada <i>waniwimhã</i> . | 14. <i>tsimãmã</i> : Qualquer pessoa que seja <i>watsire’wa</i> de Ego.                                                      |
| 6. <i>ĩnõ</i> : Qualquer pessoa mais nova que Ego, mas de sua própria geração e que seja considerada <i>waniwimhã</i> .                    | 15. <i>ĩrebdu</i> : Qualquer pessoa que seja <i>watsire’wa</i> de Ego.                                                       |
| 7. <i>ĩra</i> : Qualquer pessoa da 1ª geração descendente que seja <i>waniwimhã</i> de Ego.                                                | 16. <i>inã</i> : Qualquer mulher da 1ª geração ascendente da linhagem da mãe de Ego.                                         |
| 8. <i>atibõ</i> : Qualquer homem da 1ª geração descendente que seja <i>waniwimhã</i> de Ego, à exceção de seu próprio filho.               | 17. <i>ĩnibdati’õ</i> : M.                                                                                                   |
| 9. <i>ott</i> : Qualquer mulher da 1ª geração descendente que seja <i>waniwimhã</i> de Ego, à exceção de sua própria filha.                | 18. <i>ĩrebdu’wa</i> : Qualquer homem da 1ª geração ascendente que pertença à linhagem da mãe de Ego. Designa também a MBW.  |
| 10. <i>inamté</i> : MZH.                                                                                                                   | 19. <i>ĩmãwapté</i> : MB.                                                                                                    |
|                                                                                                                                            | 20. <i>ĩrawapté</i> : ZC, quando pequenos.                                                                                   |
|                                                                                                                                            | 21. <i>atsimhi</i> : Qualquer mulher casada com um membro da linhagem de Ego, a menos que se trate de uma <i>inã</i> de Ego. |
|                                                                                                                                            | 22. <i>ĩtsa’omo</i> : Qualquer homem casado com uma mulher que pertença à linhagem de Ego. Designa, também, DH e ZDH.        |
|                                                                                                                                            | 23. <i>ĩmrõ</i> : esposa.                                                                                                    |
|                                                                                                                                            | 24. <i>ĩmãpari’wa</i> : pai ou mãe da esposa.                                                                                |
|                                                                                                                                            | 25. <i>tsaihi</i> : WZ.                                                                                                      |
|                                                                                                                                            | 26. <i>ĩãri</i> : WB.                                                                                                        |

**Fonte: Adaptação de Maybury-Lewis ([1967] 1984: 280-281).**

Maybury-Lewis, que recusava a pertinência teórica dos dados genealógicos, acabou por tomar “as terminologias de parentesco como puras classificações culturais sem maiores implicações sociológicas” (VIVEIROS DE CASTRO, 1996: 82, nota 67). Essa opção impôs dificuldades ao tratamento de seus dados. Diante destas questões e seguindo o que disse no início deste capítulo, sobre evitar mutilar dados alheios, optei por descrever e analisar a

<sup>89</sup> Estas categorias estão contornadas em vermelho para facilitar a localização.

<sup>90</sup> Maybury-Lewis afirma, em nota, que existem “diferenças mínimas na terminologia empregada pelas mulheres”, que os “princípios que a governam são virtualmente idênticos aos da terminologia masculina” e que, com a intenção de “evitar uma discussão repetitiva”, apresenta “os termos femininos no Apêndice 2” (MAYBURY-LEWIS, [1967] 1984: 280, nota 4).

nomenclatura de parentesco *a'uwẽ* como aparece em Maybury-Lewis, com ligeiras modificações. Passo a descrevê-las e justificá-las:

1) Tomo o *Apêndice 2*<sup>91</sup> como neutro em relação ao sexo, com exceção dos termos que trazem posições genealógicas onde esse parâmetro é explicitamente expresso para Ego de um determinado sexo, como WB, por exemplo;

2) Os termos *ĩpnã*, *pi'õĩti*, *watsini* e *ĩnã*<sup>92</sup> foram excluídos desta análise por serem demasiadamente vagos. Os dois primeiros são vocativos correspondentes aos termos de referência *ĩno* e *ĩdub'rada* (MAYBURY-LEWIS, [1967] 1984: 283) e foram substituídos por *ĩhidibá* e *ĩhitebre* pelo fato destes distinguirem o sexo de Alter e remeterem a nexos de parentesco, não a relações sociopolíticas<sup>93</sup>. *Watsini* reaparecerá nas análises das próximas etnografias com seu significado mais detalhado. O termo *ĩnã*, ou *ĩnãwapté*, ocupa um papel residual na etnografia ora em análise<sup>94</sup> e nas que seguem também;

3) *Tsimãñã* e *'rebdzu'wa*<sup>95</sup> também foram excluídos por não serem termos de parentesco, mas remeterem a outras relações, como a nomeação e a iniciação. *Tsimãñã* é como um MB chama o ZS após nominá-lo, seu recíproco é *aimãna* (LOPES DA SILVA, 1986: 105-103). Essa correlação foi verificada em Marãiwatsédé, onde *tsorebdzu'wa* (*'rebdzu'wa?*) me foi dito designar o conjunto de *aimana*, ou “padrinhos”<sup>96</sup>, de uma classe de idade determinada.

Barnard & Good (1984: 49-57) já apontavam para o fato da redução do conjunto de termos de parentesco de um dado coletivo a seus *conjuntos recíprocos* propiciar a verificação preliminar de sua coerência interna e de sua conformidade com algum padrão ou tipo

<sup>91</sup> Figura 1, na página anterior.

<sup>92</sup> Números 11, 12, 13 e 16, respectivamente, na figura 1.

<sup>93</sup> Embora estes termos não apareçam no diagrama 2 (Cf. p. 66) e na figura 1, constam no diagrama 1, p. 61, acima.

<sup>94</sup> Cf. diagrama 2, p. 66.

<sup>95</sup> Números 14 e 15, respectivamente, na figura 1, acima.

<sup>96</sup> É como os Xavante traduzem o termo usado para designar os responsáveis pela iniciação dos neófitos de mesma metade etária.

terminológico. Trata-se do “procedimento intrínseco para a determinação inicial de uma estrutura terminológica” no qual “os diagramas devem ser uma função da estrutura semântica da terminologia” (VIVEIROS DE CASTRO, 1996: 27 [grifos no original]), ou seja, devem ser construídos a partir de princípios básicos abstraídos do material etnográfico. Nesse sentido, um simples inventário dos termos e de seus recíprocos não basta, é preciso realizar um levantamento dos princípios de diferenciação comuns aos termos (distinção de geração, do sexo de Alter, do sexo de Ego, etc.), pois estes são os aspectos que devem ser observados no processo de descrição por possibilitarem a identificação de superclasses (BARNARD & GOOD, 1984: 51-52), qualidades implícitas nas terminologias que permitem caracterizá-las de acordo com as oposições e equivalências que estabelecem entre classes de parentes. Fiz essas colocações iniciais com o objetivo de preparar o terreno para a caracterização da terminologia em tela, última parte desta seção.

Os princípios de oposição que nortearam o processo de construção dos diagramas e tabelas se relacionam de forma desigual na configuração do sistema de denominações, ocasionando eventuais inversões quando se passa de uma geração a outra ou de consangüíneos para afins, por exemplo. Apresento nas tabelas 6 e 7 os termos e seus recíprocos, e inicio uma descrição que tenta ser mais refinada do material terminológico. Na primeira, exponho o conjunto para *waniwimhã*, onde a linha de  $G \pm 1$  traz os termos para Alter de  $G+1$  na coluna da esquerda, e para  $G-1$ , seus recíprocos, na coluna da direita. Já os termos para  $G0$  estão dispostos de acordo com o sexo de Alter: masculino do lado esquerdo e feminino do lado direito. O conjunto para *watsiré'wa* replica a mesma estrutura, com exceção de boa parte dos termos para afins de  $G0$ , que dispõem pessoas de ambos os sexos em ambas as colunas. Os sinais “+” e “/” indicam “equivalência” e “distinção de sexo dentro de uma mesma classe” respectivamente. Os colchetes são usados para vocábulos que englobam termos de uma mesma classe, como é o caso de *ĩra* (13), que engloba *aibö* (14) e *otí* (13), ou determinam subclasses no interior de

determinados vocábulos, como *ĩdub'rada* (9) e *ĩno* (10), que são englobados por *ĩhitebre* (12) e *ĩhidibá* (11).

| TABELA 6 - CONJUNTOS RECÍPROCOS XAVANTE PARA WANIWIMHÃ |                                                                                    |        |                                                                                                     |
|--------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------|--------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------|
| G±1                                                    | (3) <i>ĩmãmã</i> + (4) <i>ĩnamté</i> /(8) <i>ĩtebe</i><br>(22) <i>ĩmapari'wa</i> ♀ | ↔<br>↔ | (14) <i>Aibö</i> /(15)/ <i>Otí</i> [(13) <i>ĩ'ra</i> ]<br>(18) <i>ĩtsa'omo</i> /(19) <i>Atsimhí</i> |
| G-0                                                    | (12) <i>ĩhitebre</i> [(9) <i>ĩdub'rada</i> + (10) <i>ĩno</i> ]                     | ↔      | (11) <i>ĩhidibá</i> [(9) <i>ĩdub'rada</i> + (10) <i>ĩno</i> ]                                       |

A partir das tabelas 4 e 5<sup>97</sup>, podemos inferir que os termos *ĩmãmã* (3) e *ĩnamté* (4) são equivalentes (+), pois relacionam os mesmos princípios de oposição da mesma forma, excluída a oposição próximo/distante, secundária quando se opõe esta classe aos *watsiré'wa* de G+1. Este reconhecimento de parentes próximos e distantes dentro da categoria *waniwimhã* evidenciaria uma distinção de linhas dentro de uma mesma metade. Ambos são “consanguíneos, do sexo masculino, paralelos, de G+1 e de mesma metade” e se distinguem (/) de *ĩtebe* (8) por serem de sexo diferente. Esse procedimento foi realizado com todos os termos desta e da próxima tabela. Chamo a atenção para dois aspectos que serão abordados em detalhe no final desta seção. Em primeiro lugar, a inserção do termo para “afim de G+1 do sexo feminino” (*ĩmapari'wa* ♀) na categoria *waniwimhã* e, em segundo, o fato de uma mulher usar os mesmos termos que B para designar BCh e ZCh. Vamos aos recíprocos para *watsiré'wa*, que são seguidos da análise final desta versão do sistema de denominações xavante.

<sup>97</sup> Páginas 70 e 74 respectivamente.

| TABELA 7 - CONJUNTOS RECÍPROCOS XAVANTE PARA WATSIRÉ'WA |                                                                  |        |                                                                  |
|---------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------|--------|------------------------------------------------------------------|
| G±1                                                     | (7) ĩmãmãwapté/(5) ĩnibdati'ö<br>(22) ĩmapari'wa ♂ <sup>98</sup> | ↔<br>↔ | (16) ĩrawapté <sup>99</sup><br>(18) ĩtsa'omo/(19) <b>Atsimhí</b> |
| G-0                                                     | (17) ĩmro<br>(20) ĩãri/(21) <b>Tsaihí</b>                        | ↔<br>↔ | (17) ĩmro<br>(18) ĩtsa'omo/(19) <b>Atsimhí</b>                   |

Em G0 ocorre uma divisão global entre afins e consanguíneos, com a distinção de idade relativa dentro desta última categoria de parentes, que não leva em conta o sexo de Alter e de Ego, diferentemente do que ocorre em Giaccaria & Heide e com meus dados. É em G±1 que a confusa e problemática relação entre as distinções sociológica (*waniwimhã/watsiré'wa*) e terminológico-categorial (consanguíneo/afim) emerge com mais saliência em Maybury-Lewis. Embora ele tente relativizar a analogia entre estes dois pares de oposições, não diferencia explicitamente *waniwimhã* de *consanguíneo* e *watsiré'wa* de *afim* em sua análise dos dados de parentesco. Além disso, há uma distinção importante ausente da obra, acredito que devido à postura do autor sobre os aspectos genealógicos do parentesco. Trata-se da oposição paralelo/cruzado, inserida por mim nas tabelas em que tento destrinchar os significados de cada termo<sup>100</sup>. Na tabela a seguir, com exceção dos termos para afins, que suponho serem *watsiré'wa* não-cognatos, reduzo os termos das três gerações mediais a superclasses alinhadas segundo o esquema de Maybury-Lewis. De cara, percebemos que parentes cruzados e paralelos são postos numa mesma classe.

<sup>98</sup> Idem ĩrawapté.

<sup>99</sup> Inferi para Ego feminino, pois não existe registro para ♀Ch na etnografia consultada (Cf. diagrama 4, p.73). O mesmo procedimento foi adotado para afins de G0 e G+1 devido ao mesmo motivo.

<sup>100</sup> Cf. tabelas 3, 4 e 5 nas páginas 70 e 74, supra.

| TABELA 8 - SUPERCLASSES EXISTENTES NA TERMINOLOGIA REGISTRADA POR MAYBURY-LEWIS |           |        |            |
|---------------------------------------------------------------------------------|-----------|--------|------------|
|                                                                                 | WANIWIMHÃ |        | WATSIRÉ'WA |
| G+1                                                                             | F         | FZ     | MB         |
| G0                                                                              | B         | Z      | -          |
| G-1                                                                             | ♂S/♀BS    | ♂D/♀BD | ZS         |
|                                                                                 | ♂         | ♀      | ♂          |

Chegamos aqui ao ponto crucial da análise, a caracterização da terminologia xavante registrada e sistematizada por Maybury-Lewis, primeiro etnólogo a realizar pesquisa de campo entre os A'uwẽ. Longe de enquadrá-la em uma caixinha-tipo, aplicando-lhe um desses rótulos que Viveiros de Castro (1996: 10) nos alertava refletirem as “contingências históricas da disciplina mais que qualquer outra coisa”, e que servem apenas de recurso expositivo aqui, como o próprio material deixará claro, procuro construir um modelo que deve conter

*ao mesmo tempo menos e mais informações que os sistemas concretos que subsumem. Menos, porque abstraem particularidades resultantes da coalescência de múltiplas dimensões do real etnográfico (língua, ideologia, instituições): nesta medida os modelos são relativamente subespecificados. Mais, porque admitem um número de possibilidades transformacionais que não podem se manifestar simultaneamente – e nesta medida os modelos, por incorporarem diferentes estados espaço-temporais de uma estrutura, são mais ricos que qualquer sistema concreto. [...] as estruturas descritas por estes modelos não coincidem com um ‘nível’ particular do objeto. (VIVEIROS DE CASTRO, 1996: 12).*

Nesse sentido, recorro que os vocabulários de parentesco analisados são tomados aqui como dispositivos operatórios dentro de um sistema de aliança determinado, que se caracteriza por ser *não-elementar*, como o conjunto de termos exclusivo para afins evidencia. A tabela acima exhibe duas classes de parentes em G0, onde a coincidência entre as distinções *waniwimhã/watsiré'wa* e consanguíneos/afins pode existir de fato, o que não acontece em G+1, como se pode verificar na tabela 6<sup>101</sup>, que traz o termo para afim do sexo feminino do lado *waniwimhã*, acredito que devido a inflexão do sistema de metades patrilineares na terminologia<sup>102</sup>. Embora não existam registros dos termos para primos cruzados, sabemos que

<sup>101</sup> Cf. p. 80.

<sup>102</sup> Adiante retomo esta contradição.

os cognatos cruzados de mesma geração (primos de 1º grau) são interditados ao matrimônio (MAYBURY-LEWIS, [1967] 1984: 294). Os recíprocos de  $G \pm 1$  apontam para alinhamentos que podem ser expressos nas equações **F+FZ/BCh** e **MB+M/ZCh**. Segundo Viveiros de Castro (1996: 20, nota 13), neste nível de análise os esquemas em que *os termos para G-1 independem de qualquer distinção sexual e que são consistentes com uma bipartição sociocêntrica*<sup>103</sup>, como o que acabamos de apresentar<sup>104</sup>, podem ser classificados como *australianos*. Não percebi qualquer indício de preferência matrimonial expressa direta ou indiretamente pela terminologia durante a análise. A única menção existente a algo do tipo diz respeito ao ideal de casamento entre WZ e HB, motivado por estratégias políticas, segundo o antropólogo britânico. Este tipo de casamento é recorrente não só em suas genealogias (MAYBURY-LEWIS, [1967] 1984: 377-378, 384-393), mas nas registradas em Marãiwatsédé também. Antes de seguir para a próxima seção, onde analiso os dados de Giaccaria & Heide, preciso caracterizar com precisão a terminologia em análise. Nesse sentido, é necessário dizer que Maybury-Lewis (Idem.: 276 [grifo meu]) cometeu uma pequena confusão ao afirmar que “os Xavante têm uma **terminologia** de parentesco do tipo Dakota pois classificam os *siblings* e os primos paralelos numa mesma categoria e todos os primos cruzados, em outra”. Se seguirmos Murdock (1949: 243), que privilegiava os termos da geração de Ego para o diagnóstico tipológico, a **organização social** *á'uwe* não pode ser classificada como “Dakota”, que corresponde a uma **terminologia** “iroquesa” associada à patrilinearidade. Maybury-Lewis misturou “organização social” com “terminologia”, coisas diferentes para Murdock<sup>105</sup>.

<sup>103</sup> Dumont ([1971] 1975: 100-101) define dois tipos de formulas de intercambio: a global, ou *sociocentrada*, na qual a determinação dos cônjuges acontece por meio da identificação de classes ou grupos, como nos coletivos caracterizados por sistemas dualistas; e a *local*, ou *egocentrada*, “em que as regras se referem a um indivíduo concreto – como no matrimônio de primos cruzados”. A distinção sexual do parente de ligação é um critério fundamental em sistemas *egocentados*, enquanto a pertença a metades e/ou seções se sobrepõe a outros critérios de classificação em sistemas *sociocentados*.

<sup>104</sup> O autor usa a seguinte formula para expressar essa regra:  $\sigma(B)Ch = \varphi BCh \neq \sigma ZCh = \varphi(Z)Ch$ .

<sup>105</sup> Agradeço a Marcelo Florido por chamar minha atenção para esta confusão.

Vimos que, embora o etnólogo afirme, sem dar muita importância para isso, que a terminologia xavante poderia ser classificada como *iroquesa*, uma análise mais detida do vocabulário tal qual apresentado por ele indica, não obstante as lacunas e contradições, tratar-se de um sistema de denominações que pode ser classificado como *australiano*. Isso posto, siga para o próximo registro terminológico tendo como um dos objetivos verificar se ele apresenta essas mesmas características *australianóides*.

## **2.2 – TERMINOLOGIA DE PARENTESCO XAVANTE SEGUNDO GIACCARIA & HEIDE**

O livro dos missionários salesianos (GIACCARIA & HEIDE, 1972), de onde extraí o vocabulário descrito nessa seção, é fruto de um esforço considerável de sistematização de informações colhidas durante doze anos de convivência com os Xavante reduzidos nas antigas missões, e hoje Terras Indígenas, São Marcos e Sangradouro. Desses, três anos foram dedicados a um levantamento intensivo que contou com o auxílio de uma equipe formada por alguns *a'uwẽ* e voluntários não-indígenas, leigos e religiosos. O que chama a atenção no método descrito pelos salesianos é a abrangência proposta, pois chegaram a visitar todas as aldeias existentes para verificarem “a correspondência dos aspectos mais importantes da vida xavante com o material recolhido anteriormente” (Ibid.: 09-11) nas missões. Ao avaliar o trabalho, Lopes da Silva (1986: 20) destaca a riqueza das descrições, apontando para o caráter essencialmente etnográfico das mesmas devido à carência de uma orientação teórico-metodológica bem definida e o uso inapropriado de alguns conceitos antropológicos.

### **2.2.1 – ANÁLISE DA TERMINOLOGIA REGISTRADA POR GIACCARIA & HEIDE**

Como não existem questões teóricas de fundo para serem debatidas, passo para a descrição do vocabulário de parentesco contido em Giaccaria & Heide (1972: 104-106) seguindo a mesma lógica adotada para a exposição dos dados de Maybury-Lewis. Convém dizer que,

diferentemente deste, os salesianos apresentam termos separados para Ego masculino, para Ego feminino e para Alter falecido. Outra especificidade deste conjunto com relação ao anterior é o fato de trazer informações sobre o caráter dinâmico da terminologia em tela ao mostrarem que crianças pequenas usam termos determinados para suas mães, distintos dos que são usados quando passam à fase adulta. A divisão dos termos usados para consanguíneos dos usados para afins, dada à importância desta oposição para meus argumentos, não entre *waniwimhã* e *watsiré'wa*, constitui outra diferença importante na apresentação dos dados. Embora Giaccaria & Heide (1972) não façam qualquer separação que possa restringir a análise na apresentação de suas informações, a não ser as já assinaladas, a manipulação dos dados só foi possível graças a boa vontade do Padre Bartolomeu Giaccaria, coautor da obra hoje clássica, que cedeu alguns minutos para conversas pelo telefone entre os dias 6 e 7 de março deste ano, momento em que tirou algumas dúvidas sobre erros que vimos ser de diagramação, acrescentou informações cruciais a alguns pares recíprocos e reforçou posições que contradizem meus dados. Para que o leitor possa acompanhar o caminho percorrido, digitalizei a tábua terminológica existente no livro, que é apresentada abaixo. Na sequência, faço algumas considerações de ordem geral sobre a tábua, momento em que excluo alguns termos e corrijo outros. Não consegui encontrar respostas a todas as contradições, inconsistências e ausências em parte por não conseguir falar, em tempo hábil, com Padre Giaccaria após nossa última conversa.

FIGURA 2 - TERMOS DE PARENTESCO DE GIACCARIA &amp; HEIDE

|                                                      | PARA HOMEM              | PARA MULHER           |                           | PARA HOMEM        | PARA MULHER            |
|------------------------------------------------------|-------------------------|-----------------------|---------------------------|-------------------|------------------------|
| Pai                                                  | IMAMA, IPOTO'WA*        | IMAMA, IPOTO'WA*      | Filha                     | I'RA              | I'RA                   |
| Mãe                                                  | DATIO, IDZEPARI'WA*     | DATIO, IDZEPARI'WA*   | Marido                    | IMRO              |                        |
| Irmão do Pai                                         | IMAMA, IPOTO'WA*        | IMAMA, IPOTO'WA*      | Esposa                    |                   | IMRO                   |
| Esposa do irmão do pai                               | DATIO, INAWAPTE*        | DATIO, INAWAPTE*      | Pai da esposa             | WAWEE             |                        |
| Filho do irmão do pai                                | INO, IDUB'RADA DE'WA    |                       | Pai do esposo             |                   | WAWÊ, IMAPREWA*        |
|                                                      | INO, IDZAMARI'WA*       | IHITEBRE              | Mãe da esposa             | WAWÊ, IMAPREWA*   |                        |
| Irmã do pai                                          | ITEBE, WATEPE'WA        | ITEBE, WATEPE'WA      | Mãe do esposo             |                   | WAWÊ, IMAPREWA*        |
| Marido da irmã do pai                                | IMAWAPTE, WAMAMAWAPTE   | IMAWAPTE, WAMAMAWAPTE | Marido da irmã da esposa  | IDUB'RADA         |                        |
| Filho da irmã do pai                                 | INO, IDUB'RADA          | IHITEBRE WAHITEBRE    | Esposa do irmão do marido |                   | INO, IDUB'RADA         |
| Filha da irmã do pai                                 | IHDIBA, INOHIDIBA       | IDUB'RADA, DE'WA      |                           |                   | IHITEBRE, WANO'HITEBRE |
| Irmão da mãe                                         | IMAMAWAPTE, WAMAMAWAPTE | IMAMAWAPTE            | Irmão mais velho          | INDUB'RADA, DEWA* |                        |
|                                                      | INIMATA                 |                       | Irmão menor               | INO               | IHITEBRE               |
| Esposa do irmão da mãe                               | ITEBE                   | ITEBE                 | Irmã mais velha           | IHDIBA            | IDUB'RADA              |
| Filho do irmão da mãe                                | INO                     | IHITEBRE              | Irmã menor                | IHDIBA            | INO                    |
| Filha do irmão da mãe                                | IHDIBA                  | INO, IDUB'RADA        | Filho do irmão            | AYBO, BODI        | BODI                   |
| Esposa do irmão da mãe                               | ANAPTE, DATIO           | ANAPTE, DATIO         | Filha do irmão            | OTI, TSÓYBA, PIO  | OTI                    |
| Esposo da irmã da mãe                                | IMAMAAMO                | IMAMAAMO              | Filho do irmão da esposa  | BODI, ITSIHUDU    |                        |
| Filho da irmã da mãe                                 | INO                     | IHITEBRE              | Filho do irmão do marido  | OTI, ITSIHUDU     | I'RAWAPTE              |
| Filha da irmã da mãe                                 | IHDIBA                  | INO, IDUB'RADA        | Filha do irmão do marido  |                   | I'RAWAPTE              |
| Pai do pai                                           | I'RADA, WAHI'RADA*      | I'RADA, WAHI, RADA*   | Filha da irmã da esposa   | OTI               |                        |
| Pai da mãe                                           | I'RADA, WAHI'RADA*      | I'RADA, WAHI'RADA*    | Filha da irmã do esposo   |                   | ITSIHUDU, BODI         |
| Mãe do pai                                           | I'RADA, WAHI'RADA*      | I'RADA, WAHI'RADA*    | Filho do filho            | ITSIHUDU          | ITSIHUDU               |
| Mãe da mãe                                           | I'RADA, WAHI'RADA*      | I'RADA, WAHI'RADA*    | Filha do filho            | ITSIHUDU          | ITSIHUDU               |
| Pai da esposa do filho                               | WATSINI, ITSIWATSINI    | WATSINI, ITSIWATSINI  | Filho da filha            | ITSIHUDU          | ITSIHUDU               |
| Mãe da esposa do filho                               | WATSINI, ITSIWATSINI    | WATSINI, ITSIWATSINI  | Filha da filha            | IDZAOMO           | ITSIHUDU               |
| Os meninos chamam à mãe                              | AME, 'RAME, INA         |                       | Marido da filha           | TSAYHI            | TSAYHI, ITSANI'WA      |
| Os RITEY'WA chamam à mãe                             | DATIO                   |                       | Esposa do filho           | IDZAOMO           | ITSIDAYMAMA            |
| As moças, antes de conceber o primeiro filho         | 'RAME                   |                       | Marido da irmã            | ITSIDANA          | TSAYHI, (ITSIBDZAYHI)  |
| O irmão mais velho chama os irmãos mais novos mortos | IDZAMARI'WA             |                       | Esposa do irmão           | AYARE             |                        |
| Filho                                                | I'RA                    | I'RA                  | Irmão da esposa           | ITSIDANA          |                        |
|                                                      |                         |                       | Irmã da esposa            | I'RAWAPTE         | I'RAWAPTE              |
|                                                      |                         |                       | Filho da irmã             | I'RAWAPTE         | I'RAWAPTE              |
|                                                      |                         |                       | Filha da irmã             | I'RAWAPTE         | I'RAWAPTE              |

Fonte: Adaptação de Giaccaria & Heide (1972: 105-106)

Os termos com asterisco à direita indicam parentes falecidos e não serão abordados nesse trabalho, com exceção do termo *ĩmaprewa* que é usado exclusivamente para parentes vivos em outras etnografias. Outras alterações e correções foram realizadas, algumas mais, outras menos importantes. Começo pelas mais relevantes para a análise, as modificações de menor porte estão devidamente registradas em notas de pé de página, acompanhando os termos nas tabelas 9, 10 e 11 (a seguir) que demandaram algum tipo de alteração. De todas as inconsistências observadas na tábua, a classificação de ZCh e HBCh em conjunto com o termo *ĩrawapté* (17) por parte de Ego feminino foi a que representou efetivamente um obstáculo para uma análise mais profunda da terminologia, mais especificamente a sua redução a conjuntos recíprocos. Esse fato imprimia uma feição “*esquimó*” ao subconjunto terminológico. Distinção entre parentes lineares e colaterais em sistemas do tipo *fusão bifurcada* foram registrados por Silva (1995; 2009) em um caso amazônico, e tudo indica que ocorrem entre os Xavante, mas não

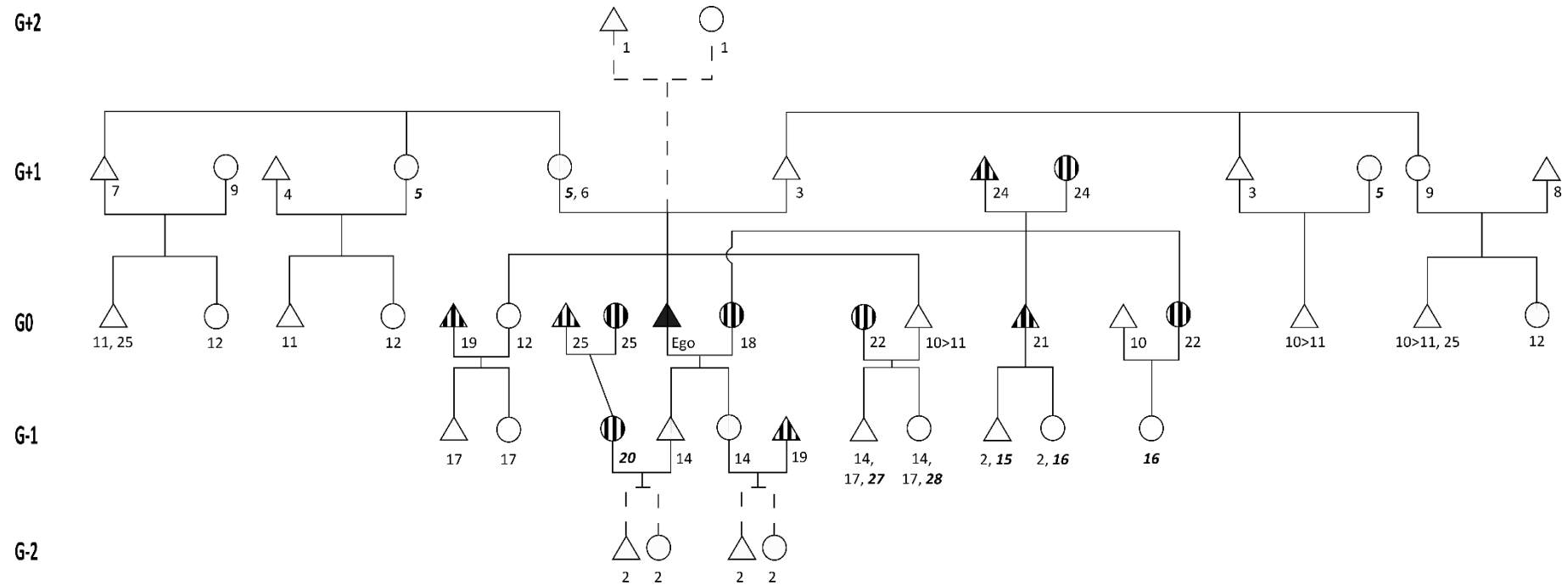
de modo estático. Foi a inconsistência citada que me fez retomar contato<sup>106</sup> com o Padre Giaccaria, missionário que trabalha há quase 60 anos com os Xavante. Resumindo nossa conversa e indo direto ao ponto que interessa, ele me disse que: (1) **bödi** (15) e **oti** (16) são usados indistintamente para qualquer pessoa de G-1, chegando mesmo a dizer que, aparentemente, não se tratam de termos de parentesco propriamente dito, mas vocábulos comuns que significam “menino”<sup>107</sup> e “menina” respectivamente; (2) uma mulher qualquer chama a filha da irmã de *ĩrawapté* (17), assim como de *ĩra* (14); (3) uma mulher qualquer chama o HBCh de *ĩrawapté* (17).

Com relação ao item “1”, mantive os termos **bödi** (15) e **oti** (16) para WBS e WBD, bem como para HBS e HBD. Essa opção se justifica porque a ambiguidade que pesa sobre a definição deste par (se denota ou não parente) perde força na última seção deste capítulo, adiante, quando comparo sistematicamente as terminologias registradas termo a termo. O item “2” permite que esta terminologia passe pelo mesmo processo de análise das outras duas, eliminando parte do obstáculo criado parcialmente por um erro de diagramação. Digo em parte porque o item “3” reafirma o que está no livro; como não tenho solução para essa questão optei por excluí-la da análise sem prejuízo à mesma, permanecendo apenas na apresentação dos termos. Embora esta passagem possa parecer confusa, ficará clara no decorrer desta seção, principalmente na última parte, quando defino as principais características da terminologia em foco. A seguir, os diagramas, que são seguidos de suas respectivas tabelas.

<sup>106</sup> O conheci em 2009, quando comecei a trabalhar em Marãiwatsédé. Durante um período dividimos a mesma casa na aldeia, gentilmente cedida pelo Pe. Giaccaria, quando o projeto não dispunha de uma ainda.

<sup>107</sup> *Bödi* como não-parente já era algo percebido por Maybury-Lewis ([1967] 1984: 296).

**DIAGRAMA 5 - TERMINOLOGIA DE PARENTESCO XAVANTE SEGUNDO GIACCARIA & HEIDE (EGO MASCULINO)**



**TERMOS DE REFERÊNCIA**

|                |                |                  |
|----------------|----------------|------------------|
| 1 - Ĩ'rada     | 9 - Ĩtebe      | 19 - Ĩdzaó mó    |
| 2 - Ĩtsihudu   | 10 - Ĩdub'rada | 21 - Ĩyare       |
| 3 - Ĩmama      | 11 - Ĩno       | 22 - Ĩtsidana    |
| 4 - Ĩmamaamo   | 12 - Ĩhidiba   | 24 - Wawē        |
| 6 - Ĩna        | 14 - Ĩ'ra      | 25 - Ĩtsiwatsini |
| 7 - Ĩmamawapté | 17 - Ĩrawapté  |                  |
| 8 - Ĩmawapté   | 18 - Ĩmro      |                  |

**TERMOS VOCATIVOS**

5 - *Dati'ö*  
 15 - *Bödi*  
 16 - *Oti*  
 20 - *Tsayhi*  
 27 - *Aybö*  
 28 - *Piö*

□ Consanguíneos  
 ▨ Afins

TABELA 9 - TERMOS PARA GERAÇÕES DISTAIS SEGUNDO GIACCARIA &amp; HEIDE

| REGISTRO | TERMO    | POSIÇÕES       | SENTIDO                  |
|----------|----------|----------------|--------------------------|
| 1        | ĩrada    | FF, MF, FM, MM | Qualquer parente de G+2. |
| 2        | ĩtsihudu | SCh, DCh       | Qualquer parente de G-2. |

Lembro que sigo os mesmos critérios usados na exposição anterior, onde os termos para  $G \pm 2$  distinguem apenas a geração, dado observado também em Giaccaria & Heide (1972), como se pode verificar na figura 2<sup>108</sup>.

TABELA 10 - TERMOS PARA GERAÇÕES MEDIAIS SEGUNDO GIACCARIA &amp; HEIDE (EGO MASCULINO)

| REGISTRO | TERMO                        | POSIÇÕES   | SENTIDO                                                                |
|----------|------------------------------|------------|------------------------------------------------------------------------|
| 3        | ĩmama                        | F, FB      | Consanguíneos do sexo masculino, paralelos, de G+1 próximos.           |
| 4        | ĩmamaamo                     | MZH        | Consanguíneos do sexo masculino, paralelos, de G+1 distantes.          |
| 5        | <i>Dati'ö</i> <sup>109</sup> | M, MZ, FBW | Consanguíneos do sexo feminino, paralelos, de G+1 de Ego iniciado.     |
| 6        | ĩna <sup>110</sup>           | M          | Consanguíneos do sexo feminino, paralelos, de G+1 de Ego não-iniciado. |
| 7        | ĩmamawapté <sup>111</sup>    | MB         | Consanguíneos do sexo                                                  |

<sup>108</sup> Cf. p. 86.

<sup>109</sup> Os termos *dé'wa*, *watepewa*, *anapté*, e *ĩñohidibá* significam *ĩdub'rada* (10), *ĩtebe* (9), *dati'ö* (5) e *ĩhidiba* (12), respectivamente. Prefiro manter apenas a segunda série de termos por estarem presentes em outras etnografias. Falando especificamente do termo *dati'ö* (5), chamo a atenção para dois pontos: (1) dentre os termos *amé*, *'ramé* e *ĩna* (6) usados para M de Ego do sexo masculino não iniciado, escolhi este último também por aparecer em outros trabalhos; (2) a contraditória classificação de MBW (=FZ) com *datiö*, somada a duplicata desta relação (GIACCARIA & HEIDE, 1972: 105) e a ausência de MZ (=M) na tábua me fez supor que a segunda vez onde aparece MBW seria efetivamente MZ, pois a partir desse ponto são apresentados todos os parentes a ela relacionados, como MZH, MZS e MZD. Minha intuição foi confirmada por Giaccaria (com. pess.), por isso substituí “esposa do irmão da mãe” por “irmã da mãe” para *datiö* e *anapté*.

<sup>110</sup> Depois que Ego é iniciado deixa de usar este termo e passa a usar *dati'ö* (5) para designar a M, agrupando parentas reais e classificatórias sob o mesmo vocábulo.

<sup>111</sup> Também aparece *ĩnimatã* e *wamamawapté*. No primeiro caso trata-se do sinônimo de *aimãna*, termo relacionado à nomenclatura. O segundo termo também é usado para designar *ĩmamawapté* (8), fato que serve de evidência para reforçar meu argumento em favor da equivalência de ambos. Não obstante isso, *wamamawapté* foi excluído por ser composto por “wa”, prefixo pessoal da 1ª pessoa dual e plural, e aparecer

|    |                            |                     |                                                                    |
|----|----------------------------|---------------------|--------------------------------------------------------------------|
|    |                            |                     | masculino, cruzados, de G+1 próximos.                              |
| 8  | ĩmawapté                   | FZH                 | Consanguíneos de mesmo sexo masculino, cruzados, de G+1 distantes. |
| 9  | ĩtebe                      | FZ, MBW             | Consanguíneos do sexo feminino, cruzados de G+1.                   |
| 10 | ĩdub'rada                  | eB, eFBS, eFZS, WZH | Consanguíneos do mesmo sexo, patrilineais, de G0 e mais velhos.    |
| 11 | ĩno                        | yB, yFBS, yFZS      | Consanguíneos do mesmo sexo, patrilineais, de G0 e mais novos.     |
|    |                            | MBS, MZS            | Consanguíneos do mesmo sexo, cognatos cruzados, de G0.             |
| 12 | ĩhidiba                    | Z, MZD, FZD, MBD    | Consanguíneos de sexo oposto, cognatos cruzados e paralelos de G0. |
| 14 | ĩ'ra                       | S, D, BS, BD        | Consanguíneos paralelos de G-1.                                    |
| 15 | <b>Bödi</b> <sup>112</sup> | WBS                 | Qualquer parente do sexo masculino de G-1.                         |
| 16 | <b>Oti</b> <sup>113</sup>  | WBD, WZD            | Qualquer parente do sexo feminino de G-1.                          |
| 2  | ĩtsihudu                   | WBS, WBD            | Consanguíneos cruzados, de G-1, filhos de doador de mulheres.      |
| 17 | ĩ'rawapté                  | BS, BD, ZS, ZD      | Consanguíneos de G-1.                                              |
| 18 | ĩmro <sup>114</sup>        | W                   | Esposa.                                                            |
| 19 | ĩdzaómó                    | ZH                  | Afins de mesmo sexo, de G0 tomadores de mulheres.                  |
|    |                            | DH                  | Afins do sexo masculino, de G-1 tomadores de mulheres.             |
| 20 | <b>Tsayhi</b>              | SW                  | Afins do sexo feminino de G-1.                                     |
| 21 | ĩyare <sup>115</sup>       | WB                  | Afins de mesmo sexo, de G0,                                        |

do lado de sinônimos começados com “ĩ”, prefixo pessoal da primeira pessoa do singular (LACHINITT, 2003: 96, 35). Repeti esse procedimento em outro caso, mantendo o que foi dito no começo deste capítulo, sobre escrever os termos na 1ª pessoa. O outro vocábulo preterido por este motivo foi *watsini*, substituído por *ĩtsiwatsini* (25).

<sup>112</sup> Na classificação de parentes de mesmo sexo, paralelos de G-1 (BS, FBSS, etc.), como pode-se observar na figura 2, p. 86, *bödi* é sinônimo de *aybö*, todavia, de uso exclusivo de Ego masculino. Por *bödi* remeter, como já se disse, a relações genéricas de parentesco, optei por apresentar apenas *aybö* (27) para BS.

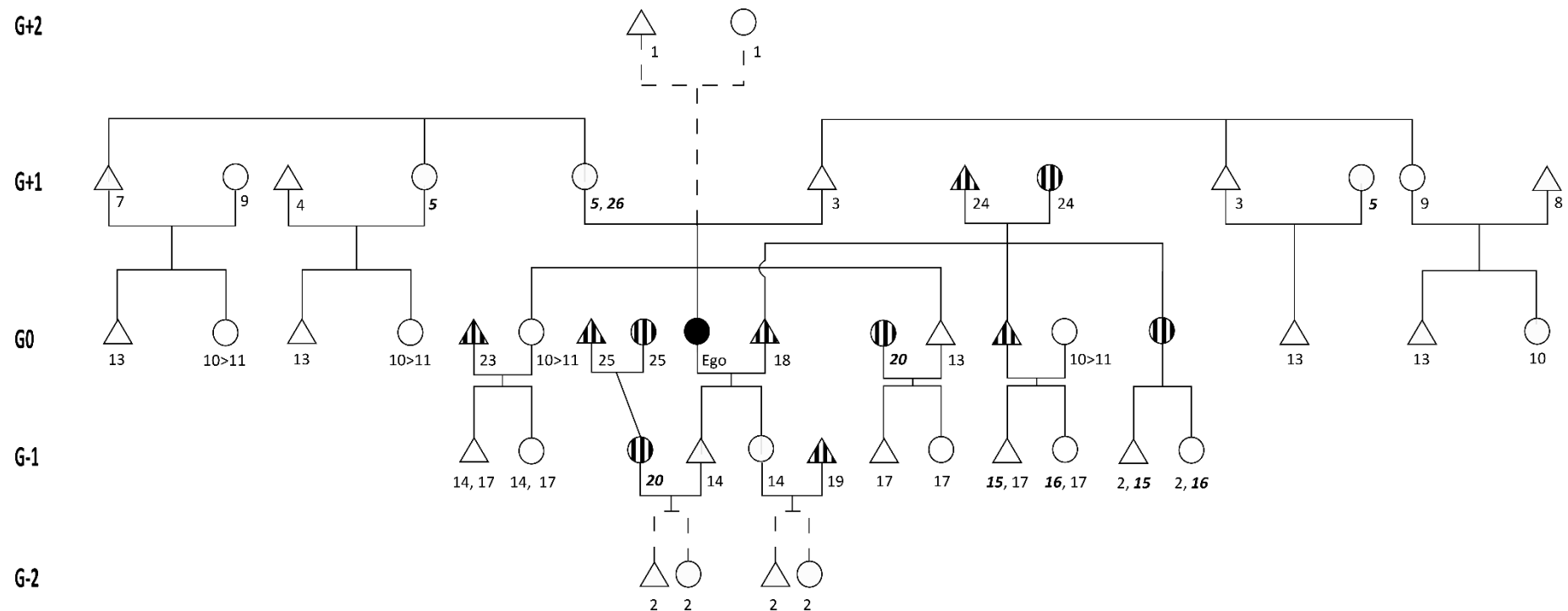
<sup>113</sup> A exemplo do que ocorre com o termo *bödi*, Ego masculino pode designar BD com *piö* ou *tsöyba*. Pelos mesmos motivos da nota anterior, acrescido do fato de *tsöyba* dizer respeito ao sistema de categorias de idade também, optei por deixar apenas *piö* (28).

<sup>114</sup> Outro erro de diagramação corrigido: *ĩmro* (18) aparece como marido para Ego masculino e esposa para Ego feminino nos originais (Cf. figura 2, p. 86).

<sup>115</sup> Este termo não é distinguido como vocativo, não obstante seja iniciado com “a”, pois Giaccaria & Heide (1972: 106) grafaram-no numa forma diferente da usada por mim e por Maybury-Lewis ([1967] 1984: 277, 281).

|    |             |                    |                                                    |
|----|-------------|--------------------|----------------------------------------------------|
|    |             |                    | doadores de mulheres.                              |
| 22 | Ītsidana    | BW, WZ             | Afins de sexo oposto, de G0.                       |
| 24 | Wawē        | WF, WM             | Afins de G+1.                                      |
| 25 | Ītsiwatsini | MBS, FZS, SWF, SWM | Consogro.                                          |
| 27 | <b>Aybō</b> | BS                 | Consanguíneos do sexo masculino, paralelos de G–1. |
| 28 | <b>Piō</b>  | BD                 | Consanguíneos do sexo feminino, paralelos de G–1.  |

DIAGRAMA 6 - TERMINOLOGIA DE PARENTESCO XAVANTE SEGUNDO GIACCARIA & HEIDE (EGO FEMININO)



TERMOS DE REFERÊNCIA

- |                |                |
|----------------|----------------|
| 1 - Ì'rada     | 9 - Ìtebe      |
| 2 - Ìtsihudu   | 10 - Ìdub'rada |
| 3 - Ìmama      | 11 - Ìno       |
| 4 - Ìmamaamo   | 13 - Ìhitébré  |
| 7 - Ìmamawapté | 14 - Ì'ra      |
| 8 - Ìmawapté   | 17 - Ìrawapté  |

- |                  |
|------------------|
| 18 - Ìmro        |
| 19 - Ìdzaómó     |
| 23 - Ìtsidaymama |
| 24 - Wawě        |
| 25 - Ìtsiwatsini |

TERMOS VOCATIVOS

- |                    |
|--------------------|
| 5 - <i>Dati'ö</i>  |
| 15 - <i>Bödi</i>   |
| 16 - <i>Oti</i>    |
| 20 - <i>Tsayhi</i> |
| 26 - <i>'Ramé</i>  |

□ Consanguíneos  
 ▨ Afins

TABELA 11 - TERMOS PARA GERAÇÕES MEDIAIS SEGUNDO GIACCARIA &amp; HEIDE (EGO FEMININO)

| REGISTRO | TERMO                      | POSIÇÕES              | SENTIDO                                                                        |
|----------|----------------------------|-----------------------|--------------------------------------------------------------------------------|
| 3        | Ĩmama                      | F, FB                 | Consanguíneos do sexo masculino, paralelos, de G+1 próximos.                   |
| 4        | Ĩmamaamo                   | MZH                   | Consanguíneos do sexo masculino, paralelos, de G+1 distantes.                  |
| 5        | Dati'ö                     | M, MZ, FBW            | Consanguíneos do sexo masculino, paralelos de G+1.                             |
| 7        | Ĩmamawapté                 | MB                    | Consanguíneos do sexo masculino, cruzados, de G+1 próximos.                    |
| 8        | Ĩmawapté                   | FZH                   | Consanguíneos do sexo masculino, cruzados, de G+1 distantes.                   |
| 9        | Ĩtebe                      | FZ, MBW               | Consanguíneos do sexo feminino, cruzados de G+1.                               |
| 10       | Ĩdub'rada                  | eZ, eMBD, eMZD, eHBW  | Consanguíneos de mesmo sexo, cognatos cruzados e paralelos, de G0 mais velhos. |
|          |                            | FZD                   | Consanguíneos do mesmo sexo, cruzados patrilaterais de G0.                     |
| 11       | Ĩno                        | yZ, yMBD, yMZD, yHBW  | Consanguíneos de mesmo sexo, cognatos cruzados e paralelos, de G0 mais novos.  |
| 13       | Ĩhitébré                   | B, FBS, FZS, MBS, MZS | Consanguíneos de sexo oposto, cognatos cruzados e paralelos de G0.             |
| 14       | Ĩ'ra                       | S, D, ZS, ZD          | Consanguíneos paralelos de G-1.                                                |
| 15       | <b>Bödi</b> <sup>116</sup> | HZS, HBD              | Consanguíneos do sexo masculino, colaterais de G-1 distantes.                  |
| 16       | <b>Oti</b>                 | HZD, HBS              | Consanguíneos do sexo feminino, colaterais de G-1 distantes.                   |
| 2        | Ĩtsihudu                   | HZS, HZD              | Consanguíneos, cruzados, de G-1, filhos de doador de homens.                   |

<sup>116</sup> Uma outra orientação de Pe. Giaccaria (com. pess.) diz respeito a uma confusa parte da tábua (GIACCARIA & HEIDE, 1972: 106), onde os termos *ĩtsihudu* e *bödi* designam HZD, uma parenta, não um parente. Corrigido este erro, *bödi*, *oti* e *ĩtsihudu* passaram a classificar HZS, HZD e HZCh respectivamente.

|    |                              |                          |                                                                            |
|----|------------------------------|--------------------------|----------------------------------------------------------------------------|
| 17 | ĩrawapté                     | BS, BD, ZS, ZD, HBS, HBD | Consanguíneos de G–1.                                                      |
| 18 | ĩmro                         | H                        | Marido.                                                                    |
| 19 | ĩdzaómó                      | DH                       | Afins do sexo masculino, de G–1.                                           |
| 20 | <b>Tsayhi</b> <sup>117</sup> | BW                       | Afins de mesmo sexo, de G0 tomador de homens.                              |
|    |                              | SW                       | Afins do sexo feminino, de G–1.                                            |
| 23 | ĩtsidaymama                  | ZH                       | Afins de sexo oposto, de G0.                                               |
| 24 | Wawě                         | HF, HM                   | Afins de G+1.                                                              |
| 25 | ĩtsiwatsini                  | SWF, SWM                 | Consogro.                                                                  |
| 26 | <b>‘Ramé</b> <sup>118</sup>  | M                        | Consanguíneosdo sexo feminino, paralelos, de G+1, reais de Ego sem filhos. |

É preciso trazer à luz alguns procedimentos usados na modelagem dos dados, etapa importante neste exercício comparativo. Deixei de lado, quando foi possível, os vocativos. Isso por significarem muito, como é o caso dos termos *bödi* (15) e *oti* (16), que abarcarem muitas posições, ou por significarem pouco, como ocorre com o par *aybö* (27) e *piö* (28), para Ego masculino, e *‘ramé* (26), para Ego feminino, que correspondem a poucas posições<sup>119</sup>. Apenas os vocativos para afins foram mantidos, além do par *bödi* (15)/*oti* (16), que permaneceu em casos específicos, por falta de um substituto e por terem alguma correspondência com a forma de classificação da próxima terminologia a ser analisada. Os termos *aybö* (27), *piö* (28) e *‘ramé* (26) denotam posições específicas e remetem, como espero ter deixado claro, às inter-relações existentes entre o sistema de parentesco e outros sistemas classificatórios, como o de categorias de idade, por exemplo. Por esse motivo foram excluídos. O termo *dati’ö* (5) foi mantido pelo fato de, diferentemente dos outros, ter uma versão referencial que não foi apresentada pelos salesianos, mas foi anotada por Maybury-Lewis e por mim. Trata-se do termo *ĩnibdati’ö*.

Deixo também de lado distinções irrelevantes para esta etapa da pesquisa, como as que

<sup>117</sup> Também aparece *ĩtsani’wa* para SW e *ĩsibdzayhi* para BW. O primeiro foi registrado por mim em Marãiwatsédé como sinônimo de tsaihi [**tsayhi** (20)].

<sup>118</sup> Depois que Ego der à luz ao primeiro filho, passa a usar *dati’ö* (5) no lugar de *‘ramé* (26) ao designar a M real, classificando parentas reais e classificatórias da mesma forma.

<sup>119</sup> Para todos ambos os casos cf. figura 2, p. 86.

se realizam dentro de classes determinadas de parentesco<sup>120</sup>. Nesse sentido, trazendo uma reflexão de Dumont (1953: 36 [grifos meus]) para este exercício comparativo, um "ponto importante é que a natureza da tarefa nos obriga a considerar que **a distinção dos termos denotam a classe, bastante independentemente da sua forma lingüística concreta**", ou seja, nesta parte do processo de cotejamento (redução a conjuntos recíprocos), *ĩmama* (3) e *ĩmamaamo* (4), por exemplo, são equivalentes, porque: (1) o sentido de ambos se configura a partir dos mesmos princípios, exclusive a já citada distinção (próximo/distante) e; decorre daí, que (2) ambos se opõe, enquanto *paralelos*, as classes dos *consangüíneos cruzados* e dos *afins*. Com os termos *dati'ö* (5) e *ĩna* (6) acontece algo semelhante. Os quatro termos em conjunto formam a classe dos *consangüíneos paralelos* de G+1, que tem como recíprocos os termos *ĩra* (14), *ĩrawapté* (17), *bödi* (15) e *oti* (16) que, neste estágio da análise, serão representados apenas pelo primeiro termo. Justifico esta opção pelo fato de, não obstante a ocorrência de sobreposições de termos<sup>121</sup>, apenas *ĩra* (14) distinguir filhos e filhas de irmãos de mesmo sexo (paralelos) dos outros parentes de G-1 (cruzados e afins), distinção evidente e fundamental em G+1. Com relação aos termos *bödi* (15) e *oti* (16), ambos acabam por opor paralelos *próximos* (Ch, ♂SCH, etc.) a *distantes* (WZCh, HBCh, etc.), sem prejuízo a distinção paralelo/cruzado entre consangüíneos, que se materializa em G-1 na oposição entre os termos *ĩra* (14) e *ĩrawapté* (17).

Ainda dentro dos domínios da consanguinidade, a classe dos *consangüíneos paralelos* se opõe a dos *cognatos cruzados*, constituída pelos termos *ĩmamawapté* (7), *ĩmawapté* (8) e *ĩtebe* (9) em G+1, que têm como recíproco *ĩrawapté* (17). Parentes *afins* completam a composição de um quadro que termina por perfazer um vocabulário de parentesco *tripartido* (consangüíneos paralelos/cognatos cruzados/afins) que reverbera as colocações de Viveiros de Castro (1996)

<sup>120</sup> Como "mais velhos" e "mais novos" dentro da classe dos "consangüíneos de mesma geração"; "próximos" e "distantes" dentro da classe dos "consangüíneos, de sexo masculino, paralelos de G+1"; ou "Ego iniciado" e "Ego não-iniciado" quando um Ego qualquer se refere a "consangüíneos, de sexo feminino, paralelos de G+1", por exemplo.

<sup>121</sup> Cf. diagramas 5 e 6, páginas 88 e 92, respectivamente.

sobre o caráter hierárquico que a oposição categorial consanguíneo/afim toma no *dravidiano amazônico* ou *concêntrico*. Modelo que pressupõe “gradientes de distância genealógica ou sociopolítica que exprimem uma atitude muito geral de ‘mascaramento’ da afinidade, **de tal forma que a consanguinidade se acumula no centro do campo social de Ego, enquanto a afinidade tende a cobrir sua periferia**” (Ibid.: 70 [grifos meus]). No final deste capítulo retomo este ponto.

Com relação aos consanguíneos de mesma geração, tomo o par *ĩdub’rada* (10)/*ĩno* (11) como significando a oposição entre mais velhos e mais novos dentro de uma classe de parentes que abrange germanos, primos paralelos e cognatos cruzados de mesmo sexo. Penso que essa manipulação dos dados seja viável porque se verifica uma neutralização *terminológica* da distinção paralelos/cruzados nos originais<sup>122</sup>, pois uma mulher chama suas primas cruzadas patrilaterais (FZD), *ĩdub’rada* (10), e um homem designa seus primos cruzados matrilaterais (MBS), *ĩno* (11). Além disso, os termos *ĩhitebre* (13) e *ĩhidibá* (12) agrupam os consanguíneos, tanto cognatos cruzados, quanto paralelos.

Nas tabelas abaixo (12 e 13), apresento os termos e seus recíprocos organizados praticamente da mesma forma que os dados de Maybury-Lewis, com a diferença já assinalada no que diz respeito à divisão global dos termos: aqui a divisão foi realizada a partir da oposição consanguinidade/afinidade. Na tabela 12, trago os termos para afins, seguida de alguns comentários. Lembro que os termos referentes às gerações distais não serão abordados.

---

<sup>122</sup> Cf. figura 2, p. 86.

| TABELA 12 - CONJUNTOS RECÍPROCOS XAVANTE PARA AFINS SEGUNDO GIACCARIA & HEIDE |                  |   |                                 |
|-------------------------------------------------------------------------------|------------------|---|---------------------------------|
| G±1                                                                           | (24) Wawẽ        | ↔ | (20) Īdzaómó/(19) <i>Tsayhi</i> |
| G-0                                                                           | (18) Īmro        | ↔ | (18) Īmro                       |
|                                                                               | (21) Āyare       | ↔ | (19) Īdzaómó                    |
|                                                                               | (23) Ītsidaymama | ↔ | (22) Ītsidana                   |
|                                                                               | (25) Ītsiwatsini | ↔ | (25) Ītsiwatsini                |

Nas gerações adjacentes distingue-se apenas o sexo dos afins de G-1. É em G0 que esta terminologia explicita uma propriedade que não está completamente clara em Maybury-Lewis ([1967] 1984) devido às “janelas” no conjunto terminológico apresentado, que não traz todos os termos para afins de Ego feminino. A propriedade a que me referi é a relação assimétrica entre afins de mesmo sexo e geração, fato parcialmente presente em Maybury-Lewis<sup>123</sup>, segundo o qual Ego masculino distingue “doador” de irmã, *ĩari* (20), de “tomador” de esposa, *ĩtsa’omo* (18); não há registro de termos para WZ e ♀BW nesta etnografia, que corresponderia aos afins de mesma geração do sexo feminino. Os dados de Giaccaria & Heide não diferem dos de Maybury-Lewis no que diz respeito a G+1 e G0 para Ego masculino, mas traz o termo *tsayhi* (20), ♀BW, embora não apresente seu recíproco. Penso que seja válido preencher essa lacuna com uma hipótese que encontra respaldo nos dados sistematizados a partir de minha experiência em Marãiwatsédé<sup>124</sup>. Nesse sentido, pressuponho a existência de uma assimetria, expressa na terminologia, entre afins de mesma geração e sexo, pois “doadores” de germanos de sexo oposto (♂WB, ♀HZ) agrupam os “tomadores” de cônjuges (♂ZH, ♀BW) sob os mesmos termos que seus pais: *tsayhi* (20), para Alter do sexo feminino, e *ĩdzaómó* (19), para Alter do sexo

<sup>123</sup> Cf. diagramas 3 (Ego masculino) e 4 (Ego feminino), e tabelas 4 (Ego masculino) e 5 (Ego masculino).

<sup>124</sup> Cf. diagramas 7 (Ego masculino) e 8 (Ego feminino), e tabelas 16 (Ego masculino) e 17 (Ego masculino), adiante. No final deste capítulo desenvolvo melhor este aspecto da terminologia xavante. Por ora peço ao leitor que guarde estes pontos.

masculino. Essa expressão terminológica da diferença de *status* numa relação de troca entre pessoas de mesma geração e sexo remete ao conceito de afinidade de Dumont (1953: 35) segundo o qual essa relação se daria entre pessoas de mesmo sexo.

Na tabela a seguir, exponho o conjunto de termos para *consanguíneos*, onde a linha de  $G_{\pm 1}$  traz os dados para  $G+1$  na coluna da esquerda e para  $G-1$  na coluna da direita. Os termos para  $G_0$  estão dispostos de acordo com o sexo e a idade relativa de Alter: se de mesmo sexo mais velhos ou do sexo masculino, ficam do lado esquerdo, se de mesmo sexo mais novos ou do sexo feminino, do lado direito. Lembro que os sinais “+” e “/” indicam “equivalência” e “distinção de sexo dentro de uma mesma classe” respectivamente.

| <b>TABELA 13 - CONJUNTOS RECÍPROCOS XAVANTE PARA CONSANGUÍNEOS SEGUNDO GIACCARIA &amp; HEIDE</b> |                                                                             |                   |                                                                                 |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------|-------------------|---------------------------------------------------------------------------------|
| $G_{\pm 1}$                                                                                      | (3) <i>ĩmama</i> + (4) <i>ĩmamaamo</i> / (6) <i>ĩna</i> + (5) <i>dati'õ</i> | $\leftrightarrow$ | (14) <i>ĩra</i>                                                                 |
|                                                                                                  | (7) <i>ĩmamawapté</i> + (8) <i>ĩmawapté</i> / (9) <i>ĩtebe</i>              | $\leftrightarrow$ | (17) <i>ĩrawapté</i> + (2) <i>ĩtsihudu</i> + (15) <i>bõdi</i> / (16) <i>oti</i> |
| $G-0$                                                                                            | (10) <i>ĩdub'rada</i>                                                       | $\leftrightarrow$ | (11) <i>ĩno</i>                                                                 |
|                                                                                                  | (13) <i>ĩhitébré</i>                                                        | $\leftrightarrow$ | (12) <i>ĩhidiba</i>                                                             |

Como não existirem termos específicos para primos cruzados em  $G_0$ , a terminologia divide globalmente este extrato geracional entre afins e consanguíneos, fato que encontra eco na análise do vocabulário de Maybury-Lewis ([1967] 1984) e no de Marãiwatsédé também. Por esse motivo, a tabela 14, abaixo, não traz os primos cruzados. No fim da seção anterior, depois de caracterizar a terminologia xavante registrada por Maybury-Lewis como próxima as de tipo *australiano*, colocava que um dos objetivos dessa seção era verificar se, em que medida, o vocabulário em análise corroborava essa qualificação. Vejamos a resposta no comentário à tabela a seguir.

| TABELA 14 - SUPERCLASSES EXISTENTES NA TERMINOLOGIA REGISTRADA<br>POR GIACCARIA & HEIDE |   |   |         |         |
|-----------------------------------------------------------------------------------------|---|---|---------|---------|
| PARALELO                                                                                |   |   | CRUZADO |         |
| G+1                                                                                     | F | M | MB      | FZ      |
| G0                                                                                      | B | Z | -       | -       |
| G-1                                                                                     | S | D | ♂ZS/♀BS | ♂ZD/♀BD |
|                                                                                         | ♂ | ♀ | ♂       | ♀       |

Recordemos que os recíprocos de  $G \pm 1$  presentes na terminologia de Maybury-Lewis apontam para alinhamentos que podem ser expressos nas equações **F+FZ/BCh** e **MB+M/ZCh**, que evocam uma divisão sociocêntrica da sociedade Xavante, em que a distinção de metades é o principal critério de classificação. Pois bem, observando a tabela referente aos dados de Giaccaria & Heide, acima, percebe-se que os alinhamentos ali contidos proporcionam as seguintes equações: **F+M/Ch** e **MB+FZ/♀BCh+♂ZCh**. De cara, verifica-se a irredutibilidade da terminologia a um esquema sociocêntrico, pois os termos para Ch são os mesmos para Ego de ambos os sexos. Assim, a presente versão da terminologia *a'uwẽ* distingue-se da anterior por ser *egocentrada*, não *sociocentrada*, por se estruturar a partir do *método das relações*, não do *método das classes*, posto que tanto indivíduos do sexo masculino (de mesma metade que seus filhos), quanto do sexo feminino (de metade distinta da de seus filhos) classificam sua prole da mesma forma, opondo-os terminologicamente aos filhos de irmãos de sexo oposto (♀BCh+♂ZCh), que são classificados de forma distinta.

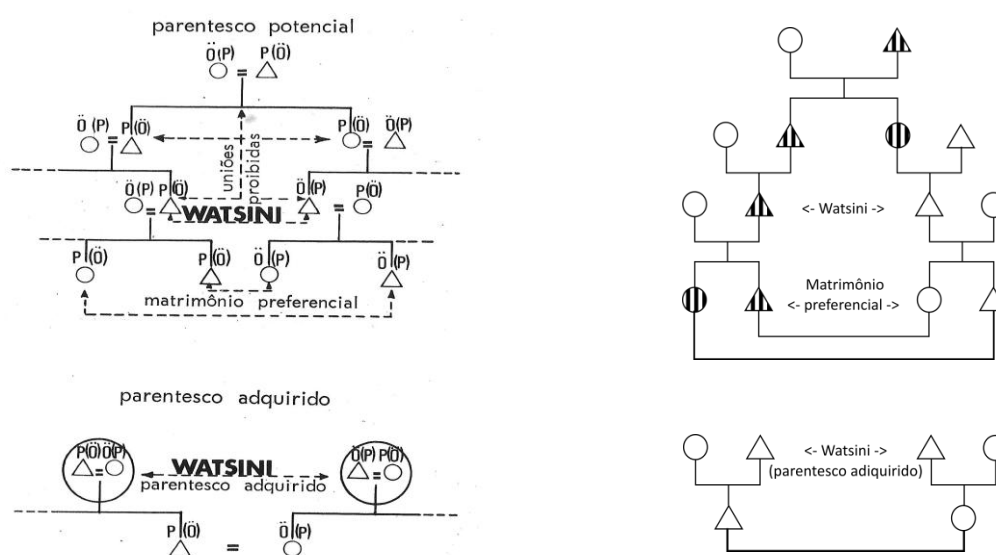
No início da descrição das relações de parentesco, Giaccaria & Heide (1972: 103) colocam que é necessário “explicar uma palavra mais genérica: *watsini*”. Embora este termo apareça no diagrama 8 como uma relação efetiva, no diagrama 7 também engloba MBS e FZS, pois

*primos primeiros de sexo masculino, de “metades” diversas são sempre watsini e o matrimônio entre seus filhos têm preferência aos demais. Para estes watsini é termo de parentesco, para os demais torna-se tal, uma vez que se estabeleça o casamento dos filhos. (Ibid.: 104 [grifos no original]).*

O diagrama de Giaccaria & Heide (Ibid.: 104) que reproduzo na figura 3, a seguir, expressa essa relação entre pessoas que se chamam *watsini*. Nele “Ö” indica a pertença a

metade *Öwawë* e “P” a metade *Po’redza’õno*. Entre parênteses, essas letras apontam para o fato dessas posições serem intercambiáveis, ou seja, que caso os indivíduos fossem de metades distintas das apresentadas a relação seria a mesma. Com o objetivo de facilitar o entendimento do diagrama dos salesianos, que contém muitas informações, fiz uma versão mais simples que se encontra ao lado do original. Nele, listras indicam pertença a uma metade e a ausência das mesmas a filiação à outra.

**FIGURA 3 - CASAMENTO PREFERENCIAL SEGUNDO GIACCARIA & HEIDE**



Fonte: Giaccaria & Heide (1972: 104)

O diagrama acima nos apresenta, além de um esquema de aliança, uma qualidade fundamental da terminologia xavante: o cálculo de cruzamento. Ele determina que filhos de primos cruzados de mesmo sexo sejam cruzados entre si e, segundo podemos inferir da terminologia analisada na próxima seção, que filhos de primos cruzados de sexo oposto sejam paralelos. Esse método de cruzamento serve de parâmetro para distinguir sistemas *dravidianos* de *iroqueses*. Estes últimos executam esse método de modo inverso, ou seja, filhos de primos cruzados de mesmo sexo são paralelos entre si, e filhos de primos cruzados de sexo oposto são cruzados (VIVEIROS DE CASTRO, 1996: 11, nota 3). O esquema da figura 3, chamado “matrimônio preferencial” no original, expressa a relação *watsini* “herdada” que pode se realizar

ou não. Embora dê a entender que primos cruzados deveriam ser classificados com *watsini*, este termo não consta com esse sentido na tábua que contém o conjunto dos termos (Figura 2). O dizer “parentesco adquirido” indica a relação efetiva, que tem lugar com o casamento dos filhos.

Chama a atenção, neste modelo, a afinidade *transmitida* por meio dos primos cruzados de sexo idêntico, que remete a *aliança de casamento* como uma relação entre pessoas de mesmo sexo (DUMONT, 1953). Com este instigante esquema de Giaccaria & Heide em mente, fiz um pequeno experimento, que passo a relatar. Com o auxílio do software Access<sup>125</sup> cruzei informações genealógicas que guardo em um banco de dados<sup>126</sup> com o objetivo de verificar se, e em que medida, esta regra era aplicada em Marãiwatsédé. Todavia, do universo de 254 casamentos, apenas 13 correspondiam à regra assinalada por Giaccaria & Heide, ou seja, 5,11% do total. Convém dizer que com uma preponderância matrilateral<sup>127</sup>. Antes de seguir, é importante salientar dois pontos: (1) que este exercício partiu exclusivamente dos parâmetros presentes no modelo da figura 3; e (2) que este mesmo esquema será retomado especulativamente adiante, em outros termos, por remeter às práticas matrimoniais verificadas em Marãiwatsédé, bem como ao próximo registro terminológico a ser analisado, que informa que os primos cruzados de 2º grau são classificados junto com afins, e a questões que emergem da comparação sistemática dos registros terminológicos presentes na última seção deste capítulo.

## 2.3 – TERMINOLOGIA DE PARENTESCO REGISTRADA EM MARÃIWATSÉDÉ

<sup>125</sup> Ferramenta que cria e gerencia banco de dados.

<sup>126</sup> Formado por genealogias que colhi quando trabalhei como indigenista, conta com 459 *vértices*, ou seja, pessoas casadas (onde cada um é distinguido por um número exclusivo e constam informações sobre sexo, idade, clã, cônjuge e filiação), de 6 gerações diferentes, e 254 casamentos. Sua última atualização foi feita em março de 2011. No próximo capítulo elaboro melhor o conceito de *vértice* e outros que serão usados na análise da rede empírica de alianças oriunda de Marãiwatsédé.

<sup>127</sup> Dez com MFBSD e três com FFBDD.

A Terra Indígena Marãiwatsédé localiza-se no leste mato-grossense, cerca de 1.200 km de Cuiabá. Lá habitavam, quando ali trabalhei, aproximadamente 700 pessoas distribuídas em 74 casas<sup>128</sup> numa única aldeia. Devido à expulsão de seu território tradicional, boa parte da população nasceu fora da terra homologada em 1998. Em 2004, retornaram para a parte demarcada de seu antigo território, depois de 38 anos de dispersão em outras TI's xavante. Como disse no primeiro capítulo, cheguei lá em 2009 para atuar em um projeto indigenista pela Operação Amazônia Nativa – OPAN, quando fui adotado por um ancião e sua família.

Neste momento, percebi a importância que os Xavante davam às relações de parentesco e passei a ler sobre o tema e a fazer anotações em campo que julgava importantes. Usei parte das informações para a confecção de uma monografia de pós-graduação *lato sensu*, fruto do curso de formação em Indigenismo oferecido pela OPAN<sup>129</sup>, quando fui orientado por Ivo Schoreder, que havia trabalhado justamente com parentesco entre os Xerente, povo muito próximo linguisticamente e culturalmente dos Xavante<sup>130</sup>. No primeiro semestre de 2011, depois de sair do projeto em que estava engajado, assisti boa parte da disciplina “*Antropologia do parentesco: teoria e prática*”, ministrada pelo Prof. Marcio Ferreira da Silva na Universidade de São Paulo (USP), que foi orientador de Ivo. Nesse momento tive contato com a teoria da aliança de Lévi-Strauss, bem como com seus desenvolvimentos atuais, fruto de reflexões recentes sobre os fatos sul-americanos. Lá também conheci e apliquei, de modo exploratório, aos dados xavante que havia sistematizado, o software Máquina do Parentesco (MaqPar), aplicativo que “busca articular pressupostos muito conhecidos da teoria do parentesco inaugurada por Lévi-Strauss [...] a noções elementares da teoria dos grafos, tomando-a como método de análise de” redes empíricas de relações consanguíneas a finais, ou seja, de genealogias (DAL POZ & SILVA,

---

<sup>128</sup> Dados de 2011.

<sup>129</sup> Cf. Ramires (2010).

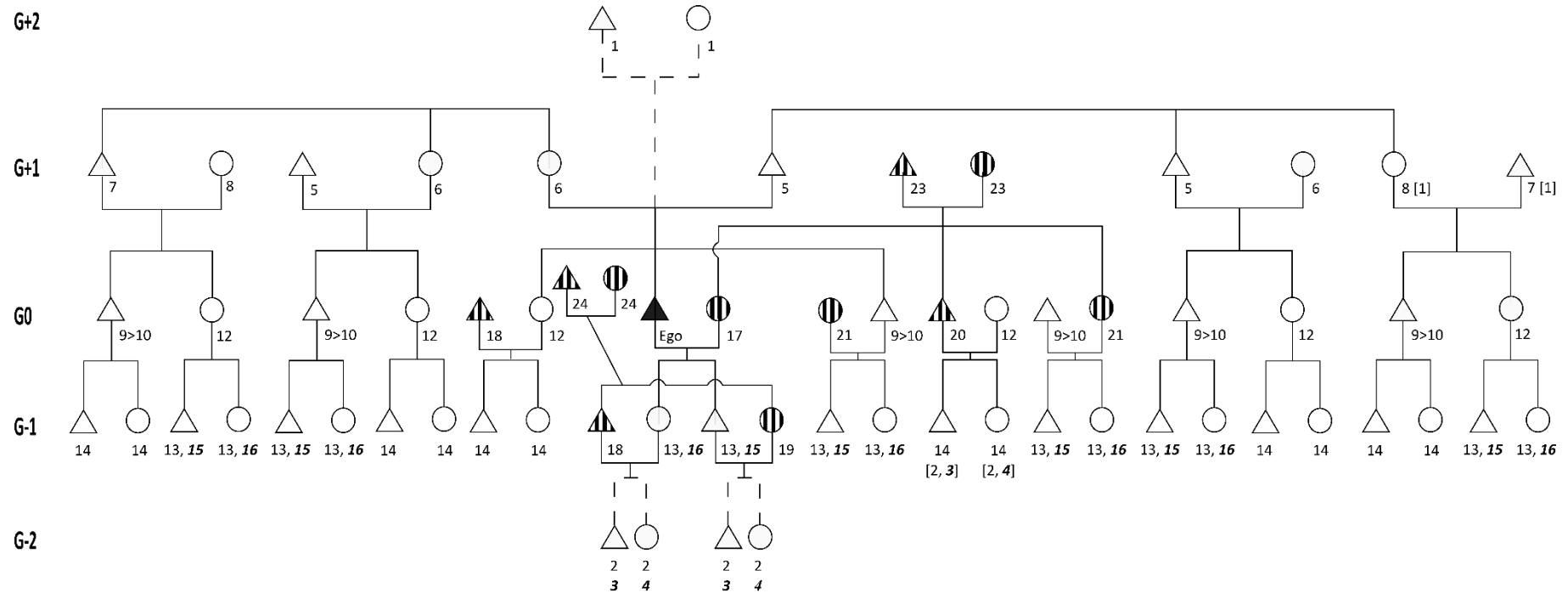
<sup>130</sup> Cf. Schoreder (2006).

2008: 63). É a partir dessa experiência e dessa perspectiva teórico-metodológica que registrei, sistematizei e apresento os dados que seguem.

### **2.3.1 – ANÁLISE DA TERMINOLOGIA REGISTRADA EM MARÃIWATSÉDÉ**

Como procedi em relação às terminologias descritas e analisadas anteriormente, apresento os termos para Ego masculino e Ego feminino separadamente, nos diagramas 7 e 8 respectivamente. Depois da apresentação de cada diagrama, os termos são descritos nas tabelas 15, 16 e 17. Por fim, discorro sobre os dados apresentados, preparando a discussão da última seção deste capítulo, onde faço um balanço comparativo geral das terminologias e conecto todos os fios soltos deixados no caminho percorrido até aqui, trazendo à baila o *sistema de atitudes*, que não foi abordado até agora por, ao contrário do *sistema terminológico*, apresentar uma uniformidade incrível verificada em todos os registros etnográficos. Diferentemente dos diagramas anteriores, os dois que seguem trazem algumas sobreposições de termos em G-1 que são representadas pelos números entre colchetes. Decidi fazer assim devido à instabilidade verificada na classificação de WBCh, ♂ZCh, HZCh e ♀BCh.

**DIAGRAMA 7 - TERMINOLOGIA DE PARENTESCO XAVANTE REGISTRADA EM MARÃIWATSÉDÉ (EGO MASCULINO)**



**TERMOS DE REFERÊNCIA**

- |                 |               |
|-----------------|---------------|
| 1 - Ī'rada      | 9 - Īdub'rada |
| 2 - Īnhihudu    | 10 - Īno      |
| 5 - Īmāmā       | 12 - Īhidiba  |
| 6 - Īnibdati'ö  | 13 - Ī'ra     |
| 7 - Īmama wapté | 14 - Īrawapté |
| 8 - Ītebe       | 17 - Īmro     |

- |                |
|----------------|
| 18 - Ītsa'ömo  |
| 19 - Ītsani'wa |
| 20 - Ī'ārewa   |
| 21 - Ītsidana  |
| 23 - Īmaprewa  |
| 24 - Watsini   |

**TERMOS VOCATIVOS**

- 3 - Bōdi**
- 4 - Oti**
- 15 - Aibō**
- 16 - Piō**

 Consanguíneos

 Afins

| TABELA 15 - TERMOS PARA GERAÇÕES DISTAIS REGISTRADOS EM MARÄIWATSÉDÉ |             |                      |                                                         |
|----------------------------------------------------------------------|-------------|----------------------|---------------------------------------------------------|
| REGISTRO                                                             | TERMO       | POSIÇÕES             | SENTIDO                                                 |
| 1                                                                    | ĩrada       | FF, MF, FM, MM, etc. | Qualquer parente de G+2 e seguintes.                    |
| 2                                                                    | ĩnhihudu    | SCh, DCh, etc.       | Qualquer parente de G-2 e seguintes.                    |
| 3                                                                    | <b>Bödi</b> | SS, DS, etc.         | Qualquer parente do sexo masculino, de G-2 e seguintes. |
| 4                                                                    | <b>Oti</b>  | SD, DD, etc.         | Qualquer parente de sexo feminino, de G-2 e seguintes.  |

Em  $G \pm 2$  distingue-se o sexo dos parentes de G-2 com os vocativos **bödi** (3) e **oti** (4), ou se pode agrupá-los independentemente de qualquer distinção sexual sob o termo referencial *ĩnhihudu* (2). Como nos casos precedentes, não se realiza qualquer distinção que não a geracional em G+2. As diferenças de sentido dos vocativos em tela com relação às análises anteriores serão discutidas na última seção deste capítulo, “Quadro comparativa geral”, assim como todas as contradições e convergências entre os registros terminológicos.

| TABELA 16 - TERMOS PARA GERAÇÕES MEDIAIS REGISTRADOS EM MARÄIWATSÉDÉ (EGO MASCULINO) |             |                                  |                                                                                 |
|--------------------------------------------------------------------------------------|-------------|----------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------|
| REGISTRO                                                                             | TERMO       | POSIÇÕES                         | SENTIDO                                                                         |
| 5                                                                                    | ĩmãmã       | F, FB, MZH, etc.                 | Consanguíneos do sexo masculino, paralelos de G+1.                              |
| 6                                                                                    | ĩnibdati'ö  | M, MZ, FBW, etc.                 | Consanguíneos do sexo feminino, paralelos de G+1.                               |
| 7                                                                                    | ĩmama wapté | MB, FZH, etc.                    | Consanguíneos do sexo masculino, cruzados de G+1.                               |
| 8                                                                                    | ĩtebe       | FZ, MBW, etc.                    | Consanguíneos do sexo feminino, cruzados de G+1.                                |
| 9                                                                                    | ĩdub'rada   | eB, eFBS, eMBS, WZH, etc.        | Consanguíneos do mesmo sexo, cognatos cruzados e paralelos, de G0 mais velhos.  |
| 10                                                                                   | ĩno         | yB, eFBS, yMBS, WZH, etc.        | Consanguíneos do mesmo sexo, cognatos cruzados e paralelos, de G0 e mais novos. |
| 12                                                                                   | ĩhidiba     | Z, MZD, FBD, MBD, FZD, WHW, etc. | Consanguíneos do sexo oposto, cognatos cruzados e paralelos                     |

|    |             |                                      |                                                    |
|----|-------------|--------------------------------------|----------------------------------------------------|
|    |             |                                      | de G0.                                             |
| 13 | ĩra         | Ch, BCh, FBSCCh, MBDCCh,<br>etc.     | Consanguíneos paralelos de G–1.                    |
| 14 | ĩrawapté    | ZCh, FBDCCh, MZDCCh,<br>MBSCCh, etc. | Cognatos cruzados de G–1.                          |
| 15 | <b>Aibö</b> | S, BS, FBSS, MBDS, etc.              | Consanguíneos do sexo masculino, paralelos de G–1. |
| 16 | <b>Piö</b>  | D, BD, FBSD, MBDD, etc.              | Consanguíneos do sexo feminino, paralelos de G–1.  |
| 17 | ĩmro        | W                                    | Esposa.                                            |
| 18 | ĩtsa'ömo    | ZH, FBDH, MZDH, etc.                 | Afins de mesmo sexo, de G0, tomadores de esposas.  |
|    |             | DH, BDH, etc.                        | Afins de sexo masculino, de G–1.                   |
| 19 | ĩtsani'wa   | SW, BSW, etc.                        | Afins do sexo feminino, de G–1.                    |
| 20 | ĩãrewa      | WB, etc.                             | Afins de mesmo sexo, de G0, doadores de irmãs.     |
| 21 | ĩtsidana    | WZ, BW, etc.                         | Afins de sexo oposto, de G0.                       |
| 23 | ĩmaprewa    | WF, WM, etc.                         | Afins de G+1.                                      |
| 24 | ĩtsiwatsini | SWF, SWM, DHF, DHM, etc.             | Consogros.                                         |



**TABELA 17 - TERMOS PARA GERAÇÕES MEDIAIS REGISTRADOS EM MARĀIWATSÉDÉ (EGO FEMININO)**

| REGISTRO | TERMO        | POSIÇÕES                         | SENTIDO                                                                          |
|----------|--------------|----------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------|
| 5        | Ĩmãmã        | F, FB, MZH, etc.                 | Consanguíneos do sexo masculino, paralelos de G+1.                               |
| 6        | Ĩnibdati'ö   | M, MZ, FBW, etc.                 | Consanguíneos do sexo feminino, paralelos de G+1.                                |
| 7        | Ĩmama wapté  | MB, FZH, etc.                    | Consanguíneos do sexo masculino, cruzados de G+1.                                |
| 8        | Ĩtebe        | FZ, MBW, etc.                    | Consanguíneos do sexo feminino, cruzados de G+1.                                 |
| 9        | Ĩdub'rada    | eZ, eFBD, eFZD, HBW, etc.        | Consanguíneos do mesmo sexo, cognatos cruzados e paralelos, de G0 e mais velhos. |
| 10       | Ĩno          | yZ, yFBD, yFZD, HBW, etc.        | Consanguíneos do mesmo sexo, cognatos cruzados e paralelos, de G0 e mais novos.  |
| 11       | Ĩhitébré     | B, MZS, FBS, MBS, FZS, HZH, etc. | Consanguíneos do sexo oposto, cognatos cruzados e paralelos, de G0.              |
| 13       | Ĩ'ra         | Ch, ZCh, FBDCh, FZSch, etc.      | Consanguíneos paralelos de G-1.                                                  |
| 14       | Ĩ'rawapté    | BCh, FBSCCh, MZSCCh, FZDCh, etc. | Cognatos cruzados de G-1.                                                        |
| 15       | <b>Aibö</b>  | S, ZS, FBDS, FZSS, etc.          | Consanguíneos do sexo masculino, paralelos de G-1.                               |
| 16       | <b>Piö</b>   | D, ZD, FBDD, FZSD, etc.          | Consanguíneos do sexo feminino, paralelos de G-1.                                |
| 17       | Ĩmro         | H                                | Marido.                                                                          |
| 18       | Ĩtsa'ömo     | DH, ZDH etc.                     | Afins de sexo masculino, de G-1.                                                 |
| 19       | Ĩtsani'wa    | BW, FBSW, MZSW, etc.             | Afins de mesmo sexo, de G0, tomadores de maridos.                                |
|          |              | SW, ZSW, etc.                    | Afins do sexo feminino, de G-1.                                                  |
| 22       | Ĩtsi'daimãma | HB, ZH, etc.                     | Afins de sexo oposto, de G0.                                                     |
| 23       | Ĩmaprewa     | HF, HM, etc.                     | Afins de G+1.                                                                    |
| 24       | Ĩtsiwatsini  | SWF, SWM, DHF, DHM, etc.         | Consogros.                                                                       |
| 25       | <b>Atebe</b> | HZ, etc.                         | Afins de mesmo sexo, de G0, doadores de irmãos.                                  |

Os diagramas e tabelas acima demonstram que em G0 um Ego qualquer classifica todos os germanos e cognatos cruzados da mesma forma, procedendo a uma “havaianização”, também presente em Giaccaria & Heide (1972). Nesta geração, distingue-se a idade relativa apenas de Alter do mesmo sexo, enquanto que aos parentes de sexo oposto são reservados

termos específicos. Assim, um Ego qualquer agrupa parentes consanguíneos do mesmo sexo e geração sob os termos *ĩdub'rada* (9), se mais velhos, e *ĩno* (10), se mais novos; os de sexo oposto são classificados com *ĩhitébré* (11), se do sexo masculino, e *ĩhidiba* (12), se do sexo feminino. Desta forma, o sistema distingue primos cruzados próximos (de 1º grau) de distantes, assimilando os primeiros a germanos e os segundos a afins, se ficarmos apenas com o vocabulário de parentesco. Recordo que o modelo de casamento de Giaccaria & Heide aponta que a busca de cônjuges seria orientada justamente para os primos cruzados de segundo grau. Esse dado é importante e será retomado adiante.

Em G+1, um Ego qualquer agrupa F, FB e MZH sob o termo *ĩmãmã* (5), e M, MZ e FBW sob o termo *ĩnibdati'ö* (6). Com relação aos parentes cruzados dessa geração, classifica-se MB e FZH com *ĩmama wapté* (7), enquanto FZ e MBW são designadas com o termo *ĩtebe* (8). Convém registrar que estas últimas equações (MB = FZH e FZ = MBW) evocam a **troca de irmãs** em G+1, pois se classifica o marido de FZ da mesma forma que MB e vice-versa. Este tipo de troca matrimonial foi verificado em uma quantidade considerável de casamentos, apesar das afirmações de Maybury-Lewis ([1967] 1984: 288-289) sobre a proscrição deste tipo de matrimônio por instaurar certa confusão entre doadores e tomadores de esposas. Como acontece em qualquer sistema *dravidiano*, em G-1 a terminologia agrupa filhos de Ego, de parentes paralelos de mesmo sexo e de cruzados do sexo oposto sob o termo *ĩra* (13), enquanto filhos de parentes cruzados de mesmo sexo e de paralelos do sexo oposto são classificados como *ĩrawapté* (14). Pode-se distinguir o sexo de *ĩra* (13) por meio dos vocativos *aibö* (15), para Alter masculino, e *pi'ö* (16), para Alter feminino. Chamo a atenção para a forma como o vocabulário em foco, não obstante designe cognatos cruzados e paralelos de mesma geração com os mesmos termos, diferencia os filhos de ambos. Ao que parece, esta consanguinização dos primos cruzados de primeiro grau, que os isenta da afinidade, interditando-os ao matrimônio,

interfere apenas parcialmente na distinção genealógica paralelo/cruzado, pois o sistema segue distinguindo filhos de cognatos cruzados de mesmo sexo dos filhos de parentes paralelos de mesmo sexo. Estes últimos são classificados como os próprios filhos, enquanto os primeiros são terminologicamente assimilados aos cruzados de G-1.

Nas gerações adjacentes, os *a'uwẽ* não distinguem o sexo dos parentes afins de G+1, usando apenas *ĩmaprewa* (23) para pais de cônjuges. Em G-1, *ĩtsa'õmo* (18) é usado para classificar o marido da filha, enquanto *ĩtsani'wa* (19) serve para a esposa do filho. Em G0, o vocabulário em tela traz um termo específico para cônjuges, *ĩmro* (17)<sup>131</sup>, que os distinguem de outros afins de sexo oposto de Ego masculino, *ĩtsidana* (21), e de Ego feminino, *ĩtsi'daimãma* (22). Já para afins de mesma geração e sexo, vimos que os Xavante de Marãiwatsédé replicam os termos usados por seus consanguíneos de G+1, mas os recíprocos são outros. Quando Ego do sexo masculino classifica o marido da irmã com *ĩtsa'õmo* (18), é classificado com *ĩãrewa* (20), não como *ĩmaprewa* (23). Com Ego do sexo feminino ocorre algo semelhante, pois a irmã do marido classifica a esposa do irmão com *ĩtsani'wa* (19) e é classificada com o vocativo **Atebe** (25). É justamente este termo que faltava nos registros de Giaccaria & Heide (1972), onde se verificam as mesmas distinções assimétricas observadas aqui entre doadores de germanos de sexo oposto (WB e HZ) e tomadores de cônjuges (♂ZH e ♀BW), que reverbera no plano atitudinal. Como já disse, nos registros de Maybury-Lewis esta assimetria está parcialmente manifesta. Para finalizar estas breves explicações sobre os termos contidos nas tabelas, é importante dizer que *ĩtsiwatsini* (24) é usado para consogros, mas apenas para relações efetivas. Não tenho notícias desse termo num sentido de “afinidade potencial”, como em Giaccaria & Heide. Disse “da tabela” porque existem outros termos de parentesco que foram observados em campo, mas não fazem parte da mesma por que são pouco usados. Antes de finalizar esta seção

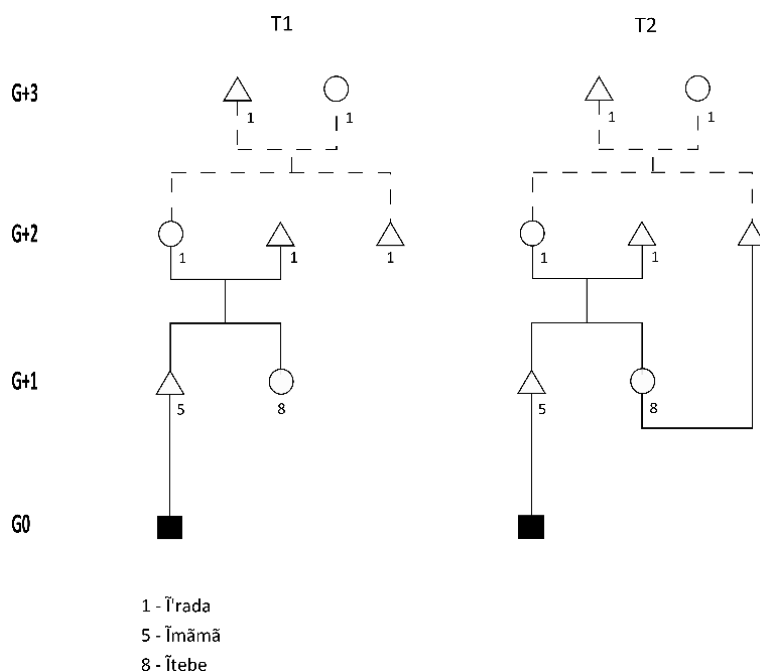
---

<sup>131</sup> Junto com *ĩtsiwatsini* (24) são os únicos autorecíprocos verificados na terminologia xavante.

com a redução da terminologia a seus pares recíprocos, julgo importante fazer alguns comentários sobre os termos ausentes, bem como sobre a dinâmica do sistema terminológico.

Meus diagramas e tabelas são modelos, reduções analíticas que pretendem simplificar um fenômeno dinâmico e complexo (o sistema de parentesco). Nesse sentido, por exemplo, um homem classificado como *ĩrada* (1), ao casar-se com uma mulher que, por meio de outras conexões genealógicas presumíveis ou demonstráveis, um Ego determinado chame de *ĩtebe* (8), continua a ser chamado da mesma forma, assim como esta última, como podemos observar no diagrama 9, abaixo. Ali, “T1” indica “situação anterior ao matrimônio” e “T2” “situação posterior”<sup>132</sup>. As linhas pontilhadas representam relações classificatórias, pois um casamento deste tipo é proscrito entre parentes *reais*. O quadrado indica que o sexo de Ego é indiferenciado.

**DIAGRAMA 9 - CASAMENTO ENTRE FMB E FZ**

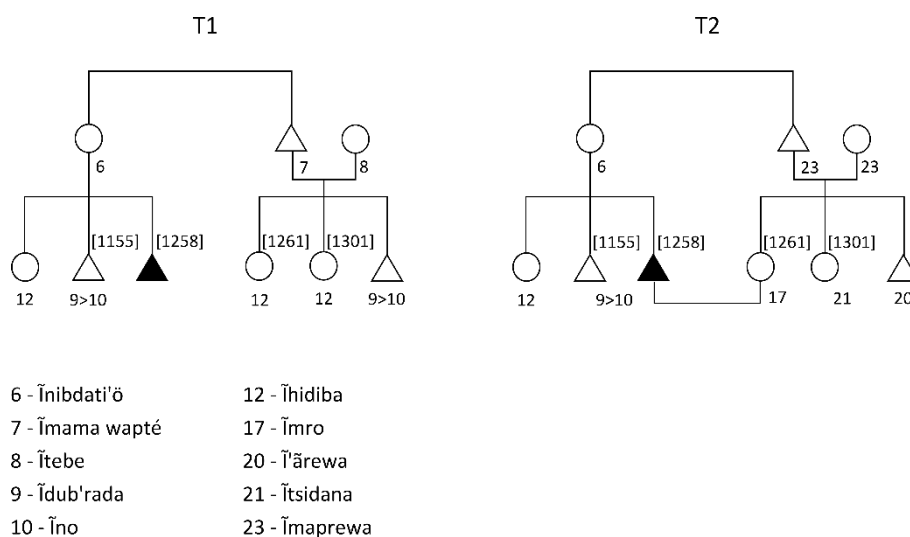


Também existem casos em que um casamento implica em uma reclassificação global, como o que registrei em campo. Trata-se do casamento com cognatos cruzados, ou seja, *com*

<sup>132</sup> Em todos os exemplos “T1” e “T2” tem o mesmo sentido.

parentes consanguíneos, que ocasionou uma reclassificação geral, como ocorreria normalmente caso os cônjuges não fossem parentes próximos. O indivíduo 1258<sup>133</sup>, irmão de 1155, se casou com sua prima cruzada matrilateral de 1º grau, 1261, irmã de 1301, fato que fez com que os consanguíneos próximos do casal substituíssem o conjunto de termos para consanguíneos cruzados pelos conjunto de termos usados para afins, como o diagrama exemplifica. Observe-se 1258 substituiu os termos apropriados para cognatos cruzados (T1) pelos termos para afins (T2) ao se casar com MBD. Dada a equivalência entre germanos do mesmo sexo, 1155 passou a usar os mesmos termos que seu irmão. Posteriormente 1155 se casou com 1301.

#### DIAGRAMA 10 - CASAMENTO COM MBD

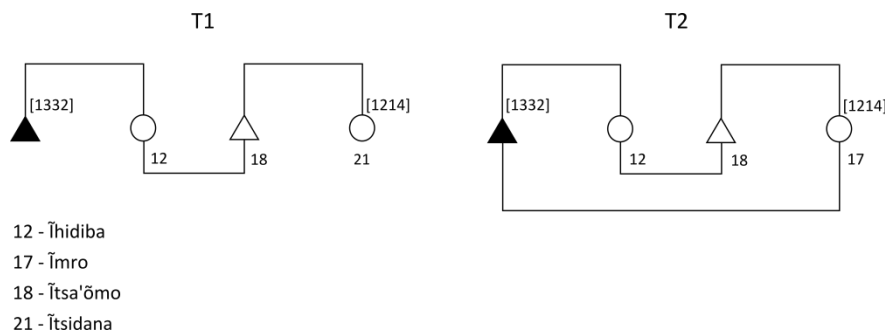


Outros casos registrados em campo divergem da afirmação de Maybury-Lewis ([1967] 1984), de que a troca de irmãs seria proscrita. Em Marāiwatsédé, não vi qualquer constrangimento por parte de indivíduos nesta situação. Na verdade, tanto o redobramento de aliança de consanguíneo próximo de mesmo sexo (dois irmãos casam com duas irmãs, por exemplo), quanto o redobramento de aliança de consanguíneo próximo de sexo oposto (troca de irmãs ou irmãos, por exemplo) são práticas comuns e estimuladas, pois têm a ver com a ideia de *dahöimanāprédu*, que me traduziram como o respeito, condição necessária para a relação

<sup>133</sup> Uso os números que atribui a cada indivíduo na construção de meu banco de dados para me referir aos meus interlocutores ao invés de seus nomes. Os números correspondentes a cada indivíduo aparecem entre colchetes acima de sua representação no diagrama.

*ĩtsiwatsini* (24), ou seja, para que dois casais casem seus filhos entre si. No diagrama a seguir exemplifico esta situação, com o casamento de 1332 (Ego) com a ZHZ real, 1214.

**Diagrama 11 - CASAMENTO COM ZHZ REAL**



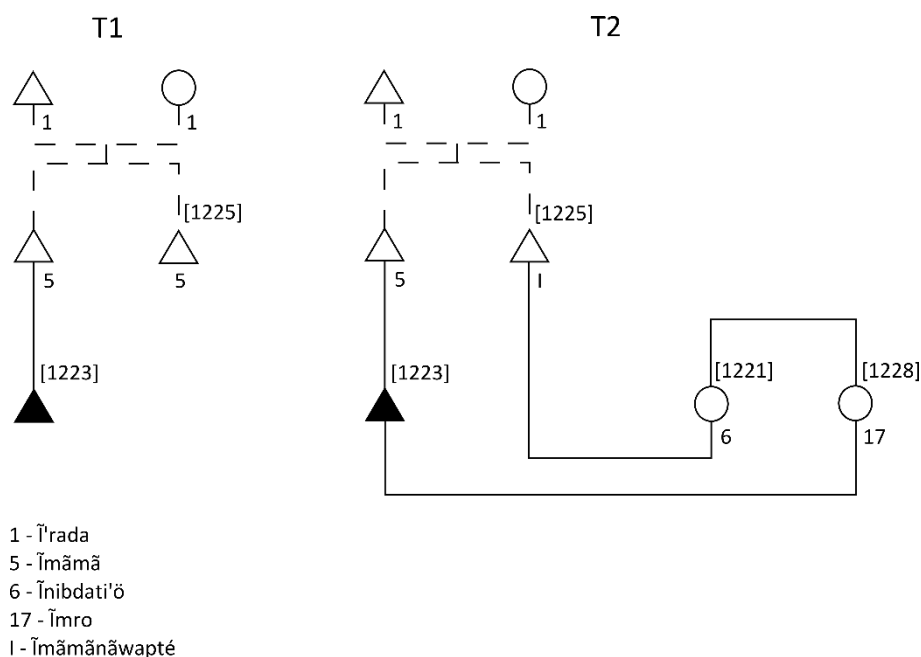
Percebemos que em “T2”, após o casamento de 1332 (Ego) com 1214 (ZHZ), o termo *ĩtsidana* (21) é substituído pelo termo *ĩmro* (17). Segundo vários interlocutores, na relação entre pessoas de mesmo sexo (nesse caso, do sexo masculino) o que conta é o primeiro matrimônio, ou seja, como Ego contraiu casamento depois de sua Z, continuará a ser classificado como *ĩãrewa* (20) por seu ZH/WB, e usará *ĩtsa'õmo* (18) como recíproco. No plano das atitudes, disseram que as coisas também permanecem da mesma forma. Observei, todavia, que quando os cunhados são pessoalmente próximos pode ocorrer uma espécie de “disputa” informal e bem humorada, pois ambos usam *ĩãrewa* (20) para se referirem um ao outro com a expectativa que um dos lados ceda. Importante registrar que isso ocorre longe dos olhos e ouvidos dos anciões, pois eles consideram esse tipo de atitude inapropriada.

Outro processo de reclassificação, pouco usual, acredito que devido a diferença geracional, é desencadeado a partir de uma relação não mais de afinidade, mas de co-afinidade, que instaura a *evitação* entre consanguíneos paralelos de gerações adjacentes do sexo masculino que se casam com irmãs reais e que se estende a estas últimas. É importante dizer que as *atitudes* adequadas, desde uma perspectiva nativa, entre afins do sexo oposto e mesma geração são o inverso da relação entre afins de mesmo sexo e geração: enquanto esta, via de regra, aponta para o par atitudinal *direito* e *obrigação* entre *doadores* e *tomadores*,

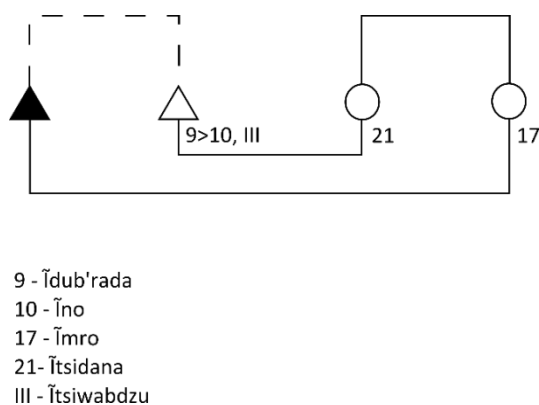
respectivamente, a primeira se caracteriza, seguindo o “sistema de atitudes elementares” de Lévi-Strauss ([1945] 2008b: 62-63), pela *mutualidade* e pela *reciprocidade* que, neste caso, não proscrevem relações sexuais. Pois bem, como podemos observar no diagrama 12, a seguir, antes de se casarem, 1223 (Ego) classificava 1225 com *ĩmãmã* (5) e era classificado com *ĩra* (13), embora ambos sejam da mesma classe de idade, a *Ētepá*. Ao final da iniciação, como manda a tradição, teve vez mais umas das várias etapas do processo que é o casamento entre os Xavante, momento em que as noivas foram apresentadas aos neófitos. Até aí nada de incomum, não fosse ambos se casarem com duas irmãs reais, fato que propiciou uma reclassificação acompanhada de mudanças no que diz respeito às atitudes. Ao se casarem com as irmãs 1221 e 1228, 1223 substituiu o termo *ĩmãmã* (5) por *ĩmãmãñwapté* (I)<sup>134</sup> e passou a se referir a WZ não com *ĩtsidana* (21), mas com *ĩnibdati’ö* (6), enquanto 1225 trocou *ĩrã* (13) por *ĩrãñwapté* (II). O companheirismo e a liberdade deram lugar, no campo atitudinal, a uma relação de *evitação* formal entre os envolvidos, algo semelhante à relação entre afins de gereções distintas. Colegas de classe de idade me disseram que, independente de 1225 e 1223 não serem parentes próximos, essa reclassificação iria acontecer de qualquer forma.

---

<sup>134</sup> Uso algarismos romanos para indicar que estes termos não fazem parte dos diagramas e tabelas que abordaram o conjunto da terminologia registrada em Marãiwatsédé.

**Diagrama 12 - CASAMENTO COM FW**

Semelhante a esta situação, mas bem mais frequente, é o casamento de dois indivíduos que se classificam como irmãos com duas irmãs (igualmente reais ou classificatórias). Neste caso, as coisas se passam de forma mais simples: além dos termos específicos para germanos de mesmo sexo, um Ego qualquer passa a dispor do termo *Țtsiwabdzu* (III) para classificar seus concunhados, como podemos observar no diagrama 13, abaixo. Cotejando os diagramas 12 e 13 e sem pretender ir adiante na descrição deste elemento da terminologia xavante, pelo menos neste trabalho, chamo apenas a atenção para a inversão, com relação às atitudes, ocasionada pela passagem das relações de coafinidade de mesma geração para gerações adjacentes.

**DIAGRAMA 13 - CASAMENTO COM BWZ**

Além da neutralização da distinção consangüíneo/afim em G<sub>0</sub>, a tripartição em G<sub>±1</sub> entre *paralelos*, *cognatos cruzados* e *afins* também está explícita em Giaccaria & Heide (1972), e implícita em Maybury-Lewis ([1967] 1984). As tabelas 18 e 19, a seguir, trazem os pares recíprocos do vocabulário oriundo de Marãiwatsédé, que se encontram organizados da mesma forma que o registrado pelos salesianos<sup>135</sup>.

| <b>TABELA 18 - CONJUNTOS RECÍPROCOS XAVANTE PARA CONSANGUÍNEOS REGISTRADOS EM MARÃIWATSÉDÉ</b> |                                          |   |                                                 |
|------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------|---|-------------------------------------------------|
| G <sub>±1</sub>                                                                                | (5) ĩmãmã / (6) ĩnibdati'ö               | ↔ | (13) ĩ'ra + (15) <b>Aibö</b> / (16) <b>Pi'ö</b> |
|                                                                                                | (7) ĩmama wapté / (8) ĩtebe [(1) ĩ'rada] | ↔ | (14) ĩrawapté [(2) ĩnhihudu]                    |
| G <sub>-0</sub>                                                                                | (9) ĩdub'rada                            | ↔ | (10) ĩno                                        |
|                                                                                                | (11) ĩhitébré                            | ↔ | (12) ĩhidiba                                    |

Assim como em Maybury-Lewis ([1967] 1984) e Giaccaria & Heide (1972), a terminologia em análise não traz termos específicos para primos cruzados, fazendo com que o sistema acabe dividindo o universo dos parentes de mesma geração entre *consanguíneos* e *afins* apenas. Na classificação dos parentes de gerações adjacentes, pessoas chamadas por *ĩmama wapté* (7) e *ĩtebe* (8) podem substituir *ĩrawapté* (14) por a *ĩnhihudu* (2) e, reciprocamente, passam a ser classificados com *ĩ'rada* (1). Este fenômeno será analisado adiante.

<sup>135</sup> Colchetes aqui indicam o uso conotativo dos termos, não vocábulos que englobam ou são englobados por outros termos como em Maybury-Lewis (Cf. tabela 6, p. 80).

| TABELA 19 - CONJUNTOS RECÍPROCOS XAVANTE PARA AFINS REGISTRADOS EM MARÃIWATSÉDÉ |                                |   |                               |
|---------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------|---|-------------------------------|
| G±1                                                                             | (23) Ĩmaprewa                  | ↔ | (18) Ĩtsa'õmo /(19) Ĩtsani'wa |
| G-0                                                                             | (17) Ĩmro                      | ↔ | (17) Ĩmro                     |
|                                                                                 | (22) Ĩtsidaimama               | ↔ | (21) Ĩtsidana                 |
|                                                                                 | (20) Ĩãrewa /(25) <b>Atebe</b> | ↔ | (18) Ĩtsa'õmo /(19) Ĩtsani'wa |
|                                                                                 | (24) Ĩtsiwatsini               | ↔ | (24) Ĩtsiwatsini              |

Como acontece nos registros anteriores, distingue-se apenas o sexo dos afins de G-1 e, em G0, pode-se verificar o que venho colocando sobre a assimetria, expressa na terminologia e nas atitudes, entre afins de mesma geração e sexo. Os “doadores” de germanos de sexo oposto (♂WB, ♀HZ) classificam os “tomadores” de cônjuges (♂ZH, ♀BW) com os mesmos termos que seus pais, o que faz com que Ego feminino use *ĩtsani'wa* (19) para ♀BW e Ego masculino use *ĩtsa'õmo* (18) para ♂ZH; os recíprocos são *ĩãrewa* (20) para este ultimo e **atebe** (25) para o primeiro. É este termo que faltava em Giaccaria & Heide (1972). Indo adiante na análise, podemos verificar na tabela 20, abaixo, que os termos de G±1 alinham-se perfeitamente nas colunas que distinguem paralelos de cruzados.

| Tabela 20 - SUPERCLASSES EXISTENTES NA TERMINOLOGIA REGISTRADA EM MARÃIWATSÉDÉ |   |   |         |         |
|--------------------------------------------------------------------------------|---|---|---------|---------|
| PARALELO                                                                       |   |   | CRUZADO |         |
| G+1                                                                            | F | M | MB      | FZ      |
| G0                                                                             | B | Z | -       | -       |
| G-1                                                                            | S | D | ♂ZS/♀BS | ♂ZD/♀BD |
|                                                                                | ♂ | ♀ | ♂       | ♀       |

Se em Maybury-Lewis os alinhamentos, segundo seus pressupostos, geravam em G±1 as equações **F+FZ/BCh** e **MB+M/ZCh**, os de Giaccaria & Heide e os meus podem ser expressos com

a equação **F+M/Ch** e **MB+FZ/♀BCh+♂ZCh**. Esta última equação demonstra uma independência entre o *cálculo de metades* (mesma metade/outra metade) e o *cálculo de cruzamento* (consanguíneo/cruzado), não obstante mantenham o que podemos chamar de uma *integração dinâmica* (LÉVI-STRAUSS, [1945] 2008a: 51), conceito que aponta para a superação de incongruências entre fenômenos de realidades distintas. Nesse sentido, o cálculo de metades coincide com o método dravidiano na geração de Ego, na de seus filhos e na classificação dos indivíduos de sexo masculino em G+1; no entanto, é o oposto na classificação de indivíduos do sexo feminino em G+1: a M é de outra metade paralela, e a FZ é de mesma metade cruzada. Acredito que essa contradição em G+1 é superada pela consanguinização de FZ e de MB, bem como dos filhos destes. Adiante, na subseção “Quadro comparativo geral”, trato de modo mais geral da contradição entre cálculo de cruzamento e cálculo de metades no contexto da abordagem de Maybury-Lewis. Por ora, recordo que estamos diante de um registro terminológico que pode ser caracterizado como *sociocentrado*, com uma terminologia de tipo *australiano* (Maybury-Lewis), e de outros dois registros que podem ser definidos como *egocentrados* de tipo *dravidiano* devido ao já comentado cálculo de cruzamento implícito nas terminologias.

Tipos terminológicos diferentes oriundos de registros distintos de um mesmo coletivo. Diante desse fato, decidi comparar sistematicamente os vocabulários, termo a termo, buscando uma possível explicação para isso e indícios de um regime de aliança xavante. Apresento o resultado na próxima e última seção.

## 2.4 – QUADRO COMPARATIVO GERAL

Desde o começo deste capítulo venho trazendo informações sobre as diferentes versões da terminologia de parentesco xavante e deixando alguns fios soltos para serem conectados neste momento. Aqui procuro comparar sistematicamente os termos oriundos das três

etnografias, tecendo comentários sobre aproximações e distanciamentos entre elas e trazendo à baila o sistema de atitudes (LÉVI-STRAUSS, [1945] 2008a: 62-63)<sup>136</sup>. No final, sintetizo as colocações pertinentes aos objetivos desse capítulo. Começo com os termos para afins das gerações mediais, que são tratados conjuntamente pela existência de termos transgeracionais. Na sequência, comparo os termos para consanguíneos de G0 e, por fim, os de G±1 e os de G±2. Asteriscos indicam discordâncias com relação à posições genealógicas fundamentais, que se encontram entre colchetes na coluna *relações*. Devido ao pouco espaço, inseri nesta coluna apenas as primeiras relações apresentadas nas tabelas, onde expus e analisei os sentidos dos termos.

| TABELA 21 - BALANÇO COMPARATIVO DOS TERMOS PARA AFINS |                  |                   |                   |                                |          |
|-------------------------------------------------------|------------------|-------------------|-------------------|--------------------------------|----------|
|                                                       | MAYBURY-LEWIS    | GIACCARIA & HEIDE | MARĀIWATSÉDÉ      | RELAÇÕES                       | ATITUDES |
| G0                                                    | (17) Īmro        | (18) Īmro         | (17) Īmro         | H, W                           | =, ±     |
|                                                       | (20) Ī'ari       | (21) Āyare        | (20) Ī'ārewa      | WB                             | +        |
|                                                       | (21) Tsaihí      | (22) Ītsidana     | (21) Ītsidanā     | WZ, ♂BW                        | =, ±     |
|                                                       | -                | (23) Ītsidaymama  | (22) Ītsi'daimāma | HB, ♀ZH                        | =, ±     |
| G-1                                                   | -                | (25) Ītsiwatsini* | (24) Ītsiwatsini  | SWF, SWM, DHF, DHM [*MBS, FZS] | =        |
| G+1                                                   | (19) Atsimhí**   | (20) Tsayhi       | (19) Ītsani'wa    | SW, ♀BW<br>[**♂BW, ♀BSW]       | -        |
|                                                       | (18) Ītsa'omo*** | (19) Īdzaómó      | (18) Ītsa'ōmo     | DH, ♂ZH                        | -        |

<sup>136</sup> Nas tabelas que seguem, uso: “=” para **mutualidade**, atitude marcada pelo afeto, ternura e espontaneidade; “±” para **reciprocidade**, que se expressa no intercambio de prestações e contraprestações; “+” para **direito**, que define o tipo de relação que se deve ter com alguém a quem se deve obrigação, como doadores de cônjuges, por exemplo; e “-” para **dever**, atitude esperada para com quem deve obrigações, como os tomadores de cônjuges, por exemplo. É possível que mais de uma atitude se combinem em um mesmo termo, como no caso do autoreciproco *īmro*, que evoca as atitudes de mutualidade (=) e reciprocidade (±). Como em Giaccaria & Heide (1972) não existem muitas informações sobre o plano atitudinal, as informações que seguem dizem respeito a meus dados de campo e aos existentes em Maybury-Lewis ([1967] 1984).

|                 |           |                   |                |   |
|-----------------|-----------|-------------------|----------------|---|
|                 |           |                   | [***♀ZH, ♀BDH] |   |
| (22) Ĩmapari'wa | (24) Wawě | (23) Ĩmaprewa     | WF, WM, HF, HM | + |
| -               | -         | (25) <b>Atebe</b> | HZ             | — |

Analisando a tabela acima, percebe-se que não existe qualquer divergência com relação ao termo *ĩmro*<sup>137</sup> (H+W), e as versões de *ĩãrewa* (WB) discrepam apenas no que diz respeito à grafia. Já o termo *tsaihi* (21), de Maybury-Lewis, traz à tona uma contradição entre significado e significante desde uma perspectiva comparativa. Segundo o antropólogo britânico, este termo é específico para WZ; para mim e Giaccaria & Heide, WZ e ♂BW são classificados com *ĩtsidanã* (21); o vocativo *tsayhi* (20), para os salesianos, significa SW e ♀BW; em Marãiwatsédé, vi este termo ser usado de modo alternativo a *ĩtsani'wa* (19), ou seja, com o mesmo sentido atribuído pelos salesianos. Maybury-Lewis também não apresenta termo para HB e ♀ZH, enquanto os conjuntos das colunas que correspondem aos dados de Giaccaria & Heide e de Marãiwatsédé trazem para esta posição *ĩtsi'daimãma* e, para WZ e ♂BW, *ĩtsidanã*. Sobre os termos usados para sogros, Giaccaria & Heide consideram o termo *ĩmapre'wa*, que descontando a grafia, está presente em Maybury-Lewis<sup>138</sup> e Marãiwatsédé, como adequado a parentes falecidos. Em minha pesquisa de campo, constatei que ambos os termos são usados como sinônimos para parentes vivos.

Com relação às atitudes, percebe-se que os termos para afins de mesma geração e sexo oposto comportam dois elementos (**mutualidade** e **reciprocidade**), enquanto que para as pessoas que se tratam por *ĩtsiwatsini* a atitude correspondente é a mutualidade. Diferente das relações entre afins de mesma geração e sexo, que são marcadas pelo par **direito/dever**, que

<sup>137</sup> Salvo menção direta, uso para cada linha da tabela os termos da última coluna ("Marãiwatsédé") como referência. Faço isso por ser a mais completa.

<sup>138</sup> Lembro que em "A Sociedade Xavante" existe este termo apenas para Ego masculino.

expressa uma relação assimétrica, idêntica a relação entre afins de gerações distintas. Em resumo, a relação de um Ego qualquer com afins de gerações distintas e de mesma geração e sexo é marcada pela diferença entre “doadores” e “tomadores”: aos primeiros (doadores), corresponde a atitude de **direito**, aos segundos (tomadores), a **obrigação**.

Os termos transgeracionais para SW + ♀BW e DH + ♂ZH, para além das diferenças com relação à grafia, merecem uma análise mais detida por trazerem importantes e incontornáveis discrepâncias com relação aos parentes afins de G-1 de Ego feminino. Como já disse, tais divergências nas versões da terminologia *a’uwẽ*, alinham meus dados aos de Giaccaria & Heide, em oposição aos de Maybury-Lewis, e têm a ver, acredito, com o próprio *objeto* deste último, a “*Sociedade Xavante*”, cuja construção repousaria sobre os pilares da oposição categorial entre *waniwimhã* (mesma metade) e *watsiré’wa* (outra metade), um fato irreduzível da vida xavante, assim como a facciosidade, destaca Maybury-Lewis ([1967] 1984: 5-6). Vimos que o autor não deixa muito claro se essa irreduzível oposição diametral encontraria seus limites na distinção, também importante entre os Xavante, entre consanguinidade e afinidade. Longe de negar a dualidade do pensamento xavante, acredito que Maybury-Lewis optou por não analisar o sistema de parentesco *a’uwẽ em si*, mas apenas *em relação* ao quadro sociopolítico mais amplo, enfatizando assim a oposição entre as metades exogâmicas e o faccionalismo. Essa opção determinou o recorte no material empírico e sua exposição, fato que acabou por eliminar a ambigüidade de determinados termos para Ego feminino em sua exposição. A respeito dessa ambigüidade, Viveiros de Castro (1996: 31-32) pondera que, embora

*sejam distintas, as oposições em questão possuem certas homologias: ‘consangüíneo’ evoca o conceito de ‘mesmo’, ‘afim’ um conceito de ‘outro’. Nos sistemas dravidianos acoplados a morfologias unilineares, aqueles parentes determinados simultaneamente como ‘mesmos’ (pela regra de afiliação grupal) e ‘afins’ (pela terminologia e regras de casamento) – FZ em um regime patrilinear, o MB em um*

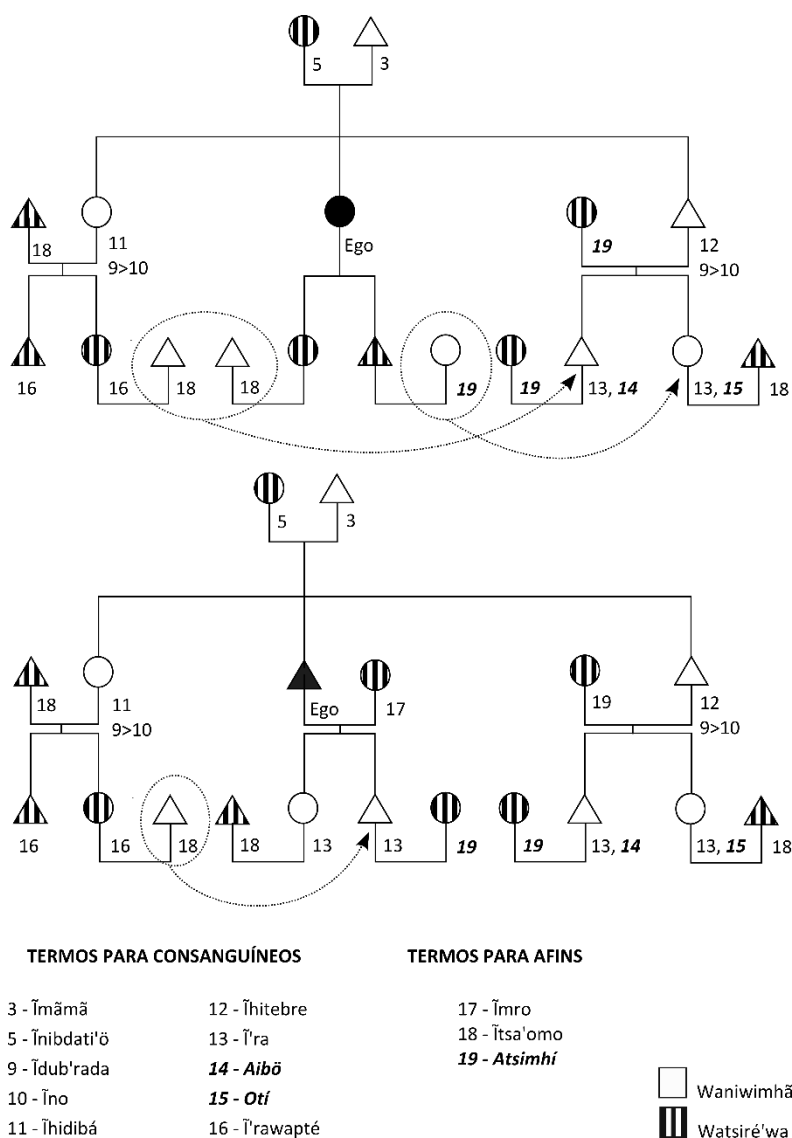
*regime matrilinear –, ou como ‘outros’ e ‘consangüíneos’ (M na situação patri-, F na situação matri-) podem vir a ser vistos como ‘ambíguos’, como observou Dumont.<sup>139</sup>*

A própria composição de “A Sociedade Xavante” explicita a opção do autor, pois as informações sobre o sistema de parentesco estão concentradas nos capítulos V e VI, chamados “O sistema Político” e “O Sistema de Parentesco”, respectivamente (MAYBURY-LEWIS: [1967] 1984: 220-275; 276-304). Para tornar essa discussão mais palpável, dou o exemplo da irredutibilidade da oposição consanguíneo/afim a distinção mesma metade/outra metade. Vejamos o caso dos termos *ĩtsa’omo* (18) e *atsimhí* (19). Para Maybury-Lewis (Ibid.: 281), o primeiro é reservado para qualquer “homem casado com uma mulher que pertença à linhagem de Ego” e designa também DH e ZDH; o segundo, é usado para qualquer “mulher casada com um membro da linhagem de Ego, a menos que se trate” de MZ. A confusão nas especificações sobre o sexo de Ego<sup>140</sup> em Maybury-Lewis não é trivial, pois D e ZD querem dizer coisas diferentes para Ego masculino e para Ego feminino, dada à patrilinearidade xavante, como procuro mostrar no diagrama a seguir.

<sup>139</sup> No caso dos Xavante, FZ real não é uma afim, mas uma consanguínea cruzada que gera possíveis afins contratuais (consogros), segundo Giaccaria & Heide (1972), mas que, como vimos (Cf. diagrama 10), pode vir a ser uma afim efetiva, assim como MB. Essas seriam situações limites.

<sup>140</sup> Recordo que, embora Maybury-Lewis ([1967] 1984: 280, nota 4) afirmasse existirem “diferenças mínimas na terminologia empregada pelas mulheres”, e que os “princípios que a governam são virtualmente idênticos aos da terminologia masculina”, a tábua terminológica apresentada no “Apêndice 2”, que seria reservado para Ego feminino, mistura termos para Ego de ambos os sexos. Diante desse impasse, e acatando a minimização das diferenças posta pela interpretação do autor, optei por generalizar a tábua para Ego de ambos os sexos em minha sistematização, com exceção dos termos que vinham acompanhados de relações específicas, como *ĩmro* (17), por exemplo, que indica apenas “esposa” nos originais.

**DIAGRAMA 14 - TERMOS PARA AFINS E SISTEMA DE METADES EXOGÂMICAS EM MAYBURY-LEWIS**



Partindo da terminologia apresentada pelo autor, D e ZD são *watsiré'wa* de Ego feminino e buscarão cônjuges entre indivíduos que a mesma considera *waniwimhã*, como podemos verificar no diagrama acima<sup>141</sup>, quando uma mulher classificará tanto indivíduos de “mesma metade” (brancos), quanto de “outra metade” (listrados), com *ĩtsa'omo* (18). Para a classificação da SW entra em cena *atsimhí* (19). Segundo os pressupostos de Maybury-Lewis, os afins de G–1 seriam *waniwimhã* (mesma metade) de uma mulher, não *watsiré'wa* (outra metade); olhando para o diagrama acima, percebe-se uma contradição aí. Com relação a Ego masculino, a

<sup>141</sup> Destaco com círculos e setas pontilhadas a pertença à mesma metade.

contradição consiste apenas na classificação de ZDH. Esta situação, em que Ego feminino classifica um parente de mesma metade como afim e um, de outra metade, como consanguíneo, contradiz os argumentos desse autor, mas encontra eco em todas as etnografias consultadas que trazem conjuntos de termos de parentesco mais ou menos completos (GIACCARIA & HEIDE, 1972: 106; LOPES DA SILVA, 1986: 280; RAMIRES, 2014: 15). Desde a perspectiva de Maybury-Lewis, *ĩtsa'omo* (18) seria usado para classificar, no limite, o ♀S, caso se realizasse um casamento com MBD. O autor não apresenta o termo para ♀Ch. Para o termo **atsimhí** (19), aconteceria a mesma coisa que com o termo *ĩtsa'omo* (18), mas com ♀D, caso esta se casasse com MBS.

Confirma-se, diante do exposto, que o *sistema de parentesco* xavante, tal qual descrito por Maybury-Lewis, não obstante as lacunas, pode ser caracterizado como *sociocêntrico* e classificado como “*australiano*”, dado o que pude apreender da exposição dos termos na obra, agrupados a partir da distinção *waniwimhã/watsiré'wa*. Penso que, ao contrário do que coloca o autor, o que ocorre entre os Xavante é semelhante ao que acontece nos Apinaje, entre os quais existe “um sistema de aliança [...] idealmente sociocentrado, mas realizado empiricamente de forma egocentrada” (GIRALDIN, 2011: 15), pois o conjunto de termos *a'uwẽ* para afins, assim como o para consanguíneos, não respeita a divisão entre as metades exogâmicas, mas guia-se pelo sexo dos parentes envolvidos na relação, distinção que veremos ser tão importante para o sistema de parentesco quanto a de metades é para a organização social xavante. O termo **Atebe** (25) consta apenas nos dados oriundos de Marãiwatsédé assim como ocorre com o termo *ĩtsiwatsini* (24). Vamos aos termos para consanguíneos de G0.

| TABELA 22 - BALANÇO COMPARATIVO DOS TERMOS PARA CONSANGUÍNEOS DE G0 |                       |                      |                        |          |
|---------------------------------------------------------------------|-----------------------|----------------------|------------------------|----------|
| MAYBURY-LEWIS                                                       | GIACCARIA & HEIDE     | MARÃIWATSÉDÉ         | RELAÇÕES               | ATITUDES |
| (9) <i>ĩdub'rada</i> *                                              | (10) <i>ĩdub'rada</i> | (9) <i>ĩdub'rada</i> | ♂eB, ♀eZ<br>[*eB, eZ]  | =, +     |
| (10) <i>ĩno</i> **                                                  | (11) <i>ĩno</i>       | (10) <i>ĩno</i>      | ♂yB, ♀yZ<br>[**yB, yZ] | =, -     |
| (12) <i>ĩhitebre</i> ***                                            | (13) <i>ĩhitébré</i>  | (11) <i>ĩhitébré</i> | ♀B [***B]              | =        |
| (11) <i>ĩhidibá</i> ****                                            | (12) <i>ĩhidiba</i>   | (12) <i>ĩhidiba</i>  | ♂Z [****Z]             | =        |

Para Maybury-Lewis ([1967] 1984: 280 *et seq.*), *ĩdub'rada* (9) designaria qualquer “pessoa mais velha que Ego, mas que pertença a sua própria geração e que seja considerada *waniwimhã*”. Já para Giaccaria & Heide (1972), assim como para mim, este termo engloba primos paralelos e cognatos cruzados de mesmo sexo e mais velhos que Ego. Com seu recíproco, *ĩno* (10), a situação é idêntica. Maybury-Lewis não trata do conteúdo dos termos *ĩhitebre* (12) e *ĩhidibá* (11), apenas os relaciona ao termo *ĩdub'rada* (9) e diz que quando “necessário aos Xavante acrescentam o qualificativo *uptabidi* que reforça o termo, enfatizando seu significado, de modo a corresponder a algo como ‘muito *ĩdub'rada*’” (MAYBURY-LEWIS, [1967] 1984: 283). Para Giaccaria & Heide, *ĩhitébré* (13) e *ĩhidiba* (12) teriam a ver com germanos, primos paralelos e cognatos cruzados de sexo oposto. Nossos dados convergem com relação a estes termos também. Antes de seguir para o subconjunto terminológico correspondente a  $G \pm 1$ , convém comentar rapidamente o qualificativo a que Maybury-Lewis se refere. Trata-se do advérbio *uptabi*, termo que no dicionário de Lachnitt (2003: 94) aparece como “verdadeiro” e “muito”, associado ao conectivo *di*, que significa “ser, estar, ter, haver” (LACHNITT, 2003: 22). Este qualificativo é usado para diferenciar referencialmente, **quando for o caso**, parentes reais (*uptabi*) de classificatórios. Outro vocábulo usado para diferenciar lineares de colaterais, mas de

uso menos comum e que aponta para a mesma marcação de distância genealógica, é o adjetivo *amo*, que significa “outro”<sup>142</sup> (LACHINITT, 2003: 17). Na discussão dos dados da próxima tabela desenvolvo um pouco mais a questão da distinção próximo/distante, que interfere na grade dravidiana consanguinizando cruzados próximos entre os Xavante.

No tocante às atitudes, os termos usados para consangüíneos de mesmo sexo expressam uma distinção interna a classe, entre “mais velhos” e “mais novos”, que corresponde à oposição atitudinal entre **direito** e **obrigação**, nada comparável à existente entre afins, pois é contrabalançada pela **mutualidade**. Aproveitando a comparação entre termos para consangüíneos e afins, destaco que as atitudes relacionadas a parentes consangüíneos de mesma geração e sexo oposto são mais amenas que entre pessoas de mesmo sexo e geração, pois correspondem apenas à mutualidade; a distinção sexual determina também a relação entre afins de mesma geração: se de mesmo sexo, instaura-se uma relação assimétrica a partir da distinção mais doador/tomador, se de sexo oposto, têm-se uma relação marcada pela reciprocidade e pela mutualidade.

| TABELA 23 - BALANÇO COMPARATIVO DOS TERMOS PARA CONSANGUÍNEOS DE G±1 |                |                   |                 |            |          |
|----------------------------------------------------------------------|----------------|-------------------|-----------------|------------|----------|
|                                                                      | MAYBURY-LEWIS  | GIACCARIA & HEIDE | MARÃIWATSÉDÉ    | RELAÇÕES   | ATITUDES |
| G+1                                                                  | (3) ĩmãmã      | (3) ĩmama         | (5) ĩmãmã       | F          | =, +     |
|                                                                      | (8) ĩtebe      | (9) ĩtebe         | (8) ĩtebe       | FZ         | =, +     |
|                                                                      | (7) ĩmãmãwapté | (7) ĩmamawapté    | (7) ĩmama wapté | MB         | =, +     |
|                                                                      | (5) ĩnibdati'ö | (5) Dati'ö        | (6) ĩnibdati'ö  | M          | =, +     |
| G-1                                                                  | (13) ĩ'ra*     | (14) ĩ'ra         | (13) ĩ'ra       | Ch [*♀BCh] | =, -     |
|                                                                      |                |                   |                 |            |          |

<sup>142</sup> *ĩ'amo*, “meu outro”, é a designação do amigo formal xavante. Cf. Lopes da Silva (1986).

|                 |               |               |                      |      |
|-----------------|---------------|---------------|----------------------|------|
| (16) ĩrawapté * | (17) ĩrawapté | (14) ĩrawapté | ♂ZCh, ♀BCh<br>[*ZCh] | =, - |
|-----------------|---------------|---------------|----------------------|------|

Não existem divergências com relação aos termos *ĩmãmã* (5) e *ĩtebe* (8), fato semelhante ocorre com o termo *ĩmama wapté* (7), embora Giaccaria & Heide usem *ĩmãwapté* (8) para FZH e *ĩmamawapté* (7) para MB que, em conjunto, se opõe a F (FB, etc.) dentro da categoria dos consangüíneos. O mesmo não acontece com os termos *inanté* (4), de Maybury-Lewis, e *ĩmamaamo* (4), de Giaccaria & Heide, usados para MZH, parente equivalente a F e FB, mas que se diferencia destes por ser “outro” ou “distante”, segundo os salesianos. Meus dados indicam que essa diferença entre os dois termos se deve a um ponto de contato entre três sistemas que coexistem e cuja realização simultânea dificulta a percepção do sistema em análise. Trata-se da interrelação entre o *sistema de categorias de idade*, o *sistema de classes de idade* e o *sistema de parentesco*. As *categorias de idade* marcam a passagem de um indivíduo qualquer pelas diversas fases da vida xavante, desde seu nascimento, e interferem na terminologia empregada para designar esse mesmo indivíduo. Do ponto de vista de Ego masculino, o sistema modifica apenas os termos que usa para designar os germanos reais e classificatórios de mesmo sexo de F (FB, etc.) e M (MZ, etc.), igualando-os terminologicamente. Isso, todavia, só ocorre após a iniciação. Neste sentido, os termos *ĩmãmã’amo* (FB, etc.) e *ĩnawapté*<sup>143</sup> (MZ, etc.) só deixam de ser utilizados ordinariamente pelos ♂BS e ♀ZS quando esses deixam de ser designados como *ai’repudu* e passam a habitar a casa dos solteiros, momento que tem lugar o termo *hõ’wa* ou *wapté*<sup>144</sup>. A partir daí começam a empregar o termo *ĩmãmã* (5) para FB (FFBS, MZH, etc.) e

<sup>143</sup> Em Marãiwatsédé registrei *ĩnãwapté* e *ĩnã* que, para Maybury-Lewis ([1967] 1984: 277, 281), corresponderiam a qualquer “mulher da 1ª geração ascendente da linhagem da mãe de Ego”. Também vi *anapté*, que Giaccaria & Heide (1972: 105) atribuem a MZ. Estes termos não constam nos diagramas e tabelas relativos a Marãiwatsédé porque optei em simplificar a exposição. Tendo em vista os objetivos propostos para esse capítulo e a importância do termo para a aliança de casamento, penso que não é preciso mais que a exposição dos termos e os comentários que seguem.

<sup>144</sup> “Habitante da casa dos solteiros”.

*ĩnibdatiö* (6)<sup>145</sup> para MZ (MFBD, FBW, etc.). Já entre as ♂BD e ♀ZD, embora também inseridas no *sistema de classes de idade*, realizam esta reclassificação a partir do momento em que têm o primeiro filho.

Estas mudanças reverberam em seus recíprocos, mais especificamente nos vocativos. Para Maybury-Lewis, os termos ***aibö*** (14) e ***otí*** (15) designariam BS (FBSS, etc.) e BD (FBSD, etc.), respectivamente, e excluiriam S e D de Ego masculino. Em Giaccaria & Heide (1972: 105-106) o par é substituído por ***aybö*** (27) e ***piö*** (28), que cobrem as mesmas relações exclusivas para Ego masculino encontradas em Maybury-Lewis, segundo os originais. Diferentemente dos dois, meus dados indicam que ***aibö*** (15) designa S (BS, FBSS, etc.) e ***piö*** (16) D (BD, FBSD, etc.) após a passagem formal para a vida adulta (iniciação para os homens e procriação para as mulheres)<sup>146</sup>. Sobre os termos referenciais, sabemos que *ĩra* (13) e *ĩrawapté* (14) opõem paralelos e cruzados dentro dos domínios da consanguinidade, e que existe uma contradição entre as etnografias no que diz respeito ao sentido de cada um, como a redução a superclasses terminológicas deve ter deixado claro. Recordo que: (1) *ĩra* (13) para Maybury-Lewis é um termo de referência usado para designar parentes de G-1 e de mesma metade, independente do sexo de Ego; e que (2) esse dado diverge dos meus e dos de Giaccaria & Heide. As atitudes correspondentes aos consanguíneos cruzados de gerações distintas são, invariavelmente, **direito/obrigação** contrabalançadas pela **mutualidade**. Deixei os termos de G±2 por último devido ao sentido conotativo dos vocábulos para G-2. Vejamos.

<sup>145</sup> O termo ***dati'ö*** (6), apresentado por Giaccaria & Heide, é a versão vocativa de *ĩnibdatiö* (6).

<sup>146</sup> Outros sentidos para esses termos são “homem” e “mulher” respectivamente.

| TABELA 24 - BALANÇO COMPARATIVO DOS TERMOS PARA G±2 |               |                   |                                                  |                    |          |
|-----------------------------------------------------|---------------|-------------------|--------------------------------------------------|--------------------|----------|
|                                                     | MAYBURY-LEWIS | GIACCARIA & HEIDE | MARĀIWATSÉDÉ                                     | RELAÇÕES           | ATITUDES |
| G+2                                                 | (1) Ĩrada     | (1) Ĩrada         | (1) Ĩrada                                        | FF, FM, MF, MM     | =        |
| G-2                                                 | (2) Ĩnihúdu   | (2) Ĩtsihudu      | (2) Ĩnihudu<br>(3) <b>Bōdi</b><br>(4) <b>Oti</b> | ChCh<br>ChS<br>ChD | =        |

Os termos *ĩnihúdu* (2), usado por Maybury-Lewis, e *ĩtsihudu* (2), usado por Giaccaria & Heide, significam “meu neto (a)”, (LACHNITT, 2003: 41, 59). São sinônimos que vi serem usados em Marāiwatsédé. O mesmo Lachnitt (2003: 20, 48) traduz *bōdi* (3) por filho ou neto, e *oti* (4) como filha ou neta. Esta classificação de filhos e netos juntos, somada à abrangência destes termos observada na análise da tábua de Giaccaria & Heide, bem como os indícios de que não seriam sequer termos de parentesco me fizeram duvidar de alguns dados que tinha como certos e, com o objetivo de resolver este problema, fui reler as etnografias consultadas e meus cadernos de campo, com foco nos termos de G-1, G-2 e seus recíprocos. Neste momento, me deparei com a reflexão de outro jovem “xavantólogo” que se debatia com as mesmas questões que me afligiam (FALLEIROS, 2012: 108 *et seq.*). Chegando ao mesmo “beco sem saída” que descrevi páginas atrás, na seção em que trabalhei os dados de Giaccaria & Heide, Falleiros (Ibid.: 151) se perguntava se não seriam “esses os termos, portanto, usados para todos aqueles descendentes agnáticos ou cognáticos que não podem ser seus filhos, seja de homem, seja de mulher”. Essa diferenciação entre parentes lineares e colaterais também é, como vimos, feita por meio dos sufixos *a’amo* e *uptabi*, que também servem para marcar a distancia genealógica entre parentes. Essas possibilidades de classificação tornaram os termos para G-1 instáveis, instabilidade esta que o Falleiros (Ibid.: 152), a partir de Sahlins, relaciona à “estratégias de

aparentamento semi-complexas e cognatizantes [...] estratégias de cognação que quase se encontram com a performatividade total”. Essa performatividade à la Sahlins ([1985] 2003: 45-51) no âmbito das relações de parentesco também foi verificada por Giralдин (2011: 15 *et seq.*) para o sistema de aliança Apinaje. Como disse no começo deste capítulo, um dos meus objetivos aqui é identificar indícios de preferências matrimônias a partir de um balanço comparativo da terminologia de parentesco xavante.

Nenhuma outra classe de parentes se mostrou mais intratável para a definição de seu sentido durante a pesquisa que a dos parentes cruzados de G-1, agrupados sob o termo *ĩrawapté* (14), mas também classificados (esse foi o problema) com os termos para G-2<sup>147</sup>. Verifiquei essa mesma variação quando comparei os conjuntos terminológicos contidos em Maybury-Lewis ([1967] 1984) e Giaccaria & Heide (1972) com o que sistematizei a partir de minha experiência em Marãiwatsédé; Falleiros (2012: 149 *et seq.* [grifos do autor]) já havia notado em campo “a intrusão de uma inflexão (ou máscara) crow-omaha a partir da identidade entre termos de tratamento para *filhos* da *irmã* (ZC etc.) e *netos* (CC)”. Convém registrar que durante o trabalho de campo muitos de meus interlocutores reservaram os termos de G-2 para WBCh e HZCh, ou seja, os filhos de doadores de germanos de sexo oposto (WB e HZ). Aos outros cruzados de G-1, ♂ZCh e ♀BCh, os mesmos índios invariavelmente reservaram o termo *ĩrawapté* (14); registro que o inverso não acontece, ou seja, ChCh reais e classificatórios **não** são chamados de *ĩrawapté* (14). Outros tantos interlocutores me disseram que o correto é usar este último termo para todos os parentes cruzados de G-1, não *ĩnhidudu* (2), ***bödi*** (3) e ***oti*** (4), próprios para parentes de G-2. Diante dessa contradição, optei por ter cautela e tomar provisoriamente *ĩrawapté* (14) com o significado denotativo de “cognato cruzado de G-1”, enquanto *ĩnhidudu* (2), ***bödi*** (3) e ***oti*** (4) indicariam essa mesma classe de parentes em um sentido conotativo, apontando para WBCh e HZCh.

---

<sup>147</sup> *ĩnhidudu* (2), ***bödi*** (3) e ***oti*** (4).

Faço uma pausa para formular uma pergunta para a qual eu não tenho resposta, apenas indícios, como procuro demonstrar no próximo capítulo. Posto que: (1) os termos *ĩnhihudu* (2), *bödi* (3) e *oti* (4) têm como sentido *denotativo* parentes de G-2 e seguintes, de algum tipo, fora do campo abarcado pela distinção consanguinidade/afinidade; e (2) que um Ego qualquer não pode casar-se com seus netos reais, mas esses, desde que cruzados entre si, podem se casar. Seria possível que, no contexto das trocas matrimoniais, estes termos, quando aplicados aos parentes de G-1, tenham sentido matrimonial? Sobre as atitudes dos termos desta tabela, correspondem à **mutualidade**.

Percebe-se, a partir do exposto neste capítulo, que as opções teórico-metodológicas de Maybury-Lewis e seu modelo de sociedade xavante parecem ter determinado a leitura que o mesmo fez do sistema de parentesco dos Xavante. Este fato proporcionou contradições insuperáveis para a análise do sistema de parentesco que, acrescidas das lacunas existentes, me obrigaram a tomar principalmente os vocabulários de Giaccaria & Heide e de Marãiwatsédé como matéria-prima para um exercício que tenta chegar a elementos comuns das terminologias em foco. Diante disso, posso afirmar que, no processo de classificação do universo social xavante, os cognatos cruzados de G0 são terminologicamente assimilados a germanos e, devido aos sistemas de metades exogâmicas, parâmetro para a classificação de parentes distantes, os paralelos distantes seguem sendo identificados dessa forma. Aos cruzados não cognatos (2º grau em diante), não restam quaisquer termos exclusivamente de parentesco que os para afins, pois não existem termos para primos cruzados em nenhuma etnografia consultada. Assim, ao operar a divisão global entre consanguíneos e afins em G0, e interditar o matrimônio com cognatos cruzados e paralelos, o sistema *a'uwẽ* orienta a busca de cônjuges para os cruzados não-cognatos, quando procede a um *cálculo de cruzamento dravidiano* para o cômputo de possíveis consortes, aproximando-se da paisagem amazônica onde, para Viveiros de Castro (1996: 70), a “alternância infinita e equilibrada entre consanguíneos e afins do esquema [dravidiano] clássico”

cede

*lugar no dravidiano concêntrico a gradientes de distância genealógica ou sociopolítica que exprimem uma atitude muito geral de ‘mascaramento’ da afinidade, de tal forma que a consanguinidade se acumula no centro do campo social de Ego, enquanto a afinidade tende a cobrir sua periferia<sup>148</sup>.*

Em  $G \pm 1$  também ocorre esta “interferência entre o diametralismo digital [...] e a estrutura analógico-escalar [...], da oposição próximo/distante, de disposição concêntrica” (VIVEIROS DE CASTRO, 1993: 165) que permite consanguinizar cruzados, operando a uma tripartição do vocabulário de parentesco *a’uwẽ* em *consanguíneos paralelos*, *consanguíneos cruzados* (cognatos cruzados) e *afins*. Entre os cruzados de 2º em diante, encontram-se indivíduos ora classificados como afins, ora como consanguíneos, interferindo aí as relações pessoais entre Ego e Alter<sup>149</sup>. Em  $G \pm 2$ , o sistema neutraliza totalmente a oposição consanguíneo/afim, diferenciando o sexo de Alter apenas em  $G-2$ .

Vimos que uma rígida analogia entre as distinções paralelo/cruzado e consanguíneos/afim, bem como a redução global da terminologia a uma oposição dual sociocentrada não se sustenta porque a dinâmica matrimonial xavante é organizada por uma codificação egocentrada do espaço social. Também vimos que problematizo o uso conotativo dos termos para  $G-2$ , pergunto se teriam algum fim matrimonial. Nesse sentido, vejamos se, trazendo “as redes empíricas para o primeiro plano, [quando] conceitos, normas e práticas podem ser retomados a partir de sua ‘integração dinâmica’, sem que seja preciso pressupor a sobredeterminação de um em relação ao outro”, consigo encontrar alguma evidência que reforce ou refute esses indícios, sem nunca esquecer que “as diferenças verificadas nas redes de aliança

<sup>148</sup> O rendimento do modelo proposto por Viveiros de Castro (1996: 70) encontra seus limites no **peso dado a referência genealógica** pelos *a’uwẽ*, pois limita o descolamento terminológico das redes empíricas de parentesco, impossibilitando assim a afinização de um “consanguíneo, paralelo de mesmo sexo”, por exemplo.

<sup>149</sup> Como os xavante usam prioritariamente os termos de parentesco para tratar ou se referir a qualquer outro *a’uwẽ*, é comum um homem referir-se a outro cruzado de  $G+1$ , com quem mantém uma relação de proximidade, com o termo *ĩmãmãwapté* (MB). Já com as pessoas que ocupam esta mesma posição, mas com quem se trava uma relação não tão próxima assim, usam *ĩma’prewa* (WF) que corresponde, no plano atitudinal, a uma relação de evitação e respeito. A utilização destes termos independe da idade relativa, sendo o parâmetro determinante aqui a geração.

seriam produzidas pela variação de parâmetros implicados em sua dinâmica” (SILVA, 2012: 233).

Apresento o resultado dessa interação na descrição da rede empírica xavante que segue.

## CAPÍTULO 3 – PRÁTICAS MATRIMONIAIS ENTRE OS A’UWĒ DE MARÃIWATSÉDÉ

Neste capítulo, descreverei o tratamento computacional dado à genealogia sistematizada a partir de meu convívio em Marãiwatsédé, com o auxílio do *software* MaqPar, e seus resultados. Meu objetivo aqui é verificar, de forma preliminar, em que grau os planos categorial, atitudinal e prático infletem a deriva da rede empírica de aliança xavante. Antes, porém, é preciso expor os princípios teóricos que orientaram a construção do método de Dal Poz & Silva (2008), que foi usado na tese de Silva (2012), trabalhos que inspiram largamente este capítulo.

No primeiro capítulo, esbocei um breve histórico dos sistemas ditos de *fusão bifurcada isogeracionais* no contexto dos estudos de parentesco, desde as contribuições fundadoras de Morgan<sup>150</sup>. Destas, nos interessa aqui a correlação entre os fatos genealógicos e a classificação de parentes, pressuposta inclusive por estudiosos contrários a algumas de suas teses, como Radcliffe-Brown ([1941] 1969) e Kroeber ([1909] 1969), por exemplo. Inspirado em Morgan e elevado ao “instrumento mínimo de trabalho do antropólogo [...] o alfabeto que permite a transcrição da linguagem do parentesco” (LARAIA, 1969), o método genealógico de Rivers ([1909] 1969), à época de sua criação, era “uma ferramenta metodológica, mais ágil que [o] pesado roteiro de duzentas e sessenta e oito posições genealógicas” (SILVA, 2012: 20) usado pelo autor de *Systems of Consanguinity and Affinity of the Human Family* para levantar seus dados. O método genealógico é relativamente simples e eficaz, e permite identificar os indivíduos implicados nas genealogias com seus próprios nomes em diagramas que possibilitam a coleta controlada de informações variadas, como as terminologias de parentesco e os padrões onomásticos, para citar algumas das possibilidades de uso (Ibid.). Além de atender ao interesse

---

<sup>150</sup> Chamo a atenção para a proposição de “um *objeto*, um *método* e uma *técnica* de observação de fenômenos do *parentesco*” (SILVA, 2012: 13 [grifos no original]), além da *tese funcionalista* da correlação sincrônica entre terminologias de parentesco e instituições sociais (Ibid.: 16) e a divisão universal dos sistemas de parentesco em *descritivos* e *classificatórios*.

de estabelecer uma base científica para a jovem ciência antropológica, o método genealógico também possibilitava, de certo modo, que nativos e pesquisadores se situassem em um plano de comunicação específico. Embora Rivers considerasse, até 1910, que “um *corpus* genealógico trazia informações sobre as relações entre indivíduos que eram ao mesmo tempo *sociais* e *naturais*, fazendo eco à concepção de parentesco de Morgan”, em artigo posterior opõe “nitidamente os conceitos de *parentesco* e *consanguinidade* [...] entendidos como fenômenos da cultura e da natureza respectivamente” (Ibid.: 22-23).

Muito usado no meio antropológico, o método está presente em elevado número de monografias produzidas em várias partes do mundo, inclusive nas feitas a partir de pesquisas junto a povos sul-americanos, como os trabalhos de Maybury-Lewis ([1967] 1984), nos Xavante, e de Rivière, entre os Trio, que inauguraram o período moderno da etnologia na região<sup>151</sup>. É importante dizer que o método se baseia na relação entre parentesco e genealogia que, desde McLennan, gera debates acalorados, como os que ficaram conhecidos como o da *natureza do parentesco* (GELLNER, [1957] 1975; BEATTIE, [1964] 1975), da relação *genealogia* e *categoria* (MAYBURY-LEWIS, [1965] 1975; LOUNSBURY & SCHEFFLER, 1971) e do *nascimento virgem* (LEACH, [1966] 1983; SPIRO, 1972).

Embora esses debates tenham reverberado de alguma forma, foi Schneider (1984) que fez a crítica de maior repercussão ao método genealógico. Desde o início, segundo ele (SCHNEIDER, 1984: 188), a antropologia teria garantido a comparabilidade das análises e a própria ideia de parentesco como um universal das culturas graças ao que ele denomina “*Doutrina da Unidade Genealógica da Humanidade*”. Esse conjunto de preceitos pressupunha que: (1) todas as culturas teriam uma teoria sobre a reprodução humana; (2) o parentesco representa, simboliza, organiza etc relações fundadas na reprodução sexuada e processos a ela

---

<sup>151</sup> Para uma lista com alguns dos muitos antropólogos que se valeram do método ver Silva (2012: 26-27).

concomitantes; (3) a comparabilidade é garantida *a priori* devido ao nível de generalização, em detrimento das diferenças culturais. Tais pressupostos, para Schneider (Ibid.: 4, 119-120), não traduziriam outra coisa que nosso senso comum, não tendo nada a ver, *a priori*, com as culturas estudados. Sobre esta crítica, Silva (2012: 4) coloca que, de fato, “não há como demonstrar *a priori* a veracidade da tal ‘Doutrina Genealógica da Humanidade’” e, adiante, na mesma página, diz estar

*pronto a imaginar um coletivo humano em que estudos de parentesco, religião e economia remetessem a “non-subjects”, para usar uma expressão do autor, com a condição de que os indivíduos por eles reunidos não praticassem sexo ou fossem a eles indiferentes, não morressem ou não soubessem que iriam morrer e não tivessem que se alimentar ou se preocupar com a produção, circulação e consumo de alimentos.*

Resumindo a discussão e trazendo-a para o campo de meu objeto, este não é o caso dos Enawene-Nawe, povo que Silva (Ibid: 4) pesquisou em sua tese de livre-docência, assim como não é o caso dos Xavante e de diversos outros povos ameríndios, africanos, europeus, etc. Acredito ser desnecessário seguir na discussão sobre estes pontos, o que não ocorre com a crítica de Schneider sobre a legitimidade da transcrição genealógica do parentesco, para a qual é preciso dar uma resposta, dada a natureza desse experimento. A este aspecto da crítica, Silva (Ibid.: 4 [grifos no original]) devolve que **“não há como presumir a existência de uma rede genealógica, que possa ter algum interesse para a antropologia, anterior àquela delineada pelas categorias de uma dada cultura”**. Ou seja, para a análise computacional, as

*redes que interessam aos estudos de parentesco não são, portanto, as mesmas que interessam aos estudiosos do DNA humano, como ninguém desconhece. Isso posto, o primeiro passo que este exercício deve dar é no sentido de apontar, como base em argumentos estritamente etnográficos, como a rede genealógica com a qual a análise vai lidar pôde ser legitimamente construída como objeto. (Ibid.: 4-5).*

Trazendo essa reflexão para o caso aqui estudado, lembro que no capítulo anterior discorri brevemente sobre o qualificativo *uptabi* (“verdadeiro”, “muito”) que, ao acompanhar um termo de referência qualquer, distingue parentes *reais* de *classificatórios*. De acordo com a regra, Ego, quando criança, não usa este qualificativo, mas *amo* (“outro”), de uso restrito para

pais classificatórios (FB, FFBS, etc.). Assim, Ego masculino, antes de ser iniciado, e Ego feminino, antes de dar à luz o primeiro filho, usam *ĩmãmã* para F e *ĩmãmã amo* para FB, MZH, etc., ao passo que utilizam *ĩnibdati'ö* para M e *ĩnawapté* para MZ, FBW etc., distinguindo lineares de colaterais. Todavia, ao realizar a passagem para a vida adulta, um Ego qualquer diferencia terminologicamente parentes lineares de colaterais em G+1 apenas em casos específicos, quando a situação exige, agrupando ordinariamente F, FB, MZH, etc. sob o termo *ĩmãmã*, e M, MZ, FBW, etc sob o vocábulo *ĩnibdati'ö*. Em G-1 existem também indícios que uma passagem linear entre a série nativa e a série analítica é possível, dado corroborado por Maybury-Lewis ([1967] 1984: 108-109) na década de 1960, quando os Xavante pareciam “conceber a formação da criança como um processo induzido por relações sexuais repetidas” e, à “medida que a época do nascimento se aproxima, o futuro pai deve observar uma série de restrições” alimentares e comportamentais (não comer carne de determinados animais, não fazer qualquer esforço físico, não ficar nervoso, etc.) para não prejudicar a criança. O que observei em Marãiwatsédé vai no mesmo sentido, ou seja, de todos os homens que um Ego classifica com *ĩmãmã*, envolvidos ou não na construção física de seu corpo, apenas seu *ĩmãmã uptabi* (F) parece seguir as restrições. Os Xavante também diferenciam os cônjuges de seus irmãos de mesmo sexo de seus próprios companheiros com o termo *ĩmro* (H, W). Desta forma, podemos dizer que as conexões primárias de parentesco F, M, S, D, H e W (série analítica) encontram correspondência em categorias culturais *a'uwẽ* (série nativa) que são expressas pela terminologia (SILVA, 2012).

Ainda sobre a crítica de Schneider, também tenho “a impressão de que, para o autor, a ‘Doutrina da Unidade Genealógica da Humanidade’ corresponde ao único pilar, digno de nota, da tradição dos estudos do parentesco”, postura equivocada porque “talvez fosse mais exato afirmar que [...] os estudos de parentesco tenham consagrado não uma, mas duas doutrinas” (Ibid.: 8). A outra foi denominada por Silva de “*Doutrina da Universalidade da Proibição do Incesto*”, inaugurada por Lévi-Strauss ([1967] 2008f) e que, segundo o autor, Schneider (1988)

parece ignorar (Ibid.: 8). As duas passagens na citada obra sobre Lévi-Strauss parecem sugerir que o antropólogo francês teria como base de suas reflexões a “Doutrina da Unidade Genealógica da Humanidade”, o que parece ser um equívoco, posto que a “Doutrina da Universalidade da Proibição do Incesto” está “centrada em uma interpretação estrutural da proibição do incesto” (DUMONT, [1971] 1975: 94). Essa proibição “é a expressão negativa de uma lei de *intercâmbio*, a expressão parcial de um princípio universal de reciprocidade, a contrapartida necessária para a constituição de laços sociais entre famílias” (Ibid.: 94). Em outras palavras, *reciprocidade* indica a condição de possibilidade da vida social, enquanto o *intercâmbio* institui a vida social por meio da troca de cônjuges entre famílias. Diante do que foi exposto, e seguindo no debate, podemos afirmar que uma genealogia não corresponde à transcrição de um conjunto de elaborações sobre relações “naturais” entre indivíduos, necessariamente, mas ao registro de uma história infletida (SILVA, 2012: 9) por “*possibilidades e impossibilidades de matrimônios*” (LÉVI-STRAUSS, [1965] 1969: 127 [grifos meus]). Essa perspectiva me permite tomar a genealogia xavante não como “cadeias de vínculos reprodutivos entre os indivíduos, mas [como] *relações entre os casamentos por eles praticados*” (SILVA, 2012: 9 [grifos no original]).

Por fim, Silva (2014) traz um argumento que, acredito, desarma de vez as críticas de Schneider (1988) ao método genealógico tal como usado nesse exercício. Contra a ideia de que “o método genealógico produz péssimas traduções de configurações simbólicas”, o autor (SILVA, 2014: 5) questiona “se uma genealogia é mesmo tradução de alguma coisa” e, apoiado na noção de tradução de Jakobson ([1959] 1974), demonstra que não. Isso porque tradução significaria,

*fundamentalmente, uma relação de sentidos produzida por processos de substituição de signos, que se podem efetuar no interior de uma mesma língua (como em ‘lousa significa quadro negro’), entre diferentes línguas (como ‘cat quer dizer gato’) ou entre códigos semióticos distintos (como a tela de Botticelli, A sagração da primavera, e a composição homônima de Stravinski, o são a uma antiga narrativa oral pagã russa). (SILVA, 2014: 5).*

Como qualquer mecanismo de substituição, a *tradução* “corresponde a um processo *da ordem da metáfora*, que estabelece relações de significação *in absentia* entre aquilo que é substituído e aquilo que o substitui” (Ibid.: 5). Uma genealogia, pelo contrário, “corresponde a um processo de modelagem, e não de tradução, uma vez que o que está em jogo não é o significado da rede de parentesco, mas a **seleção de alguns de seus aspectos**” (Ibid.: 5 [grifos meus]). Desta forma, uma modelagem é um processo metonímico, que tem como propósito a redução da complexidade de um fenômeno a níveis minimamente manejáveis. Nesse sentido, a modelagem de uma genealogia corresponde a uma “*redução*, entre outras possíveis, de uma rede de relações empiricamente dadas para o estudo de alguns de seus aspectos, como, por exemplo, as práticas matrimoniais” (Ibid.: 6).

Antes de apresentar algumas noções da *teoria dos grafos* que balizam o funcionamento da MaqPar, descrevo sumariamente alguns pressupostos metodológicos: (1) uma genealogia não se confunde com a rede empírica que pretende representar devido às lacunas inevitáveis de qualquer pesquisa etnográfica e pela impossibilidade de se incluir todos os ascendentes de um Ego qualquer; (2) é preciso supor que os casamentos repousem sobre escolhas conscientes, que se manifestam como arranjos de perspectivas egocentradas e parciais da rede; (3) a modelagem, em contraste com o pressuposto precedente, produz um objeto sociocentrado que pode trazer algumas características do regime de alianças reveladas pela análise que não necessariamente encontram ecos no discurso nativo. Outros pressupostos metodológicos, como a inclusão de parâmetros como datas de nascimento e de óbito, bem como a idade dos indivíduos ao casarem e outros de ordem demográfica (SILVA, 2012) não puderam ser incorporados ao *banco de dados xavante* por conta do tempo necessário para essa tarefa, incompatível com os prazos do mestrado. Isso não significa, todavia, que o exercício seja prejudicado, pois lembro que o objetivo aqui é descrever de forma preliminar a inter-relação entre os planos categorial,

atitudinal e prático, ou seja, o funcionamento real do sistema de aliança matrimonial xavante, com vistas a um aprofundamento em pesquisas posteriores.

### 3.1 – INFORMATIZANDO O MÉTODO DE RIVERS

Em 1960, o matemático norueguês Ø. Ore publicou o artigo “*Sex in the graphs*” inspirado por um problema do campo da Biologia, a reprodução sexuada. Nesse texto, Ore (1960) propõe um conjunto de teoremas que traduzem em *grafos* (conjuntos de pontos e linhas) possibilidades de modelagem matemática das relações naturais de populações animais. Nos grafos de Ore, pontos representam indivíduos, machos ou fêmeas, e linhas, relações de filiação. Nas palavras de Silva (2012: 34), os “*grafos de Ore* correspondem ao marco inicial do tratamento computacional de materiais genealógicos”. Convém dizer que utilizo exclusivamente o método computacional criado por Dal Poz & Silva (2008) e utilizado por Silva (2012), num estudo que faz uma revisão de fôlego das experiências que lançaram mão de elementos da antropologia e da ciência da computação, com base na teoria dos grafos (ORE, 1960), para analisar genealogias desde a perspectiva dos estudos do parentesco<sup>152</sup>. Em resumo, o que segue é um compilado de partes da tese de Silva (2012: 32-54) que tratam da *informatização do método genealógico de Rivers* tal como formulada por Dal Poz & Silva (2008). Para facilitar o entendimento deste complexo exercício, também replico o uso a metáfora sobre a configuração de uma imagem.

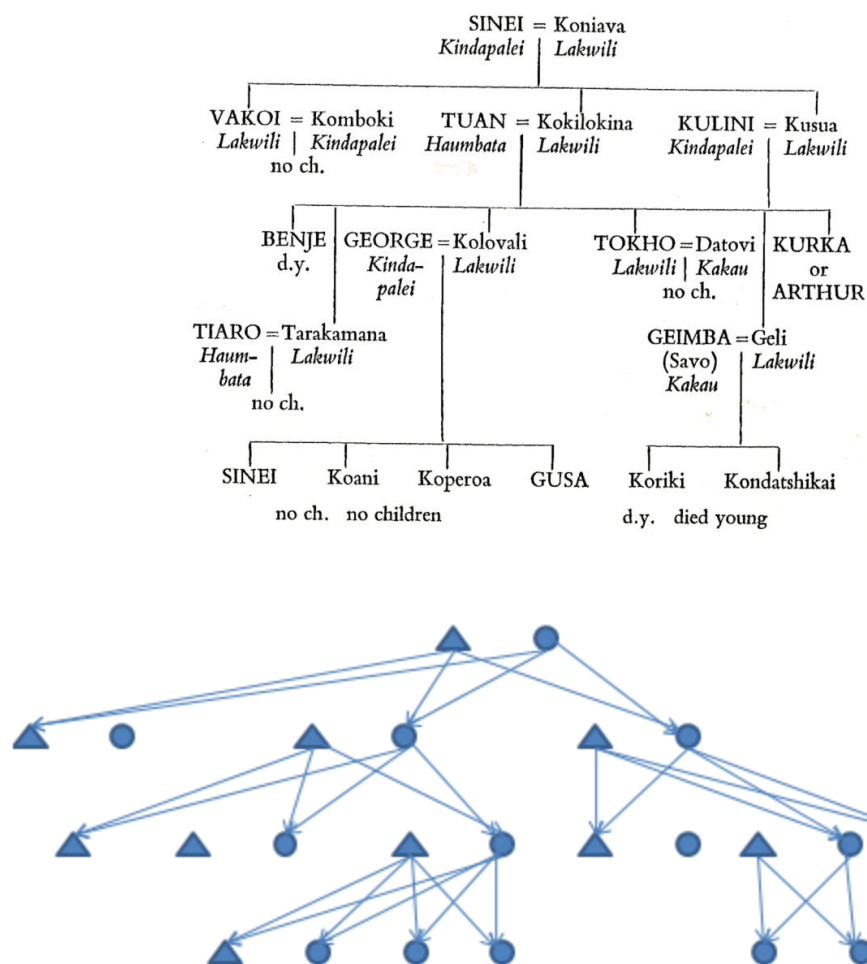
O grafo de Ore contempla apenas relações de filiação (linhas) entre indivíduos (pontos), excluindo relações de casamento, o que é incompatível com a genealogia de Rivers, como podemos ver na figura 4, a seguir, em que apresento a transformação da genealogia de Rivers ([1910] 1969) em um grafo de Ore feita por Silva (2012: 35). Na genealogia de Rivers, linhas representam relações de filiação e o sinal “=” indica os casamentos, enquanto sua adaptação ao

---

<sup>152</sup> Para um histórico das pesquisas, acompanhado de uma discussão teórica e metodológica desta seara de estudos, ver Silva (2012: 32-54).

grafo de Ore representa indivíduos do sexo masculino com triângulos e do sexo feminino com círculos; as relações de filiação são representadas por setas.

**FIGURA 4 - TRANSFORMAÇÃO DA GENEALOGIA DE RIVERS EM UM GRAFO DE ORE**



Fonte: Retirado de Silva (2012: 35).

Para seguir na transformação da genealogia de Rivers em grafo de Ore é preciso, antes, examinar algumas noções elementares da teoria dos grafos diretamente implicadas em sua apropriação pelo método de Rivers em pesquisas que envolvem elementos da antropologia e da ciência da computação. São elas **grafo**, **vértice**, **aresta**, **seqüência**, **caminho**, **percurso** e **anel**.

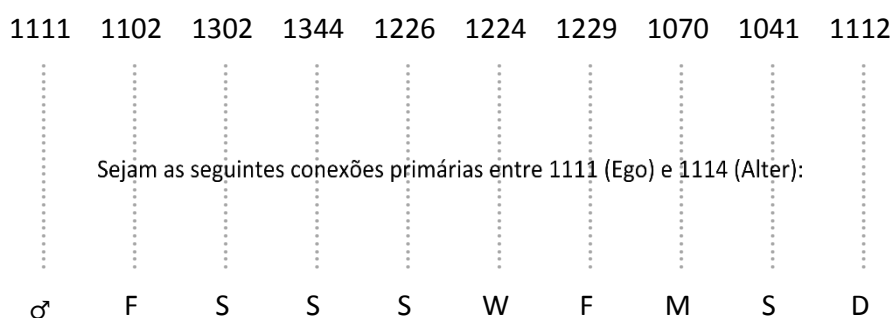
Um **grafo** corresponde a um conjunto de **vértices** (pontos) e a um conjunto de **relações** (linhas) entre vértices. Estas relações são de dois tipos: (1) **arestas**, que são relações não-

orientadas representadas por uma linha “\_\_\_\_\_”; e (2) **arcos**, relações orientadas representadas por uma seta “————→”. O ponto de partida é a “definição de uma rede genealógica como um grafo em que os *indivíduos* são vértices e as *conexões primárias de parentesco*, suas arestas ou arcos” (SILVA, 2012: 36 [grifos no original]). As **arestas** são apresentadas em notação tradicional por H e W, e os **arcos** por F, M, S, D. Como a filiação é uma relação orientada, deve ser representada por um arco, pois se um indivíduo A é filho de B, então B não pode ser filho de A. Já, os casamentos são representados por arestas, porque se trata de uma relação não orientada: se o indivíduo A é cônjuge de B, então B é cônjuge de A. Um grafo que só contém arcos é um **dígrafo** (grafo de Ore) e um grafo que contém arcos e arestas é um **grafo misto** (grafo de Rivers).

As conexões primárias de parentesco compõem **sequências** ou **cadeias** de dois tipos: **consangüíneas** (C) e **afinais** (A). Uma **sequência** C é composta exclusivamente por arcos cujo número é, teoricamente, **indeterminado**. Todavia, a MaqPar limita-se a percorrer, no máximo, dez sequências. Por definição, uma sequência A é composta por uma única aresta, H ou W.

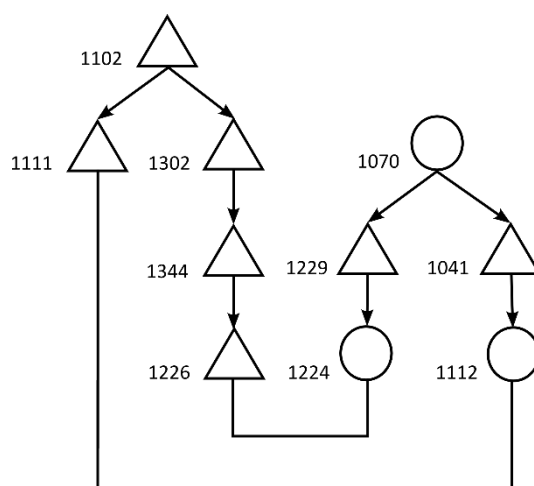
**Caminho** é uma ligação, por meio de uma cadeia de conexões de qualquer tamanho, entre dois indivíduos numa dada rede; é uma via de mão dupla entre dois indivíduos X e Y. Cada uma dessas vias é um **percurso** (XY ou YX) de uma rede genealógica determinada que não admite repetição de indivíduos. De todos os percursos que se pode traçar em uma dada rede genealógica, os que interessam para o estudo da aliança de casamento são os que, iniciados por um dado indivíduo, são fechados por seu casamento. Esses percursos são classificados com base na cadeia orientada de sequências C e A que vão de Ego a Alter, que correspondem a um casal. Ao introduzir estes critérios de seleção dos percursos, identificamos as figuras denominadas **anéis** (ou **ciclos de relacionalidade**). Um **anel** corresponde a um **caminho fechado** que pode

envolver outros casamentos. Um mesmo casamento pode figurar em diferentes anéis. Assim, em uma rede determinada, seja o **percurso** iniciado pelo indivíduo 1111 e terminado por 1112



Se 1111 é casado com 1112 existe um anel envolvendo o casamento 1111=1112. Este **anel** também envolve o casamento 1226=1224, como se pode verificar no próximo diagrama. Na representação do anel em questão, no diagrama 15, abaixo, o casamento é representado por linha simples e a filiação por uma seta.

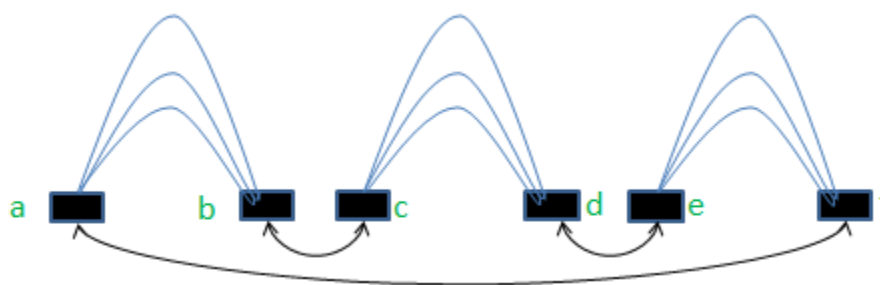
**DIAGRAMA 15 - ANEL COMPOSTO POR 2 SEQUÊNCIAS AFINAIS (A2) E 2 SEQUÊNCIAS CONSANGUÍNEAS (C2)**



Do ponto de vista analítico, um anel pressupõe uma dupla articulação: uma (a) **“fonológica”**, que se define no plano da **cadeia de indivíduos (Ind)** ligados por **conexões primárias (Cnx)**; e outra (b) **“morfológica”**, no plano das **sequências de cadeias C e A** (SILVA, 2012: 38). Assim, um anel corresponde a um circuito fechado em uma dada rede que

compreende, em um nível, cadeias de conexões genealógicas e indivíduos, e em outro, sequências de cadeias de consanguinidade e afinidade. Neste exercício, seguindo as contribuições de Lévi-Strauss ([1967] 2008f) para os estudos de parentesco, “os **anéis correspondem aos objetos empíricos pelos quais, de algum modo, se manifestam os intercâmbios, que organizam as redes genealógicas empíricas**” (SILVA, 2012: 38 [grifos meus]). Segundo as premissas do antropólogo francês, uma série de anéis do tipo MBD, imediatamente conectados uns aos outros, sugere um regime de troca generalizada, enquanto uma série que sobrepõe anéis do tipo MDB com anéis do tipo FZD evoca um regime de troca restrita, e assim por diante. Outro conceito importante é o de **indivíduos em posição de aliança**, que nada mais são que os **vértices** que compõem os casais de um anel.

Além das noções comumente usadas na região de fronteira entre antropologia e ciência da computação, Dal Poz & Silva (2008) adaptam a de **implexo**, “tomada de empréstimo dos antigos genealogistas, conferindo a ela um sentido um pouco diferente do tradicional” (SILVA, 2012: 39), que indica a relação entre o número real e teórico de ancestrais de um indivíduo. Tal fenômeno se explica pela existência de casamentos entre aparentados em uma mesma genealogia. Para os autores, “um **implexo** é o conjunto de todos os anéis que passam pelos mesmos casais em posição de aliança” (Ibid.: 39). A apropriação desta noção se justifica pela possibilidade de “conferir um tratamento analítico a sistemas elementares, considerados a partir das redes empíricas por eles operadas”, pois pode ser interessante “em algum momento, descolar a troca matrimonial de sua transcrição genealógica.” (Ibid.: 39).

**FIGURA 5 - REPRESENTAÇÃO DE UM IMPLEXO**

Fonte: Retirado de Silva (2012: 30)

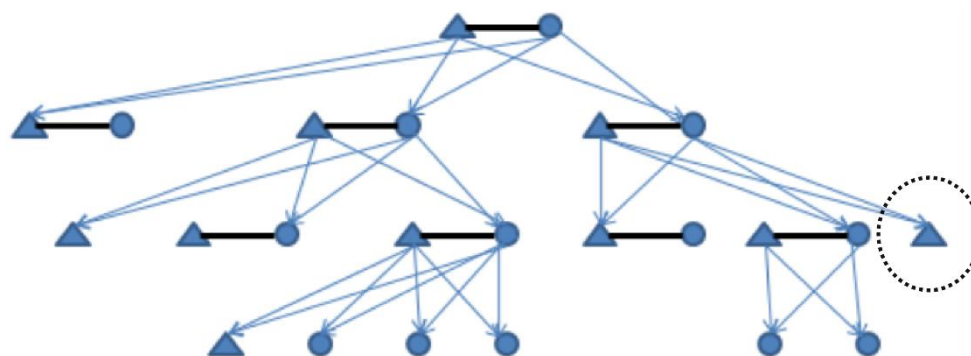
Na figura 5, setas pretas de ponta dupla são casamentos, retângulos pretos rotulados com uma letra (a, b, c, d, e, f) são indivíduos em posição de aliança e as linhas azuis são cadeias de conexões de filiação (F, M, S, D)<sup>153</sup>. Percebe-se que entre os cônjuges “a” e “f” existem 27 caminhos na rede genealógica que passam pelos indivíduos “b”, “c”, “d” e “e”, todos eles reconhecidos pelo casal em questão, mas nenhum deles necessariamente apontando como caminho privilegiado. Para não deixar dúvidas sobre o conteúdo da noção de implexo, Silva (2012: 39-40) usa uma metáfora da construção civil, argumentando que “um implexo é como um duto dentro do qual passam todos os fios (caminhos) que ligam dois indivíduos”.

Retomando a transformação da genealogia de Rivers em um grafo de Ore<sup>154</sup>, percebe-se que, no original, as relações de filiação partem de relações de casamento (=) em direção aos indivíduos, representados por triângulos e círculos. Todavia, posto que em um grafo “linhas só podem ligar um par de pontos e não um ponto a uma linha”, foi preciso fazer um ajuste que permite transformar “qualquer esquema genealógico produzido da maneira consagrada pelos antropólogos, [...] em um grafo que, em tributo ao inventor do método”, Silva (2012: 40) passa a chamar *grafo de Rivers*, que corresponde ao grafo de Ore com a incorporação das arestas matrimoniais.

<sup>153</sup> Neste texto existem outros diagramas construídos com os mesmos elementos da figura 5 (linhas azuis, linhas pretas de ponta dupla e retângulos) que mantém o mesmo sentido.

<sup>154</sup> Cf. figura 4, p. 141.

FIGURA 6 - GRAFO DE RIVERS



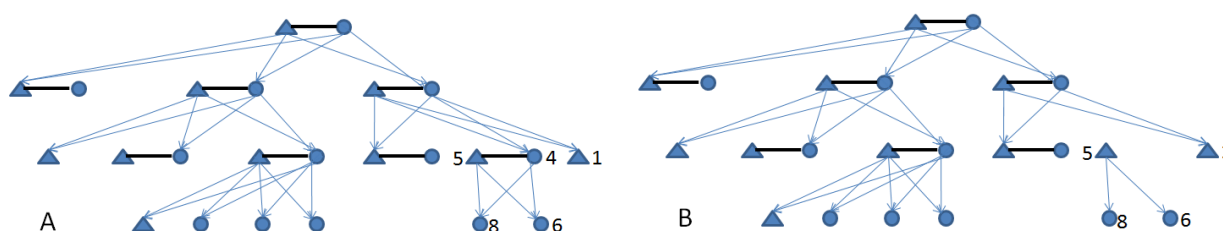
Fonte: Adaptado de Silva (2012: 41)

As características de um grafo de Rivers são: (1) é um grafo misto, por conter arcos e arestas; (2) é um grafo *fracamente* acíclico, por conter apenas ciclos *não-orientados* (**Anéis**), produzidos por sequências C e A; e (3) não contém *ciclos orientados*, que descreveriam situações absurdas do ponto de vista genealógico (mas não do ponto de vista onomástico) como a de alguém ser neto de si mesmo, como no caso xavante em que é comum netos receberem nomes que um dia foram de seus avós.

Uma **cadeia** é um grafo em que pontos e linhas formam um **percurso** no qual nenhum ponto figura ali mais de uma vez. Nesse sentido, o indivíduo que aparece dentro do círculo pontilhado na figura 6 é Kurka, informante de Rivers ([1909] 1969) que está conectado a todos os indivíduos do grafo devido à existência de percursos que o ligam a todos os indivíduos ali representados. A **adjacência** é qualidade dos pontos ligados por uma única linha; dois pontos adjacentes são **vizinhos**. Como podemos observar, Kurka é vizinho apenas de seus pais. Apenas as relações F, M, S, D, H, W denotam adjacências, enquanto as relações B e Z não, porque o par de indivíduos por elas conectado é mediado por um terceiro, F ou M. Um grafo **conexo** corresponde a um grafo no qual existe um caminho, que pode ser direto ou passar por outros pontos intermediários, que passa por todos os pares de pontos. O grafo de Ore não é conexo, pois ali existem pessoas isoladas, enquanto o grafo de Rivers pode ser classificado de conexo.

No grafo de Ore (figura 4<sup>155</sup>) existem quatro **subgrafos**, ou seja, pontos e linhas que formam subconjuntos dos pontos e linhas do grafo. Desses, três são compostos por apenas um ponto (pessoas isoladas). Um **subgrafo conexo máximo** é um **componente** do grafo. Um **ponto de articulação** é um vértice cuja supressão aumenta o número de componentes de um grafo. A rede B, na figura 7, a seguir, é semelhante a rede A. Com a supressão da mulher 4 (ponto de articulação) a rede passa a ter dois componentes, um formado pelos indivíduos 5, 6 e 8, o outro formado pelos demais. Um **parente apical** corresponde, numa rede, a um ponto de articulação.

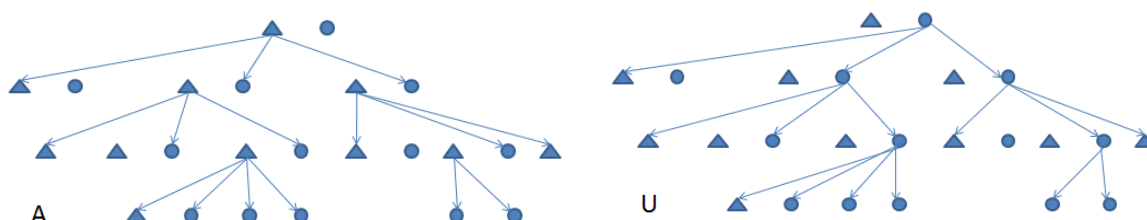
**FIGURA 7 - COMPONENTES E PONTOS DE ARTICULAÇÃO DE UM GRAFO**



Fonte: Retirado de Silva (2012: 43)

A **equivalência** é uma relação reflexiva, simétrica e transitiva, que induz a uma **partição** do conjunto em classes distintas de elementos equivalentes. Um exemplo desta relação pode ser observado no grafo de Ore reproduzido abaixo. Os arcos que saem dos pontos (indivíduos) do mesmo sexo induzem a uma partição agnática e a uma partição uterina do *grafo*, que correspondem a subgrafos deste mesmo grafo (SILVA, 2012).

**FIGURA 8 - PARTIÇÕES AGNÁTICAS (A) E UTERINAS (U) DO GRAFO DE ORE**



Fonte: Retirado de Silva (2012: 43).

<sup>155</sup> Cf. p. 141.

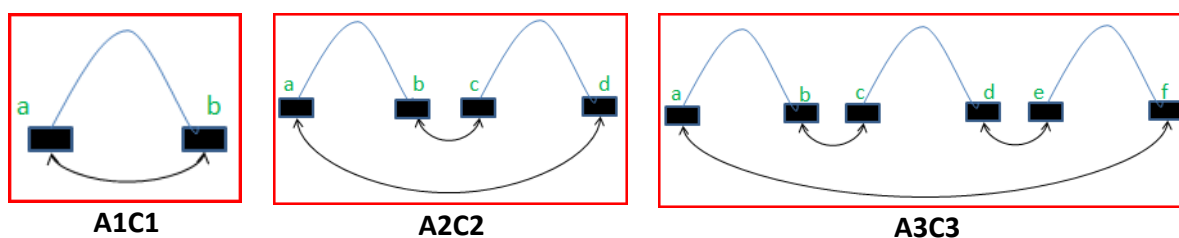
Uma propriedade comum a ambos os subgrafos, *A* e *U*, está ausente dos grafos de Rivers e de Ore, pois estes últimos contêm ciclos não-orientados e, por isso, são **fracamente** acíclicos. Os subgrafos não contêm ciclo de nenhuma espécie e por isso são **estritamente** acíclicos. Em resumo, “uma rede genealógica é um grafo *misto* (por conter arcos e arestas), fracamente acíclico (por conter apenas ciclos não orientados”, enquanto “uma rede de descendência é um grafo arborescente, por conter arcos em uma única direção, estritamente acíclico (por não conter ciclos de nenhum tipo)” (Ibid.: 43-44).

Passo, agora, a descrever, de modo mais atento, os anéis de uma rede genealógica e a concatenação de *sequências* que lá se manifestam. Os ciclos que contêm o mesmo número de sequências consanguíneas (*C*) e finais (*A*) são chamados *isômeros*, e os que são constituídos por um número maior de cadeias *A* que por sequências *C* são denominados *anisômeros*<sup>156</sup>. A MaqPar, ao realizar a varredura de um *corpus* genealógico, privilegia ciclos que contêm de uma a três cadeias finais (casamentos), incorporando a seguinte tipologia: a todo o ciclo é atribuído um índice “*AxCy*”, em que “*x*” e “*y*” correspondem à quantidade de 1 a 3 de cadeias *A* e *C* encontradas em seu interior. Dessa forma, *A1C1* indica um **enlace consangüíneo** (casamento com um consanguíneo), enquanto os demais tipos de anéis correspondem a **reencadeamentos de aliança**: os **reencadeamentos de aliança de consangüíneos** (casamento como um consanguíneo) são expressos pelos ciclos *A2C1* e *A2C2*, enquanto os ciclos *A3C1*, *A3C2* e *A3C3* representam **reencadeamento de aliança de afim** (casamento como *um* afim). As ideias de *enlace consanguíneo* e *reencadeamento de aliança* ficarão mais claras no decorrer deste capítulo.

---

<sup>156</sup> O número de sequências *C* não pode ser maior que de *A*. Isso ocorre porque, caso o número de cadeias *C* seja maior que o de *A*, em algum lugar do anel ocorrerá uma cadeia do tipo *CC*.

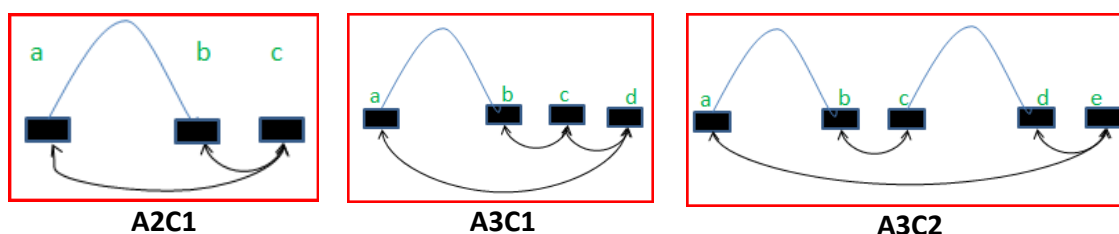
FIGURA 9 - CICLOS ISÔMEROS



Fonte: Retirado de Silva (2012: 44).

Antes de seguir com a distinção dos ciclos é preciso dizer rapidamente o que é um *módulo*. Trata-se da *retificação* de um ciclo, ou seja, de sua transformação “em uma *reta* que começa em Ego e termina em Alter, cortando-o justamente no casamento que liga os dois” (SILVA, 2012: 45). A diferenciação entre os dois tipos de ciclos se dá devido ao fato de, entre os ciclos isômeros, seu módulo ser sempre do mesmo tipo, independente da direção em que se percorra o anel, enquanto nos ciclos anisômeros isso não ocorre, como podemos aferir da figura abaixo.

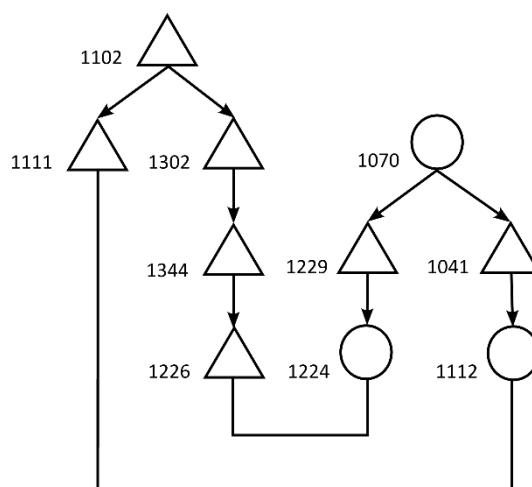
FIGURA 10 - CICLOS ANISÔMEROS



Fonte: Retirado de Silva (2012: 45).

Ainda sobre a classificação dos anéis, uma cadeia consanguínea corresponde a uma figura bidimensional, que tem comprimento e altura, enquanto “o anel (ciclo) é tridimensional porque contém pelo menos uma cadeia afinal, que é o que lhe confere profundidade” (Ibid.: 47). Passo a elencar os parâmetros usados para a definição das dimensões de uma *cadeia* e de um *ciclo*.

DIAGRAMA 16 - ANEL A2C2

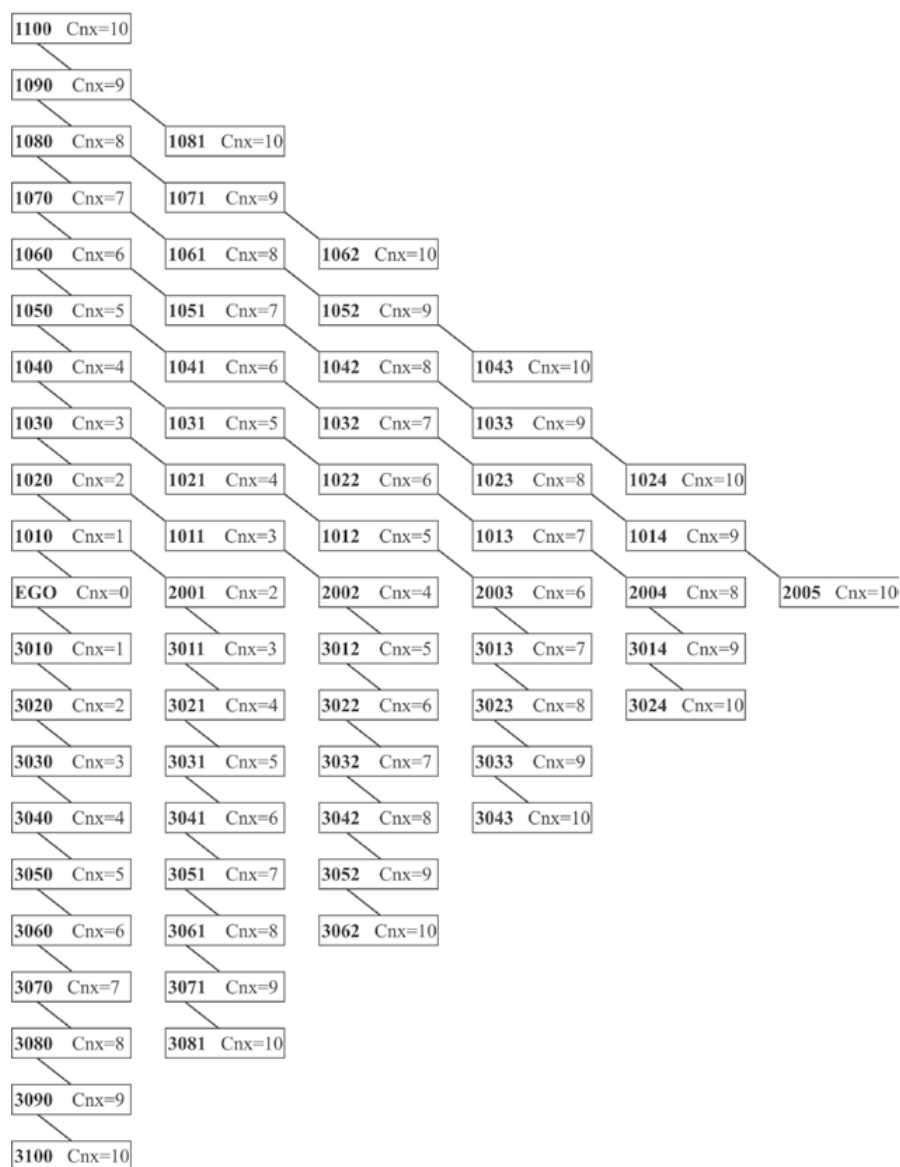


Tomando as **cadeias** do anel A2C2 representado acima como exemplo, podemos dizer que: (1) seja a sequência consanguínea 1111, 1102, 1302, 1344, 1226, o seu *comprimento* é igual ao número de conexões (ou vértices) que ela contém; desta forma, esta sequência tem 5 conexões e seu comprimento é 5; (2) a *altura* de uma sequência é igual ao número de conexões de seu maior caminho linear de modo que sequências do tipo MMFF ou do tipo SSDD têm um único caminho linear (ascendente, no primeiro caso, ou descendente, no segundo), enquanto sequências do tipo FSSS têm dois caminhos lineares, um ascendente (F) e outro descendente (SSS). Como a sequência que uso de exemplo tem dois caminhos lineares, um com 1 (F) e outro com 3 (SSS) conexões, sua altura é 3.

Sobre a definição das dimensões de um **ciclo**, é importante frisar que o número de vértices é igual ao número de conexões: (1) o *comprimento* de um ciclo é igual ao número total de conexões que ele contém; como o ciclo acima tem 10 conexões, seu comprimento é 10; (2) a altura de um ciclo é a altura de seu maior caminho linear, portanto, a altura do ciclo em tela é igual a 4; (3) a *largura* de um ciclo é igual ao número de sequências finais (casamentos) que ele contém, portanto a *largura* do ciclo em questão é 2.

Além da geometrização das sequências incorporada pelo método, Dal Poz & Silva (2008) elaboraram um esquema classificatório das categorias consanguíneas, embutidas na MaqPar, que passo a descrever e explicar.

**FIGURA 11 - ORDENS DE SEQUÊNCIAS E NÚMEROS DE CONEXÕES GENEALÓGICAS PRIMÁRIAS (CNX)**

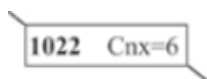


Fonte: Retirado de Dal Poz & Silva (2008: 71).

A figura acima apresenta todas as ordens de parentes consanguíneos levadas em conta neste exercício, seguida do número de conexões (Cnx) imediatas (F, M, S ou D) entre elas e Ego. As linhas partem de “EGO Cnx=0” em direção a seus parentes (Alter). Linhas verticais e oblíquas

significam relações de filiação, F e M quando sobem, S e D quando descem. As posições de parentesco de mesma geração são indicadas pelo alinhamento horizontal. Cada posição é apresentada como o exemplo abaixo, contendo um número de quatro dígitos, seguido do número de conexões (Cnx) existentes entre Ego e Alter.

**FIGURA 12 - EXEMPLO DE POSIÇÃO DE PARENTESCO NA CLASSIFICAÇÃO DE SEQUÊNCIAS CONSANGUÍNEAS**



Fonte: Adaptado de Dal Poz & Silva (2008: 71).

O primeiro algarismo indica se o parente, em relação a Ego, é ascendente (1), da mesma geração (2) ou descendente (3). O segundo e o terceiro indicam a distância geracional do parente (de 00 a 10) e o quarto, a distância lateral (grau de colateralidade). O número que segue depois da abreviação “Cnx” traz informações sobre o grau civil do parente, ou seja, o número de conexões que existe entre Ego e Alter. No exemplo acima, temos “1022 Cnx=6”, que significa um parente ascendente “1”, da 2ª geração “02”, de 2ª grau de lateralidade “2” e de 6º grau civil “6”: um(a) primo(a) de primeiro grau do(a) avô(ó).

A classificação de uma cadeia afinal é bem mais simples, pois pode conter apenas uma conexão (1 casamento). Dessa forma, convencionou-se “‘A1’”, se representa um ‘marido – H’, ‘A2’, se representa uma ‘esposa – W’. Além disso, por definição, estabelece-se que a distância lateral da relação de conjugalidade é igual a 1, e a distância geracional é igual a 0” (SILVA, 2012: 50).

### 3.2 – ALIANÇA DE CASAMENTO ENTRE OS XAVANTE DE MARÃIWATSÉDÉ

Esta seção é dedicada ao exame do *corpus* genealógico xavante, produzido pelo método de Rivers e tratado com a MaqPar, do qual emerge um objeto essencialmente histórico, cuja

complexidade decorre da imbricação inextricável de fatores de diversas ordens (SILVA, 2012). Entre esses fatores, destacam-se “as condições e as dinâmicas **demográficas** peculiares ao contingente populacional [...] que estão diretamente implicadas em sua forma plástica” e as “**classificações nativas**, [que] da mesma forma concorrem, diretamente ou indiretamente, na tessitura da rede de parentesco” (Ibid.: 163 [grifos meus]). Neste exame da rede xavante correlaciono apenas os sistemas terminológico e atitudinal descritos no capítulo anterior ao resultado da análise computacional, pois o banco de dados que criei não contém todas as informações necessárias para uma análise mais completa (aspectos demográficos, data de nascimento, de casamento, etc.)<sup>157</sup>.

Disse antes que usaria uma imagem como metáfora para expor o processo de análise, trata-se do desenho de Edgar Rubin, que oferece ao observador duas imagens (taça e dois rostos) impossíveis de se ver simultaneamente sem configurar o olhar, estabelecer o que é **figura** o que é **fundo** (Ibid.: 164).

**FIGURA 13 - VASO DE RUBIN**



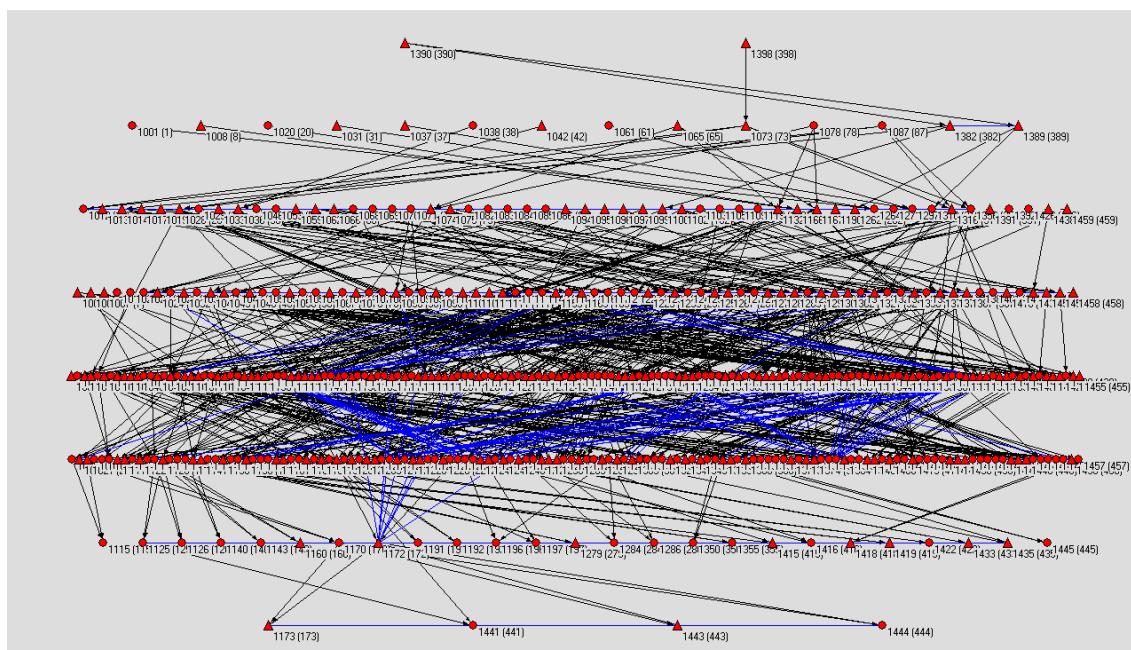
**Fonte: Silva (2012: 164).**

Diante da representação da rede genealógica xavante exposta abaixo acontece a mesma coisa, pois é preciso decidir entre as relações de filiação (linhas pretas) e casamento (linhas

<sup>157</sup> Essas e outras informações foram sistematizadas por Silva, que fez uma pesquisa detalhada sobre o parentesco enawene-nawe, de cerca de 18 anos (Ibid.: xv). Inspirado pela leitura de algumas etnografias sobre povos Jê (GIRALDIN, 2000; 2011; LEA, 1995), pretendo incrementar o banco de dados xavante com estes dados e informações sobre nominação, amizade formal, pertença a metades etárias, etc., com o objetivo de verificar se existe, entre os A'uwẽ, alguma relação entre casamento e aquelas instituições.

azuis) para configurar o olhar, atribuindo “prioridade aos *acontecimentos matrimoniais* que produzem os casais, dando **forma** a uma rede que surge sobre um **fundo** constituído por *cadeias de filiação*”, ou “privilegiar as *cadeias de filiação* que estabelecem relações de intercâmbio umas com as outras, dando **forma** a uma rede que emerge sobre um **fundo** constituído de *casamentos*” (Ibid.: 165 [grifos no original]).

**FIGURA 14 - REPRESENTAÇÃO DA REDE GENEALÓGICA XAVANTE<sup>158</sup>**



As interpretações da genealogia como rede de descendência ou de aliança emergem como dupla possibilidade de recorte teórico-metodológico, assim como a imagem da taça ou dos dois rostos são igualmente válidas. Essa ilusão de percepção ocorre devido ao fato das cores preta ou branca em um caso, das relações de filiação e casamento em outro, fazerem fronteira uma com a outra. Estas oposições entre pares de cores ou de relações é equipolente, pois não há englobamento de um termo pelo outro. Outra característica do desenho decorre do fato de Rubin não ter desenhado uma taça e dois rostos, mas o efeito de simultaneidade entre os dois,

<sup>158</sup> Esta imagem foi feita por Marcio Silva, e representa o resultado da análise da rede xavante pelo *Pajek*, um sofisticado programa computacional de análise e visualização de redes complexas. Para mais informações sobre este software, ver <http://mrvar.fdv.uni-lj.si/pajek/>.

cuja ilusão produzida não está em nenhum dos objetos tomados isoladamente. Segundo Silva (2012: 165), o mesmo faz o *artista das redes*, ou seja, a *proibição do incesto* (LÉVI-STRAUSS, [1967] 2008f: 47)

Claude Lévi-Strauss (Ibid.) fundou o que Dumont ([1971] 1975) denominou *teoria geral*, que corresponde à *teoria estruturalista do parentesco*, comentada rapidamente acima, “centrada em uma interpretação estrutural da proibição do incesto” (DUMONT, [1971] 1975: 94) e que repousa sobre dois conceitos fundamentais: o de *reciprocidade*, como condição de possibilidade da vida social, e o de *intercâmbio*, como nexos que a institui. Dessa condição e desse nexo emergem estruturas que definem *positivamente* e *negativamente* o sentido da aliança de casamento. *Elementares* são as estruturas que definem positivamente, e *complexas* e *semi-complexas* as que definem negativamente. No interior das estruturas elementares distinguem-se duas formas básicas: a (1) *troca restrita*, que envolve duas unidades trocadoras; e a (2) *troca generalizada* que envolve mais de duas unidades. Ao último tipo de troca, correspondem duas modalidades, contínua e descontínua: a primeira está associada ao casamento matrilateral e a segunda, ao casamento patrilateral. À troca restrita corresponde o casamento de primos cruzados bilaterais. O casamento avuncular está relacionado a uma condensação da troca patrilateral a duas unidades. Antes de passar para as estruturas não elementares convém colocar que tanto à troca restrita como à troca generalizada contínua correspondem *estruturas globais* de reciprocidade, enquanto a troca generalizada descontínua e sua redução dual (avuncular) fazem emergir agregados de *estruturas locais* (SILVA, 2012: 166).

No interior das estruturas não elementares, que orientam negativamente o sentido da aliança, distingue-se as *complexas* das *semi-complexas*. Nas primeiras, as proibições matrimoniais incidem sobre posições específicas (não se pode casar com a mãe, com o irmão, com o pai, etc.), enquanto nas segundas, a proibição abarca classes ou grupos sociais (não se

pode casar no clã do pai, ou na seção da mãe, por exemplo). As *estruturas elementares* propiciariam, apesar da história, fechamentos periódicos das redes (casamentos com parentes), ao passo que as *estruturas não elementares* funcionariam em estado de turbulência permanente, ou seja, na história, cujos fechamentos obedecem a leis probabilísticas que operam nas redes de aliança por meio de fenômenos outros que o parentesco.

Louis Dumont ([1971] 1975) restringiu sua análise às estruturas elementares, que estão relacionadas à *teoria restrita*, limitando assim a noção de estrutura de aliança aos sistemas prescritivos ou com regra positiva de casamento. No interior desta categoria analítica, Dumont ([1971] 1975: 100-103) distingue sistemas de fórmula global, *sociocentrados*, e de fórmula local, *egocentrados*. Ambos estão associados ao casamento bilateral, como os sistemas *australiano* (sociocentrado) e *dravidiano* (egocentrado), por exemplo.

Foi Françoise Héritier (1981) que propôs talvez a mais ambiciosa contribuição à *teoria geral*, acentua Silva (2012) em sua leitura, aqui apropriada, a qual todas as estruturas de troca matrimonial poderiam ter um sentido positivo. Para a autora, as estruturas complexas e semi-complexas não seriam de natureza diferente das elementares. Sua proposta teórico-metodológica executa, no limite, todas as partituras dos regimes de aliança em chave elementar e introduz duas noções próprias de rede: enlace (*bouclage*) e redobramento (*redoublement*), que significam casar *com* um parente (casamento consanguíneo) e casar *como* um parente (repetir aliança de consanguíneo). Héritier (1981) também toma como ponto de partida a *diferença sexual*, definida em dois graus: *relação de mesmo sexo* e *relação de sexo oposto*, na qual ancora diferentes possibilidades lógicas de repetição segundo o sexo dos parentes em posição de aliança que atualizariam estas repetições em intervalos de 1 a *n* gerações. Baseada nessas premissas, a autora define dois parâmetros, cada um deles admitindo dois valores opostos, simbolizados por letras maiúsculas (+) e minúsculas (-):

**A** = Consanguíneo próximo de mesmo sexo *redobra* aliança anterior/

**a** = Consanguíneo próximo de mesmo sexo *não pode redobrar* aliança anterior;

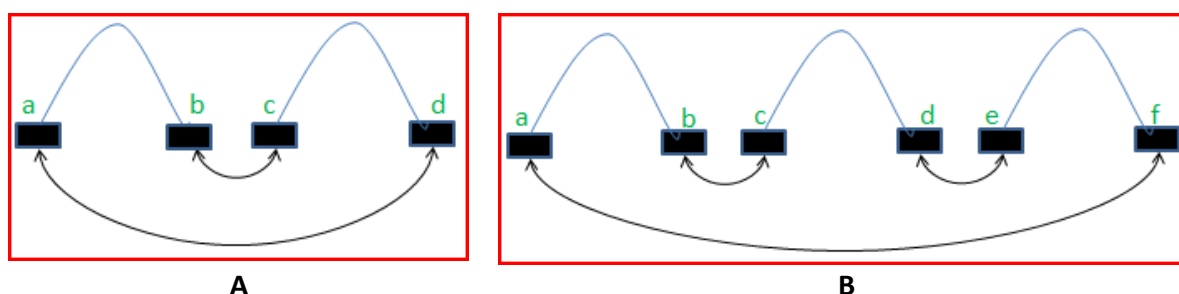
**B** = Consanguíneo próximo de sexo oposto *redobra* aliança anterior/

**b** = Consanguíneo próximo de sexo oposto *não pode redobrar* aliança anterior.

Segundo a autora, a combinação **Ab** corresponderia aos regimes de troca generalizada (casamento matrilateral); a combinação **aB**, aos regimes semi-complexos; a combinação **AB**, ao regime de troca restrita (casamento bilateral); e aos sistemas complexos estaria relacionada a combinação **ab** (formas cognáticas). Viveiros de Castro (1990) faz importantes contribuições a proposta de Hérítier, que passo a resumir: (1) a combinação **Ab** descreve uma estrutura elementar de troca generalizada, em que o homem se casa como seu pai e uma mulher como sua tia paterna (em contexto patrilinear), ou um homem se casa com seu tio materno e uma mulher com sua mãe (em um contexto matrilinear); (2) a combinação **aB**, caso a definição de “consanguíneo próximo” se restrinja a laços entre gerações consecutivas, descreve a troca patrilateral: um homem se casa como sua tia paterna e uma mulher como seu tio materno, em um contexto patrilinear, ou um homem se casa como sua mãe e sua irmã como seu pai, em contexto matrilinear; (3) na combinação **AB** a diferença sexual não é relevante para o sentido das alianças; (4) a combinação **ab** não existe por definição, pois não há repetição de aliança e, por conseguinte, não se trata de um sistema de parentesco por fim. É na combinação (2) **aB** que emerge o fantasma patrilateral no espaço semi-complexo, segundo Viveiros de Castro (1990). Se a definição de “consanguíneo próximo” se restringir apenas a laços horizontais (pessoas de mesma geração), **aB** corresponderia a uma *estrutura multilateral*, como troca de irmãs e dispersão das alianças de germanos de mesmo sexo. Só se unirmos ambas as definições de “parente próximo” (consecutiva e isogeracional), **aB** corresponderia a uma estrutura semi-complexa.

Segundo Silva (2012: 171 [grifos no original]), o fenômeno dos *reencadeamentos de aliança* nas redes empíricas de parentesco corresponde a “*casamento entre pessoas já ligadas por relações de afinidade*”. Os *redobramentos* de Hérítier são casos particulares dos *reencadeamentos de aliança de consanguíneo*, mas o fenômeno de reencadeamento também se manifesta de outra forma: trata-se do *reencadeamento de aliança de afim*, ausente da proposta da autora. Os circuitos produzidos pelos reencadeamentos apresentados abaixo correspondem, nesse exercício, aos anéis matrimoniais abordados páginas atrás. O reencadeamento de aliança de consanguíneo (figura 15-A, à esquerda) corresponde a um anel A2C2, enquanto o reencadeamento de aliança de afim (figura 15-B, à direita) a um anel A3C3. Lembro que os anéis A2C2 e A3C3 não esgotam as possibilidades de reencadeamento de aliança, pois um mesmo indivíduo pode se casar mais de uma vez, gerando ciclos anisômeros.

**FIGURA 15 - REENCADEAMENTO DE ALIANÇA**



Fonte: Retirado de Silva (2012: 172).

Ao discorrer sobre uma possível *teoria dos reencadeamentos de aliança*, Silva (Ibid.: 173) toma como ponto de partida “um juízo intuitivo: o de que as pessoas tendem a se casar nem muito longe, nem muito perto”, com a ressalva de que o que é perto ou longe varia de coletivo para coletivo e de indivíduo para indivíduo. Nesse sentido, e levando em consideração o fato de que não me preocupo aqui exclusivamente com o que as pessoas pensam que fazem, mas também com o que elas fazem efetivamente, sou igualmente levado a

*supor que as probabilidades de casamento com pessoas já conectadas, direta ou indiretamente, por laços de consanguinidade e/ou de afinidade são inversamente*

*proporcionais ao tamanho dos efetivos populacionais dos quais essas pessoas fazem parte: em suma, menores os coletivos, maiores as chances de reencadeamento, independentemente do tipo de sistema de parentesco lá operado (Ibid.: 174).*

Entre os Xavante residentes em Marãiwatsédé que figuram em meu banco de dados, não obstante tenham vivido separados por um período razoável de tempo devido à dispersão, o discurso expressa o ideal de casamento dentro do grupo, ou seja, busca-se cônjuges preferencialmente entre pessoas de alguma forma aparentadas. Importante parâmetro aí também é o geográfico, mas menos relevante que o genealógico. Mais de uma vez, o casamento de meninas da aldeia Marãiwatsédé com meninos de outra aldeia e de outro grupo foi assunto que podemos chamar de não-trivial no *warã*. Casamentos de meninas da aldeia Marãiwatsédé com meninos de outra aldeia, mas de mesmo grupo, despertam menos comentários.

Na análise de redes empíricas de parentesco com métodos computacionais costuma-se distinguir *rede genealógica*, conjunto de todas as pessoas (vértices) e de todas as relações (linhas) documentadas em um dado coletivo, de *rede de alianças* (ou rede de anéis), uma partição da rede genealógica, na qual figuram apenas as pessoas encadeadas em circuitos matrimoniais, com a exclusão de indivíduos solteiros sem filhos. Uma rede de alianças é chamada de *núcleo* de uma rede genealógica, e as cadeias consanguíneas dos anéis traduzem modos de conexão entre casamentos em uma dada rede que, supostamente, remeteria a princípios de organização que, somados a variantes demográficas e outras, estariam implicados em seus desdobramentos no tempo. Nesse sentido, Silva (2012: 177) destaca o número médio de filhos por casal, como variável demográfica, “já que o aumento do número médio de filhos cria maiores chances de produção de novos circuitos consanguíneos (enlaces)”. A ocorrência de casamentos múltiplos (simultâneos, como nos casos de poliginia sororal, ou sucessivos, como nos casos de casamentos de viúvos ou divorciados) também é outra variável importante, pois seu aumento faz multiplicar o número de novas conexões afinais (reencadeamentos).

O uso do método estrutural para a análise do parentesco segundo as premissas de Lévi-Strauss ([1967] 2008f; [1965] 1969) parte do pressuposto básico de que os casamentos não apenas favorecem a criação ou replicação de laços de consanguinidade e afinidade entre pessoas de um coletivo qualquer, mas são também por eles determinados, positiva ou negativamente, direta ou indiretamente, dada a proibição do incesto. A forma que essa determinação toma em cada caso é significativa na medida em que influencia o surgimento de circuitos matrimoniais não triviais, ou seja, de circuitos que se diferenciam daqueles que encontraríamos em uma dada rede se todos os casamentos ocorressem ao sabor do acaso, sem qualquer intervenção. Ainda nos marcos da teoria lévi-straussiana, é importante dizer que o estudo do parentesco consiste tradicionalmente em uma análise lógica de regras, cuja aplicação reiterada geraria uma rede teórica com determinadas características que remeteriam a noções como “troca restrita” e “fórmula local”, por exemplo (SILVA, 2012). Não é isso que me proponho, pois a análise da rede empírica é posta no mesmo plano do sistema terminológico e atitudinal. Desta forma, os circuitos consanguíneos (*enlaces*), tomados como base das formas fundamentais da aliança (casamento com MBD, ZD, FFZDD, etc.), são preteridos pelos circuitos afinais (*reencadeamentos*) em uma abordagem que Houseman & White (*apud* SILVA, 2012: 173-185) chamam de *reticular*. Nela, os anéis consanguíneos são tomados como contrações de circuitos afinais e o ponto de partida da análise se desloca para a apreensão das redes empíricas de aliança, buscando possíveis regularidades depreendidas da própria estrutura reticular, não de exemplos que validem hipóteses deduzidas das regras de casamento.

Essa abordagem permite também superar a dicotomia durkheimiana implícita à oposição entre as perspectivas que privilegiam a regra (social) ou a estratégia (individual), pois objetiva observar e descrever não as estratégias exploradas na teia de relações que rodeiam um dado indivíduo privilegiado pela análise, mas a própria “rede ela mesma enquanto totalidade que emerge da (e preside a) interdependência de uma multidão de iniciativas particulares religadas

umas às outras” (HOUSEMAN & WHITE *apud* SILVA, 2012: 184). Passo, finalmente, à descrição e análise da rede empírica xavante.

Já se chamou a atenção para as dificuldades inerentes à produção de uma genealogia quando alçada a objeto central da análise, como é o caso aqui, pois inspira uma atenção maior que a dispensada às construídas para figurar como evidências de argumentos de certa forma gerais encontradas nos fins das monografias<sup>159</sup>. Isso porque

*os estudos dos fenômenos de reencadeamento de aliança não resistem a erros mínimos nos registros genealógicos, durante uma varredura computacional. A confusão de um ancestral X com um ancestral Y pode gerar milhares de anéis inexistentes, mesclados inextricavelmente aos anéis reais, induzindo a generalizações imprestáveis. Da mesma forma, o não reconhecimento de que X e Y são a mesma pessoa pode condenar à invisibilidade conjuntos de circuitos cuja consideração seria crucial para uma caracterização adequada da rede. Na experiência concreta do trabalho de campo em pequenos coletivos, **especialmente quando estamos voltados às franjas superiores de uma rede genealógica**, onde estão os antepassados mais remotos, os riscos de confundir X e Y ou, inversamente, de não reconhecer a identidade entre X e Y são muito grandes, notadamente quando os nomes dos ancestrais se repetem (SILVA, 2012: 188-189 [grifos meus]).*

Para reduzir as possibilidades de erro, segui as orientações que se encontram sintetizadas em Silva (2012: 189), e atribui um número absoluto para cada indivíduo (Ind), bem como “um sexo invariável em diferentes ângulos da rede: se X é filha de Y, então X não pode ser pai de Z. Outro cuidado [...] é o impedimento de ciclos entre um indivíduo e seu ancestral: se X é pai de Y e Y é pai de Z, então Z não pode ser pai, avô, etc... de X”. Assim, o *corpus* genealógico fabricado a partir de minha convivência com os Xavante de Marãiwatsédé foi feito levando em consideração os cuidados que o tratamento computacional de uma rede genealógica requer, em longas etapas que passo a descrever resumidamente. Inicialmente, transformei os dados de um censo desatualizado, confeccionado e gentilmente cedido pelos funcionários do posto de saúde da aldeia<sup>160</sup>, em tabelas, com o uso de um sistema de gerenciamento de banco de dados, seguindo as dicas de Ivo Schroeder, meu orientador na escrita de uma monografia de

<sup>159</sup> Maybury-Lewis ([1967] 1984), Giaccaria & Heide (1972) e Lopes da Silva (1986), os três clássicos sobre os Xavante, trazem genealogias nas seções finais de suas obras. Em pesquisas futuras pretendo estender a experiência realizada com os dados de Marãiwatsédé aqui a estas outras obras desde uma perspectiva comparativa.

<sup>160</sup> Agradeço essa e outras gentilezas nas pessoas de Sandra Pinheiro e Cleon.

especialização<sup>161</sup>, que tinha experiência na sistematização deste tipo de dado com o auxílio de ferramentas computacionais<sup>162</sup>. No censo, constituído por 569 indivíduos, distribuídos em 69 casas, era atribuído um número absoluto de dois dígitos para cada pessoa, que era seguido de seu nome, sexo, data de nascimento, data da coleta das informações<sup>163</sup>, idade, o grau de parentesco com o “chefe” ou a “chefe” da casa (se esposa, filho, genro, etc.), filiação, aldeia, número da casa e observações. Meu objetivo naquele trabalho era deslindar as relações de parentesco entre os componentes dos grupos políticos atuantes em Marãiwatsédé, por isso não inseri em minhas tabelas pessoas que não estivessem em **posição de aliança**<sup>164</sup> porque, tradicionalmente, só participa ativamente da vida política *a’uwẽ* quem, dentre outras coisas, casou em algum momento de sua vida. O matrimônio nos Xavante, como em boa parte das culturas, é um marcador social de maturidade. Os passos seguintes foram verificar, corrigir (quando necessário) e atualizar os dados junto aos *a’uwẽ* residentes em Marãiwatsédé, além de inserir a filiação as metades exogâmicas *Po’redza’õno* e *Öwawẽ*.

Essas metades são as maiores unidades exogâmicas existentes entre os Xavante e possuem funções diversas. Repartem e juntam famílias não apenas no cotidiano, mas em rituais, enterros, etc., além do matrimônio. Trata-se de um grupo permanente que inclui pessoas a partir de uma relação genealógica presumível e indemonstrável. Isso permite que todos os indivíduos de mesmo sexo, geração e clã usem entre si os mesmos termos de parentesco

<sup>161</sup> O título do trabalho é “*Hö’a: o cacique Xavante como fazedor de parentes e gerador de consenso: o caso de Marãiwatsédé*”. É fruto do curso de formação da OPAN que, em 2009, teve o formato de uma pós-graduação *lato sensu* em *Indigenismo*, oferecida em parceria com a Universidade Positivo (UP). Na monografia, tentei entender a composição dos grupos políticos em Marãiwatsédé e o papel do cacique (*hö’a* em xavante) neste processo.

<sup>162</sup> Ele deu tratamento semelhante a seus dados sobre os Xerente, povo que pesquisou em sua tese (SCHROEDER, 2006).

<sup>163</sup> A última atualização do censo foi realizada em fevereiro de 2008.

<sup>164</sup> Lembro que indivíduos em posição de aliança correspondem a vértices que compõem os casais de um anel (SILVA, 2012: 39). Podem ser vivos ou mortos, residentes em Marãiwatsédé ou não, pois o que importa são as relações de filiação e casamento. Assim, por exemplo, o pai do jovem 1317, 1010, mora no Estado do Tocantins, em uma TI Xerente, mas consta na rede genealógica por ser pai de mais cinco indivíduos de ambos os sexos, e irmão de sete, todos devidamente inseridos no banco de dados por estarem casados.

dispensados para *germanos*, como *ĩdub'rada* (irmão mais velho) e *ĩno* (irmão mais novo), por exemplo. Nesta situação, um Ego qualquer classificaria, teoricamente, um número razoável de pessoas com este termo, posto que a população xavante era de 17. 388 indivíduos, em 2013, e tudo indica que aumentou.

Devo dizer que os momentos de verificação, correção e incremento do banco de dados foram os mais ricos do processo, pois, além de aprofundar meu conhecimento sobre as relações de parentesco que transcendem e muito a aldeia na qual trabalhava, configurando verdadeiras redes interaldeãs, pude entrar em contato com fragmentos da história de algumas famílias durante a diáspora a que foram submetidos depois da transferência forçada para a Missão Salesiana de São Marcos, em 1966. Finalizada essa etapa, dividi as informações sistematizadas em duas tabelas. Uma para os indivíduos (*Ind*), na qual atribui um número absoluto de identificação de quatro dígitos para cada um, que foi seguido pelo nome, sexo, número de identificação do pai, número de identificação da mãe e clã. Na outra tabela (*Cas*), inseri os casamentos, com os números de identificação dos cônjuges, um ao lado do outro. Também atribui um número absoluto para cada casamento. Essa forma de dividir os dados faz parte do método (DAL POZ & SILVA, 2008) e se justifica por tornar a atualização das tabelas mais rápida e eficaz. Entre idas e vindas, atualizações, correções e reconfigurações, as tabelas de meu banco de dados tomaram a seguinte forma:

**FIGURA 16 - TABELA DE INDIVÍDUOS DA REDE XAVANTE (IND)**

| IND  | Nome                           | Se | Pai  | Mae  | Cla |
|------|--------------------------------|----|------|------|-----|
| 1001 | Abias                          | F  |      |      | 2   |
| 1002 | Airerobre                      | M  |      |      | 2   |
| 1003 | Alfredo Tsawe'wa               | M  | 1316 | 1317 | 1   |
| 1004 | Ambrósio Tsereurã              | M  |      |      | 1   |
| 1005 | Angela                         | F  | 1114 | 1116 | 2   |
| 1006 | Anselma Wa'utomoró             | F  | 1067 | 1272 | 1   |
| 1007 | A'õiru                         | M  |      |      | 2   |
| 1008 | Apowẽ                          | M  |      |      | 2   |
| 1009 | Armando Tsidzana               | M  |      |      | 1   |
| 1010 | Artu Tserematsé                | M  | 1028 | 1246 | 1   |
| 1011 | Bernardino                     | M  | 1100 | 1069 | 2   |
| 1012 | Brigida Pe'a'wã                | F  | 1073 | 1087 | 1   |
| 1013 | Butse                          | M  |      |      | 2   |
| 1014 | Caetano Ru'awẽ                 | M  | 1382 |      | 2   |
| 1015 | Celina Tsinhotse'euwadzé       | F  | 1090 | 1022 | 2   |
| 1016 | Cipriano Tserehõ'u             | M  |      |      | 1   |
| 1017 | Cirilo Tsi'ruiã                | M  |      |      | 2   |
| 1018 | Benedita Wautõmonomri Tsereeté | F  |      |      | 2   |

**FIGURA 17 - TABELA DE CASAMENTOS DA REDE XAVANTE (CAS)**

| NCasm | Marido | Esposa |
|-------|--------|--------|
| 1     | 1111   | 1112   |
| 2     | 1114   | 1116   |
| 3     | 1113   | 1211   |
| 4     | 1117   | 1118   |
| 5     | 1121   | 1120   |
| 6     | 1122   | 1123   |
| 7     | 1124   | 1125   |
| 8     | 1128   | 1127   |
| 9     | 1130   | 1129   |
| 10    | 1132   | 1234   |
| 11    | 1132   | 1237   |
| 12    | 1132   | 1243   |
| 13    | 1132   | 1091   |
| 14    | 1136   | 1134   |
| 15    | 1135   | 1137   |
| 16    | 1139   | 1138   |
| 17    | 1141   | 1140   |
| 18    | 1144   | 1143   |

Embora tenha retornado a Marãiwatsédé todos os anos desde que me desliguei do projeto que lá executava, este banco de dados foi atualizado pela última vez em março de 2011, dada à necessidade de um período de tempo na aldeia maior para este fim do que dispunha quando de minhas visitas. Nesta última atualização, Marãiwatsédé contava com 638 pessoas residentes em 74 casas. O banco de dados, todavia, é constituído por 459 indivíduos vivos e mortos já em posição de aliança, sendo 236 do sexo feminino e 223 do sexo masculino, relacionados por 254 casamentos. Sigo a distinção entre rede genealógica *bruta*, tomada como o “conjunto de todas as pessoas e de todas as relações de filiação e de casamento, documentadas em um dado coletivo”, e rede genealógica *líquida*, “uma primeira partição da rede genealógica na qual figuram apenas as pessoas encadeadas em anéis matrimoniais, com a extração de todas as pessoas solteiras sem filhos” (SILVA, 2012: 191-192 [grifos no original]). Na primeira partição que operei na rede genealógica bruta dos Xavante de Marãiwatsédé, no momento mesmo em que construía o banco de dados, registrei apenas os indivíduos em posição de aliança. Terminada essa etapa, as duas tabelas (*Ind* e *Cas*) foram inseridas na MaqPar, que processou os dados, buscando todas as possibilidades de *sequências* entre indivíduos casados, e me devolveu 56 anéis do tipo A1C1, que representam **enlaces consanguíneos** (casamento **com** um parente

consanguíneo), 7.455 anéis do tipo A2C2, que representam **reencadeamentos de aliança de consanguíneos** (casamento **como** um parente consanguíneo), e 599.586 anéis do tipo A3C3, que representam **reencadeamentos de aliança de afins** (casamento **como** um afim). Não me ocupei do conjunto de anéis A3C3 devido ao tempo necessário para tanto.

Retomando a caracterização da rede xavante, verifiquei que 12% dos casamentos (29 ao todo) são *poliginicos* (mais de uma mulher unidas matrimonialmente a um mesmo homem), sendo que 21 homens casaram 2 vezes, 7 casaram 3 vezes e 1 casou-se 4 vezes<sup>165</sup>. O número de mulheres que se casou mais de uma vez é menor, 18 no total, sendo que apenas uma mulher casou-se 3 vezes, enquanto as demais casaram-se 2 vezes. Esses casamentos não se devem a *poliandria* (mais de um homem unidos matrimonialmente a uma mesma mulher), mas a casamentos de viúvas, em sua grande maioria. Existe apenas um caso de mulher divorciada que se casou novamente com um homem bem mais jovem. Do total de 254 matrimônios, 125 foram de homens *ö'wawẽ* com mulheres *po'redza'õno*, 128 de homens desta última metade com mulheres *ö'wawẽ* e apenas 1 entre uma mulher *ö'wawẽ* e um *a'uwẽ wadzari* (mestiço) de mãe xavante e pai *waradzu* (não indígena), residente na TI Marechal Rondon, que pouco via sua esposa, moradora de Marãiwatsédé. Todos os 253 casamentos em que se sabe a que metade os cônjuges pertencem **respeitam a regra de exogamia**.

Para avançar na análise, foi preciso realizar mais uma partição na rede genealógica líquida, excluindo os indivíduos sem registro de pai<sup>166</sup>. Desta forma, o número de indivíduos caiu de 459 para 361, e o de casamentos foi de 254 para 187. O resultado deste procedimento com relação aos anéis pode ser visto na tabela abaixo. Ressalte-se que esta última partição não teve reflexos significativos no total de anéis.

---

<sup>165</sup> Trata-se do cacique.

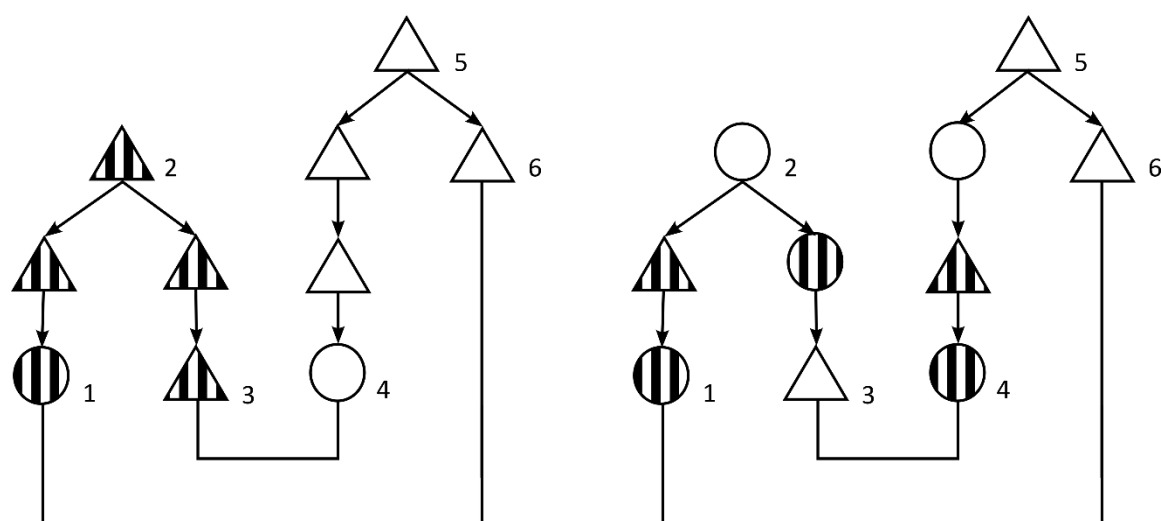
<sup>166</sup> Fiz mais essa partição porque a definição de consanguíneo próximo para os Xavante de Marãiwatsédé, para fins matrimoniais, passa necessariamente pelo reconhecimento de um ascendente do sexo masculino em comum.

| TABELA 25 - RESULTADO DO PARTICIONAMENTO DA REDE XAVANTE |       |         |             |
|----------------------------------------------------------|-------|---------|-------------|
| TIPO DE ANEL                                             | BRUTO | LIQUIDO | PORCENTAGEM |
| A1C1                                                     | 56    | 56      | 100%        |
| A2C2 REPLICA                                             | 3821  | 3769    | 98,6%       |
| A2C2 TROCA                                               | 3634  | 3576    | 98,4%       |
| A2C2 TOTAL                                               | 7455  | 7345    | 98,5%       |

Recordo que, ao olhar para a rede líquida, se pode configurar seus entes atribuindo prioridade aos *acontecimentos matrimoniais* que produzem os casais, dando forma a uma rede que surge sobre um **fundo** constituído por cadeias de filiação; ou pode-se privilegiar as cadeias de *filiação*, que estabelecem relações de intercâmbio umas com as outras, dando forma a uma rede que emerge sobre um **fundo** constituído de *casamentos*. Ou seja, ver a taça ou os dois rostos aqui corresponde a fazer diferentes partições na rede genealógica líquida, selecionando um ou outro subconjunto de anéis, conforme o caso. Fiquei com a primeira opção.

Para dar forma aos acontecimentos matrimoniais, Silva (2012) toma o modelo de Hérítier (1981), baseado nos parâmetros de repetição de aliança de consanguíneo próximo de ambos os sexos ( $A - a$ ,  $B - b$ ), e a ideia de *anel minimal*, que corresponde a um ciclo em que os pontos estão ligados uns aos outros por apenas duas relações. Assim, seguindo o autor, impus à rede líquida xavante as seguintes condições: (1) escolher apenas os anéis minimais; (2) com duas conexões consanguíneas e duas de casamento.

**DIAGRAMA 17 - EXEMPLOS DE ANÉIS QUE DÃO FORMA AOS ACONTECIMENTOS MATRIMONIAIS**



No anel da esquerda, uma mulher (1) redobra a aliança de seu primo paralelo (3), já que ambos pertencem a uma mesma linha, representada pelos indivíduos listrados, e se casaram com indivíduos de outra linha, representada pelos indivíduos brancos. No anel da direita, uma mulher (1) não redobra a aliança de seu primo cruzado (3), pois ambos se casam em linhas diferentes. Passo a analisar os *enlaces consanguíneos*, representados pelos anéis A1C1 extraídos da rede líquida, para depois tratar dos anéis A2C2 que também representam acontecimentos matrimoniais. A tabela abaixo traz as seguintes informações sobre os anéis A1C1:

- (1) *NAnel* indica o número de identificação do anel;
- (2) *Número do casamento* segundo a tabela *Cas*, do banco de dados, onde constam os casamentos e que serve para identificá-los;
- (3) *Percurso* apresenta todos os indivíduos que compõem um anel com a condição de ser iniciado por um homem e terminado por sua esposa<sup>167</sup>;
- (4) *Relação* define o tipo de relação de parentesco que existe entre Ego e sua esposa;
- (5) *Tradução*, como o próprio título já diz, traduz a coluna *Relação* para uma linguagem menos técnica e mais familiar a não especialistas;

<sup>167</sup> Cf. diagrama 15, p. 143.

- (6) *Geração do cônjuge* indica a geração da esposa de Ego;
- (7) *Distância lateral* se baseia nas informações apresentadas na figura 11<sup>168</sup> e apresenta o grau de parentesco entre Ego e sua esposa;
- (8) *Número de conexões* indica o número de conexões primárias que separam Ego de sua esposa;
- (9) *Grau de cruzamento*, por fim, nos mostra se a esposa de Ego é paralela ou cruzada segundo o cálculo dravidiano.

---

<sup>168</sup> Cf. p. 151.

TABELA 26 - ENLACES CONSANGUÍNEOS

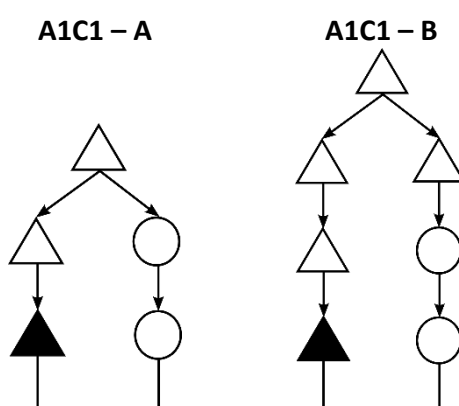
| NAnel | Número do casamento | Percurso                                | Relação | Tradução     | Geração do cônjuge | Distância Lateral | Número de conexões | Grau de cruzamento |
|-------|---------------------|-----------------------------------------|---------|--------------|--------------------|-------------------|--------------------|--------------------|
| 1     | 4                   | 1117 1116 1167 1078 1074 1118           | MFMSD   | tio II       | G+1                | 2                 | 5                  | P                  |
| 2     | 4                   | 1117 1116 1167 1065 1074 1118           | MFFSD   | tio II       | G+1                | 2                 | 5                  | P                  |
| 3     | 9                   | 1130 1132 1078 1167 1116 1129           | FMSDD   | sobrinho II  | G-1                | 2                 | 5                  | X                  |
| 4     | 9                   | 1130 1132 1065 1167 1116 1129           | FFSDD   | sobrinho II  | G-1                | 2                 | 5                  | X                  |
| 5     | 17                  | 1141 1268 1272 1184 1138 1140           | MMDDD   | sobrinho II  | G-1                | 2                 | 5                  | X                  |
| 6     | 17                  | 1141 1268 1067 1184 1138 1140           | MFDDD   | sobrinho II  | G-1                | 2                 | 5                  | X                  |
| 7     | 22                  | 1155 1012 1087 1028 1152                | MMSD    | primo I      | G0                 | 2                 | 4                  | X                  |
| 8     | 22                  | 1155 1012 1073 1028 1152                | MFSD    | primo I      | G0                 | 2                 | 4                  | X                  |
| 9     | 23                  | 1155 1012 1073 1028 1301                | MFSD    | primo I      | G0                 | 2                 | 4                  | X                  |
| 10    | 23                  | 1155 1012 1087 1028 1301                | MMSD    | primo I      | G0                 | 2                 | 4                  | X                  |
| 11    | 28                  | 1158 1174 1014 1382 1100 1165 1159      | MFFSSD  | primo II     | G0                 | 3                 | 6                  | X                  |
| 12    | 35                  | 1172 1174 1014 1382 1100 1011 1170      | MFFSSD  | primo II     | G0                 | 3                 | 6                  | X                  |
| 13    | 37                  | 1176 1174 1014 1382 1100 1165 1175      | MFFSSD  | primo II     | G0                 | 3                 | 6                  | X                  |
| 14    | 39                  | 1180 1188 1071 1090 1015 1179           | FMSDD   | sobrinho II  | G-1                | 2                 | 5                  | X                  |
| 15    | 43                  | 1185 1015 1090 1071 1188 1183           | MFMSD   | tio II       | G+1                | 2                 | 5                  | P                  |
| 16    | 58                  | 1209 1201 1174 1012 1073 1356 1379 1210 | FMMFDSD | tio III      | G+1                | 3                 | 7                  | P                  |
| 17    | 58                  | 1209 1201 1174 1012 1087 1356 1379 1210 | FMMMDS  | tio III      | G+1                | 3                 | 7                  | P                  |
| 18    | 61                  | 1219 1003 1316 1087 1356 1379 1377 1217 | FFMDSSD | sobrinho III | G-1                | 3                 | 7                  | X                  |
| 19    | 61                  | 1219 1003 1316 1073 1356 1379 1377 1217 | FFFDSSD | sobrinho III | G-1                | 3                 | 7                  | X                  |
| 20    | 69                  | 1236 1023 1084 1232 1237 1235           | MMDDD   | sobrinho II  | G-1                | 2                 | 5                  | X                  |
| 21    | 69                  | 1236 1023 1094 1232 1237 1235           | MFDDD   | sobrinho II  | G-1                | 2                 | 5                  | X                  |
| 22    | 76                  | 1248 1311 1321 1459 1229 1247 1250      | MFFSSD  | primo II     | G0                 | 3                 | 6                  | X                  |
| 23    | 76                  | 1248 1311 1321 1070 1229 1247 1250      | MFMSD   | primo II     | G0                 | 3                 | 6                  | X                  |
| 24    | 76                  | 1248 1311 1324 1075 1227 1247 1250      | MMFDSD  | primo II     | G0                 | 3                 | 6                  | X                  |

|    |     |                                              |          |              |     |   |   |   |
|----|-----|----------------------------------------------|----------|--------------|-----|---|---|---|
| 25 | 76  | 1248 1313 1316 1073 1028 1249 1250           | FFFSDD   | primo II     | G0  | 3 | 6 | X |
| 26 | 76  | 1248 1311 1324 1109 1227 1247 1250           | MMMDSD   | primo II     | G0  | 3 | 6 | X |
| 27 | 76  | 1248 1313 1316 1087 1028 1249 1250           | FFMSDD   | primo II     | G0  | 3 | 6 | X |
| 28 | 81  | 1258 1012 1073 1028 1251                     | MFSD     | primo I      | G0  | 2 | 4 | X |
| 29 | 81  | 1258 1012 1087 1028 1251                     | MMSD     | primo I      | G0  | 2 | 4 | X |
| 30 | 82  | 1258 1012 1073 1028 1260                     | MFSD     | primo I      | G0  | 2 | 4 | X |
| 31 | 82  | 1258 1012 1087 1028 1260                     | MMSD     | primo I      | G0  | 2 | 4 | X |
| 32 | 83  | 1258 1012 1073 1028 1261                     | MFSD     | primo I      | G0  | 2 | 4 | X |
| 33 | 83  | 1258 1012 1087 1028 1261                     | MMSD     | primo I      | G0  | 2 | 4 | X |
| 34 | 104 | 1300 1310 1389 1390 1382 1014 1155 1299      | MFFSSSD  | sobrinho III | G-1 | 3 | 7 | X |
| 35 | 107 | 1305 1155 1012 1087 1356 1379 1347 1306      | FMMDSDD  | sobrinho III | G-1 | 3 | 7 | X |
| 36 | 107 | 1305 1301 1028 1087 1356 1379 1347 1306      | MFMDSD   | sobrinho III | G-1 | 3 | 7 | X |
| 37 | 107 | 1305 1155 1012 1073 1356 1379 1347 1306      | FMFDSDD  | sobrinho III | G-1 | 3 | 7 | X |
| 38 | 107 | 1305 1301 1028 1073 1356 1379 1347 1306      | MFFDSDD  | sobrinho III | G-1 | 3 | 7 | X |
| 39 | 142 | 1370 1371 1379 1356 1087 1316 1400 1368      | MFMMSDD  | tio III      | G+1 | 3 | 7 | P |
| 40 | 142 | 1370 1371 1379 1356 1073 1316 1400 1368      | MFMFSDD  | tio III      | G+1 | 3 | 7 | P |
| 41 | 142 | 1370 1010 1028 1073 1316 1400 1368           | FFFSDD   | primo II     | G0  | 3 | 6 | X |
| 42 | 142 | 1370 1010 1028 1087 1316 1400 1368           | FFMSDD   | primo II     | G0  | 3 | 6 | X |
| 43 | 184 | 1010 1028 1073 1356 1379 1371                | FFDSD    | sobrinho II  | G-1 | 2 | 5 | X |
| 44 | 184 | 1010 1028 1087 1356 1379 1371                | FMDSD    | sobrinho II  | G-1 | 2 | 5 | X |
| 45 | 215 | 1383 1169 1391 1272 1184 1128 1126           | MFDDSD   | neto III     | G-2 | 2 | 6 | X |
| 46 | 215 | 1383 1169 1392 1272 1184 1128 1126           | MMDDSD   | neto III     | G-2 | 2 | 6 | X |
| 47 | 226 | 1406 1408 1316 1087 1028 1249 1407           | FFMSDD   | primo II     | G0  | 3 | 6 | X |
| 48 | 226 | 1406 1408 1316 1073 1028 1249 1407           | FFFSDD   | primo II     | G0  | 3 | 6 | X |
| 49 | 232 | 1418 1457 1111 1103 1302 1340 1417           | MFMSSD   | primo II     | G0  | 3 | 6 | X |
| 50 | 232 | 1418 1457 1111 1102 1302 1340 1417           | MFFSSD   | primo II     | G0  | 3 | 6 | X |
| 51 | 240 | 1433 1244 1258 1012 1155 1303 1434           | FFMSDD   | primo II     | G0  | 3 | 6 | X |
| 52 | 240 | 1433 1244 1261 1028 1073 1012 1155 1303 1434 | FMFFDSDD | primo III    | G0  | 4 | 8 | X |
| 53 | 240 | 1433 1244 1258 1014 1155 1303 1434           | FFFSDD   | primo II     | G0  | 3 | 6 | X |

|    |     |                                              |          |           |    |   |   |   |
|----|-----|----------------------------------------------|----------|-----------|----|---|---|---|
| 54 | 240 | 1433 1244 1261 1028 1087 1012 1155 1303 1434 | FMFMSDD  | primo III | G0 | 4 | 8 | X |
| 55 | 246 | 1443 1172 1174 1012 1087 1356 1351 1358 1445 | FMMMDDDD | primo III | G0 | 4 | 8 | X |
| 56 | 246 | 1443 1172 1174 1012 1073 1356 1351 1358 1445 | FMMFDDDD | primo III | G0 | 4 | 8 | X |

A seguir, trago dois exemplos de anéis A1C1 que representam enlaces consanguíneos, ou seja, em que Ego masculino **casa com um parente**. No caso *A1C1 – A* Ego se casa **com** uma prima cruzada de 1º grau, união proscriita terminologicamente, como vimos no capítulo anterior, mas que foi verificada na análise da rede empírica de alianças. Na situação *A1C1 – B* Ego se casa **com** uma prima de 2º grau, matrimônio preferencial segundo o modelo de aliança de Giaccaria & Heide (1972: 104).

**DIAGRAMA 18 - EXEMPLOS DE ANÉIS A1C1**



Voltando à tabela 26, o primeiro ponto a ser observado é que cada linha sua corresponde a um anel e que um mesmo casamento pode constar em mais de um anel<sup>169</sup>. Assim, existem apenas 26 casamentos que produziram os 56 anéis A1C1, sendo que 6 correspondem a apenas 1 anel cada, enquanto o restante está relacionado a mais de um, como o casamento de número 76, que produziu 6 anéis, por exemplo. Isso ocorre porque se pode traçar mais de um percurso entre os componentes de um casal qualquer, sem que o mais curto tenha precedência sobre os outros ou o contrário. Passo a analisar a tabela anterior a partir do corte geracional.

<sup>169</sup> Cf. o próximo diagrama.

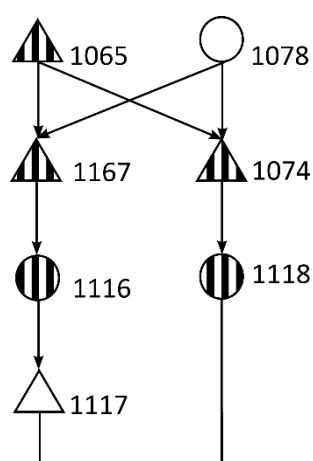
Em G0 temos 31 anéis: 10 que representam casamentos com *primo I*<sup>170</sup>; 17 com *primo II*; e 4 com *primo III*. Matrimônios com *primo I* são proscritos pela terminologia, embora não contrariem a regra de exogamia de metades. Convém dizer que são 5 casamentos entre um par de irmãos com cinco irmãs, todos representantes de duas famílias com destacado papel político entre esse grupo *a'uwẽ*. Os 8 matrimônios com *primo II* (17 anéis) estão perfeitamente dentro da regra, o que também ocorre com os casamentos com *primo III*, em menor número, 2 casamentos no total.

Em G+1 existem 7 anéis: 3 com *tio II* e 4 com *tio III*. Os primeiros emergem de 2 casamentos, o mesmo número de matrimônios relacionados a *tio III*. É importante salientar que estes são os únicos casamentos com parentes paralelos, fato que exemplifica a não correspondência entre os termos das oposições *mesma metade/outra metade* e *paralelo/cruzado* discutida no capítulo anterior. No diagrama abaixo, explico esse aspecto do material xavante tomando como exemplo os anéis 1 e 2, gerados pelo casamento 4 (1117=1118), da tabela 26. Listras ou ausência delas neste exemplo indicam a pertença a metades patrilineares distintas. O primeiro anel corresponde ao percurso 1117, 1116, 1167, 1078, 1074, 1118, e o segundo ao percurso 1117, 1116, 1167, 1065, 1074, 1118. Embora 1118 seja uma parenta paralela de Ego, uma “mãe” classificatória, continua sendo da metade oposta, além de manter uma certa distância genealógica. **Não existem casamentos intergeracionais entre parentes de 1º grau na rede xavante**, o que corresponderia a um casamento com M ou MZ real, se Ego masculino, e com MB real, se Ego feminino.

---

<sup>170</sup> Os algarismos romanos correspondem ao grau de lateralidade: *I* = 1º grau, *II* = 2º grau e assim por diante. Desta forma, *primo I* significa primo de 1º grau.

DIAGRAMA 19 - CASAMENTOS ENTRE PARENTES PARALELOS



Em G-1 a rede xavante exibe 16 anéis: 9 com *sobrinho II* e 7 com *sobrinho III*. Os primeiros correspondem a 5 casamentos e os segundos a 3. Diferentemente do que ocorre em G+1, todos os casamentos são entre parentes cruzados. Em G-2 existem apenas 2 anéis com neto III que correspondem a um único casamento, também entre parentes cruzados. O que chama a atenção nos casamentos consanguíneos analisados é que a maioria ocorreu com parentes situados a uma distância intermediária, nem muito próximos, nem muito distantes genealogicamente, com a exceção dos casamentos com primos de 1º grau.

Os casamentos entre primos segundos representam o maior número de matrimônios entre os enlaces consanguíneos em G0 (8 ao todo, mais da metade do total) e remetem ao modelo de aliança de Giaccaria & Heide (1972: 104) discutido no capítulo anterior que, por sua vez, repousa sobre uma relação entre indivíduos do mesmo sexo, pois os cônjuges “potenciais” são FFZSch<sup>171</sup>, filhos de primos cruzados de mesmo sexo. Relação entre indivíduos de mesmo sexo, agora afins, também estaria na origem do problema do uso conotativo dos termos de G-2 (*ĩnhihudu*, *bödi* e *oti*)? Diante desses fatos e dessa questão, que evocam as ponderações de Dumont (1953; [1971] 1975) sobre a herança da afinidade, optei por rerepresentar, no diagrama 20, a seguir, o modelo de Giaccaria & Heide, lançando mão dos conceitos usados por Gell (*apud*

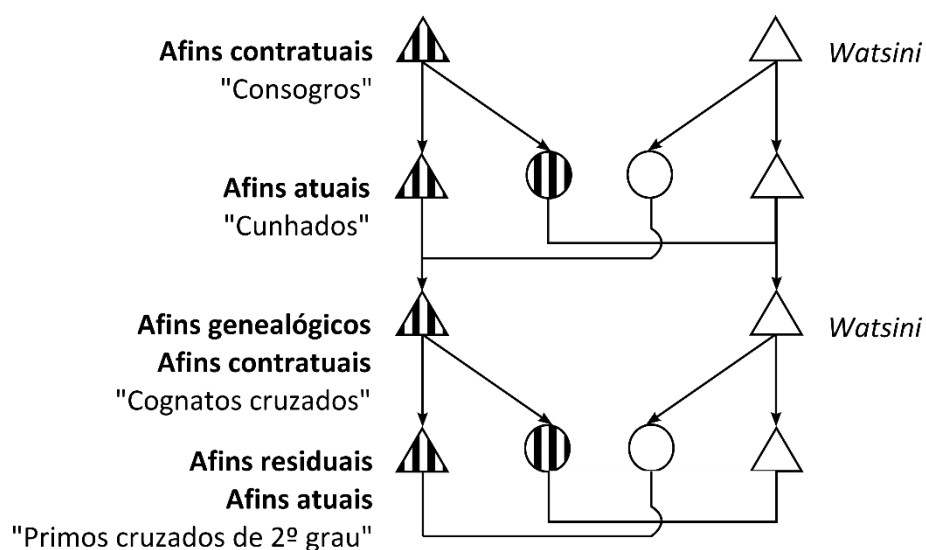
<sup>171</sup> Cf. figura 3, p. 100.

SILVA, 2012: 158-159) para formular a estrutura de aliança dos Umeda, povo da Nova Guiné estudado por ele<sup>172</sup>. Entres esses também opera um regime semi-complexo coexistente com a troca de irmãs não repetível que transforma, ao longo das gerações, **aliados imediatos** (W, H, WB, HZ, WZ, etc.) em **aliados genealógicos** (MB, FZ, MBCh e FZCh), aliados genealógicos em **aliados residuais** (primos cruzados de 2º grau, parentes com um bisavô em comum), aliados residuais em **gente casável** e, fechando o círculo, gente casável em **aliados imediatos**. Neste exercício, todavia, foi preciso ajustar os conceitos ao material xavante tal qual apresentado por Giaccaria & Heide (1972), e ao método construído por Dal Poz & Silva (2008). Assim, substituí “aliados” por “afins” e usei a categoria “afins contratuais”, como faz Silva (2012) para os Enawene-Nawe, como se pode verificar no diagrama 20 a seguir. Neste modelo *a’uwẽ*, **afins atuais** (W, H, WB, HZ, WZ, etc.) são transformados em **afins genealógicos** (MB, FZ, MBCh e FZCh), afins genealógicos em **afins residuais** (primos cruzados de 2º grau, parentes com um bisavô em comum), afins residuais em gente casável e, fechando o círculo, gente casável em **afins imediatos**. Neste esquema, afins genealógicos de mesma geração podem combinar o casamento de seus filhos, tornando-se afins contratuais (consogros) entre si, transformando seus filhos em afins atuais.

---

<sup>172</sup> Inspirei-me em Silva (Ibid.: 158-159), que usa o modelo de Gell para apresentar um modelo nativo enawene-nawe.

**DIAGRAMA 20 - MODELO DE ALIANÇA XAVANTE SEGUNDO GIACCARIA & HEIDE (1972)**



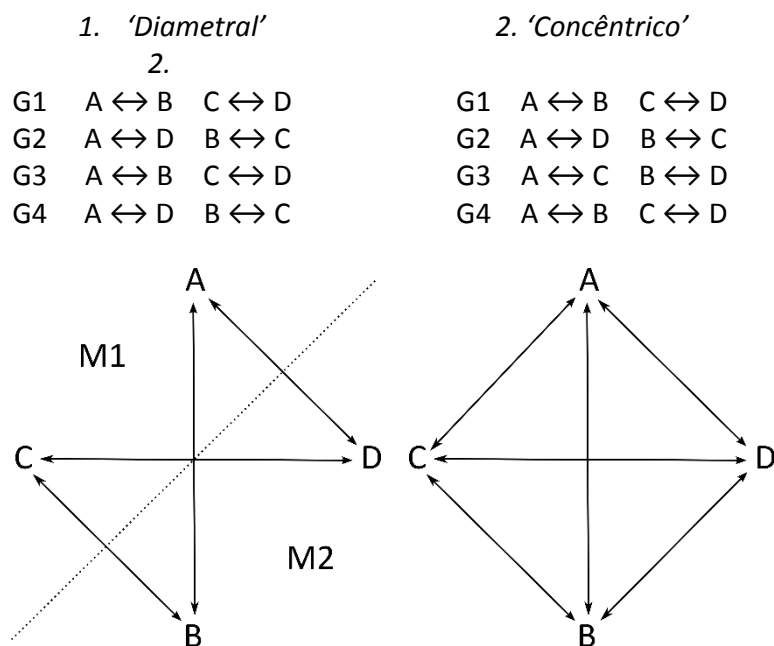
Fonte: Adaptação de Giaccaria & Heide (1972: 104).

Lembro que o esquema elaborado pelos salesianos não foi encontrado, naqueles termos, entre as terminologias consultadas e, tampouco, encontrou algum reflexo significativo no número global de casamentos verificados. Todavia, não contradiz qualquer regra e expressa a forma mais ágil de repetição de troca entre unidades determinadas, com um mínimo de três gerações, fato que evoca uma discussão realizada por Viveiros de Castro (1996) sobre um possível modelo de aliança capaz de exprimir o contraste entre as formas de cruzamento dravidiana e iroquesa. Segundo o autor, dado que ambos os tipos de cruzamento repartem a classe de primos primeiros da mesma forma, uma tal estrutura

*deve contemplar uma situação onde os casamentos só têm lugar entre os primos bilaterais de segundo grau, ou seja, um sistema de troca de irmãs repetida em gerações não-consecutivas. Isto requer um sistema com ao menos quatro objetos (unidades de troca) A, B, C, D – se adotarmos a convenção elementarista usual que representa cada unidade por um par B/Z a cada geração. (1996: 51 [grifos no original]).*

Na página seguinte, Viveiros de Castro (Ibid.) nos mostra os esquemas que representam as estruturas de casamento bilateral. Abaixo, reproduzo as mesmas que vêm acompanhadas de diagramas<sup>173</sup> feitos para ilustrar a dinâmica específica de cada modelo.

**FIGURA 18 - ESTRUTURAS DE CASAMENTO BILATERAL**



**Fonte: Adaptado de Viveiros de Castro (1996: 52).**

À esquerda temos uma estrutura diametral<sup>174</sup> e à direita uma estrutura concêntrica. Esta última foi formulada pelo autor como hipótese a um possível modelo iroquês de aliança, que Silva (2012; 2014) lança mão para analisar os fatos enawene-nawe, povo que possui uma terminologia que expressa o cálculo iroquês de cruzamento. O vocabulário *a'uwẽ* opera com um cruzamento dravidiano e pode ser reduzido ao modelo diametral (*aranda*); foi nele que me inspirei para analisar o material xavante. Viveiros de Castro (1996: 52) nos dá a chave para entender seu esquema diametral quando coloca que se trata de

*uma estrutura de aliança entre 2n classes matrimoniais, de período 2 (G1 = G3) [...] um esquema de dupla bilateralidade, que admite a redução 2n → 2; há formalmente duas 'metades' exogâmicas, {A+C} ↔ {B+D}. A esposa de um Ego masculino será aqui uma prima de segundo grau cruzada em cálculo dravidiano: W = MMBDD = FFZSD = MFZDD = FMBSD.*

<sup>173</sup> No diagrama que representa um esquema diametral M1 significa "Metade 1" e M2 "Metade 2".

<sup>174</sup> Que Viveiros de Castro chama de Aranda, etnônimo de um povo australiano.

O esquema apresentado repousa sobre **a troca de irmãs como modelo conceitual básico**, uma relação entre pessoas de mesmo sexo, fato que me encorajou a seguir no caminho proposto por Silva (2012: 200), que testou de forma bem-sucedida a hipótese de Hérítier (1981) sobre “o ‘funcionamento real’ de um sistema semi-complexo, submetendo-a a um teste exaustivo no *corpus* etnográfico disponível”. A combinação diagnóstica de Hérítier usada por Silva é:

**aB** = consanguíneo próximo de mesmo sexo **não pode redobrar** aliança anterior; consanguíneo próximo de sexo oposto **redobra** aliança anterior.

A opção por essa combinação para o caso enawene-nawe é compatível com a frequência de redobramentos verificada na rede empírica, pois mais da metade dos redobramentos existentes ali ocorrem entre pessoas do sexo oposto (SILVA, 2012: 206), dado que remete a **troca de irmãs**. Os anéis xavante, todavia, apontam para um equilíbrio entre o redobrimento de aliança de consanguíneo de mesmo sexo e de sexo oposto: dos 7.345 anéis líquidos, 3.769 correspondem a redobramentos de aliança de consanguíneos de mesmo sexo (51,3%), enquanto os redobramentos de aliança de consanguíneos de sexo oposto correspondem a 3.576 (48,7%). Isso posto, justifico minha opção pela combinação

**AB** = consanguíneo próximo de mesmo sexo **redobra** aliança anterior; consanguíneo próximo de sexo oposto **redobra** aliança anterior.

Esta formula, segundo Viveiros de Castro (1990: 65), remete tanto a “série ‘aranda’ de  $2n \rightarrow 2$  classes”, quanto a sistemas semi-complexos, como na série multilateral em sistemas com terminologia havaiana ou iroquesa.

Pois bem, Silva (2012: 200) lembra-nos que as dificuldades de verificação da hipótese de Hérítier decorrem da indeterminação do sentido da expressão *consanguíneo próximo*. Entre os Samo, povo pesquisado por aquela autora, a troca de irmãs é interdita, logo, excluem-se parentes de mesma geração na definição de consanguíneos próximos, diferentemente do que

ocorre nos Enawene-Nawe, onde se passa o oposto e, por isso, os redobramentos de aliança de germanos ou de primos de primeiro grau devem ser considerados. Os Xavante se aproximam, nesse sentido, dos Enawene-Nawe, mas deles se distanciam no que diz respeito ao que seriam *escolhas matrimoniais conscientes*, outro critério postulado por Silva, pois entre os Enawene-Nawe o

*eventual redobrimento de aliança de um parente remoto, como, por exemplo, um ♂FFFFZSSSD, eventualmente rastreado por uma varredura computacional, teria muito poucas chances de corresponder a uma escolha matrimonial consciente e, conseqüentemente, merecer atenção. (SILVA, 2012: 201).*

No exemplo citado, a distância no tempo entre Ego e sua esposa (4 gerações) apagaria as lembranças de conexões consanguíneas ou afins entre ambos, não representando uma escolha consciente. Nesse ponto, os A'uwẽs distanciam-se de boa parte dos povos ameríndios, que tendem a não cultivar genealogias muito profundas, porque um eventual redobrimento de aliança de um parente distante, como no exemplo acima, pode sim, a depender do caso, ser baseado em uma escolha consciente, pois registrei *linhas agnáticas de descendência* de até seis gerações entre os Xavante de Marãiwatsédé<sup>175</sup>. Convém dizer que Vianna (2001: 106) verificou em Abelhinha, aldeia xavante situada em Sangradouro, a existência de *linhagens* com cinco gerações que parecem operar matrimonialmente. Antes de prosseguir na definição do que poderia vir a significar “consanguíneo próximo” segundo os Xavante, é fundamental esclarecer o que considero uma *linha agnática de descendência*.

Abri mão do conceito de *linhagem* usado por Vianna (2001) por remeter, na etnografia xavante, as linhas agnáticas de transmissão de bens simbólicos, como atribuições rituais e determinados poderes sobre o clima e de comunicação com alguns animais, para citar alguns exemplos. Essas linhagens já foram estudadas por Maybury-Lewis ([1967] 1984: 220-228) e

<sup>175</sup> Dentro do universo que compõem a rede líquida xavante, identifiquei um total de 21 *linhas*: 5 com duas gerações, 6 com três gerações, 8 com quatro gerações, 1 com cinco gerações e 1 com seis gerações. Estas duas últimas são as mais numerosas e poderosas politicamente, e correspondem a linha do atual cacique e de seu irmão, de um lado, e de suas esposas, de outro. Os enlaces consanguíneos entre *primos I* analisados acima foram gerados por estes casamentos.

correspondem aos “donos” de prerrogativas presentes em Giaccaria & Heide (1972: 107-119). Inicialmente, pensei que se tratavam de unidades de troca matrimonial menores que os clãs, mas percebi que em muitos casos as linhas agnáticas de transmissão de bens simbólicos (linhagens) não coincidiam exatamente com as efetivas unidades de troca (linhas agnáticas de descendência). Fui obrigado a voltar aos dados, momento em que decidi partir estrategicamente das categorias sociológicas nativas: (1) *ĩtsitsẽmemhã*, que significa “mesmo sangue, irmão de verdade, mesmo pai e mesma mãe, primo não”, segundo o interlocutor 1180; e (2) *ĩtsitsãñãwã tsiwadi*, em que *ĩ-*, prefixo pessoal da 1ª pessoa do singular, *tsitsãñãwã*, substantivo que significa irmão, irmã, parente, e *tsiwadi*, substantivo que indica conhecido, primo, parente (LACHNITT, 2003: 35; 85; 87). Simplificando a tradução desta última categoria, pode-se dizer que designa os irmãos classificatórios próximos, ou “parente, primo [um] pouco longe”, como me traduziu 1198. No diagrama em que Maybury-Lewis ([1967] 1984: 226)<sup>176</sup> representa a correlação entre as categorias *waniwimhã* e *watsire'wae* e os graus de distância sociopolítica, consta *watsitsãñãwã*, traduzido justamente como “parentes consanguíneos próximos”, e *watsiwadí*, ou “minha facção”. A categoria *ĩtsitsãñãwã tsiwadi* repousa sobre critérios exclusivamente genealógicos e engloba a categoria *ĩtsitsẽmemhã*, cobrindo *no mínimo* as relações F, FB, B, Z, FBS e FBD. Disse no mínimo porque, como já coloquei, as linhas podem se estender por mais de duas gerações. Resumindo, os Xavante se referem ao que chamo de *linha agnática de descendência* com *ĩtsitsãñãwã tsiwadi*. Estas linhas são muito semelhantes às linhas observadas entre os Tenharim, povo Tupi-Guarani habitante do sul do Estado do Amazonas que possui uma terminologia tipicamente dravidiana e três clãs patrilineares divididos em duas metades. Ali, “as unidades interiores às metades exogâmicas, instâncias entre as quais verdadeiramente as trocas se realizam [...] envolvem **no mínimo** duas gerações”, pois articulam-se exclusivamente na relação pai e filho (PEGGION, 1996: 78 [grifos meus]). Como nos

<sup>176</sup> Cf. diagrama 1, p. 61.

Tenharim, entre os Xavante, as linhas agnáticas seriam unidades de troca menores que as metades.

Embora a regra corroborada no discurso de todos os interlocutores *a'uwẽ* diga que são as mães das meninas as responsáveis por procurar os futuros maridos de suas filhas, na prática os matrimônios efetivamente realizados parecem ser o resultado de uma conjugação de interesses que extrapolam o grupo classificado como *ĩtsitsẽmemhã*, chegando à esfera de influência dos avós dos cônjuges, segundo a interlocutora 1261 me afirmou, fato que reforça a opção de tomar os coletivos agrupados sob a categoria *ĩtsitsãñwã tsiwadi* como as unidades trocadoras xavante. É importante ressaltar que, quando indagados diretamente sobre essa aparente contradição, nenhum dos interlocutores negou a possibilidade de interferência de outros parentes patrilineares próximos nos arranjos matrimoniais. A par disso isolei, com a imprescindível ajuda da MaqPar e informações dispersas em meus cadernos de campo, 21 *linhas agnáticas de descendência*.

A partir da terminologia de parentesco xavante analisada no capítulo anterior, postulei que os *consanguíneos* de G+2 são FF, MF, FM, MM, FFB, MFB, FMB, MMB, FFZ, MFZ, FMZ e MMZ; os de G+1 são F, M, MZ, MB, FB e FZ; os de G0 são B, Z, MZS, MBS, FBS, FZS, MZD, MBD, FBD e FZD; e os de G-1 são S, ZS, ZD, BS e BD. Todavia, estes não são todos *consanguíneos próximos*, não no sentido de reencadear suas alianças casando *como* eles se casam. Consanguíneos próximos deste tipo são aqueles que partilham a pertença a uma mesma *linha agnática de descendência*, que se configuram no interior das metades. Diante desse quadro posso afirmar que *consanguíneos próximos* para os Xavante em G+2 são FF, FFB, FFZ, MM, MMB e MMZ; em G+1 são F, FB e FZ; em G0 são B, Z, MZS, MZD, FBS e FBD; e em G-1 são BS e BD.

Na tabela abaixo, gentilmente confeccionada por Marcio Silva, apresento todos os redobramentos de aliança da rede *a'uwẽ*. As cores indicam a separação dos dados relativos a Ego masculino (cinza) dos de Ego feminino (branco). O primeiro par de colunas de cada área

(cinza e branca) traz a relação das posições de “consanguíneo” definidas para os Xavante; as colunas seguintes indicam, em números absolutos, para ambos os sexos, o universo das situações para as quais teoricamente se pode determinar a repetição de aliança de consanguíneo, tendo em vista os limites da rede empírica. O terceiro par de colunas apresenta, também em números absolutos, a quantidade de casos de redobrimento de aliança de um dado consanguíneo efetivamente verificado no *corpus*. O último par de colunas traz o percentual de ocorrências de redobramentos.

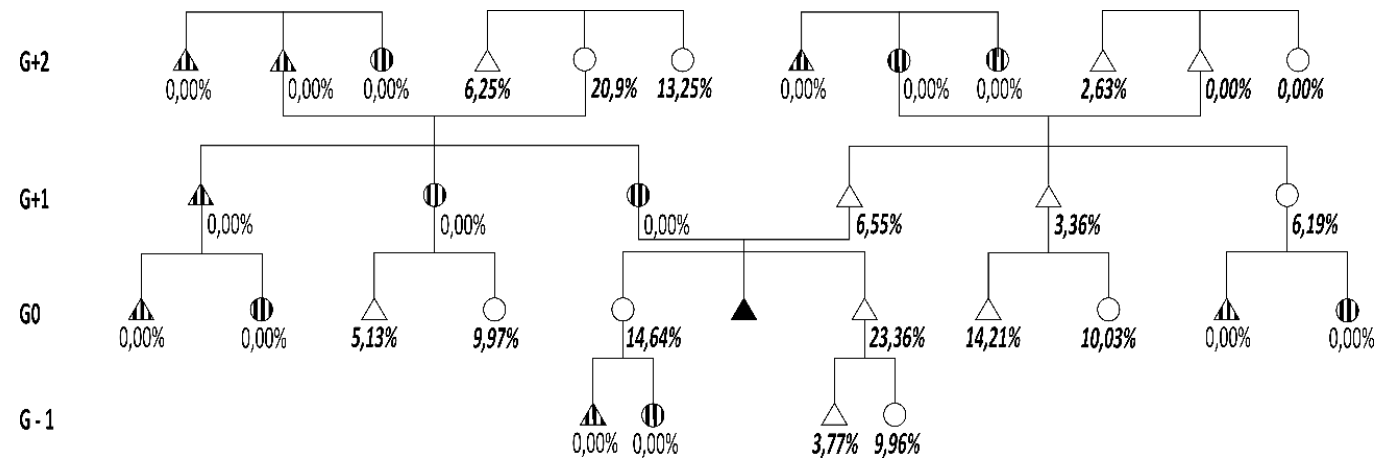
TABELA 27 - REDOBRAMENTOS DE ALIANÇA NA REDE XAVANTE

| <i>Homem repete<br/>aliança de con-<br/>sangüíneo de</i> | <i>Universo</i><br>♂ | <i>Número<br/>de casos</i><br>♂ | <i>Redobra-<br/>mentos</i><br>A - B ♂<br>% | <i>Mulher repete<br/>aliança de con-<br/>sangüíneo de</i> | <i>Universo</i><br>♀ | <i>Número<br/>de casos</i><br>♀ | <i>Redobra-<br/>mentos</i><br>A - B ♀<br>% |
|----------------------------------------------------------|----------------------|---------------------------------|--------------------------------------------|-----------------------------------------------------------|----------------------|---------------------------------|--------------------------------------------|
| <i>mesmo sexo</i>                                        |                      |                                 |                                            | <i>sexo oposto</i>                                        |                      |                                 |                                            |
| F                                                        | 168                  | 11                              | 6,55%                                      | F                                                         | 187                  | 4                               | 2,14%                                      |
| FB                                                       | 238                  | 8                               | 3,36%                                      | FB                                                        | 286                  | 29                              | 10,14%                                     |
| MB                                                       | 205                  | 0                               | 0,00%                                      | MB                                                        | 287                  | 0                               | 0,00%                                      |
| B                                                        | 411                  | 96                              | 23,36%                                     | B                                                         | 346                  | 59                              | 17,05%                                     |
| FBS                                                      | 387                  | 55                              | 14,21%                                     | FBS                                                       | 369                  | 38                              | 10,30%                                     |
| FZS                                                      | 318                  | 0                               | 0,00%                                      | FZS                                                       | 288                  | 0                               | 0,00%                                      |
| MBS                                                      | 304                  | 0                               | 0,00%                                      | MBS                                                       | 234                  | 0                               | 0,00%                                      |
| MZS                                                      | 312                  | 16                              | 5,13%                                      | MZS                                                       | 364                  | 38                              | 10,44%                                     |
| FF                                                       | 41                   | 0                               | 0,00%                                      | FF                                                        | 68                   | 1                               | 1,47%                                      |
| MF                                                       | 66                   | 0                               | 0,00%                                      | MF                                                        | 83                   | 0                               | 0,00%                                      |
| FFB                                                      | 38                   | 1                               | 2,63%                                      | FFB                                                       | 68                   | 1                               | 1,47%                                      |
| FMB                                                      | 60                   | 0                               | 0,00%                                      | FMB                                                       | 68                   | 0                               | 0,00%                                      |
| MFB                                                      | 140                  | 0                               | 0,00%                                      | MFB                                                       | 122                  | 0                               | 0,00%                                      |
| MMB                                                      | 32                   | 2                               | 6,25%                                      | MMB                                                       | 36                   | 0                               | 0,00%                                      |
| BS                                                       | 239                  | 9                               | 3,77%                                      | BS                                                        | 155                  | 11                              | 7,10%                                      |
| ZS                                                       | 209                  | 0                               | 0,00%                                      | ZS                                                        | 236                  | 0                               | 0,00%                                      |
|                                                          |                      |                                 |                                            |                                                           |                      |                                 |                                            |
| <i>sexo oposto</i>                                       |                      |                                 |                                            | <i>mesmo sexo</i>                                         |                      |                                 |                                            |
| M                                                        | 120                  | 0                               | 0,00%                                      | M                                                         | 126                  | 0                               | 0,00%                                      |
| FZ                                                       | 113                  | 7                               | 6,19%                                      | FZ                                                        | 168                  | 31                              | 18,45%                                     |
| MZ                                                       | 179                  | 0                               | 0,00%                                      | MZ                                                        | 244                  | 0                               | 0,00%                                      |
| Z                                                        | 280                  | 41                              | 14,64%                                     | Z                                                         | 307                  | 96                              | 31,27%                                     |
| FBD                                                      | 329                  | 33                              | 10,03%                                     | FBD                                                       | 268                  | 53                              | 19,78%                                     |
| FZD                                                      | 211                  | 0                               | 0,00%                                      | FZD                                                       | 258                  | 0                               | 0,00%                                      |
| MBD                                                      | 237                  | 0                               | 0,00%                                      | MBD                                                       | 254                  | 0                               | 0,00%                                      |
| MZD                                                      | 321                  | 32                              | 9,97%                                      | MZD                                                       | 333                  | 45                              | 13,51%                                     |
| FM                                                       | 60                   | 0                               | 0,00%                                      | FM                                                        | 76                   | 0                               | 0,00%                                      |
| MM                                                       | 67                   | 14                              | 20,90%                                     | MM                                                        | 64                   | 5                               | 7,81%                                      |
| FFZ                                                      | 16                   | 0                               | 0,00%                                      | FFZ                                                       | 24                   | 6                               | 25,00%                                     |
| FMZ                                                      | 67                   | 0                               | 0,00%                                      | FMZ                                                       | 110                  | 0                               | 0,00%                                      |
| MFZ                                                      | 29                   | 0                               | 0,00%                                      | MFZ                                                       | 35                   | 0                               | 0,00%                                      |
| MMZ                                                      | 83                   | 11                              | 13,25%                                     | MMZ                                                       | 110                  | 8                               | 7,27%                                      |
| BD                                                       | 271                  | 27                              | 9,96%                                      | BD                                                        | 210                  | 31                              | 14,76%                                     |
| ZD                                                       | 269                  | 0                               | 0,00%                                      | ZD                                                        | 288                  | 0                               | 0,00%                                      |

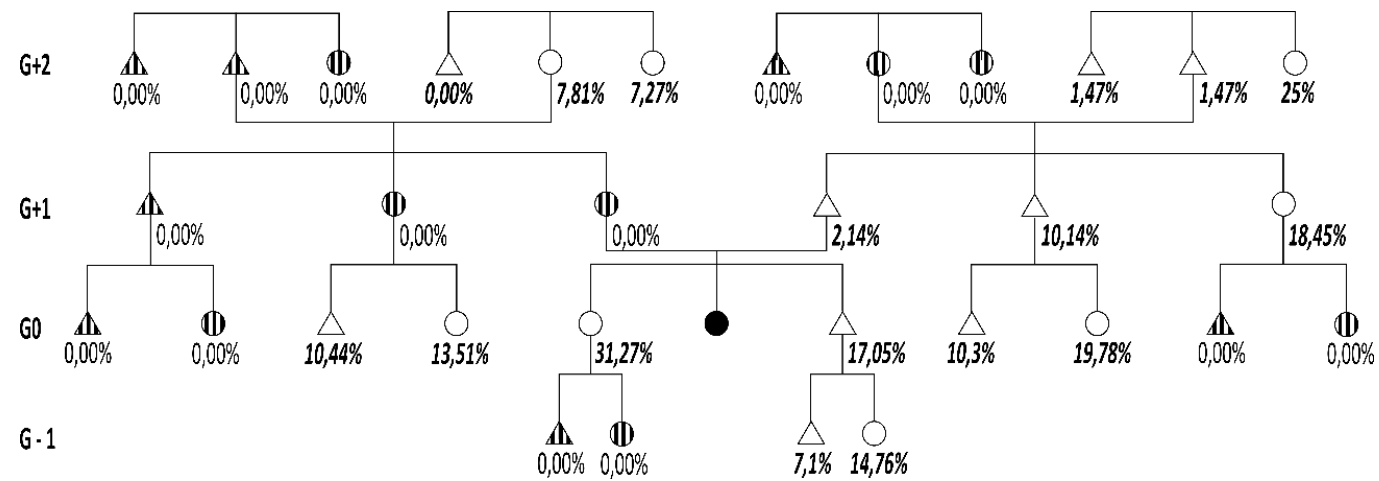
O primeiro aspecto a chamar a atenção, o que não quer dizer que seja o mais importante, corrobora minha assertiva sobre a distinção entre *consanguíneos* e *consanguíneos próximos*, porque Ego de ambos os sexos não redobra aliança de primos cruzados (MBCh e FZCh = 0%), pois pertencem a linha agnática de sua mãe, não a sua. Em G-1 essa situação se repete para Ego masculino, que não redobra aliança de parentes cruzados (ZCh = 0%), mas redobra aliança dos paralelos (BS = 9,96% e BD = 3,77%), o que não acontece com Ego feminino, que não redobra aliança de parentes paralelos (ZCh = 0%), mas redobra de cruzados (BS = 7,1% e BD = 14,76%). Em G+1 acontece algo semelhante, pois Ego de ambos os sexos não redobra aliança de M e de seus parentes (M, MZ e MB = 0%), mas redobra aliança de F e dos parentes deste (F, FB e FZ). Penso que os filhos e filhas de uma mulher qualquer e da irmã desta não redobram suas alianças, assim como estas últimas não redobram as alianças daqueles devido a já destacada posição ambígua que M e MZ ocupam “em sistemas dravidianos acoplados a morfologias unilineares”, pois são determinadas como *outras* pela regra de filiação a metades, e *consanguíneas* e *paralelas* pela terminologia de parentesco (VIVEIROS DE CASTRO, 1996: 32). Abaixo, apresento os dados da tabela 27 em dois diagramas, um para cada sexo, para facilitar a visualização das informações evidenciadas. Neles distingo as metades (brancos = mesma metade, listrados = metade oposta) e exponho a porcentagem de redobramentos correspondente a cada relação.

DIAGRAMA 21 - REDOBRAMENTOS DE ALIANÇAS

## EGO MASCULINO



## EGO FEMININO



Como se pode observar, tanto Ego do sexo masculino, quanto Ego do sexo feminino, não redobram aliança de parentes de metade distinta em qualquer geração, o que remete ao *modelo aranda* apresentado por Viveiros de Castro (1996) em que existem formalmente duas metades exogâmicas. Lembro que no capítulo anterior analisei a terminologia xavante sem usar a distinção mesma metade/metade oposta por uma opção metodológica baseada em Dumont (1953), para quem uma terminologia deve ser considerada inicialmente em si mesma, não em relação a metades ou ao contexto sociopolítico, por exemplo. Fica evidente que não apenas a terminologia de parentesco, mas o sistema de metades também interfere na deriva da rede empírica xavante, sem que nenhum dos dois sistemas se sobreponha sensivelmente.

Seguindo na análise, outro aspecto que merece atenção e que é fundamental para este exercício diz respeito aos redobramentos de alianças que efetivamente ocorrem. Destaco os redobramentos existentes em G0 e G+2 para Ego de ambos os sexos com a ressalva de que levarei em consideração apenas redobramentos com percentual superior a 10%. Faço isso com o objetivo de focar em dados que possam efetivamente lançar luz sobre a deriva da rede xavante. Em G0 Ego masculino redobra aliança de germanos ( $B = 23,36\%$  e  $Z = 14,64\%$ ) e primos paralelos patrilineais ( $FBS = 14,21\%$  e  $FBD = 10,03\%$ ), enquanto Ego feminino redobra aliança de germanos ( $B = 17,05\%$  e  $Z = 31,27\%$ ), primos paralelos patrilineais ( $FBS = 10,3\%$  e  $FBD = 19,78\%$ ) e matrilineais ( $MZS = 10,44\%$  e  $MZD = 13,51\%$ ). Três fatos chamam a atenção: (1) o percentual de redobramentos de aliança de um parente de mesmo sexo é um pouco maior que o de sexo oposto, o que sugere uma leve tendência à repetição de alianças, não a sua dispersão, diferente do que ocorre nos Enawene-Nawe, entre os quais tudo se passa “como se a dispersão de alianças tivesse precedência em relação a sua eventual reduplicação” (SILVA, 2012: 203); (2) a porcentagem de redobramentos de Ego de ambos os sexos é maior entre germanos que entre primos paralelos; e (3) redobram-se mais frequentemente as alianças dos FBCh que a dos MZCh, fato que reforça a ideia do funcionamento matrimonial das linhas agnáticas. Em G+2 Ego

masculino redobra aliança de MM (20,9%) e de MMZ (13,25), enquanto Ego feminino redobra aliança apenas de FFZ (25%). Os percentuais chamam a atenção por serem maiores que os de G+1, insignificantes para Ego masculino (nenhum deles passou no corte de 10%) e, embora sejam representativos para Ego feminino, são menores que os redobramentos de FFZ. Fica evidente que os maiores percentuais de redobramentos estão em G+2 e em G0, fato que também remete, de alguma forma, ao o *modelo de aliança xavante* esboçado na figura 20, que pressupõem a troca em gerações alternas (período 2).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos que, entre os Xavante de Marãiwatsédé, não obstante tenham passado por um processo de desterritorialização compulsória e, em decorrência disso, tenham se dispersado por outras terras *a'uwẽ*, mantiveram seu sistema de parentesco relativamente estável, como o baixo índice de casamentos consanguíneos com cognatos cruzados (2,7% do total de casamentos líquidos), proscritos terminologicamente, e o respeito à exogamia de metades (100% dos casamentos respeitam a regra), demonstram. Também vimos que o primeiro e mais importante trabalho etnográfico sobre os Xavante (MAYBURY-LEWIS, [1967] 1984) traz uma leitura *sociocêntrica* do sistema de parentesco que não corresponde aos dados existentes em outras etnografias (LOPES DA SILVA, 1986; GIACCARIA & HEIDE, 1972) segundo as quais os *A'uwẽ* operariam uma terminologia *egocentrada* e, mais especificamente, *dravidiana* (FALLEIROS, 2012; RAMIRES 2014). Outro dado dissonante em Maybury-Lewis diz respeito à inexistência do terceiro e problemático clã Topdató (FALLEIROS, 2012; TSI'RUI'A, 2012; COIMBRA *et al.*, 2013; RAMIRES, 2014).

Sobre a análise do sistema de parentesco propriamente dito, em que busco relacionar os planos categorial, atitudinal e prático, posso dizer que:

- 1) A terminologia de parentesco e o sistema atitudinal *a'uwẽ* influenciam a deriva da rede empírica, como fica evidente no baixo índice de casamentos entre primos primeiros e no não redobramento de aliança de parentes cruzados, bem como dos parentes de outra metade;
- 2) É possível identificar os dados xavante com **AB**, segundo o esquema de Hérítier, pois o número de reencadeamentos de aliança de consanguíneos de mesmo sexo é muito próximo ao número de reencadeamentos de aliança de consanguíneos de sexo oposto, o que aponta para um regime de aliança multibilateral (VIVEIROS DE CASTRO, 1990: 66);

- 3) O percentual de redobramentos de aliança em gerações alternadas ( $G_0$  e  $G+2$ ) é sensivelmente superior aos reencadeamentos de aliança em gerações adjacentes ( $G\pm 1$ ), fato que, somado ao não redobrimento de aliança de parentes cruzados, autoriza uma aproximação do caso xavante ao modelo diametral (aranda) presente em Viveiros de Castro (1996), segundo o qual as alianças contraídas na geração dos avós influenciam os matrimônios na geração de Ego, algo que suspeito ser expresso de alguma forma no modelo chamado “matrimônio preferencial”, apresentado por Giaccaria & Heide (1972).

## BIBLIOGRAFIA

AGASSIAN, Michel; GRANDIN, Nicole; MARIE, Alain. [1975] 2003. Introdução ao vocabulário do parentesco. In: AUGÉ, Marc. (Org.). *Os domínios do parentesco*. Lisboa: Edições 70. (Coleção Perspectivas do Homem, v. 02). p. 11-66.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA. [1953] 1976. Convenção sobre a grafia dos nomes tribais. In: SHADEN, Egon. *Leituras de etnologia brasileira*. São Paulo: Companhia Editora Nacional. Não paginado.

BARBALHO, Célia Regina Simonetti; MORAES, Suely Oliveira. 2003. *Guia para normalização de teses e dissertações*. Manaus: PROPESP/UFAM.

BARNARD, Alan; GOOD, Anthony (Orgs.). 1984. *Research practices in the study of kinship*. London: Academic Press.

BEATTIE, John Hugh Marshall. [1964] 1975. Parentesco y Antropología Social. In: DUMONT, Louis. *Introducción a dos teorías da la Antropología Social*. Barcelona: Anagrama. (p. 155-161).

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. [1968] 2007. A construção do objeto. In: BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. (Orgs.). *O ofício de sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia*. Ed. 6. Petrópolis: Vozes. (p. 45-72).

CARSTEN, Janet. 2004. *After Kinship*. Cambridge University Press: Cambridge

CASALDÁLIGA, Pedro. 1971. *Uma Igreja da Amazônia em conflito com o latifúndio e a marginalização social*. São Félix do Araguaia. (Mimeo.). Disponível em [www.servicioskoinonia.org/casaldaliga/cartas/1971cartapastoral.pdf](http://www.servicioskoinonia.org/casaldaliga/cartas/1971cartapastoral.pdf), acesso em 21/10/2009.

COELHO DE SOUZA, Marcela S. 2002. *O traço e o círculo: o conceito de parentesco entre os Jê e seus antropólogos*. 679 f. Tese de Doutorado (Antropologia Social) – Museu Nacional, Rio de Janeiro.

COIMBRA JR., Carlos E. A.; FLOWERS, Nancy M.; SANTOS, Ricardo Ventura. 2005. Demografia, epidemias e organização social: os Xavante de Pimentel Barbosa (Etéñitépa), Mato Grosso. In: AZEVEDO, Marta Maria; PAGLIARO, Heloísa; SANTOS, Ricardo Ventura. (Organizadores). *Demografia dos povos indígenas no Brasil*. Rio de Janeiro: Abep. p. 59-78.

COIMBRA JR., Carlos E. A.; FLOWERS, Nancy M.; SANTOS, Ricardo Ventura; WELCH, James R. (Org.). 2013. *Na primeira margem do rio: território e ecologia do povo Xavante de Wedezé*. Rio de Janeiro: Museu do Índio/Funai, 2013. (Publicação Avulsa do Museu do Índio, 6).

DAL POZ, João; SILVA, Marcio. 2008. Informatizando o método genealógico: um guia de referência para a Máquina do Parentesco. *Teoria e Cultura*, Juiz de Fora, v. 3, nº 1/2, p. 63-78, jan./dez.

DELGADO, Paulo Sérgio. 2008. *Entre a estrutura e a performance: ritual de iniciação e facciosismo entre os Xavante da Terra Indígena São Marcos*. 439 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói.

DUMONT, Louis. 1953. The dravidian kinship terminology as an expression of marriage. *Man*, vol. 53, n. 54, p. 34-39.

\_\_\_\_\_. [1971] 1975. *Introducción a dos teorías da la Antropología Social*. Barcelona: Anagrama.

EVANS-PRITCHARD, Edward Evan; FORTES, Meyer. [1940] 1981. Introdução. In: EVANS-PRITCHARD, Edward Evan; FORTES, Meyer. *Sistemas políticos africanos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. (p. 25-62).

EVANS-PRITCHARD, Edward Evan. [1940] 2011. *Os Nuer: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota*. São Paulo: Perspectiva.

FALLEIROS, Guilherme Lavinias Jardim. 2012. *Datsi'a'uwẽdzé: vir a ser e não ser gente no Brasil Central*. 398 f. Tese de Doutorado (Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

FAVRET-SAADA, Jeanne. [1990] 2005. "Ser afetado". In: *Cadernos de Campo*, São Paulo, n. 13, p. 155-161.

GELLNER, Ernest. [1957] 1975. Lenguaje ideal y estructura de parentesco. In: DUMONT, Louis. *Introducción a dos teorías da la Antropología Social*. Barcelona: Anagrama,. (p. 145-154).

GIACCARIA, Bartolomeu; HEIDE, Adalberto. (Orgs.). 1972. *Xavante: povo autêntico*. São Paulo: Editorial Dom Bosco.

GIRALDIN, Odair. 2000. *Axpên pyràk*: história, cosmologia, onomástica e amizade formal apinaje. 252 f. Tese de Doutorado (Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

\_\_\_\_\_. 2011. *Construindo afinidades*: amizade formal e arranjos matrimoniais entre os Apinaje. (Mimeo.).

GOMIDE, Maria Lúcia Cereda. 2011. Ró – cerrados e mundos A'uwẽ Xavante. In: *Geousp – Espaço e Tempo*, São Paulo, n. 29, p. 117-130.

GORDON, César. 1996. *Aspectos da organização social Jê*: de Nimuendajú à década de 90. 224 f. Dissertação de Mestrado (Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

GRAHAM, Laura. 2012. Xavante. In: RICARDO, Fany P. (Coordenadora). *Povos Indígenas do Brasil*. Disponível em <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/xavante>. Acesso em: 23 de agosto.

HÉRITIER, Françoise. 1981. *L'exercice de la parenté*. Paris: Gallimard/Le Sueil.

\_\_\_\_\_. 1997. Parentesco. In: ROMANO, Ruggiero. (Dir.). *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Casa da Moeda. (Vol. 20, Parentesco). (p. 27-80).

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. 2013. *Povos indígenas no Brasil*. Disponível em: <http://pib.socioambiental.org/pt/c/no-brasil-atual/linguas/troncos-e-familias>. Acesso em: 04 de maio.

JAKOBSON, Roman. [1959] 1974. Aspectos linguísticos da tradução. In: JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix. (p. 63-72).

KROEBER, Alfred Louis. [1909] 1969. Sistemas classificatórios de parentesco. In: LARAIA, Roque de Barros. (Org.). *Organização Social*. Rio de Janeiro: Zahar. (p. 15-25).

LACHNITT, Georg. 2003. *Romnhitsi'ubumro a'uwẽ mreme – waradzu mreme*. Dicionário Xavante/Português. 3. ed.. Campo Grande: MSMT/UCDB.

\_\_\_\_\_. 2004. *Damreme'uwaimramidzé*: estudos sistemáticos e comparativos de gramática Xavante. 3. ed.. Campo Grande: MSMT/UCDB.

LARAIA, Roque de Barros. 1969. Introdução. In: LARAIA, Roque de Barros. (Org.). *Organização Social*. Rio de Janeiro: Zahar. (p. 07-13).

\_\_\_\_\_. 1987. Os estudos de parentesco no Brasil. In: *Boletim de Informação Bibliográfica/ANPOCS*, Rio de Janeiro, nº 23, p. 3-17.

LEA, Vanessa. 1995. Casa-se do outro lado: um modelo simulado da aliança mebengokre (Jê). In: VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. (Org.). *Antropologia do parentesco: estudos ameríndios*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. (p. 321-359).

LEACH, Edmund. 1983. Nascimento virgem [1966]. In: Da Matta (Org.). *Edmund Leach*. São Paulo: Ática. (p. 116-138).

LÉVI-STRAUSS, Claude. [1965] 1969. O futuro dos estudos de parentesco. In: LARAIA, Roque de Barros. (Org.). *Organização Social*. Rio de Janeiro: Zahar. (p. 124-144).

\_\_\_\_\_. [1983] 1986. A família. In: LÉVI-STRAUSS, Claude. *O olhar distanciado*. Porto: edições 70. (69-98).

\_\_\_\_\_. [1945] 2008a. A análise estrutural em linguística e antropologia. In: LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. São Paulo: Cosac Naify. (p. 43-65).

\_\_\_\_\_. [1952] 2008b. As estruturas sociais no Brasil Central e Oriental. In: LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. São Paulo: Cosac Naify. (p. 133-145).

\_\_\_\_\_. [1952] 2008c. A noção de arcaísmo em etnologia. In: LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. São Paulo: Cosac Naify. (p. 113-131).

\_\_\_\_\_. [1953] 2008d. A noção de estrutura em etnologia. In: LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. São Paulo: Cosac Naify. (p. 299-344).

\_\_\_\_\_. [1956] 2008e. As organizações dualistas existem?. In: LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. São Paulo: Cosac Naify. (p. 147-178).

\_\_\_\_\_. [1967] 2008f. *A estruturas elementares do parentesco*. (Ed. 4ª). Petrópolis: Vozes.

\_\_\_\_\_. [1960] 2013. Sentido e uso da noção de modelo. In: LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural dois*. São Paulo: Cosac Naify. (p. 87-98).

LOPES DA SILVA, Aracy. 1986. *Nomes e amigos: da prática Xavante e uma reflexão sobre os Jê*. São Paulo, FFLCH/USP. (Série Antropologia, 6).

\_\_\_\_\_. 1992. LOPES DA SILVA, Aracy. Dois séculos e meio de história xavante. In: CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. (Org.). *História dos Índios do Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras. (p. 357-378).

LOUNSBURY, Floyd G.; SCHEFFLER, Harold W. (Orgs.). 1971. *A study in structural semantics: the sirionó kinship system*. New Jersey: Prentice-Hall.

LOWIE, Robert H. 1968. Relationship terms. In: BOHANNAN, Paul; MIDDLETON, John. (Orgs.). *Kinship and social organization*. New York: The Natural History Press. (p. 39-59).

MAYBURY-LEWIS, David. 1967. *Akwe-Shavante society*. Oxford: Claredon Press.

\_\_\_\_\_. [1965] 1975. Sistemas matrimoniales prescritivos. In: DUMONT, Louis. *Introducción a dos teorías da la Antropología Social*. Barcelona: Anagrama. (p. 255-278).

\_\_\_\_\_. 1979. Cultural categories of Central Gê. In: MAYBURY-LEWIS, David. (Org.). *Dialectical societies: the Gê and Bororo of Central Brazil*. Cambridge: Harvard University Press. (p. 218-246).

\_\_\_\_\_. [1967] 1984. *A Sociedade Xavante*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves.

\_\_\_\_\_. 1990. Xavante. In: MAYBURY-LEWIS, David. *O selvagem e o inocente*. Campinas: Editora da Unicamp. (Coleção Repertórios). p. 229-429.

MURDOCK, George Peter. 1949. *Social Structure*. New York: The MacMillan Company.

ORE, Øystein. 1960. Sex in graphs. In: *Proceedings of the American Mathematical Society*, v. 11, n. 4, p. 533-539.

PEGGION, Edmundo Antonio. 1996. *Forma e função: uma etnografia do sistema de parentesco Tenharim (Kagwahív, AM)*. 127 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Antropologia Social), Universidade Estadual de Campinas – Campinas.

PEREIRA, Levi Marques. 1999. *Parentesco e organização social Kaiowá*. 235 f., Dissertação de Mestrado (Antropologia Social), Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas.

RADCLIFFE-BROWN, Arnold R. [1941] 1969. Os estudos dos sistemas de parentesco. In: LARAIA, Roque de Barros. (Orgs.). *Organização social*. Rio de Janeiro: Zahar. (p. 50-87).

\_\_\_\_\_. [1950] 1982. Introdução. In: FORDE, Daryll; RADCLIFFE-BROWN, Arnold R. (Orgs.). *Sistemas políticos africanos de parentesco e casamento*. Ed. 2. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. (p. 11-114).

RAMIRES, Marcos de Miranda. 2010. *Hö'a, o cacique Xavante como fazedor de parentes e gerador de consenso: o caso de Marãiwatsédé*, 93 f., Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Indigenismo) – Universidade Positivo/Operação Amazônia Nativa, Curitiba/Cuiabá.

\_\_\_\_\_. 2014. *Parentesco e política entre os Xavante: cognção e formação de parentelas na Terra Indígena Marãiwatsédé*. Manaus. (Mimeo.).

RICARDO, Fany P.; ROLLA, Alícia. (Coordenadoras). 2014. *De olho nas Terras Indígenas*. Disponível em: <http://ti.socioambiental.org/#!/terras-indigenas>. Acesso em: 29 de janeiro.

RIVERS, William Halse R. [1910] 1969. O método genealógico de pesquisa antropológica. In: LARAIA, Roque de Barros. (Org.). *Organização Social*. Rio de Janeiro: Zahar. (p. 26-38).

\_\_\_\_\_. [1913] 1991. Terminologia classificatória e matrimônio com primo cruzado. In: CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. (Org.). *A antropologia de Rivers*. Campinas: Editora da UNICAMP. (p. 71-91).

RODRIGUES, Patrícia de Mendonça (Coordenadora do Grupo de Trabalho); FERRAZ, Iara; MANPIERI, Mariano. 1992. *Relatório de Identificação da Área Indígena Marãiwatsédé*. Brasília: FUNAI. (Mimeo.).

SAHLINS, Marshall. 2003. *Ilhas de História* [1985]. Rio de Janeiro: Zahar.

SCHNEIDER, David M. 1988. *A critique of the study of kinship*. Ann Arbor: The University of Michigan Press.

SCHROEDER, Ivo. 2006. *Política e parentesco nos Xerente*. 303 f. Tese de Doutorado (Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

SILVA, Sayonara Maria Oliveira da. 2013. *Alimentos, restrições e reciprocidade no ritual xavante do Wapté Mnhõno (Terra Indígena Marãiwatsédé, Mato Grosso)*. 189 f., Dissertação de Mestrado (Mestrado Profissional em Sustentabilidade junto a Povos e Terras Indígenas), Universidade de Brasília – UNB, DF.

SILVA, Marcio Ferreira da. 1995. Sistemas dravidianos na Amazônia: o caso waimiri-atroari. In: VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. (Org.). *Antropologia do parentesco: estudos ameríndios*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. (p. 25-60).

\_\_\_\_\_. 2009. *Romance de primas e primos: uma etnografia do parentesco Waimiri-Atroari*. Manaus: Editora Valer: Editora da Universidade Federal do Amazonas. (Série Etnológicas).

\_\_\_\_\_. 2010a. 1871: o ano que não terminou. In: *Cadernos de Campo*, São Paulo, v. 19, p. 323-336.

\_\_\_\_\_. 2010b. Um pequeno, mas espinhoso problema do parentesco. In: *Ilha*. Revista de Antropologia, Florianópolis, v. 12, nº1/2 p. 163-207.

\_\_\_\_\_. 2012. *Liga dos Enawene-Nawe: um estudo da aliança de casamento na Amazônia Meridional*. 255 f. Tese de Livre-Docência (Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

\_\_\_\_\_. 2014. *A construção de métodos computacionais nos estudos de parentesco*. Mimeo.

SPIRO, Melford. 1972. Virgin birth. In: *Man*, 3, p. 242-261.

TSI'RUI'A, Aquilino Tsere'ubu'õ. 2012. *A sociedade Xavante e a educação: um olhar sobre a escola a partir da pedagogia Xavante*. 258 f., Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação), Universidade Católica Dom Bosco – UCDB, Campo Grande.

VIANNA, Fernando Fedola de Luiz Brito. 2001. *A bola, os "brancos" e as toras: futebol para índios xavante*. 371 f. Dissertação de Mestrado (Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 1990. *Princípios e parâmetros: um comentário a L'Exercice de la parenté*. Rio de Janeiro: PPGAS/MN – UFRJ. (Comunicação n. 17).

\_\_\_\_\_. 1993. Alguns aspectos da afinidade no dravidianato amazônico. In: VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo; CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. (Orgs.). *Amazônia: etnologia e história indígena*. São Paulo: Edusp/Núcleo de História Indígena e do Indigenismo da USP,. (p. 149-210).

\_\_\_\_\_. 1995. Repensando o parentesco ameríndio. In: VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. (Org.). *Antropologia do parentesco: estudos ameríndios*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. (p. 9-24).

\_\_\_\_\_. 1996. Ambos os três: sobre algumas distinções tipológicas e seu significado estrutural na teoria do parentesco. In: *Anuário Antropológico*, ed. 95. (p. 09-91).

\_\_\_\_\_. 2002. Atualização e contra-efetuação do virtual: o processo do parentesco. In: VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *A inconstância da alma selvagem*. São Paulo: Cosac Naify. (p. 403-455).